REVISTA LUSITANA

VOL. XXIII 1920 N.os 1-4

GLOSSARIO
DO
CANCIONEIRO DA AJUDA

A

A *(illa(m):* art. def. f. s., empregado no verso 809 *a folia* e no 831 *a ren do mundo* como caso-sujeito (nominativo); como caso-complemento (acusativo), por ex. 165 *mais a verdade vus quer'eu dizer*. Tambem é usado em companhia de possessivos; 3408 6991 *a mia senhor;* 6298 *a mia coita*. — Cfr. *à, da, la, na, pela, pola; as, las, pelas, polas.*

a *(illa(m):* pron. demonstrativo f. s.; aquela; 5862: *a que me fez gran pesar.*

a *(illa(m):* pron. pess. átono, 3 f. s. 12 *por esto a non poderei perder*, 100, 136; acompanhado frequentemente da forma tónica: *sei — a encobrir* (*a ela* 6994). — Cfr. *la, mi-a, na, lha.*

a *(ad):* prep. — Serve para indicar o complemento indirecto, quer seja substantivo como em *a mia senhor* 10107, *a mia coita* 6298, 103 *a Deus*, 23 *a tod'ome*, 33 *a nulh'ome* 33; quer pronome *a vos* 84, *a el* 91. — Igualmente serve para indicar a direcção: *ir a logar* 133; o tempo: *a mui pouca de sazon* 10335; o modo: *a prazer de mi* 3276; *estar a gran pavor* (de alg.) 544; conformidade: *a meu cuidar* 237, 1140, 1281, 1671; *a meu saber* 7056; *a meu osmo* 7174. — Liga verbos subordinados aos predominantes — p. ex. em *aver a* ter obrigação de: 108, 172, 454, 1167, 3608, 3626; *dever a* 120, 123; *coidar a* 3236.

à *(ad illa(m)),* contracção do art. def. f. com a preposição. Assinalei-a graficamente pelo acento grave afim de distingui-la dos outros **a** em harmonia com o timbre aberto que o estado tónico lhe comunica. Pouco usada embora, a contracção de *aa* em *à*, é tão natural como a de *ee* em *é*, e *ii* em *i*, de que ha exemplos, como o consultador deste *Glossario* verá s. vv. *seer, fé, finda, vinda*. Creio que temos um exemplo no verso 9767 *têer-se à verdade*, cingir-se à verdade.

Melhor teria sido todavia (talvez) indicar a contracção pelo sinal grego chamado *coronis*, como fez o Ex.mo Snr. J. J. Nunes na sua edição da *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1918). Mas nesse caso teria sido necessario representar *habet ad* por **a** encimado de *coronis* e acento agudo.

á *(habet):* tem, possue; 3 do pres. do ind. do verbo *aver* 9, 20, 112; *non á:* não existe 8837; *á d'aver* 2598; *á de fazer* 1801; *nen á... u.. ir* 7626 — Em função impessoal: *á que*

sazon 3073; *á ja gran sazon* 7885. Cfr. **ái** e **aver**.

á (habet ad). Julgo que ha contracção da 3 do pr. ind. do verbo *aver* com a preposição *a* nas orações seguintes: *nunca o per min á saber* 1426 e 2039; *non mi á mester* 1530; *que prol vus á vos, mia senhor* 1775; *se me ben á fazer* 1813; *e de que me non á quitar* 1851; *se m'est' á durar* 1857; *porque mi á esto, senhor, achegado* 2060; *e outros á que dá grandes erdades* 5687.—Lang (*Zeitschrift* XXXI) quer reconhecer em todos esses exemplos, menos os dois ultimos, *habet* com infinitivos puros.

aa (ad illam): ligação do art. def. f. e da preposição *a*: *aa noite* 9543; epigrafe da cantiga n.º 311 *passou aa gran Bretanha*.

abadessa (abatissa). Deveria estar na epigrafe da cantiga n.º 359, omitida por um lapso lamentavel. Eis o seu teor: *Outrossi fez estas Cantigas a ũa abadessa sa coirmãa en que entendia, e passou por aquel moesteiro un cavaleiro e levava ũa cinta e deu-lha porque era pera ela; e por en trobou-lhi estes cantares.*

abaixar: deprimir, aviltar, humilhar 10256.

acabar: levar a cabo, terminar 429 (de alg. c.); 690, 5326, 8322, 8489, 8769, 9047, 10179, 10314, 10366. Na cantiga n.º 401, cuja construção achava pouco clara, *acabar* pertence ao *refram*. *Nobiling*, que se ocupou dela (no volume *Mélanges Chabaneau*) dá-lhe a seguinte forma:

En que grave dia, senhor, que me vus Deus fez[o] veer!
Ca nunca vus eu ren roguei que vos quisessedes fazer.
  Pois que vos avedes, senhor,
  tan gran sabor de me matar,
  rogar quer'eu Nostro Senhor
  que vo'-lo leixe acabar!
Pois que entendo que vus praz, senhor fremosa d'eu morrer
quer'eu rogar Nosso Senhor, que me non leixe mais viver.
  Pois que vos avedes, etc.

acaecer (accadiscere): aquècer, no sentido de acontecer, cair em sorte 9769 *assi m'acaece*.—Cfr. CV. 96, 186, 908, 921, 986, 1000.

achar (afflare): encontrar, dar com alg. c. 2331, 2431, 2436, 3271, 6289; CV (*Cancioneiro da Vaticana*) — *conselho* 404; — *razon* 10251; — *se ben de alg. c.* 3271.

achegado (applicatu): chegado, levado, aproximado, 2060; 264 (*à morte*).

acolher: dar abrigo a alg. 7175.—Cfr. *colher* e *aver a*.

acomendar: encomendar, recomendar, 6077, 6856 (*o Amor ao demo*). Cfr. **comendar.**

acompanhar-se ben: escolher boa companhia 10236.

aconselhar alg.: dar conselho a alg. 6428.

aconselho: conselho 9507.—Parece-me melhor lermos *aconselho* do que *a conselho*, como imprimi.

aconvĩir (ad + con + venire): convencionar, combinar, ajustar. Vid. *aconvim*.

aconvin perf. forte 1 de *aconvir* 7905. Cfr. *convin*.

acoomiar (ad + calumniare): acoimar, levar ou pôr coima ou multa; castigar, punir 8983.

acordado (ac-cord-atu, derivado de *cor*, coração): desperto, esperto 2011; determinado, resolvido 2590 (*de alg. c.*); 4942 (*en alg. c.*); 7663 (*por alg. c.*).

acordar: voltar a si, sair do sono 2123.

acordar-se: recordar-se, lembrar-se 3370 (que); 3073, 4941 (quando).

acorde[i]-me 3370.—As rarissimas formas verbaes grafadas com *e* (ê) por *ei* e *eu*, e com *o* (=ô) por *ou* (por. ex. *dire, penso, nego-o)* talvez sejam meros lapsos de escrita. Conservei-as todavia, quer no texto, quer nas notas, porque podiam ser hispanismos (como são evidentemente *fuesse conosciesse*) ou condensações dialectaes.

adevĩar 443 v. Vid. **adevinhar**. (v. significa *Variante*).

adevinhar *(ad + divin + are)*: antever, prever 443, 1210, 2044, 9932. Cfr. *devinhar* 4924, 4927.

No CA ha a grafia *adevinnar* e *adevĩnar* (com til) de sorte que a minha transcrição é justificada. Cfr. *aginha*, *minha*, *reinha*.

adormecer: começar a dormir 7264.

adubar: preparar, arranjar, dispôr, conseguir 7052 (*adubades*);—*o seu:* dar fim e cabo a um negocio 5185. — Cfr. CV 75, 472, 903, 1062, 1084, 1177.

adur *(ad + dure)*: dificilmente, mal 3121, 7982; rubr. de n.º 311 e 394. — CM (*Cantigas de Santa Maria*) 5; CV 297, 298; CB (*Cancioneiro Colocci-Brancuti*) 48. — Cfr. *de dur* 2801. — Na *Cronica dos Frades Menores* ha, a par de *aadur* (II 232) a forma modernizada *aduro* (II 235).

aduzer *(ad + ducere)*: trazer, conduzir 6827 (*a morte*). — CV 485, 32, CM 171 e 209. — *aduz* CM 6; *adume* por *aduz-me* ib. 116, 4, 338, 2; *aduzede* 146, 5; *adugas* Graal 34, 37; *adugades* CV 429; *adusse*, Graal 13, 12, CM 484 e 1159; *aduxe* CM 247, 5; *adussera*, Graal 29, 22; *adurei* CM 353, 11.

afan affan (da interjeição francesa **han! ahan!**): fadiga, ansia, trabalho, cuidado 331, 1171, 1786, 2080, 6316; *prender* 1150; *soffrer* 3469, 4007; *perder* 6441.

aficado *(ad + figic-atu)*: com afinco, afincadamente, aferradamente 7234.

aficar: apertar, atormentar 9917.

afrontar: colocar frente a frente; fazer frente, dizer redondamente na cara 930.

agora *(hac + hora)*: nesta hora 55, 353, 665, 1746, 6400, 6439, 6693.

aginha *(agina)*: no sec. XV e XVI **asinha**, apressadamente, com facilidade, com agilidade como o fiel da balança; de leve 9753. — CV 63, 1051, 1137.

aguardar (do germ. **warten**) estar á espera de, esperar 1593, 6813, 8739; *a alg.* prestar serviços a alg. 8002.

aguisado: aptidão, propriedade; *aver ... de*, ter faculdade, ser fadado para 2143; *aver muit' ... de*, ter a quasi certeza de 3402.

aguisar (do germ. **wise** maneira, modo): dispôr, conceder, determinar, ordenar (*de*) 1393, 4042, 5723; (*que*) 4605 v. 6668; *nen se mi-aguisou*, não me foi concedido, não me foi possivel 9331. Cfr. **guisar**.

á i *(habet ibi)*: cast. *hay*, fr. *il y a*): formula intensiva, usadissima; sinonima do simples *á* impessoal: *ha*, *existe*. É empregada afirmativa, negativa, e interrogativamente:

á i gran sazon 1881, 1963.
muit' á i 857, 7524.
muit'i á 5854.
temp' á i passado 3944.
outro conselho á i daver 784.
non á i mais 9143.
non á i tal 7857.
non á i coita maior 1975, 1994.
que á i pedir que fazer 7744.

aí. No verso 857 temos de emendar lendo *muit á i*, comquanto a referencia a *sas terras* me fizesse procurar em *ai* o adverbio composto **ai** (*ad + ibi*).

ainda *(ad + inde;* com a vogal do fim *a*, por analogia com *fora*, *contra*, *mentra*, etc.); desde então, até agora, mesmo agora, 168, 4592; por acréscimo, em complemento 283 v., 2659, 2864, 9239. Vale sempre por tres silabas. Cfr. **inda**.

aja *(habeam habeat)*: tenha 36, 149, 1224, 1908. Cfr. **aver**.

ajamos *(habeamus)*: tenhamos 6979. Cfr. **aver**.

ajuda: socorro, auxilio, 8934.

ajudar: socorrer, assistir, auxiliar, 2010, 2012, 5154.

al (*hispanismo*) contracção do art. def. cast. *el*, com a preposição *a*,

usado sobretudo na titulatura *al. Rei* 5672, 5690, dativo de *elRei;* mas tambem em algumas locuções adverbiaes como *aldemenos.*

al (do lat. pop. **ale,** por **alid, aliud,** pron. indef. muito usado, ora como substantivo com valor de: a) *outra coisa* b) *outra pessoa;* ora como adj. com o valor de *mais, diverso* 149, 164, 301, 322, 355, 559, 705, 1707, 2785, 2819, 6158.

Em orações negativas:

já me non pode en al prestar 45;
al do mundo non lh'á mester 114;
non á i al 3331, 8624;
e non por al 2943, 9261;
e por al non 3834, 6895, 9743, 9801;
ca non por al 1882, 3340;
u al non á 7469; *u al non averá* 4960;
u non á al 8614, 7924;
u non jaz al 3705, 5754;
u al non jaz 8150;
ca non al 1433, 8959;
ca vo'-lo non digo por al 9514;
ca non foi por al 7824;
al no mundo 114;
al no mundo 934;
tod'al 3239; *al que-quer* 3451;
b) *outra pessoa* 289, 1718, 1777, 1778, 8406, 8433;
al.. se non vos 143;
c) *al ben* 520.
al nada 6357.
al ren 236, 476, 2734, 3441.

alá (lat. **illāc** por **illac**)*:* lá, acolá, naquele lugar 8829; para ali 2696, 4584; *d'alá* 7908.

a la fé. Cfr. *la* e *fé.*

alegrar-se de alg. c. regozijar-se 6850, 6853.

aleive (do gotico **levjan** atraiçoar): acto de traição, felonia 10328; *andar con...* CV 576, 1096; no *Graal* é feminino, por ex. f. 160 v. *a tua grande aleive.*

aleluya (hebraico): louvai a Deus! 10270.

alen de (**illic** + **inde**)*:* forma abreviada, proclitica de *alende,* do outro lado, 8886 *alen do mar.* Epigrafe da cantiga n.º 395 *d'alen-mar,* do Ultramar.

alfaia: adorno 974.

algo (lat. **aliquod**): alguma coisa; coisa de algum valor; coisa de valor; fazenda, riqueza; usadissimo até a idade aurea da lingua portuguesa; *fazer algo a alg.*, dispensar favores 947; *dar a. a alg.*, fazer um presente 958, 10246.

algũa, f. de **algun***:* qualquer 119 (*ventura*); 126 (*guisa*); 517 (*sazon*); 595 (*cousa*); 733, 6721, 9178 (*vez*); 2769, 9179 (*ren*).

alguen (**aliquem**): alguma pessoa 262, 687, 1330, 2005, 4807, 7426, 8119.—Certa e distinta pessoa cujo nome o poeta não quer revelar. *Ela, a amada* 5105, 5199, 5256, 5270, 5287, 10095-96, 10101-2.

algun (**alicunu**)**:** qualquer: 1) pron. indef. adj. 79, 120, 162, 190, 5013, 6908.
2) pron. ind. sub., alguen 8928.
Como esse emprego ocorra apenas uma vez, pode ser lapso de escrita.

algur (por **algu,** do lat. **alicubi,** arrematado analogicamente com *o r* final de **alhur nenhur**)*:* algures, em qualquer parte, para qualquer lugar 6696.

alhur (do provençal **alhurs,** francês **ailleurs,** lat. **aliorse** de *aliorsum, aliuorsum*)*:* alhures, em qualquer outra parte, 1535, 1827, 5348, 5351, 7097, 7164, 9822, 9998; *Graal* 85. —Cfr. *nelhur nenlhur.*—Até hoje não encontrei exemplos arcaicos de *alhures.* A etimologia torna todavia certa a existencia dessa forma.—As explicações dadas por J. J. Nunes, (§ 157 da *Chrest. Arcaica*), e seus críticos Huber e Gassner, que identificam *algur* e *alhur,* não satisfazem de maneira alguma.

***alhi** por **ali** 1528. Julguei que se tratava de um hispanismo (grafia portuguesa do castelhano *alli*) ou

de mero lapso de escrita. Melhor será todavia lermos com O. Nobiling *ca lhi* em vez de *c'alhi non poderei guarir nelhur.*

ali ***(illic)***: adv. temp. lá, nesse tempo, então 400, 9167, *des* — desde então 3032; adv. de lugar: nessa parte 491, 1549, 4807, 9243.

alma ***(an'ma)***: parte imaterial dos humanos, *pensar de sa* — 53.

alongadamente: por muito tempo 1095.

alongado: distanciado, afastado, apartado 9298; *andar* — 2142; *estar* — 6310; *jazer* — 7245; *ser* — 6311, 7756; *viver* — 1071, 3626. A lição *Mais quen alongad' end viver* (9298) (ou *ên*, por estar antes de consoante) temos de substituí-la por *mais quen end'á long'a viver;* segundo a opinião de Nobiling. Adoptando-a, eu diria *lonj'*. Cfr. *longado* e *lonje.*

alongar: distanciar, afastar alg. de alg. c., ou alg. c. de alguem, conservar alg. a certa distancia 71, 584, 8516.

alongar-se: afastar-se 1819, 6720, 7565, 7938, 8493, 8615, 9313.

* **alur**: alhur 5348. A meu ver é mero lapso de escrita. (O asterisco indica que a forma registada é espuria).

ama: mulher que amamenta criança alheia; aia; dona de casa 3872, 3879, 3885, 3966.

amada, part. pass. f. de **amar** 3877, 3883, 3889.

amador: quem ama 932, 1513.

amar: querer bem, sentir afeição por alg. 127, 354, 3881, 6061.
pres. 1 *amo* 931, 1636, 3250.
am'eu 74, 1721.
3 *ama* 6193, 9206.
fut. 1 *amarei* 100, 938.
perf. 1 *amei* 557, 7551.
imperf. conj. 3 *amasse* 6197.
part. pres. *amando* 1509.

amar a, seguido de inf.: gostar de, desejar 7973 — *a servir.*

ambas: uma e outra, as duas; epigrafe da Cantiga n.º 394.

amen (hebraico): assim seja! 9205, 10270, 10299.

amena: forma castelhana, correspondente ao português arcaico *amẽa, amea,* hoje *ameia,* do lat. ***mĭnas***: pequenos parapeitos, separados por intervalos, em muralhas de castelos, 6233, 6239.— Cfr. **arena.**

amiga: amada 7361; companheira 9734, 9746.

amigo ***(amicu)***: o que tem amizade a outrem 1942, 2002, 2004, 2009, 2435; o que tem amor 5330, 6197, 6200, 7358, 9696 e seg., 9703, 9709, 9712, 9735; *amigu' e senhor* 5332. Em numerosas cantigas de amor, o trovador dirige-se aos seus companheiros chamando-os *amigos,* por ex. em n.os 88, 91, 102, 103, 110, 159, 177, 246, 260, 274, 280. Cfr. 246 e 266.

amor: sentimento de afeição a uma pessoa do outro sexo, 7, 15, 287, 483; *coita d'* — 7; *mal d'* — 3894; *voss' amor,* o amor que vos tenho 1715; *por amor de Deus* 4551; *fazer*—dar provas de afeição 7984; querer alg. *a grand'amor,* veementemente 7735; *morrer d'* — 1724.

Amor. A personificação do amor sexual é muito freqüente na poesia trovadoresca da península. Todavia não é facil reconhecer quando ela se dá. Creio que existe nas Cantigas 11, 16, 44, 64. O deus do amor figura na 311 e na 342.

amostrar ***(monstrare)***: mostrar, fazer ver 1288, 1804, 1917, 4499, 6592, 10099.

amparar ***(imparare)***: proteger, socorrer, defender 5835 (*de*), 5870. No verso 7267 leia-se, com Lang, *e 'mparar me deveria,* em vez de *amparar.* — Cfr. *emparar e desemparar.*
part. pass. *amparado* 5872.
fut. 1 *ampararei* 1913.

fut. conj. 3 *amparar'* 1914.
Muito usado na formula implorativa *si Deus m'ampar* 218, 2378 (— *de mal*), 5868. A forma analógica do conjuntivo *ampare* aparece no *Refram* da Cantiga n.º 80 (v. 1906, etc.).

an *(habent)*: tem 489, 512, 3160, 3780, 8981; — *mi a falir* 1264; *ca non mi an por ên a desfiar* 8988. — Cfr. **aver**.

andança: estado, sorte 9003.

andar: *(ambitare* de **ambire***)*: v. intr. ir, caminhar, mover-se 4217, 6924, 8558 — *per terras;* no verso 10166 *non vus and' eu per outras galhardias,* a tradução de Lang *Zeitschrift,* vol. XXXII p. 398 (*ich komme Euch mit keinen andren vermessenen Bitten)* talvez seja superior à minha; — v. tr. percorrer 2430 *(muitas terras),* 8915 *(Coira e Galisteu).* — Como verbo auxiliar aparece: *a)* acompanhado de adj., no sentido de *estar, ser:*
alongado 2142.
coitado 1647, 2572, 2586, 3027, 4669.
desemparado 3683.
enganado 4682.
estranho 8569.
ledo 1627.
maravilhado 4753.
mudo 6148.
namorado 8860.
onrado 7029.
perdudo 10135.
sandeu 1925, 10135.
triste 112, 8823.
vivo 683, 2201, 2740.
Ou acompanhado de fórmulas, representantes de adjectivos:
come membrado 7240.
antr' as gentes 8820.
en cuita 187.
en mui gran coita 3022.
en ira 7218 (a alg.).
en sandez 7074.
a prazer de alg. 7063, 7064.
a gran sabor 6924.
b) acompanhado de outro verbo no part. pres. (conj. perifrastica que indica continuidade da acção).
cantando 6922.
dança fazendo 6935.
cuidando 3232 v.
preguntando 2569.
revolvendo e mudando os corações 9752.

andar: inf. substantivado: andamento, estado 8823.

ano (**annu**): espaço de tempo que abrange doze meses 10211.

ante: a) prep. de lugar: de ante, em presença de, em frente de 930 (— *vos*), 1677 (— *mi*), 1610 (— *ela*).
b) adv. temp.: anteriormente, com antecedencia 212, 649, 1114, 2394, 3022, 4943, 6880, 9178.
c) adv. mod.: de preferencia, mas antes 2343, 10174; pelo contrario 999, 3404, 5804, 6665, 7844.
d) conjunção: antes que, antes do que, 6437 (— *ca*); 7210 (— *que*).

antre (**inter, intra**), prep.: entre, no meio de 683 v., 8459 (— *nos*), 8820 (— *as gentes*). Cfr. **ontre**.

anvídos (**ad** + **invītus**) adv.: de má vontade, contra vontade; sinonimo portanto da formula *de mal talam* (g. v.) e contranome de *de bom grado* 2492. Em outros textos arcaicos a preposição encontra-se separada do adv. (*a envidos* p. ex. no *Graal* f. 131. *b*). Muita vez *anvidos* é precedido da prep. *de. Anvidos*, CV 680, CB 197, *Graal* 105; *de anvidos* CM 55; *da envidos* por *de a envidos. Graal* f. 99, 29, 47 onde ha a grafia *dajnvidos.* — Em castelhano é *amidos* (e por etimologia popular *a miedo*), em francês arcaico *envis*, de onde procede o subst. moderno *envi.*

ao ligação da prep. *a* com o art. def. m. Bissilabico no principio, como no verso 6065, tratado em regra como ditongo pelos trovadores 6856, 9759, 9760, 9770.

apartar (derivado de **parte**): separar, afastar 7965.

apoderar alg. (derivado de **poder**): ter poder em alg., forçá-lo, dominá-lo 5680.

apõer (**apponere** de **ad + ponere**): apôr, pôr, atribuir: 182, 1589, 8088 (*— culpa a alg. de alg. c.*).

Nos tres passos alegados (182 *vos non me devedes ên culpa põer;* 1589 *nulha culpa non me dev'a põer;* 8088 *non me devedes vos culp'a põer*) o complemento depende do auxiliar *dever*. Por isso ha tres interpretações possíveis: *culp'apõer — culp' a põer — e culpa põer*. O verso 8822 *e sequer non ei ja razon que lhes apõer* é de prosodia duvidosa como toda a Cantiga 391. Mas no *Refram* da Cantiga 411, tres vezes repetido (v. 9280, 9286 e 9292) temos claramente o verbo aqui registado, na formula *apõer mal preço a alg.* no sentido de infamar alg., criar má reputação a alg., que, de resto, é freqüente nos *Livros de Linhagens*. No *Graal* f. 173 ha tambem a frase *gran culpa me ele apon*. — Cfr. **põer**.

após (**ad + post**), em regra no sentido *depois de*, *atrás de*. No verso 10198 significa todavia *a par de, comparado com*. Cfr. *pos*, *de pos* (CV 685, 20) *en pos* (CM 326, 9).

aposto (**appos'tu**) *a*) adj.: composto, apropriado, conveniente, vistoso, airoso, 7057. Vid. CM 145,8, CV 647. — ; *b*) adv.: de maneira airosa, em boa hora e de modo conveniente 5041 (*nunca outra dona vi tan — catar*), 5645 (*nen quan— falar*); 6992 (*quan — eu sei negar o amor*).

aprazer (**ad + placere**): agradar. Muito usado em locuções condicionaes como *se vus aprouguer'* 1481, 5791, 6026. No verso 261 e no 9886, tanto se pode interpretar *non vus dev' a prazer*, (conforme imprimi) como *non vus dev'aprazer*. — Cfr. **prazer**.

aprender (**ap — prendere** de **ap + prehendere**): fixar na memória 9755 (*vou aprendendo*), 9756, *aprenderei*. No *Graal* 120 ha o pret. forte *apris*).

aquanto (pref. explicativo **a + quantu**): quanto, conforme, segundo 1299) (*aquanto eu posso de vos entender*); 2023 (*aquant'é meu conhocer*); 2859 v. *aquant'eu nunca d'outra don'oi;* 3041 *aquant'é meu coidar*.

aque (do lat. **ecce** influido por **atque**): eis aqui, 3305 *aque m'aqui;* 3342, 3747, 8075. No verso 4016 *aque* não contenta, conforme já disse a p. 344 do CA. Tambem no verso 9027 será melhor adoptarmos a lição do CB: *aqui vus non pudi veer*.

aquel (**ecce + ille**): forma abreviada de *aquele*, pron. dem. que designa uma pessoa ou um objecto um tanto afastado de quem fala; subst. independente no verso 4560; e em *aquel que* 1288; adj. em *aquel moesteiro* (vid. *abadessa*) na epígrafe da Cantiga 359, e cinco vezes em *aquel dia* 658, 968, 1125, 2568, 6953. Cfr. *tercer dia*.

aquela (**eccu + illa**): 3081 (onde está *aquella* por engano) 5863, 7570.

aquele, 2533 (dia); 3057.

aqueles, pl. de *aquele* e *aquel* 512

aquelha, variante de *aquela* 5863 v. que considero como hispanismo, embora se encontre de longe em longe em textos portugueses (*Rev. Lusit.* VIII 82).

aquelo, neutro de *aquela aquele*, hoje *aquilo* por evolução metafonica; empregado p. ex. no *Graal* f. 10, 66, 102. — Cfr. *aquesto*.

aquen, forma abreviada de *aquende* (*q. v.*): do lado de cá 8887; *d' —* d'aqui destas partes 380, 719, 1269, 10013. — Vid. CV 598.

aquende (**eccu + inde**), do lado de cá 578.

aquest', forma abreviada de **aquesta.**

aquesta (eccu + *ista*): esta, 42, 2031.

aquestas, pl. de **aquesta** 2547, 4019, 6693.

aqueste: este, 457, 472, 1188, 2258, 5674.

aquestes pl. de **aqueste** 3476, 5137.

aquesto, neutro do dem. aqueste (eccu + *ista*): isto 527, 569, 657, 788, 1038, 2840, 3865, 4738, 5288, 5422, 7732, 9755.—Formas abreviadas são **'questo** 1802; e **aquest'** 1329, 2016, 4016.

aquisto, forma metafonicamente modernizada de **aquesto** 4753.—Cfr. **isto.**

aqui (eccu+*ibi*): *a*) adv. lug. neste lugar 6801, 6922; 5544 (nesta viagem por mar); 701 (neste mundo sublunar); 1701 (*d'aqui*). A forma abreviada *'qui* ocorre no verso 1355 no sentido de *nesta ocasião.* Quanto a *aqui ende* 578 v. veja-se *aquende; b*) adv. temp., *d'aqui en deante* 5674; *des aqui* 978, 1097.—Cfr. **aque.**

***ar**—Não seria impossível a existencia de um infinitivo *ar* por *aver.* De um lado as formas *emos edes* do futuro e *an* 6 do pres. e do outro lado *far dir dur* e o galiziano *rer* (radere) *trer* (de *trahire* por *trahĕre*) falam a seu favor. Conheço-a todavia apenas da locução *grado ar*, receber coisas gratas, a cuja realidade não dou credito. Vid. **gradoar.**

ar, adv. muito usado até 1500, e cujo valor é *novamente, tambem, outra vez, posteriormente,* e só raras vezes *ainda assim, antes pelo contrario.* Anteposto quasi sempre imediatamente ao verbo que especifica, equivale à particula reforçativa dupla *arre.* E desse **ad+re** que ainda subsiste em numerosos verbos populares (Como *arreatar, arrebatar, arrebentar, arrecadar, arrefecer, arremangar, arrematar, arrenegar, arrepender, arrevesar*) provêm provavelmente *ar* separado. Temo'-lo no verso 8629 (*e vus direi ar*). Tambem no 3783 *ar* está separado do verbo (*non lhe poden... Deus nen ar as gentes culpa põer*). Cfr. **er.**—Eis agora a lista dos verbos que aparecem no Cancioneiro da Ajuda, precedidos de **ar:**

ar-aver: 1176 *outro cuidad' ar ei log' a prender;* 3161 *mais ar ajan de seu quen nas loar.*

ar-catar: 9928 *Non catan Deus, nen ar catan mesura;* 9930 *nen ar catan como perden seu sen.*

ar-cofonder: 2820 *que ar cofonda quen me non leixa convusco mais morar.*

ar-convĩir: 2819 *e al mi ar conven de lhe rogar.*

ar-desamar: 74 *non vus am'eu por vus ar desamar.*

ar-dizer: 1707 *mais ar dizede me vos al.*
5133 *meu amig, ar direi que non.*
1277 *al vus ar direi ên.*

ar-falar: 3099 *nunc' averia poder de lh' ar falar.*

ar-fazer: 2309 *E vedes que mi ar fez por en.*

ar-jurar: 3109 *E par Deus, ar jurar lh'ia mui ben.*

ar-matar: 1095 *ei gran pavor de me fazer levar coit'.. e m'ar matar.*
7086 *que per poucas m'ar matava.*

ar-maravilhar: 9717 *ar maravilhan s'en.*

ar-nembrar: 7799 *ar nembre-vus algũa vez.*

ar-pagar: 2312 *nunca m'ar paguei d'outra ren.*

ar-pensar: 7023 *vin vus rogar que ar pensedes de mi.*

ar-poder: 1354 *nen mi ar poss eu dela quitar.*
1397 *com' ar poderon viver... desi?*

ar-prender: 1176.

ar-preguntar: 1219 *e se... m'ar preguntren.*
1936 *e se m'ar preguntaren outra vez.*

ar-querer: 994 *e non m'ar quis valer.*
1959 *e se o non ar quiseren fazer.*

ar-quitar: 141 *assi m'ar quit'eu de querer.*

ar-rogar: 3032 *nunca lh'ar pude rogar des ali.*

ar-saber: 321 *mais se o sei, non ar sei ren.*
8578 *et ar sei...*

ar-ser: 6367 *mais nunc' ar fui guardado.*

ar-tornar: 401 *et quant'ali ei de sabor se mi-ar pois torna en pesar;* 4720 *s'eu dali fogiss(e) e non ar tornass(e) i.*

ar-ver: 2084 *nunca ja mais prazer ar vi.*

ar-vĩir: 7055 *ata quand(o) ar venhades.*

arena: forma castelhana, igual à latina ***(arena)*** e correspondente ao português arcaico *arẽa, area,* hoje *areia* 6235.—Cfr. **amena.**

arlota, arllota: vàdia, vagabunda, devassa, 10093. É termo injurioso que tem correspondentes em cast., prov., franc., italiano, e em inglês (*harlot*), de origem duvidosa, mas que é costume derivar do antigo alto-alemão *keorl=Kerl.* O étimo latino (etrusco) ***hariolus,*** agoireiro, com o sufixo também etrusco *-otta,* serviria, se estivesse provado que as *arlotas* diziam a *buena-dicha,* como as ciganas, e rezavam orações e ladainhas, talhando e curando.—Cfr. **raçon.**—Nas *Cantigas de S. Maria* ocorrem os derivados *arlotia* (121 e 347) e *arlotões* (305).

armas: instrumentos de ataque e defesa 10287.

arrastar: levar de rastos ou de rôjo (do lat. **rastru**) 10060.

as pl. do art. def. f. *a:* 683 (*as gentes*), 2576, 3783, 4669, 5234, 6692, 8557, 8706, 8724; pl. do pron. pess. 3 p. *a,* 3649 (*Deus... mi-as fez todas soffrer*); 10089 (*eu as mandaria por ên a queimar*). Cfr. **las.**

ascoitar ***(auscultare):*** escutar: 592, 7269. Usadíssimo ainda no século XVI, mas já a par de *escuitar.* Vid. *Vingança de Agamenon* v. 159 e 250.

asconder-se a alg. (***abscondere***): esconder-se 6290, 7011.

ascuitar 592. Cfr. **ascoitar.**

asperare ***(sperare):*** esperar com a inicial *a* por *e,* por influxo de *ascoitar, asconder,* 9554. Cfr. CV 728, 7730 *asperança* (CV 457, 469; CM 354) e *astragar* (***extrahicare***) CM 46.

assanhar-se a alg.: derivado de **sanha** (***insania*** por ***insanies):*** agastar-se, enraivecer-se 2749, 3160, 7173, 8602, 9325 (*assanhou-se*).

assaz ***(ad satiem*** ou ***ad+satis):*** bastante, suficientemente 7487, 10042; epígrafe da Cant. No 394.

assi ***(ad+sic):*** assim, de tal modo, de tal ordem 67, 141, 157, 205, 234, 1333, 1669, 1676, 1681; assi que 160 (seguido de subjuntivo). Usadíssimo em fórmulas de juramento:

assi Deus m'ampar 8970.
assi Deus me leixe cedo tornar 7812.
assi Deus me veja 9437.
assi Deus me perdon 9118, 9765.
assi me valha Deus 2466.
assi me venha ben 9940.
assi veja prazer 5762, 8429.

Veja-se CM 159 *asse Deus m'ampar.* Cfr. **'ssi sse se.**

ata (arabe ***chatta***): até 2043 (*ata que moira*); 7055 (*ata quand(o) ar venhades*). Creio que as duas sílabas da partícula arabe tinham fôrça quasi igual. De aí a acentuação dupla *áta* e *atá.* Essa última é atestada tanto pela fórma abreviada *'ta* como pela rima com *ja* e

alá (CM 203, 5) e também pela grafia freqüentíssima *ataa*.—Em Gil Vicente encontra-se *atás* I, III e III 188; I 350 ha *atés que*, III 373 *at'à peneira*.

atal *(tale*, com *a* expletivo): tal a) adj. 92 (*conselho*), 97 (*molher*), 358, 554; —*que* 671, 6874, 954 (*senhor*—); *atal—qual* 5457; 1429, 4640 (*ben atal*); b.) subst., tal cousa, tal pessoa; encontrei-o em CB 1505,5.

atan *(tam* com *a* expletivo): tão, tanto, de tal modo 662 (—*muito*), 6046 (—*gran ben*), 7797 (—*nembrado*); 7837 (—*falso*). No verso 10017 será preferível emendar *atan gran prazer*, visto que *grande* em proclise não é vulgar na língua arcaica.

atanto *(tantu* com *a* expletivo): tanto, tal, tamanha coisa, a) adj. 432 v (—*ben*); b) subst. ou pron. indef. 1234 (*d'—me faço sabedor*); 2795 (—*Deus non me perdon*); 7563 (—*lhi fiz de pesar*); 1586, 2042, 4055, 4631, 4878, 5903; c) em loc. conjunt. *atanto que*: logo que 8951; *en atanto*, no entretanto 8341.—Cfr. **tanto**. Vid. CD (*Canc. de D. Denis*) 817 e 905.

atar-se *(aptare)*: resultar, seguir-se. É no *Refram* da Cant. N.º 142 que teremos de substituir, *mata* por *m'ata*, lendo *a morte desto se* (ou *xe*) *m'ata*, e compreendendo: d'esto provêm a minha morte; dona Guiomar é aquela que me mata.—No CD 2604 lê-se *ca demo lev'a prol que xi l'êm ata*; e sobretudo no CV 441 existe o Refram *e desto xi m'atou morte*, conforme já foi dito por Oscar Nobiling (em *Mélanges Chabaneau* p. 1113). Lang traduziu o arcaico verbo reflexivo apropriadamente com *einem zufallen, zu teil werden*, i. *é caber a alg., acontecer*.— Acrescentarei que há um exemplo elucidativo na tradução do Psalmo I: *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum* para *Bento he o home que se non ata ao conselho dos maos*, usado no *Joseph ab Aramatia* f. 8.

atender *(attendere)*: a) estar à espera (*abwarten*) 5206 (*sempre m'eu querria viver, e atender! e atender!*), 7360 (*tantas vezes o mandei*—); b) atender a alg. c., esperar (*erwarten*) 3056, 3283, 4645, 7752, 9231; c) reparar em alg. c., dar atenção a alg. c. (*beachten*) 8648 (*quen—soubesse quanto valedes*); atender alg. c. de alg. 1252, 1432, 1679, 1879, 2078, 5938, 6904; atender, seguido de inf. com *de* 246, 501, 529, 7845, 9133.

atrever-se *(attribuere)*: *sich zutrauen*: ousar 8667;—em alg.: fiar-se, contar com alg. 2009, 6277; —*em*, seguido de inf. 1206 (*ca m'atrev'en vus amar*), —*de* 6946 (*e pois que me de viver atrevi*);—*a* 7341 (*e non m'atrevo sen vos a guarir*).

atrevimento: acto de valentia, emprêsa, empreendimento 7898 (*fazer un*—).

avantar(derivado de **avante** *(ab ante)*: mover para diante, adiantar 10310 (—*seu bon-prez*)—Vid. CV 576, 882; CM 57_{11} e 267_{115}.

avede *(habete)*: imperativo de *aver* 2937. O singular **ave** *(habe)*, ainda usadíssimo nos tempos de Gil Vicente, ocorre a-miude nas prosas arcaicas; sobretudo na fórmula *ave mercee de mim*; p. ex. no *Graal* 96, 101, 164, 182.

* **avẽer**—Êrro de escrita e de interpretação, 5728. Em rima com *querer*, portanto com *ê* fechado, deve ser **a veer** *(ad videre)*.

avêlei: avê-lo-hei 361.

aven *(advenit)*: pres. ind. 3 de *avĩir* 157, 233, 297, 373, 1244, 3317, 5689, 7335, 10142.

aventurado (derivado de **ventura**, do part. fut. de **venire**): bem aventurado, feliz 3954 (*tẽer-se por*—).

aventurar-se: arriscar-se; fazer um atrevimento 649, 6518.

aver ***(habere)***: têr 169, 359, 576, 671, 704, etc. Eis a tabela sinóptica das formas empregadas no Cancioneiro da Ajuda.

pres. ind. 1. *ei* 3, 6, 26, 31, 36, 155, 766, 4771, etc.

3. *á* 20, 112, 114, 1775, 1779, 1780, 1785, etc, Cfr. **á** e **á** f.

4. *avemos* 6981.

5. *avedes* 190, 192, 345, 573, 7603, 9044.

edes 179 (*veer-m'edes*); 1478 (*poder-m'edes*).

6. *an* 489, 512, 518, 3160, 3780.

pres. conj. 3. *aja* 36, 149, 1224, 1908.

4. *ajamos* 6979.

imperf. ind. 3. *avia* 3767.

5. *avíades* 7943.

fut. 1. *averei* 13, 108, 700, 730, 741. Cfr. **avêlei.**

3. *averá* 383, 4592, 8265, 10320; quási sempre os poetas preferiam *á d'aver* 137.

5. *averedes* 7157.

imp. *avede* 2937.

pret. perf. 1 *ôuvi* **(habui)** 672 v. 2272 v. 2274, 3056 v. 3059 v. 4771, 4922 v. — Vid. **ôuvi.**

ouve 672, 2272, 3059, 4771.

ouv' 1084, 3056.

mais q. perf. 1. *ouvera* 451, 1053 v. 2612.

ouver' 4, 43, 172, 231, 1368.

over' 7134 v., CM 76,2, 85,2. — Vid. **ouer.**

oer' 4 v.; 43 v.; 387, 1368 v. 7175, 7417, 7781, 8677. Vid. **oer'.**

fut. conj. 3 *ouver* 121.

oera 7910. — Vid. **oera.**

m. q. p. conj. 1. *ouvesse* 68, 4301.

ouvess' 611.

oesse 611 v., 7398. — Vid. **oesse.**

5. *ouvessedes* 199.

6. *ouvessen* 496.

aver como auxiliar aparece seguido de infinitivos sem preposição apenas quando e onde exprime a ideia do futuro, p. ex. em *matar-m'-á ele* 1443; *rogar-lh'-ei* 1813; *veer-m'edes* 179. Por isso julgo que o verso 611 (*ali u ela ouvess' estar*) se deva ler *ali u el' ouvess' a 'star.*

aver: aparece seguido da preposição **a** quando e onde exprime a ideia da necessidade. Eis os verbos que no CA dependem de *aver a:*

buscar prazer 7558.
colher 7175. Vid. **acolher.**
creer 1123, 7603.
desfiar 8988.
dizer 1088, 1611, 7614.
durar 1857.
endurar 1696.
ensandecer 2237.
estar 6810.
falir 1264.
guardar 1019, 6813.
morrer 1586, 1676.
mostrar 6730.
prender morte 1141, 1689.
queixar 6813.
querer 1630.
quitar 1851.
saber 2039.
sentir 6330, 7157.
soffrer 2231.
teer mal 7280.
temer 2070.
viver 1167 (cfr. 7652) e 9298, verso em que, segundo Nobiling, seria melhor lermos *mais quen end' á lonj' a viver.*

aver: aparece seguido da preposição **de** quando e onde exprime resolução; mas de resolução a necessidade de fazer alguma cousa ha apenas um passo. Cfr. **dever.**

Eis os verbos que no CA dependem de *aver de:*

aver 2598.
escaecer 2021.
fazer 1801.
fazer entender 8265.
ir 9392.
morrer 6796.

perder 217.
põer conselho 2584.
saber 1849.
soffrer 1966.

aver: aparece com os seguintes complementos directos:
coita 1695, 4686.
conselho 2124, 3075.
conort' 7229.
cura (de) 7268.
dereito 7631.
doo 2937.
par 9504.
prol 1775.
proveito 9008.
sabor 1612, 1766, 7778.
tempo 7150.
torto 6997.

aver que: seguido de verbo ocorre apenas no verso 6819 (*Deus...por én me leixa de matar que aja sempre que doer*).

aver, s.: riqueza, posse, bens de fortuna, *haveres* (al. *Habe, Hab und Gut*). 952, 7060.

averá (fut. 3: **habere habet**) 383, 4592, 7603, 8265, 8959, 10320. Nesse último verso, tal como o imprimi, é necessário introduzir uma emenda. Em vez de:

E tod'ome que mi oïr,
sempre verá quen departir
en quanto bon prez del ficou...

leia-se, com Nobiling (p. 385),

sempr' averá que departir;

e compreenda-se: todos quantos me ouvirem hão-de saber o renome que êle deixou.

averrá (fut. 3 de **avĩir**<***advenire***): 4524, 5004, 9121.

averria (condic. 3 de ***avĩir***): 4524 v.

avergonhar-se (derivado de **vergonha**<***verecundia***): 7026.

avergonhar alg.: envergonhar alg. 1491, 7043.

averiguar (***ad+verificare***): verificar, dar a conhecer 7021.

aviltar (***ad+vilitare,*** derivado de ***vile***): envilecer, humilhar, maltratar 7031.—Cfr. **viltar.**

avĩir (***ad+venire***): acontecer, suceder 373, 1244.
pres. ind. 3: *aven* (impes.) 157, 233, 297, 373, 808, 1244, 1261, 3317, 5689, 7335, 9103, 10142.
pret. perf. 3: *avẽo* 3355, 3506, 4524.
fut. 3: *averrá* 4524, 5004, 9121.
cond. 3: *averria* 4524 v.

***av'rá.** No verso 8265 imprimi *omen que sen aja á d' entender*—em vez de *q̃ sen aia auer a entender* do CB. Lang pelo contrário (*Zeitschrift* XXXII p. 386) propõe *av'rá entender*, por *avrá a entender*. Não concordo. Pelos dizeres de João de Barros sabemos que ainda no século XVI a pronúncia dos portugueses era pausada (majestática). De mais a mais a consciência dos elementos de composição dos futuros e condicionais, ainda hoje viva e clara, obrigava mesmo a colocar o acento tónico principal nas terminações dos infinitivos. Na Gramática darei exemplos.

ay, interjeição de dôr. Construida exclusivamente com o pron. pess. na forma nominativa, nunca à moderna com a prep. *de* e a forma oblíqua dos pronomes: 1865, 2323, 6403 (*ay eu*); 2081, 2453, 8400 (*ay eu coitado*); 3610, 6959 (*ay eu cativo*); 6468 (*ay eu, cativo e coitado*); 6565 *Ay eu cativo! coitado d'amor.* — *Cuitado yo* ainda era usado no século XVI.

B

Baço (***opacius,*** comparativo de ***opacus***): escuro, moreno. Alcunha de um personagem do ciclo arturiano, dado como autor do *Lais de Bre-*

tanha que é o nosso n.º 311, na epígrafe correspondente. — No *Cod. Vat.* 7182 (col. 275 b), em que segundo Monaci, *Fac-símili* II n.º 311, há um traslado, o Lais vem encimado do título *Elis o baço de Samsonha que foy muy cavaleiro darmas.* — Vid. CA II, p. 483, 487 e 490.

bailada (bailar talvez represente ***bajulare***): cantiga entoada como parte musical de uma dança 6936.

baixado ***(bassiatu)***: abaixado, rebaixado 8997.

baldon (do germ. ***bald***, ingl. ***bold***, e não de **bandon.** (Meyer Lübke 928): *a* — com abundância, com liberalidade 10287. Cfr. CM 265,7 onde a mesma locução adverbial significa *com liberdade.* No *Graal* há o adj. *baldoso*; em castelhano *baldosa* é nome de um alegre instrumento de música.

bando (germ. ***bandvja***): é vocábulo que conjecturalmente introduzo no verso 9394 por *desengando.* — Lang e Nobiling propõem: *sempre serei de seu bando.* — Vid. CV 503,25; 965,6 e 17.

baratar (prattare, grego πρáττειν): negociar, proceder 7121 e 7952 (*e vejo que mal baratei*); 5606 (*mal baratará*); 8011 (*ca tenho que baratei ben*); 10105 (*non baratei ben*); 5612 (*baratará melhor*). — Vid. CV 1064,16, 1163,7.

batalha ***(battualia)***: luta, encontro. Epígrafe do n.º 311.

bel: fórma proclítica e por isso abreviada de **belo;** 10207 (*tan bel presente*). — Cfr. **aquel, el, bon, cen, don, fi, gran, Tel, Roy.**

beldade ***(bellitate)***: beleza, formosura 6940,

* **ben.** No verso 8964 é êrro por **ven,** como já reconheceu O. Nobiling. Leia-se portanto *de qual guisa mi ven* (com referência ao subst. *mal* do v. 8960).

ben ***(bene)***: como advérbio no sentido de *muito*, acompanha adj. e particípios, por ex. em *ben talhada* 1560, 3878, 8831; verbos como *baratar* (q. v.); *buscar* 3660; *creer* 75; *forçar* 7879; *guardar-se* 132; *falar* 49; *fazer* 299, 1556; *querer* 161, 605, 666, 674, 1858; *saber* 66, 82; *semelhar* 50; adv. como em *ben lheu* 7424, ou locuções adverbiais como *ben dê'-la sazon* 57; *ben mil vezes* 2120, 2506; *ben per sei* 1975. Cfr. CM 221.

Registo alfabéticamente as fórmulas em que indiquei por meio de hifen a íntima ligação de *ben* com o elemento principal.

ben. Como subst.; no sentido de virtude, excelência moral 1014; felicidade 1760, 3309, 4131; favor, mercê, afeição, amor 148, 399, 685, 1272, 1810, 2139, 4528.

Os modismos usados são os seguintes:

al ben 142, 520, 1718, 1777.
algun 43.
este 669.
gran 111, 300, 805, 5651.
mais 35.
maior 1983, 4304.
melhor 5652.
neun 138, 209.
qual 674.
quanto 294, 1803.
tan gran 605, 4300.

ben-falar: eloqüência 1012.

ben-fazer: benefício, favor 140, 865, 1418, 2141, 5391.

* **ben-mandado:** 1076 é êrro por *bon mandado.*

ben-morrer: boa morte 5601.

* **ben-prez:** valor 1012, é também êrro por *bon prez.*

ben-querer: amor, afeição, bem-querença; 63, 920. — Cfr. **querer.**

bẽeiga ***(benēdicat)***: 6857 *e bẽeiga Deus a senhor!* Eu pronuncio *bẽ-êi-ga* com acento tónico na segunda das tres sílabas a que as quatro latinas foram reduzidas, considerando-o, conforme se vê

no étimo, como 3 pres. conj. do verbo arcaico *bẽ-ei-zer*, i. é como representante da pronúncia popular *benẽdicat*. O moderno *bem diga*, (com *bemdigo bemdisse*, *bemdito*, *bemdizer*) é fórma culta, de uso eclesiástico, péla qual os poetas clássicos substituiram o muito gasto e isolado *benga* em que havia de redundar e positivamente redundou *bẽeiga*, talqual *bẽeizer* (CM 142,12; 156,7; 168,10; 232,9.) deu *bẽi-zer*, de só duas sílabas (ib. 38,6 e 113,5) e *bẽezeu* CM 348,10. Na *Demanda do Graal* há a f. 106 b do manuscrito vindobonense *bẽegamos* e *beẽgo* (e a f. 186b *beego*, com falta do til sôbre o primeiro *e*). Subsistem todavia destroços do grupo popular: em português *benzer*, com o paradigma novo *benzo*, *benza*, *benzeu*, *benzido*; a par de *Bento*, *bentinho*, *benção* (com variantes de acento retraído, *bênção*, *bença*); o nome pastoril *Bieito*; e na Galiza *vieiteiro* de *benedictariu*, como nome do *sabugueiro*, ao qual a medicina popular atribue virtudes especiais.

bõa f. de **bõo** *(bona)*: 266, 776, 5157. A escrita *bona*, chamo-a italianizada pelos copistas de Angelo Colocci, porque só se encontra nos apógrafos, e nunca no CA.

bon: fórma abreviada de **bõo**, em casos de próclise como *o mui bon rei* 10148; *este bon rei* 10182; *bon rei* 10173, 10244; *tan bon companhon* 10238. Nos compostos nem sempre empreguei hifen. Vid. **bõo**.

bon-calar 7870. Cfr. *Cronica Troyana* II, 63, e *Graal* f. 116.

bon-dia, 6353, 6362 (*bon-dia nado* no sentido de *nascido em dia de bom agoiro*). Cfr. **dia**.

bon-falar 1012 v.

bon-grado: agradecimento 1090 (*nunca bon-grad'Amor aja de mi*).

bon-mandado: é como se deve ler em vez de *ben-mandado* 1076.

bon-parecer 5164.

bon-prez 1189, 5163, 5169, 5398 e 1012 onde a lição do CB deve substituir a errada do CA.

bon-semelhar 134.

bon-sen 128, 1013, 5895.

bondade *(bonitate)*: boa índole, inclinação para o bem, virtude 2284, 5574, 10221, 10309.

bon-dia. Cfr. **dia**.

bõo *(bonu)*: das duas formas que o português arcaico empregava, claro que a bissilábica era a absoluta, e a monossilábica, a conjunta, abreviada em próclise. A absoluta servia como nome (6896 *os bõos*), ou como qualificativo posposto ao nome: 3970 (*o parecer que lhi mui bõo deu Nostro Senhor*); 7919 (*conselho bõo*). — Outra terceira forma, hoje muito usada no Minho, na Galiza, e também na Beira-Alta — *bô* de *boo* por *bõo* — não tinha curso entre os trovadores. Onde excepcionalmente os apógrafos apresentam quer *boa*, quer *boo*, houve simples omissão do til, por descuido dos copistas.

branco (germ. **blank**): alvo, 963 (*mia senhor branca e vermelha*).

bravo (**barbaru**): pronunciado *barbru* deu *brabru*, pela tendência portuguesa de agrupar *r* medial com a consoante inicial, manifesta p. ex. em *bradar*, *fresta*, *prego*, *trevas*, de *balatrare*, *fenestra*, *epigrus*, *tenebras*, e em vulgarismos como *vrido*, *crado*, *treato*. Finalmente passou a *brabo bravo* por dissimilação, à qual se deve *arado*, *crivo*, *rasto*, *rosto*, *padrasto*, *madrasta*, etc. — De génio forte, duro, áspero 5693; rudemente 7288 (*responder —*).

busca: procura. Na epígrafe da cantiga n.º 311 se conta como Elis o Baço andava em busca de Tristan.

buscar: procurar. Provavelmente termo de caça, como o contranome **achar** (**afflare**), mas de origem

desconhecida. Empregado nos textos arcaicos sempre em sentido abstracto: 1587, 4560, 4706, 5176.
buscar conselho 622.
— *perdon* 756.
— *razon* (=explicação) 7236.
— *sandece e morte* 5175.
— *serviço* 75.
buscar alg. c. a alg. 9284;—*mal a alg.* 755, 6374, 6375;—*mal a alg. com alg.* 4099, caluniá-lo junto a outra pessoa;—*se ben alg. c.* 3660, aspirar ardentemente a alg. c.

C

Ca (*quam*): conjunção comparativa, usada depois do 2.º grau de adjectivos ou fórmulas de comparação —*do que:*
mais—72, 775, 1342, 1344, 7488.
maior ben—1983.
melhor—200, 1236, 1305, 1564.
peor—723.
d'outra guisa—985.
ante—1651.
mais coitad'... ca ante 3027.

ca (*quia*): conjunção consecutiva: pois, visto que, 4, 8, 26, 46, 63, 68, 113, 151, 1233, 1260, 1839, 2063, 2067, 2069, 2093, 2095, 3024, 3654, 7112, 8150, 9238.

ca (*qui, quid*): conjunção integrante (*que*) empregada depois de verbos *dicendi et sentiendi* como *creer* 94, 9236; *cuidar* 122; *dizer* 1407; *entender* 7488; *saber* 34, 82, 319, 746, 2094, 5407, 6735, 8151.

cabelo (*capillu*). A fórmula *en cabelo(s)*, sem touca (que era o distintivo da mulher casada), caracteriza na linguagem arcaica a menina solteira. Na C. 323 há referência a um cantar que o poeta ouviu da senhora amada *u a vi estar en cabelos dizend' un son* (v. 7208). Na tenção 453 o trovador Mem Rodrigues Tenoiro ameaça o jogral Juião, oferecendo-lhe punhadas, couces e de o arrastar ou filhar pelos cabelos (v. 10060).

cabe (*capit*): 3. pres. ind. do verbo **caber** (q. v.) 5684.

caber (*capere*): ser contido, entrar completamente 5684 (*eno mar cabe quant' i quer caber*).

cabo (*caput*): a.) subst. fim, extremidade 5883 (*en-cabo*—no fim).
b.) prep. *cab'ela* 4409—ao pé dela, comparado com ela.

cada (grego *cata*): todos sem excepção 551, 5881 (*dia*); 1510 (—*vez*). No CA não há exemplo de *cada um* levar o verbo no plural.

cada que: seguido de conj. fut., cada vez que, sempre que 4851, 7173. É freqüente no CV, mais ainda do que *cada u*, em cada sítio onde, onde quer que, usado nas Cantigas 204, 427, 475, 563, 1001, 1109, 1176. No *Graal* prevalece *cada hu que.*—

caer (*cadere*): caír, forma não só inferida de **caesse,** mas documentada por outros textos; p. ex. *caeu* CD (=Canc. de D. Denis) 1136; *caestes*, ib. 2195; *caemos, Graal*, 86; *caedes* CV 1015. O infinitivo, encontrei-o em CV 186 e 1015. Reduzido a *queer* e *quér* existe em dialectos da Galiza. *Dequeer*, decair, ocorre no CV 908.

caesse: 3 conj. imp., do infinitivo *caer:* 56 (*se en prazer vus caesse*).

cal (*calet*): Da fórmula, certamente popular, *non mihi inde calet* provém as portuguesas *non m'ên cal* e *non m'ên chal*, no sentido de: é coisa da qual não me vem calor, que não me aquenta nem me arrefenta, que me deixa indiferente; mas não directamente, como se vê do som inicial *ch* e de estar isolada, impessoal mesmo na linguagem arcaica. Feitas e prontas vieram ambas da França—a primeira da Provença, a segunda do Norte (onde se dizia *ne m'en chalt*

e posteriormente *ne m'en chaut*; cfr. *nonchalant* e *nonchalance*). No CV temos *cal* umas seis vezes (65 *nõ lhencal*; 533 *se mi cal*; 925 *nẽ mical*; 948 *non mencal*; 1157 *ical*); e duas vezes *chal*: 80 *nõ mẽ chal*; 1174 *nõ enchal*). No CA uma unica vez 3659: *ren menchal*.—Tal 3 p. pres. ind. de um verbo em-*ĕr* não estava isolada, como se vê de *sal sol dol*; mas nem por isso se pode registar um infinitivo *caler* (como fez Lang) à vista de *sair soer doer*. Em castelhano, sim, onde se empregava também o conjuntivo *non lis cala* (Berceo, *Duelo* 175). Cfr. **chal, enchal.**

calar (do greco-latino **calare**, descer a âncora ou o cortinado no teatro) guardar silêncio 6728;—*se* 2343, 4190, 4915, 8471, 8480, 10063.

camanho (**qùam magnu**): quão grande 7158, 8592.

cambar (representação gráfica imperfeita de **caimbar-cambiare**). Com relação à cantiga 359 deixei de indicar a sua existência no CV 943, e as respectivas variantes. Entre outras *canbey* por *cambiei*. E visto que a forma sem *i* se encontra muitas vezes (p. ex. na *Cronica Troyana*, I, 215 e no *Graal* p. 88,5) introduzo-a aqui. Confira-se o vocábulo *caimbras*, escrito em regra *cambras*, de *crambias*, do germânico *crampi-Krämpfe*.

cambiar-se por alg. trocar com alg. 871, 7998.

cantar (**cantare**), a) verbo 5472, 6708, 8922 (—*nem dizer*).

pres. ind. 1 *cant*(*o*) 6960.
3 *canta* 9222.
4 *cantamos* 6925.
pres. conj. 4 *cantemos* 6975, 6977.
part. pres. *cantando* 6922, 6936 (—*nossas bailadas*).

b) subst. canção, cantiga, 2511, 3145, 3720, 4773, 7720 (*fazer un*—), 9849 (*cantares*), e epígrafe da cantiga n.º 359.

cantiga: canção de amor, 5447 e nas epígrafes dos n.os 312, 313, 359, 394, 398. De nenhum dêsses passos nem dos que há nas *Cantigas de Santa Maria* (p. ex. 106,1) se deduz às claras a acentuação do termo que em Portugal é hoje grave, mas esdrúxulo na Galiza. Derivo-o, como vocábulo-semi-culto de *cantícula*, diminutivo de *cantíca*, subst. postverbal de *canticare* (como *perigo* de *periculo*, *bestigo* de *besticulu*, *artigo* de *articulu*) e pronuncio sempre *cantíga*.—*Cântiga* seria o único vocábulo culto ou semi-culto proparoxitónico do *Cancioneiro da Ajuda*.

caridade (**caritate**): misericórdia 9768 (*par*—).

carpir (**carpere**): arrancar-se os cabelos em sinal de dôr; prantear 8987.

carreira (deriv. de **carro**, gaulês latinizado) caminho para carros 9872 (*e vai-s'ora de—sa via*), locução pleonástica como a correspondente alemã *auf und davongehen*, *auf und seiner Wege gehen*. Vid. *Graal* 21,13 e 32,19.

cas: forma proclítica de **casa** 1603 (*a cas del rey*), 9005 *en cas dona Costança*; e na epígrafe da cantiga n.º 394 *en cas dona Maior* (ambas as vezes com supressão da preposição *de*, como CM 228,9 *a cas seu dono*). Mas 1603 a *cas del rey* (CM 97,3 *en cas del rey*).

casas pl. de **casa**: palácio 2698, 2700, 5246.

casar: 886 *casar alg.*, unir por casamento 5725, 8380.

* **castigado**: punido 8863; admoestado, aconselhado 2593.

castigar (**castigare** de **castu**+**agere**): admoestar. O verso 2594 está deturpado, tanto no CA como no CB. Ambos teem *castigarssen pelo seu coraçon*. Tentei corrigi-lo em harmonia com o verso que precede e com a ideia a que o poeta dá ex-

pressão na curiosa cantiga n.º 106; lendo *Castigado pelo seu coração.* Lang, cingindo-se com rigor às letras prefere: *castigar ssen(p)re lo seu coraçon.* Mas nada diz a respeito do sentido e da construção.

catar (*captare*): olhar, mirar; 1191, 1521, 3507, 4031, 5922, 7087, 9260, 8628, 8804, 8599; ver reflectindo, observar 6702, 6709; procurar, buscar, pesquisar 5181, 5188, 5195, 5634; ter aspecto ou aparência, parecer 5646 (*— fremoso*); 5041 (*manso e aposto*); *— mesura* 235, 9928; *non — custa* 10202.

cativo (*captivu*): infeliz, desventurado, coitado 260, 2037, 2074, 3076, 5470, 6659, 9848, 6959 (*ay eu —*); 843, 6468 (*— e cuitado*); 1159 (*— pecador*).

cavaleiro: homem nobre, cavalheiro 7031, 7047, 9765, e nas epígrafes das cantigas n.os 312, 359 e 395.

cavalo (*caballu*), solípede 10287.

cedo (*cĭtu*): de pressa, em breve, d'aqui a pouco 179, 879, 1856, 2487, 2635, 9756; 1798 (*mui —*); 7671, 8382.

cegar (*caecare*): perder a vista, tornar-se cego 5150 e seg., 5208, 5269 e seg.

celado (*celatu* de *celare*, ocultar): de cilada, de suspeita, a furto, 8858 (*en —*). — Hispanismo como mostra a conservação do *l* medial.

cen: forma proclítica de **cento** 9882 (*— vezes*) — Cfr. **bel bon**; **gran**; **cas**; **Tel el aquel.**

cento (*centu*): dez vezes dez, 9877 (*e mais foron de cento mentiras que m'el disse*), em fim de hemistíquio portanto. — Vid. *cento dobre* CV 1005. A forma plena empregava-se a par da abreviada, adjectivamente, até fins do século XV.

centos: 10211 (*quatro — e nov'anos*).

cerrar (*serrare* por *serare*): fechar 7957.

certas: certamente (f. pl. do adj. subst. como nas fórmulas adverbiais *às claras, às escuras, às boas*, etc., analógicamenie calcadas sôbre *a penas* (*a duras penas*) 7223.

cinta (*cincta*): cinto, cintura, faixa, correia 7990, 7996, 8005, e na epígrafe da Cantiga N.º 359. Como prenda de amor, dada por donas de algo aos seus trovadores, *a cinta* figura em numerosos versos de amor, conforme mostrei na primeira das minhas *Notas Marginaes* (*Zeitschrift* XX).

cima (grec. lat. *cyma*): extremidade superior. Temos *Cantiga de cima*, no sentido de precedente, na epígrafe dos N.os 311 e 398.

cobrado: recuperado, restabelecido 1075 (*guarid' e —*).

cobrar (*recuperare* com perda regressiva do prefixo), contranome de *lesar*, tornar a possuir, rehaver o perdido, p. ex. *o juizo* 607, 1332; *o vezo* 7092; *tempo* 3058; *ũa senhor* 7203; conseguir 8764; receber compensação 6445; recompensar 10261.

cochon (do franc., onde provém da onomatopeia *kux kux!* com que se chama pelos cevados); termo injurioso que significa immundo 10040. — Vid. CV $14_{,10}$ e $1024_{,9}$ (f. *cochoa*).

cofonder (*confundere*): reprovar, condenar, amaldiçoar; usado em fórmulas imprecativas, seguidas de frases condicionais que principiam com a conjunção *se*; 2428 v., 2537, 2680 v., 2812, 2817 v. (*cofunda*), 2826 (*Deus min cofonda!*); *cofondi* 2829; *cofondeu* 10282. — Cfr. **confonder.**

coidado n.: cuidado, aflição, inquietação, magoa, 2080; em fórmula aliterante com *coita* ou *cuita* 845, 3566. — Cfr. **cuidado.**

coidar (*cogitare*): meditar, imaginar 2385, 3194, 4687; — em alg. ou alg. c. 3197; seg. de *a* e infinitivo 862 (*— a perder o sen*); 2617 (*a viver*); 3319 (*a morrer*); 3235 (*a veer*); seg. de infinitivo

sem preposição 3016 (*coido veer*) 3327. Cfr. **cuidar.**

coidar: subst. opinião, parecer, juizo 1974, 3486 (*a meu—*); 3041 (*aquant' é meu—*; b.) imaginar, fantasia (contranome de verdade) 3644 onde há a locução *meter en coidar* (em oposição a *verdade dizer*). Vid. CV. 748,15.

coita (de **cocta,** a par de **cueita** que pode representar **coacta)**; aflição, pena, mágoa 106, 559, 668; *mortal* 10110; *do mar* 5545; *d'amor* 5548; *de morte* 5552.—Aplicado à amada há *coita do meu coraçon! ay coita do meu coração! gran coita do meu coraçon* 1987, 3314, 4235, 8354, 10341; *coita nen coidado* 3566; *prender*—3750; *colher*—10116.

coitada mente (com *enjambement*) 2395-96 (*vivo*). Cfr. **longadamente.**

coirmãa (**cum**+**germana**): prima. Na epígrafe da cantiga 359, omitida por engano, mas impressa neste Glossário s. v. **abadessa.**

coitada mentre 2395 v. A abreviatura *ment'* admite pelo menos essa resolução, com a qual concordam fórmulas galegas em que *mens*, *mentis* está representado por *mentres* (p. ex. *tenho mentres que*, julgo, espero, suponho; *co mentres que*, com o propósito de).—Cfr. CB 193, 13.

coitado: part. pass. de *coitar*, aflito, desgraçado 6565 (*—d'amor*); 2081, 2453, 8400 (*Ay eu coitado*)! 6548 (*coitad'eu*); 6468 (*Ay eu cativ' e coitado*).

O verso 8850 precisa de emenda. Leiamos:

Por quantas vezes m'ela fez chorar
Com seus desejos e coitad' andar...

em vez de *cuitando d'andar.*—Cfr. **cuitado.**

coitar (derivado de **coita**): angustiar, atormentar, 660, 1204, 1941, 2586, 7014.

colher (**colligere**): apanhar, receber 10116 (*a gran coita que por ela colhi*).—No verso 7175 (*semi-o logo acolher oer*) *acolher*, como imprimi, é realmente melhor quanto ao significado. Mas gramaticalmente *aver*, seguido de infinitivo sem a preposição *a*, não serve bem. Talvez o poeta empregasse sinalefe, querendo dizer *a acolher?*

combater com alg.: batalhar, na epígrafe da cantiga n.º 311.

com', **coma**, **come**, **como**: O latim **quomodo** aparece no *CA* (e em todos os mais textos arcaicos portugueses) nas quatro formas diversas, de que vou tratar, saindo propositadamente da ordem alfabética.

com' Segundo as leis formuladas por J. Vising (no tratado *Quomodo in den romanischen Sprachen*, nas *Dissertações* (*Abhandlugen*), *dedicadas a Tobler*, em 1895, *com'* pode representar qualquer das três formas usuais, nos versos 47 *com'eu vos dixe ja*; 2905 *com' agora min faz viver*; 545 *com'en desejar.*

No verso 10093, devidamente emendado, deveremos ler *com' outras arllotas.*

coma (**quomodo**+**ad**): segundo Vising, ou melhor **quomodo**+**ac**, segundo Meyer Lübke). Ocorre no CA uma única vez no verso 9121, na fórmula *coma a mi*—segundo Lang (eu imprimira *com(o) a mi*) —ainda hoje usadíssima pelo vulgo português, no sentido de *como eu*, com substituição do caso recto *eu* pelo oblíquo *mim*. Vid. Gil Vicente, III, 391 *porque tal fui coma ti.*

come (**quomodo**+**et**). É usado, segundo o mesmo filólogo, diante de *nomes* e *pronomes pessoais* absolutos em comparações breves: *tal, qual, à semelhança de.*

come mi: 1029 *por tal coit' aver come mi.*
2866 *non sei quem-na tan muito ame come mi.*
7853 *e vejo eu muitos queixar come mi.*

(porque é assim que devemos ler, com Lang e Nobiling, em vez de *con mi*).

come vos: 4619 *tan fremosa come vos.*
5043 *come vos, senhor.*
8526 *come senhor.*
4705 *come meu ben*[1].
9765 *come cavaleiro*[2].

Contra a regra, *come* aparece todavia regendo verbos no verso 3908 (*come quen as padece*) e 8497 (*come ja sen vos estarei*); 6030 (*come de morte*). N.º 8988 não está bem. Insatisfeita com as propostas de emenda de Lang, aceito como boa a de Nobiling e recomendo que leiam:

ca me non an por ên a desfiar.

como (*quōmodo*). Equivalente a *de que maneira, da mesma forma que*, êsse advérbio é usado antes de verbos.

1032 *maravilho-m'eu como posso soffrer.*
1505 v. *e como me non doerei.*
1647 *Ay Deus! com(o) ando coitado d'amor*[3].
3647 *como quen end' é sabedor.*
9649 *como serei guardada.*

Aparece contudo também onde a regra exigiria *come*, p. ex. no verso 4619 v. *tan fremosa como vos.* —Seguido de um infinitivo explicativo de outro verbo antecedente significa *isto é* (alemão: *nämlich*).

545 *estou a gran pavor de morte, com'en desejar... la melhor dona do mundo.*
865 *desejando sempr' aquel ben do mundo mais grave d'aver, como desejar ben-fazer da mui fremosa mia senhor.*
2501 *na mayor coita do mundo viv'oge por én como quererlhe melhor d'outra ren.*
2909 *con tan gran coita de soffrer... com' aver sempr' a desejar mais d'outra ren de a veer.*
7835 *non me quer leixar ergo morrer como leixar-m'en seu poder d'Amor.* Cfr. **en como**[4].

como: conjunção causal. Seguida de indicativo significa visto que, por isso que, p. ex. no verso 139 (*como vos sodes, mia senhor, mui quite de me ben fazer*). Seguida de conjuntivo significa *no caso que, suposto que:* 3295 *como non moira.*

como que: conjunção hipotética, equivalente do latim **quasi**. Seguida de indicativo 1136 *como que me faz desejar* (*als ob*). Aparece também no verso 3143 (no CB *come que*) depois do verbo *sabedes*, em

---

[1] Não percebo por que motivo Lang quer substituir neste verso *come* por *como o*.

[2] Eu resolvera a abreviatura *com* por *como*.

[3] Considero *come*, que está no texto, como êrro.

[4] É lição restituida por Nobiling, Quanto ao verso 4147 hesito: inclinando-me a interpretar *como* por *como é*. Eis o princípio da cantiga 181, sem a pontuação talvez excessiva pela qual tentei comentá-lo:

Que sen meu grado m'og'eu partirei
de vos, senhor, u me vos espedir
com o partir-me de quanto ben ei.

lugar quer do simples *como*, quer de simples *que*. Nobiling prefere conservar em vez do conjectural *sabedes* a lição *avedes*, lendo

Ca, mia senhor, avedes vos mui ben
Como que vus non ei a custar ren.

como se: seguida de um conjuntivo: 4690 *como se d'ela ben cuidass' aver.*

começar: principiar 1230 v, 1850, 6131; 3128 (*a dizer*); 10045 (*ir — com alg.*) no sentido de buscar querela a alg.

començar (**cum + initiare**): 1230.

comego (**cum + mecum**): comigo, 7196, 10051—uma das formas tautológicas populares que pouco a pouco foram substituindo o simples *mego migo; tego tigo; sigo; nosco, vosco.*

comendar: recomendar 6065.—Cfr. **acomendar.**

cometer (**committere**): acometer, empreender, principiar 2637, 3117, 7572, 7648; agredir alg. 8982; cometer 6949 (*sandice*).

comigo (**cum mīcu** por **mecu**): 4496, 6144, 6289. Cfr. **comego mego migo.**—Sob *come* já ficou dito que *con mi* no verso 7853 era mero êrro tipográfico por *come mi.*

como-quer que: seguido de conj. equivale a ainda que, embora: 4917, 7499, 8036.

companhon (de * **companio** que é imitação do germ. *gahlaiba*), companheiro 10238, 10243 (filhar).—Vid. CV 374,4.

compõer-se: compôr-se, concertar-se, harmonizar-se 215.

comprido de: cheio de, repleto de 2088, 2463 (de todo ben); 9109 (*de tod'outro ben*); 7085 (*de folia e d'amor*).

comprir (**complere**): levar a efeito, realizar 1538.

con (**cum**): em companhia de 14, 214, 215. Às vezes indica causa e motivo 2107 (*—mingua de sen*, vid. 9923); 240 (*cuitar-se — a morte de alg.*); 9772 (*—mentira*).

concertar: combinar, realizar 7635.

concelho (**conciliu**); *en*—, em público 6413, 7021. Vid. CD. 2602.

conde (**comite**): título nobiliárquico 8982, 8984, 8992, 8999.—Vid. *Randglosse* XVII.

confonder: amaldiçoar 10281. Cfr. **cofonder.** Temos 3. pres. conj. *confonda* 2428, 2537 v., 2680, 2817; *confunda* 8943.

conhocedor: sabedor, entendido 8868.

conhocença: conhecimento 7743.

conhocer (**cognoscere**): conhecer (com redução de *o* a *e*, por analogia com os incoativos em *-ecer* de *-escere* como *padecer, parecer, guarecer, guarnecer*, 5641, 8652.

1 pres. ind. *conhosco* 8446, 9393.
1 pret. perf. *conhoci* 9252.
3 pret. conj. *conhocesse* 1002.

As formas com ç predominam, não sòmente no CA mas em todos os textos arcaicos. O influxo da 1.ª p. do pres. ind. com *sc*, etimològicamente correcta, levou todavia bastantes vezes a grafias com *-sc-* p. ex. 1284, 1396. *Conhosciesse*, 1002, coloquei-o entre os espanholismos casuais, nas Notas relativas à Cant. N.º 40.

conhocer: subst., conhecimento, saber, juizo, opinião 24, 2023, 8652; entendimento, discreção 8814, 9089, 9723.

con migo (**cum + mīcum** por **mecum**): influido por *mi* 7172.

con nosco (**cum + nobiscum**): formas tautológicas que prevaleceram sôbre as fonéticas 6974.

conortar-se (com alg.): consolar, animar, esforçar-se 10316. Não é todavia derivado de *forte*, equivalente do lat. **confortare.** Representa o lat. pop. **conhortare** por **cohortari.**

conorto: alívio, consolação 7229, 10230 (*aver*—).

conquerer (*conquirere*): conquistar 10187 e na epígrafe da Cant. 312.
3. pret. perf. forte: *conquis* 10178, 10183, 10242, 10368. — Vid. CV 572.
3. pret. perf. fraco: *conquereu* 10203, 10209, 10350.

conquista i. é part. perf. pop. de *conquirere*: *quis'ta* de *quaes'ita*, em vez de *quæsīta*, por analogia com *pos'ita*; acto de conquistar 10189, 10191. No CV há às vezes o particípio analógico *conquerido*.

conselhado: aconselhado 1283 (*ser mal*—).

conselhador: aconselhador, conselheiro 1247, 1352 (*ser bon*—); 5616 (*fazer-se—de alg.*).

conselhar: aconselhar 1248, 1225 (3 pres. ind. *conselha*); 1287 (3 pret. perf. *conselhou* alg. c. a alg.); 1583 (*conselhar-se*), 1584 *conselhar-m'á*; 1722 (*non saber conselhar-se*).

conselho (*consiliu*): aviso, auxílio espiritual, remédio (3207); *sen*—244.
achar—2906.
aver—247, 2849, 6804, 9104.
dar—1278, 1324, 1351, 1664, 1872.
filhar—1679, 3042, 4195.
põer—91, 2894, 4194.
prender—186, 1313, 1581, 1961, 5618.
non se saber—249, 3034, 3205.

consentir: permitir, tolerar 338 (verso que fica compreensível sòmente se lermos *ben que vus quer' e consentir'*); 675, 1605, 3582, 7729, 7731 (—alg. c. a alg.); 463 (—en alg. c., verso para emenda do qual proponho *nen quer en* (por *eu*) *ela consentir quanto mal me faz*.

consigo (*cum*+*secum*, influido por *si*): 9917, 10249. Cfr. **sigo.**

conta: contagem, cálculo 5692 (*non aver*—) no sentido de *não ter fim.*

contar (*computare*): narrar 5495 8451, 9093, 9888, 10189 (*contarei*); 10932 (de alg. c.); 5689 (1 pres. ind., na grafia extravagante *cuncto*).

contece (*cont(ig)escit* em vez de *contingescit* que por dissimilação perdeu o segundo *n*): acontece, 5547. Do pret. perf. *contigit*, tirou-se a forma simplificada *contigere*, que em castelhano deu *cuntir*, com *cuntió*, *cuntido*; *conteu* e *contiu* nas *Cantigas de Santa Maria.*

contenda (*contenta* de *contendere*): disputa, altercação 7761, *sen*—, no sentido de *sem hesitação, sem dúvida.*

contigo (*cum*+*tecum*, influido por *ti*) 10031, 10045. — Cfr. **consigo, conmigo.**

contra: de encontro a, em oposição a 255, 995 (*valer*—) 9613; 7389 (no sentido de *para com, com relação a.*

contrairo (*contrariu*). Este adj. substantivado foi introduzido habilmente por O. Nobiling no último verso da interessante mas difícil Cant. N.º 429. No códice CB há *Ca derrey* e três senhas das quais a última parece ser *Jesus*. Eu tentei interpretá-las por *ca guerr'ei contra Jesus*—*ca derradeir'é Jesus*—*ca errei contra Jesus.* O malogrado professor de S. Paulo achou preferível *ca terrei o contrairo.* Verdade é todavia que eu consideraria como *contrairo* de Deus, ao *demonio*, e não ao «entendedor» da «dona de ordem». E depois as letras e três senhas, das quais a ultima parece ser *Jesus*, onde ficam na restauração proposta?

conven: 3. pres. ind. de **convīir**, no sentido moderno de *é conveniente, serve, quadra*; 2808, 4062, 4196, 5897, 5899; 6955 (*a morrer mi*—); 7598 (*de soffrer mi*—). Seguido de *que* e subjuntivo 7759, 9748 (—*que o faça*).

converrá: 3. fut. de *convīir* 1404.

convin: 1. pret. perf. de *convīir* (*convenire*), combinar 7910 (*u lhi convin oera de tornar*). Cfr. **aconvir.**

convosco (*cum*+*voscum* por *vobis-*

cum): para com vos, 2719 (*convosqu'*) 4099 v., 7388, 7442, 6278 com vosso auxílio.

convusco: 450, 591, 914, 2821, 3775, 4099 v., 4963.

cor (**cor** n.): coração, 366, 7510; vontade, desejo 7084, 7355; *aver en*— 7594; *têer en*— 7592, ter vontade, tencionar. Curioso é o emprego da palavra nos versos de Guilhade (ed. Nobiling, v. 535 *que non ei o cor comigo*, no sentido de *consciencia*, *conhecimento de si*, que subsiste em *acordar-se*, *recordar-re*, *desacordado*.

coraçon: coração. A meu ver aumentativo do já aumentado * **coraço**, de onde proveio *coraçudo* e por metátese das vogais *caroço*; (cfr. *descorçoado*): 7, 26, 61, 88, 215, 217, 757, (*de* —); 6883 (*seer de pobre*—, i. é pusilánime); 425 *têer o* —*en alg. c.* i. é desejá-la. Na grafia, aliás rara, *curaçon* (m.)—rara se compararmos os casos com as centenas em que ha *coraçon*—vejo a redução de *o* átono a *u*, freqüente já nos documentos mais arcaicos. —No CV notei *curaçon* nas Cantigas 27, 212, 222, 523, 930, *coraçon* nas 114, 211, 216, 217, 225, 230, 256, 258, etc., etc.

cordo (fórma regressiva ou deglutinada de **cordato**): sensato; contranome de **sandeu** 9934. Cfr. CM 79; CB 1577,8; P. M. H. *Scriptores* p. 244; *Graal* p. 116 *cordos e sandeus*.

cordura (derivado de *cordo*), juizo, prudencia, senso comum, 820, 7282, (*faser*—); 9934 (*diser*—). Cfr. CM 15,16.

corpo (**corpus** n.): parte material do homem e do animal, 6456 (*senhor do—delgado*); vida 2940, 5430, 9127, 9142, 9889 (*perder o*—); 2526, 7258 (*tolher o—a alg.*); danificá-lo, aleijá-lo (alemão: *einen Leibesschaden zufügen*); 8334 (*perda do*—). No CB 1505,18 e 21, ha *aventurar o corpo*.—No sentido de *pessoa* o termo era muito usado na península, tanto em textos épicos como em composições líricas. Nos textos relativos aos *Infantes de Lara* ocorre *cuerpo tan bueno*, *tan leal*, *tan sabido*, *muy entendido*, *sabedor*.

correa (**corrigia**): correia, tira de coiro; coisa de ínfimo valor, 976 (*alfaya nunca de vos ouve, nen ei valia d'ũa correa*).

correger (**corrigere**): emendar-se 6700 (*non corregerá*).

corte (**cohorte**): residência do rei, paço real 6261 (*morar a la corte*).

coteife: peão, vilão 10054; talvez soldado vestido de cota.—Vid. *Zeitschrift* XX, p. 215, *Randglosse* I.— CV 74 e 994, CB 464, CM 22 e 194.

couce (**calce**): pancada dada com o calcanhar 10048, 10056, 10061.

cousa (**causa**): sinónimo na linguagem arcaica de **ren**, cousa, refere-se ora a objectos 39, 65, 229, 238, ora a pessoas: 41 (*nulha cousa=nada*); 101 (*sempre a ja mais amarei d'outra cousa*); 69 (*nulha cousa*), 7013 (*cousa que sei*).

cousecer: considerar e julgar criteriosamente; repreender 6725, 9720 (*alg. de alg. c.*). Incoativo de **cousir**, usado p. ex. no CV 225, CB 372.

cousidor: escolhedor criterioso, censurador 6729.

cousimento: critério, procedimento criterioso 818, 6270, 7742, 7773, 8813; juizo e discrição 821, 8969 (—*e mesura*); 9013 (*prender—de alg. c.*).—Vid. CV 650; CB 36, 38, 111, 118, 119, 165, 563, 1032.

cousir: (do germ. *kausjan*, hoje *erkiesen* e *küren*, em *Kurfürst*, ingl. *to choose*, franc. *choisir*) ver distinguindo; escolher depois de exame criterioso 8871; repreender 675; aconselhar 1595 (*cousirá*).—Vid. CD. 2433, CV 194, 336, 439, 496, 511, 536, 576, 599, 727.

* **cousselha**: variante de *conselha*—

aconselha, contida no CB 1225. À vista de *coucelo* por *conchelo* (crassulácea dos telhados e muros cujas folhas parecem conchinhas chatas) a evolução popular de *conselha* para *cosselha* não é impossível. Mas um exemplo só não é contudo documentação suficiente. — D. Ramon Menendez Pidal considera *cosseiar* no *Poema del Cid* como êrro por *conseeiar*.

coyrmãa (**con** + **germana**): prima coirmã, na epígrafe da Cant. N.° 359. Cast. *cormana*. Vid. **abadessa**.

crecer: aumentar em altura, volume ou numero, 8409, 9766; 552 (*crece*), 1642 (*crecerá*).

creer (**credere**): crer, acreditar, ter fé em alg. ou alg. c.; 485, 10271.
pres. ind. *creo* 123, 230.
pret. perf. *crive* (* credui) 9245.
conj. *crevesse* 1548; *crever* CV 958, 1188; *creverdes* CV 421 e 1190.
1 fut. *creerei* 9233.
6 fut. *creeran* 1946.
part. pas. *creudo* 489.

cruz (**cruce**) 9234.

cuidar: variante de **cuidar**, pensar, julgar 120, 162, 1186, 4692, 4693, 8818, 8955, 8957, 8960; seguido de infinitivo sem preposição 359, 360, 4690, 9857; seguido de infinitivo com *a* 1174, 4984, 4995, 6676, 7674, 9791, 9931; cuidar en alg. ou alg. c. 1140, 2573, 9856; 2.) estar cuidoso, triste, meditabundo, scismar 9852 (*caliv' e sempre cuidarei!*) 9855 (*que já per cuidar morrerei*).

cuidar-se: julgar, imaginar 8948.

cuidar n.: parecer, opinião 237, 1140, 1281, 1671, 1974, 2890, 6880, 7036, 8744, 9333 (*a meu*—); 9142 (*quant'é meu*—); 665 (*segund'agora meu*—); 2) meditar, scismar 398, 1188.

* **cuidava**. No verso 8960, deturpado no original, e mal emendado por mim, devemos ler, ligando-o ao que precede:

E fazia direito, ca non al,
en non cuidar que me vêesse mal.

cuido n.: scisma 8818 (*mil cuidos ... cuidei*).

cuita: variante de **coita**, angústia, pena, mágoa, 20, 27, 42, 46, 87, 109, 117, 138, 170, 184, 187, 216, 522; *cuita e coidado* 845; *cuita d'amor* 15, 976; *levar cuita* 42.

* **cuitando**: 8850. Também esse verso, defeituoso no original e mal interpretado por mim, deve ler-se ligado ao anterior do modo seguinte:

Por quantas vezes m'ela fez chorar
con seus desejos, [e] *cuita d'andar.*

Já o deixei dito s. v. **coitando**.

cuitado: angustiado, desconsolado 89, 843 (*cativ' e cuitado*); 2297.

cuitar: atormentar 160 (*cuitades*).

cuitar-se: afligir-se 239.

culpa: pecado 2336, 3110 (*aver*—); 182, 1589, 3783, 8088, 9847 (*põer*—).

cuncto. Vid. **contar**.

cura: cuidado 9942 (*aver — de alg. c.*).

custa: despesa 10202.

custar (**constare**): causar despesas 951, 3143.

Ch

Ch'a por **t'ja** (**tibi illam**): 6138, 6143.

chal vid. **cal**, **enchal**: 3659. No *Graal* ha *non mim chal* a f. 105 e 167 v.; *nom vos enchal* 114 e 187; *nem mi chal* 175v.

chamar (**clamare**): 1) nomear, qualificar de (alemão *heissen*, *nennen*) 1774, 4510, 5419, 5424 (*chamar alg. senhor*); 6943 (—*alg. desleal*); epígrafe da Cant. n.° 311 (*chamam Ingraterra à Bretanha*); 8986 (*chamar-se mesela*); 2) dizer o nome de alg. para que venha; 3) invocar 4576, 8410 (—*Deus*); 4) chamar pera si, levar desse mundo fora 10322.

che / **chi** Formas abstraídas de *ch'a* e *ch'o*; isto é de *t'j*, ligado a *illa*, *illo* 6138.

chegar ***(plicare)***: atingir o lugar para o qual se estava a caminho 9542.
3 pres. ind. *chega* 656.
1 pret. perf. *cheguei* 6890.
3 pret. perf. *chegou* 3289, 6973.
3 fut. conj. *chegar'* 9363.
chegar alg. a morte 4679.

chegar-se a alg.: aproximar-se dêle 6878, 6890.

Chora: s. m., alcunha de um personagem que seguramente chorava com facilidade (alemão *Weinerich*, *Greiner*), 8383, 8391, 8399.

chorar ***(plorare)***: verter lágrimas 5191, 8713, 8849, 8987.
1 pres. ind. *choro* 5473, 9222.
5 » » *chorades* 978, 981.
5 pres. conj. *choredes* 980.
3 cond. *choraria* 8839.
5 pret. perf. *chorastes* 9395.
part. pres. *chorando* 2491, 2982, 5192, 5470, 9389.

Completado com a locução *dêstes olhos meus*, aparece nos versos 4104, 4575. Cfr. 4533.

chufador: (da onomatopeia **chuf**, influida por **sufflare**) zombeteiro, mentiroso. Na epígrafe da Cant. N.º 395.

chus ***(plus)***: mais, por mais tempo, outra vez 6996 (*ja eu—no'-no negarei*); 7002 (*non vol'-la ei-a dizer*); 7004 (*ja—seu nome non direi*). 2) em gráu superior 947 (*pero nunca vistes molher nunca—pouc(o) algo fazer*).

D

Da: contracção da preposição *de* com o artigo definido f. *a*: 488, 866, 3719, 5766, 6493, etc. Cfr. **de**.

dança, baile: 6928, 6935 (*fazer—*).

dançar (talvez do germ. **danson**, puxar) bailar: 6926, 6932, 6938 (*dançamos*), 6980 (*dancemos*).

dano ***(damnu)***: prejuizo 1279 (*têer—*); 3751 (*fazer—*).

dar ***(dare)***: fazer presente de, entregar: 119, 166, 222, 474.
3 pres. ind. *dá* 98, 475, 550.
5 » » *dades* 977, 1383.
3 pres. conj. *dé dê* 80, 210, 440, 2179.

Hoje dizemos *dê* por analogia com *dês*. Mas a prova de que os antigos diziam *dé* (correctamente, visto que o modêlo latino é *dĕt*) temo'-la, como de resto já foi alegado por Nobiling (*Guilhade* 325) na rima com *fé é* (CV 479,10, 541,14, 1036,16; CM 177,1). D. Denis já rimava *dê* com *quê* 1642 e 2250, o que prova a antiguidade da alteração do timbre de *é*.
3 pret. perf. forte *deu* (6378 e epígrafe da Cant. N.º 359).
3 pret. perf. fraco *dou* (*davit*) 7146. Cfr. CM 314,12.

A par dessas duas formas havia na linguagem arcaica o representante fonético de *dedit dei*. Todavia apenas posso apontar um exemplo do *Graal* f. 79:
3 pret. conj. *desse* 167.
3 fut. conj. *der'* 135, 1559; (*dar coita a alg.*); 6377, 1383 (*dar pouco por alg.*, tê-lo em pouca conta); 5117 (*non dar ren por alg. c.*, desprezá-la); 9835 (*non me podia dar o coraçon de ficar i*, não sofria, não aturava).

das: contracção da preposição *de* com o art. def. f. pl. 8706, 8717, 8724, 8725, etc.

de: preposição cujas primordiais funções são indicar o genetivo: posse e propriedade; afastamento e separação; já muito usada no latim posterior, e no vulgar. Em português arcaico ha exemplos de todos os empregos modernos, e de mais alguns hoje abandonados.

Regem *de* p. ex. os verbos seguintes:
atender (246).

conselhar (1225).
convir (7598 *conven-mi de sofrer*).
cousir (1595 *quen me cousirá d'aqui morar*).
cuidar (824, 1174).
descobrir 7986 (*— vus ei d'un voss' entendedor* = quanto a).
desejar (2341).
forçar (736).
recear (373).
valer (2504 *mais me valvera de morrer*).

O mesmo vale das fórmulas:
aver razon (573 *avedes razon... de m'este mal fazer*).
fazer mal sen (1758 *faço mal sen de vus amar*).
fazer melhor (584 *fariades melhor... de m'alongar*).
fazer pesar (320 *faço vus mui gran pesar de que vus sei tan muit' amar*).

dê': forma abreviada de **dês** (*q. v.*) por assimilação da sibilante final à líquida inicial do artigo *lo*, *la*, *los*, *las*.

deante *(de+ante)*: diante 5675 (*d'aqui en deante*).

decer *(decidere)*: ir para baixo, mover-se de cima para baixo: 9772 (como contranome de *poiar*, subir, montar); castelhano arcaico *decir*. Vid. *Cid* 1756, 1394 (*diciendo del cavallo*); CM 191,4 e duzias de vezes. Na segunda época da literatura aparece grafado com *sc*, por analogia com *conhoscer*, *crescer*, *nascer*, *escaescer*, *esmorescer*, que pela sua vez foram influídos pelas primeiras pessoas do pres. ind. antigo *conhosco esmoresco*. Quanto a *descer* pode ser também que o sinónimo *descender* actuasse nele.

defender *(defendere)*: 1) proteger, amparar 8977; 384, 508 (*de morte*); 7754 *tanto Deus non me defenda*; 2634 *non me poss'eu defender que me non mate ced'o voss' amor*; 2) proïbir 9348 (*defende... que non vaa*) e na epígrafe da Cantiga N.º 315 (*defendeo*).

defender-se: preservar-se 476.

deffenson *(defensione)*: defesa, protecção, salvação, 6952, 9071 (*non aver — a alg. c.*).

deferença *(differentia)*: distinção; consideração, exemplo 4520 (*filhar — de alg.* = tomar exemplo dela).

deitar *(delectare)*: lançar fora; expulsar; expatriar 8989 (*— a Castela*).

deitar-se: meter-se na cama 4757, 7242.

del, d'el: contracção da preposição *de* com o pronome pessoal 3 m., o qual em português arcaico era mais vezes *el* do que *ele* 89, 250, 284, 287, 289, 8441, 9228, 9839.

dela, d'ela: contracção da preposição *de* com o pron. pess. 3 f.: 14, 184, 461, etc.

dê' la: contracção da prep. **dês** (q. v.) com o art. def. f.: 57, 95 (*dê-la sazon*), etc.

deles d'eles: 515, etc.

delgado *(delicatu)*: fininho, esbelto, elegante 6456 (*senhor do corpo —*).

dê'-lo: contracção da prep. composta **dês**, com o art. def. m.: 2153 (*dê'-lo dia*), 5943, 7551.

demais *(de + magis)*: além disso: 65, 3769, 4836, 5490, 6404, 6426; demasiado, muitíssimo 4769.

* **demandado**: exigido, reclamado. — É no verso 7738 que poderiamos conservar a lição do CB (*ca coydo m'eu demandad' é*), segundo o parecer de O. Nobiling. Mas como nesse estado ficasse sem rimar com o inicial da estrofe segunda — conforme exige o esquema — entendo que a minha emenda (*— de demandar*) é preferível. — Em ambos os casos, a linguagem é retorcida e artificiosa.

demandar *(demandare)*: 1) exigir, reclamar: 5291, 7738, 5290 (*demandei*); 7737 (*demandarei*); 9345, 9712, 6415 e seg. (*que a vo-lo demande meu linhage*); 2) pergun-

tar 7112 (*—por*), 9938; 3) procurar 7235.

demo (greco-lat. **daemon**): demónio, diabo: 2056 (*—lev'*); 9570; 2297 (*que—*); 6065 e seg. (*ao—comend' Amor*; cfr. 6856); 6836 (*o—d'Amor*). —Vid. CM 96,3, 192,6, 270,2, etc.— O plural *demões*, usado nas *Cantigas de Santa Maria* (26,8, e 11), na *Crónica dos Frades Menores*, I, 82, 83, 195; *Barl. e Jos.* pág. 37, prova que houve a princípio o singular *demon*.

demorar ***(demorare)***: ficar, permanecer 6968, 6970.

dẽostar por **deõstar** ***(de+honestare)***: doestar (cast. *denostar* com o nome postverbal *denuesto*) *injuriar* com palavras más 7288, 10063.

departir ***(departire)***: 1) falar, conversar 10320 (verso em que temos de ler com O. Nobiling *sempr' averá que departir*, conforme já ficou dito no artigo *averá*). Cfr. CV 826,48, 998,8, 1032,23 e *Cid* 2729, onde significa *falar mal*, *censurar*, *murmurar;* 2) distinguir, diferençar 8874, 8869 (*departistes*).

depois ***(de + post)***: posteriormente 904, 1447, 3991 v.; 9665 (*depoi'-lo*). Cfr. **despois.**

dereito ***(directu)***: justiça, razão, 1347, 1348, 1349; 5427 (*—é*); 4711 e seg.; 5170, 8079 (*é—*, seg. de infin. com *de*) 112; (*aver—*); 1347 (*fazer—*); 3304 (*filhar*—de alg.); 3113, 5419 (*con—*).

des ***(de+ex)***: desde, a partir de... Vid. *dê-la, dê-lo*.

aqui 978, 6005, 6813.

enton 1265, 6238, 6367, 6368.

i (ibi) 1759, 6236.

oimais 3458.

ogemais 5993.

quando, seguido de pret. perf. =*desde que* 853, 1717, 6494, 7156; seguido de conj. fut. *logo que* 702; de pres. ind. 3168.

quanto 9660 v., onde preferi e ainda hoje prefiro substituir o *de quanto* do texto por *desquando*.

que 286, 363, 753. 2173, 4838.

des: forma condensada de **Deus,** freqüente apenas nos apógrafos italianos, ocorre uma única vez no CA, 4851—razão por que considero essa lição como lapso e a substitui por *De*[*u*]*s*.—Nos versos 10264, 10281 e seg., 10294 e 96, provenientes dos apógrafos italianos, claro que poderia ter conservado aquela forma, vulgar ou dialectal e a fórmula *pardês*.—Vid. *ê* por *eu* em pret. perf. 3 da 2.ª conj.

desaconselhado: sem conselho 257, 2074, 6428.

desacordar: alg. c., esquecê-la 4342.

desafiado ***(dis-a-fidatu)***: provocado para duelo 8994. Cfr. **disfiar.**

desamar: ter ódio a alg., 81, 1327, 1862, 6372, 6737, 7214, 7876.

desamor: ódio 344, 750, 3148, 8641.

desamparar ***(dis+imparare)***:— abandonar 260, 844, 1082.

5 pres. ind.—*desamparades* 1169, 6422.

3 pres. conj.—*desampar* (forma fonética) 6386; *desampare* (forma analógica) 6424.

3 pret. perf.—*desamparou* 6387.

Cfr. **desemparado.**

desasperado **(desperatu)**: desesperado 250.

desaventura ***(dis+ad-ventura)***: desventura, desgraça, 6758.

desaventurado: desastrado, infeliz: 267, 2064, 4665 (*mal—*).

descobrir (***dis*** **+ coperire**): revelar 668; indicar 7015; expôr 7986 (*e —vus ei d'un voss' entendedor*).

descomunal: extraordinário, anormal 6950.

desconortado: desanimado, desconsolado 8722.

descordo: (prov. **descortz** de **discordium;** ou subs. post. verbal de **discordare),** desacordo, género de poesia trovadoresca em

que há discordância entre a forma e o espírito, como no nosso N.° 389: 8769. Vid. C. Appel, *Vom Descort*, em *Zeitschrift* XI p. 210-230, e sobretudo H. R. Lang, *The Descort in Old Portuguese and Spanish Poetry*, Halle 1899.

desden (por *desdenh*, como *escol* por *escolh*, subst. postverbal tirado de desdenhar (**des + *dignare***): desprezo; 5695 *s'é en desden* = se está indignado), 645, 4039, 4031, 6450 (*têer en—*); 2382 (*trager en—*).

desdizer (***dis + dicere***): desmentir, 7856 (alg. c. a alg.).

desejar (***dēsidiare*** por ***dissidiare*** que nos deu *dessejar* e aos castelhanos *dessear*): apetecer, ambicionar, cubiçar 278, 362, 545, 685, 2328, 8645.

1 pres. ind. *deseg'eu* 1609.
6 pres. ind. *desejan* 856, 859.
1 pret. perf. *desejei* 59, 5886.
1 fut. *desejarei* 61.
part. pres. *desejando* 692, 863.

desejo (***desīdiu***): aspiração da alma a algum bem 1078, 8850.

desemparado: sem arrimo 4519, 8976, 9825.

desemparar: deixar de amparar 7200.

desenganar (***dis+ingannare***): tirar de ilusões, desiludir 2214, 3138, 8694.

* **desengando**. Embora a forma *gando* de *gãado ganado* não seria inacreditável, tenho o termo por êrro de escrita e leio *de seu bando*, conforme ficou dito no artigo **bando**.

desfiar (***disfīdare***): desafiar 8988.

desguisado (contranome de *guisado*): impróprio, inconveniente 3874, 3884, 4661, 9439.

desjuigado (***dis-judicatu***): desjuizado, desvairado, sem juízo, desatinado. É assim que hoje leio o adj. (de cinco, respectivamente quatro, sílabas) do verso 2121 no trecho seguinte:

pois me por ela tan gran cuita ven
que ben mil vezes no dia me ten,
meus amigos, **desjuigad'** *assi*
que niun sen nen sentido non ei.

Particípio de **desjuigar**, contranome de **juigar**, representante muito usado no primeiro período da literatura, de **judicare**. S. Rosa de Viterbo registou-o no seu *Elucidario*. Nas *Cantigas de S. Maria* ocorre pelo menos em nove passos (1,6; 11,5; 26 Estrib.; 50,1; 75,27; 213,8; 346,1; 360,1) com grafias variadas em que o *j* inicial é em regra representado por *i*; a vogal imediata ora por *o*, ora por *u*, guarnecido ou não de trema (pelo editor, bem se vê) e o segundo *i* ás vezes por *y*: *iöigar*, *iüigar*, *joigar*, *iöygar*, *iüygar*. Na contagem das sílabas o pres. ind. 3 conta por tres, e rima com *amiga*, *diga* sendo portanto *ju-i-ga* (75,27 e 304,11). Assim mesmo ha *ju-i-ga-va* (346) e *ju-i-gar* (50). Mas *jui-gar* (1 e 26) e *jui-ga-do* (11 e 213). — O discreto e paciente compare êste artiguito com os que dizem respeito a *desmayado*, *desmygado*, *desmiungado*, *desjuizado*, *desviingado* para ficar conhecendo as erradas interpretações a que os quatro traços verticais de *u* e dois *ii* (sem ponto por cima) deram lugar.

* **desjuizado**. Reconhecendo que o objectivo em questão devia ser sinónimo de *mentecapto* é que O. Nobiling quis introduzir no verso 2121 êsse modernismo (usado por J. Franco Barreto na *Eneida*, I, 78). E foi essa sua muito sensata proposta que me abriu os olhos, reveolando-me que os traços verticais significavam *iui*.

desleal (***dis + legale***): falso, aleivoso, traidor: 6943, 10217.

* **desmayado**. É o adjectivo que F Diez pretendeu pôr em lugar d

desmygado de Varnhagen (*Kunst und Hofpoesie*, pág. 125).

desmentido: part. pass. de **desmentir**, desdizer 3965.

desmesura: falta de cortesia, indiscrição 6629.

* **desmygado.** É a lição que Varnhagen (*Trovas e Cantares*, pág. 202) adoptou para o verso 2121, dando-lhe o sentido de *desamistado*. No CB 178 transcreveram também os traços verticais por *my* (*desmygadassy*).

* **desmyungado.** Lição de H. R. Lang *Zeitschrift*, XXXII, p. 155) que julga ver nessa forma o moderno *minguado* com *des* reforçativo.

despagado (*dis*+*pacatu*): desgostado, descontente 1089, 8718.

despagar-se (de alg.): ficar descontente com alg. 7997.

despender (**dispendere**): gastar 8734 (*—seus dias*).

despois (**de ex post**): posteriormente 2069, 3565.

desprazer (**displacere**): desagradar 6690 (*despraz, 3* ind. pres.).

dessinar (**dis + signare**): desenhar (por **dē + signare**) 7012. Nas CM 269,4 significa: falar por sinais.

destorvar (**dis + turbare**): estorvar (**ex + turbare**) embaraçar, impedir, desviar 1181, 2599 (alg. de alg. c.); 6388, 6389. Cfr. **estorvar.**

* **desvlingado.** Assim tentara eu interpretar o particípio, com função de adjectivo do verso 2121, imaginando que o arcaico *viingar* (de *vindicare*) reforçado por *des* (como em *desinfeliz, desinquieto, desquitar, desabandonar, desnuu*) poderia ter o significado de *punir, castigar, vingar-se* em alguém.

detẽer (**de + tinere**): 1) detêr, reter 1666 (*deten-se-me*); 7051 (*deterrei*); 7061 (*deterria*); 7046 (*non me detenhades*). 2) impedir (seguido de *que* e conj. com negação) 5223 (*mais ar direi vus o que me deten que non per moira*).

Deu', deu', *Deus*, com assimilação do *s* final a um *l* imediato, quer de artigo, quer de pronome em fórmulas como *Deu'lo sabe*: 59, 268, 295, 339, 446, 447, 490, 524, 715, 774, 1939, 2680, 8444.

Deus 1.): Deus-pai (*Gottvater*). Ocorre infinitas vezes, escrito com todas as letras, ou com abreviatura. Nunca *deos*. — Cfr. **Des.**

Invocações: *Deus!* 490, 7065; *Senhor D.* 7861; *D. senhor* 7913; *D. meu senhor* 1; *Nostro Senhor* — 10212.

Juramentos: *Par D.* (*bei Gott*) 54, 318, 951; *ay D.* 1639; *por D.* (*um Gottes willen*) 49, 251, 343, 348, 601, 629, 638; *por D. Senhor* 581; *pol'amor de D.* 226, 9859; *se quiser D.* 225; *se D. quiser* 8490;

Suplicas: *D. me valha* 8540.
D. non me valha 5869.
D. non m'én dê o poder 8492.
D. non me dê de vos grado 829.
D. morrer me leix' 8506.
Non me dê D. de vos ben 2426, 2482.
non me dê D. d'ela ben 2614.
nunca me dê D. ben d'ela 8406.
mal me venha de vos e de D. 2786.
tanto D. non me defenda 7754.
assi D. m'ampar 8970.
assi D. me perdon 9795 (*mi*), 9118.
assi me valha D. 2466.
assi D. me veja 9437.
assi D. me leixe cedo tornar 7812.
que' D. vus perdon 5129.
se D. me valha 188, 10053.
se me valha D. 2465.
se D. me salve 4956.
se D. a mi perdon 2657, 9782, 9853.
se D. vus perdon 10022.
se D. me leixe ben aver 202, 4616, 8508.
se D. vus leixe cedo viir 10029.
se D. non me perdon, nen me dê nunca de vós ben 2796.
si D. de mal m'ampar 2378.
si D. me perdon 2588, 2694.
si D. me leixe ben aver 2653.
XX a que Deus perdon 10244.

Acompanhado de fórmulas expletivas, relativas.
D. que pod'a verdade saber 4392.
N. S. que á mui gran poder 4386.
D. que pod'e val 4086, 4100.
D. que vus fez nacer 8185.
D. que o pode salvar 10296.
D. que o mund'e vos en poder ten 4101 (cfr. 6917).

Deus 2): Deus filho, Jesus Cristo 9201, 9225, 10206, 10268 e 10294 (*o que pres mort'e paixon*).

devedor (**debitore**): s. 1241; adj. 7935.

dever (**debere**). No CA ocorre exclusivamente como auxiliar; acompanhado de infinitivo puro, ou em regra com *a*.

1.) Com inf. puro: 182, 347, 818, 1024, 2175, 3127, 6984.

2.) Com *a*: 121, 123, 261, 266, 337, 664, 777, 916, 1030, 1043, 1100, 1180, 7724, 7916, etc., etc.

3.) Com *de* há um exemplo no CD 304.

1 pres. ind. *dêvo* (de *deivo*>*debeo*) 916, 1675, 1858.
3 *déve*, 121, 123, 261, 664, 777, 794, 1100, 1180.
5 *devedes* 182, 337, 1208, 1367, 1485.
1 imperf. *devia* 1030, 1043, 7724.
5 *deviades* 826, 3127.
1 pert perf. *devi* 9519.
3 conj. *devesse* 4055.
6 condic. *deverian* 9919.

Registei a forma *devi*, por meio da qual Lang quer restaurar o fim deturpado da cantiga n.º 422. Mas não estou persuadida de êle ter acertado, lendo *d'u eu nunca partir devi*. Acho preferível a ideia de Nobiling que, julgando falta o penúltimo verso, e não o último da estrofe, propõe a leitura seguinte:

ca muitas vezes perdi sen,
e perdi sono, e perdi ben
cativo! porque m'en parti!

dezia. Vid. **dizer**.

deziam. Vid. **dizer**.

dia (**dies**): espaço de vinte e quatro horas; tempo que decorre entre o nascer e pôr do sol, 551, 968, 2568, 6354, 10210; 2120 (*mil vezes no dia*); 10219 (*en un dia*); 1001, 10206 (*aquel—*); 9542 (*esse—*); 2533 (*aquele—*); (*vossos dias*); 1566 (*noutro dia*); 6142 (*non á dous dias*).

bon-dia: dia de bom agoiro; 6353 (*nado*), 6362 (*nada*).

mal-dia: 1) dia aziago 227 (*nado*), 314, 1161, 1973, 2037, 2165, 3802, 4975; 2) desgraça 1980, 2152, 2165, 3816, 6963 (*a que por meu—vi*); 3) locução adverbial, desgraçadamente 3799 (*—non morri enton*); 7209 (*e—eu enton non morri*).

mao-dia 966.—Cfr. **grave dia**.

* **diré** 927 e 2107. Provavelmente lapso de pena, ou hespanholismo, e não condensação dialectal de *ei* em *e*, visto que não ocorre senão uma vez, ou duas vezes.

dizer (**dicere**): 1) proferir palavras, falar: 37, 154, 165, 196, 912, 1611, 1616, 3819, 7363, 8486, 9236; 2) em oposição a *cantar* 7207, 8922; 3) chamar 2676 (*—senhor*).

1 pres. ind. *digo* 181, 3742, 7359.
3 » » *diz* 5483, 7358. Epígr. de N.º 394.
5 » » *dizedes* 5513.
6 » » *dizen* 5414, 5509, 8681.
1 pres. conj. *diga* 9997.
2 » » *digas* 7366, 7367, 7378, 7379.
3 » » *diga* 8940.
5 » » *digades* 1165, 8723.
2 pl. imper. *dizede* 256.
1 imper. *dezia* Epígr. da Cant. N.º 395.
dizia 3724.
6 *dezian* 6889.
1 fut. *direi* 30, 65, 107, 204, 223, 577, 5420, 5653, 5673, 5916, 6464, 8616, 8627, etc.

3 fut. *dirá* **1619, 7873.**
5 » *diredes* **5329, 5335.**
6 » *diran* **8942.**
1 cond. *diria* **3757.**
3 » **5539.**
1 pret. perf. *dixi* 2510 v., 2518 v., 2543 v., 3071, 7866, 7891.
dixe 47, 2512, 2518, 2543, 5310, 5443.
dix'eu 2510, 3791, 3800, 5445.
3 pret. perf. *disso* 5654, 5656.
disse 3029, 7889, 9642. Em lugar de *Et diss'end'ela* leia-se *E disse m'ela.*
5 pret. perf. *dissestes* 5505.
1 conj. fut. *disser'* 1480, 1619, 3600, 3890, 7174, 8470, 8598, 8653, 8670, 8941, 9814.
3 conj. fut. *disser'* 1406, 2768.
dixer' 3029 v., (variante que não registei no devido lugar).
1 m. q. p. conj. *dissesse* 5543, 6638, 9913.

Locuções 1619, 5329, 10245 *dizer de non*; 5559 (*— que non*); 1886, 2352, 2370, 2416, (*— de alg.*); 8595 (*aver a — de alg.*); 8690, 8723 (*— verdade*); 4354, 7481 (*— mui gran verdade*); 3819 (*non é de —*).

Há além disso uma extensa série de frases-bordões, usadas pelos trovadores, em que entra o futuro *direi, disser* ou *quero dizer*:

ainda vus al ren direi 3778;
ainda vus outra cousa direi 2659;
como eu vos direi 8385, 9086, 10214;
como vus direi 4772;
e outra cousa vos quero dizer 9236;
direi vus eu qual é 5402, 8407, 10232;
e al vus direi 8007, 8066, 8084, 9699;
ca ũa cousa vus direi 8228;
e direi vus eu al 9681;
e mais vus direi én 7484;
e mais vus én direi 6500, 6869, 9699 (cfr. 9086);
e mais vus direi já 7470;
e mais vus quero dizer 8090;
o que vus ar direi 8084;
pero direi vus al 4840;
polo que vus direi 9808, 10124;
qual vus eu direi já 5916;
polo que vus disser 9814;
quanto vus eu direi 9128.

diz que: diz-se que, dizem que. Epígr. da Cant. N.º 394.

do 1.): contracção da prep. *de* e do art. def. m. com funções de genitivo: 114, 134, 505, 547, 837, 864 933, 2567, 5487, (*d'o*); 2.) contracção da prep. *de* e do pronome pessoal demonstrativo 3 p. depois de comparativos: 207 (*guardar-m'ei d'aver mais ben do que og'ei*); 430 (*cuidei end'acabar mais do que vus quero dizer*); 694.

dõado. Cfr. **endõado.**

dõaire: graça, garbo, gentileza 8086 (no original sem til); 9085.—No *Graal* e na *Crónica Troiana* prevalece a forma primária **dõairo (donariu).**

dobrar (duplare): duplicar 9182 (*e dobrou-xi-m' a coita que avia*).

doer (dolere): lastimar 6819.

doer-se: de alg. ou de alg. c., ter pena e compaixão de alg. 29, 178, 1044, 1512, 5118, 5941.

3 pres. ind. *dol* 1494, 5941, 8586 (forma fonética).
5 pres. ind. *doedes* 6630.
3 pres. conj. *doya* 2333.
2 pl. imp. *doede* 51, 3124, 5631.
3 imperf. *doía* 2683 v.
1 fut. *doerei* 1505.
3 condic. *doeria* 2005.
doer-s'-ia 9228.
5 *doer-vus-iades* 3498.
3 pret. perf. *doeu* 9226.
3 conj. *doesse* 9228.

Doiro (*Duriu*): 1547.

doito (*doctu*), perito em, acostumado a, permanente 9522.

don (por **dõo** de *donu*): presente, dádiva 8943, 8946, 10286 (*dar—*).

don (forma abreviada, proclítica de **dono** (*dom'nu*)): empregada antes de nomes próprios de pessoas como título nobiliárquico, e uma vez antes de *Amor*, personificado 6960. Esses personagens são na maioria peninsulares:

Don Paay Moniz 970; *D. Martin Gil* 8377; *Don Andreu* 8902; *D. Soeiro* 8905; *D. Joan Perez da Maya*, Epígr. da cant. n.º 398; *D. Rodrigo Gomez*, Epígr. da cant. n.º 394. Bretões são *Don Ançaroth* (*L'ancelot* derivado de *ancillu*, na Epígr. da cant. n.º 315); e *Don Tristan*, na Epígr. da cant. n.º 313. Vid. *aquel*, *bel*, *cen*, *el*, *Roy*, *Tel*, *fi*, *gran*.

dona (*dom'na*): senhora, dama, mulher; em especial senhora casada, em oposição a *donzela* e *menina*, 78, 253, 547, 561, 981, 2073, 5418, 6191, 6194, 7980, 8418, 8424. No verso 10011, onde eu interpretara as letras deturpadas *oul'-dy* por *ousadia*, Nobiling propõe a leitura *outra dona*, que de facto completa muito bem o sentido. Leia-se portanto:

Irei veê-la e querrei falar
con outra dona, e mentr' ela calar
alhur, catarei ela logu' enton.

Como femenino de *don*, *dona* é empregado diante de nomes próprios como título nobiliárquico: 1542 (*dona' lvira*); 9005 (*dona Costança*); 8379 (*dona Orrac' Abril*); na Epígr. da cant. n.º 398 (*dona Elvira Annes*); n.º 398 (*dona Guyamar*); n.º 394 (*dona Mayor*).

donzela (*dom'nicilla*): menina solteira de nobre estirpe 8414, 8421, 8425, 8984; Epígr. das cant. n.ºs 312, 315 e 394.

doo (*dōlu*): compaixão, pena (influído quanto ao significado por **door** (*dolore*) e **doer** (*dolere*): 1498, 2938, 4253, 4898, 5639, 6016, 8662, 8838 (*aver—de alg.*); 57, 3468, 7747, 9034 (*prender—de alg.*).

Dordía (*Dorotea*): nome próprio f. 10087 v.

dos: contracção da preposição *de* e do art. def. m. pl. 746, 747, etc.

dormir (*dormire*): 9361.

1 pres. ind.	*dormio* (*dormho* nos apógrafos italianos) 6383, 6480.	
1 imperf.	*dormia* 9178.	
1 pret. perf.	*dormi* 6173, 6356, 9370.	
3 » »	*dormiu* 903.	
6 » »	*dormiron* 857.	
3 fut.	*dormirá* 9363, 9365, 9379.	
6 »	*dormiran* 858.	

dous (*duos*): dois 6142.

d'u (*de ubi*): donde 1072, 1073, 1550, 5136, 8966, 9831, 9973.

duas 3875, 8979.

duc (galicismo): duque, Epígr. da cant. n.º 311.

durar (*durare*): continuar a existir, permanecer vivo 1857, 3274, 7230, 9374:

3 ind. pres.	*dura* 7276.
1 fut.	*durarei* 7230.
3 »	*durará* 8673.
1 fut. conj.	*durar'* 9374.
2 pret. perf.	*durou* 10318.

E

E (*et*). A conjunção copulativa liga: 1) partes de uma oração 28, 50, 1075, 1078, 1082; 2) proposições coordenadas 20, 24, 58, 1071, 1073, 1182, 3550, 6886, 6890; 3) Era muito usado em princípio de orações independentes, começo de estrofe e

mesmo de cantigas (n.º 324): 1069, 1104, 2296, 2309, 3594, 4036, 4257, 4260, 6895, 6906, 7200, 7227, 9007. Também introduz orações subordinadas 1179, 6906; e às vezes a oração principal, depois de várias subordinadas (CV 830,10 e 895,4). Segue-se freqüentes vezes às fórmulas exclamativas e interrogatórias, exercendo quási a função de interjeição:

Ay eu coitad'! e porque vi 2081; 2453.

Mais eu cativo! e que receei 3076; 6959, 9852.

Nostro Senhor Deus! e porque neguei 3052.

Nostro Senhor! e ora que será? 3217; 3220, 9007, 9075.

Deus! e quand' ensandecerei? 2249.

Per boa fé, mia senhor, e sabiades 1328.

Em outros casos precede exclamações e preguntas p. ex. 7407 (*e par Deus*); 7227 (*e por Deus*); 227 (*e tan mal-dia naci!*); 9007 (*e como non morri*); 9011 (*e como não moiro*); 7214 (*e por quê me desamades?*); 7154 (*e que vus mereci?*). — Cfr. **ed, et**. — H. R. Lang classifica tais *ee* positivamente de interjeições. — Suponho que não eram surdos; iguais pelo contrário ao *ê* fechado de *eh! he!*

* **ed** (*et*): 7034, 7852, 8129. Visto êsses exemplos ocorrerem apenas nos apógrafos italianos, os tres são duvidosos. No verso 7852 aprovo a emenda de Nobiling que transforma *Ed Amor nunc' a ome leal vi* em *E d'Amor nunca s'ome loar vi.*

* **ê** como condensação do ditongo **eu**, quando êsse ditongo representa o latim **ego**, é suposição de H. R. Lang — possível, em vista do fenómeno que realmente se dá na 3 pret. perf. da 2.ª conjugação, mas ainda assim pouco provável, e não documentada.

é (*est*): 3 pres. ind. do verbo *ser* (q. v.) 25, 46, 47, 289, 306, 1131, etc.; freqüentes vezes empregado em frases onde hoje se diria *está:* 2693, 4572, 9995 *(u é mia senhor)*; 2698, 9974, *(u mia senhor é)*; 2904, 4265, 4272, 4578, 4695, 4700, 6957, 7888. — Quanto à êsse emprêgo confira-se **son, sodes, era, foi, fui**. Quanto à forma, **est, este**. **É** em vez de *es*, com queda regular do *t* final, é formação analógica, provocada pelo paralelismo entre *ser* e *haver:* temos *és, é,* porque tínhamos *ás, á* (de *hat,* pronúncia familiar de *habet).*

eiri (*heri*): ontem. No verso 8890, onde por um descuido lamentável substitui o belo arcaismo por *oj'*, devemos ler *como lhi-eiri oí falar.* — O êrro foi descoberto e rectificado por Lang.

eixalçar (*ex-altiare*): engrandecer 10255.

el (*ille*): 1) art. def. m. Diante do subst. *rei,* único com que aparece no CA, é espanhol (leonês) 8040, 8047.—Vid. CB 1507,5; *Graal* 12, 13, 39, etc.; *al rei* CB 1507,2.

2.) pron. pess. 3. m., muito mais usado do que **ele:** 79, 691, 1107, 1443, 1713, 6407, 6408, 6815, 6829, 6831, 7841, 7842, 8449, 8524, 9059. — Cfr. **del**.

3.) pron. demonstr. 7546 *(el que).*

ela (*illa*) pron. pess. f. 1) *nom:* 113, 597, 608, 611, 614, 616, 778; 2) *acc.* 7033; *dela* 14, 120, 184, 461; *a ela* 782, 952, 6994.

elas (*illas*): nom. 730, 736.

ele (*ille*): forma plena de *el;* 105, 10072.

eles pl. port. de *ele* 515, 855.

* **elevar** (*elevare*): exaltar, fazer subir 6802. Eu imprimi *a força de vus elevar* e interpretei *com o fim de vus fazer subir á força.* Nobiling lê *a força de vos, e levar* coordenando êsse infinitivo, como sinó-

nimo, com o do verso imediatamente anterior *u vos foron d'aqui filhar.* Ambas as construções são um tanto artificiosas. — Cfr. **força**.

embaratado: desperdiçado, desaproveitado 271 (precedido do adv. *mal).* Cfr. **baratar**.

emendar (**emendare**): 1) melhorar, aumentar em valor 6881; 2) recompensar 7766.

ementar (por **enmentar**, q. v.): mencionar, relembrar 1641, 2364.

emparado: protegido 5872.

emparar (**imparare**): amparar, proteger 5870 v.

emparar-se: defender-se 10052, 10058.

***empensado** 279. Como os antigos dissessem pensar *de* alg. c., e não *em* alg. c., será melhor lermos *e pero nunca foi én pensado* do que empensado. — Cfr. **pensar**.

empeorar: ir a peor 6701.

emperador (**imperatore**): 872, 3982, 8916, 10190.

empero (**inde+per hoc**): apesar de, ainda assim, não obstante: 3948, 4632, 5451, 10292 (onde também se poderia ler *e pero*). — Cfr. **pero**.

emprender com alg., (**im + prendere** por **prehendere**): entrar em bulha, numa emprêsa arriscada, 6300, 7759.

en (**in**): prep. 86 *(en este mund');* 240 *(en esta sazon);* 282 *(en esto sõo chegado);* 56 *(caer en prazer);* 150 *(sodes en preito);* 9812 *(praz-me muit' en morrer);* 2818 *(errar en alg.);* 3911 *(esforçar-se en);* 1786 *(estar en grand' afan);* 5840 *(escaecer en);* 3504 *(aver sabor en coidar);* 405 *(achar conselho en cuidar).* — Cfr. **eno, enos, 'n, no noutre, neste.**

en (**inde**)**:** forma abreviada de **ende**, equivalente do genitivo de um pronome demonstrativo neutro: *d'isto, d'isso, d'aquilo* (franc. *en).* Usado com verbos que regem o genitivo, como

dizer: 223 (*mais vus direi én*).

283 (*e inda vus mais direi én*).

enfadar 6784 (*se s'én non quer enfadar*).

escapar 1245 (*ben terrei eu que escapára én*).

escolher 8479, 8980.

guardar-se 132 (*mais quen s'én ben guardar quiser*).

quitar-se 163 (*poder ei... de me vus én quitar*).

prazer 712 (*en tal que a vos prouguess' én*).

rogar 625 (*Deus a que fui por én rogar*).

Cfr. **por én**, por esta razão, por êste motivo, por isso 72, 226, 555, 613, 1674, 1689, 1711, etc.

en cas de. Cfr. **cas**.

en como 1970, 3951, 9634 (verso em que devemos conservar a lição *en como vos direi*).

en guisa que: de modo que 242. — Cfr. **guisa**.

eno: contracção da prep. *en* com o artigo def. m. 26, 64, 88, 131. Cfr. **no**.

enos: contracção da prep. *en* com o art. def. m. pl. *los*, cuja inicial é assimilada à nasal 110, 129.

en quanto, enquanto: no tempo em que (seguido de fut. conj., exactamente como o sinónimo *mentre*) 11, 62, 76, 99, 142, 148, 323, 481, 701, 1186, 6859, etc. — *enquant' esto*, quanto a isto (o popular *canté*) 25.

én que: ainda que 4501.

en tal que: no caso que, sob condição que (seg. de conj.) 712, 10168. — Cfr. *por tal que* 10150.

entanto: adv., *no entretanto* 3946.

entanto como: enquanto, no tempo em que (seg. de fut. conj.) 40, 265, 941, 1311, 7734, 7775, 8546, 8993 (*entanto com' eu vivo for*); 8053 *(entanto com' eu viver');* seg. de pret. perf. 182 (*entanto com' eu pude*).

enader (**in + addere**)**:** cast. *añadir*, acrescentar 10169 (*enada*, 3 pres. conj.).

enamorar-se de alg., Epígr. da *Cant.* n.º 311.

enchál ***(inde calet).*** No verso 3659 *(mas de tod'esto ren m'enchal)* deixei ligados os dois elementos, na firme fé que a fórmula (com *ch*) nos veio prontinha de França, tal-qual da Mouraria recebemos por ex. *oxalá* (*insch'-allah*=*se quiser Deus*). Com o CA concorda o CM nos códices escurialenses, por ex. 235,15:

e do mal que lhes én venna
a mi mui pouco m' incal;

e o ms. vienense da *Demanda do Graal* f. 89, 114 e 187 *nom vos enchal.* Nele há todavia passos como *nom me chal* (94), *nom mim chal* (6), *nem mim chal* (105 e 175 v.).— Da origem já tratei s. v. **cal.**

encobrir ***(in+co'p'rire):*** ocultar 366, 792, 3598, 6993 (*a 'ncobrir*).

encobrir-se com alg.: disfarçar, dissimular 1837, 8730.

ende ***(inde).*** Indica lugar: *d'aí, d'aqui:* 10216 *(levar—);* razão e motivo: *por ende* 1575, 3077. Significa: a respeito disso 180, 355, 694, 3947. Acompanha verbos que regiam o genitivo em português arcaico, conforme já deixei dito s. v. **én:**

guardar 44 (*e o que m'ende guardar non puder*);
quitar 68, (*se m'end' ouvesse a quitar...*);
pesar 70 (*quitar m'end' ia o mui gran sabor*);
prazer 84, 210 (*se end' a vos prouguer'*);
recear 839 (*quant' end' eu receava*);
temer 833 (*quant' end' eu no coraçon temia*).

endõado ***(in + donatu):*** dado em dom, de graça; de balde, em vão, 6470, 7374, 9326. Em castelhano era usadíssimo todo o verbo *endonar*, dar de presente.

endurar ***(indurare):*** aturar, sofrer: 1650, 1696, 1896, 2470, 3615, 3665, 6805, 7054, 8671, 8856, 9320, 1874 *(grave d' —)*; 2763.

enfadado ***(infatuatu):*** aborrecido 4684 (*ir*—).

enfadar-se: aborrecer-se, agastar-se 3279, 6784 (de alg. c.).

enganado ***(ingannatu):*** iludido 4682 (*andar*—).

enganar: iludir, embair 635 v; 4502, 9931.

enganhar: por enganar 635. Lapso do escrevente espanhol.

enmentar ***(in + mentare):*** recordar, rememorar 8381, 1641 v.

ensandecer: perder o juizo, enlouquecer, endoidecer 2228, 2237, 2243, 5180, 9256;

1 pret. perf.		*ensandeci* 1890, 1930, 5161, 5192.
3 »	»	*ensandeceu* 901.
1 fut.		*ensandecerei* 2249, 5706.

Derivado de *sandeu, sandia* (cast. *sandio*), cuja proveniência quer de *sine-deo(s)*, quer de *san(cte) deu(s)*, freqüente na bôca de hebreus, quer do nome árabe da melancia *(sindija)*, ainda é discutida. Talvez corresponda a *insanitescere* e tenha por derivado o adjectivo indicado.

entençon ***(intentione):*** tenção, cantiga de contenda, dialogada 10032. Cfr. **tençon.**

entendedor: pretendente, amante declarado; namorado 4728, 7987.

entender ***(intendere):*** compreender, perceber 394, 673, 809, 3024 e 25; 6150 (*entenda*); 8832, 8835 (*entendedes*); reparar em alg. c. 4281, 4367;—*ũa cousa a alg.* notar nele alg. c. 6995; *en alg. c.* cuidar dela 10353; — *de alg. c.*, ter conhecimento dela 10225; 2) ser amante, pretendente de alg.; na epígrafe da Cantiga 359 (*en alg.*)

entendudo: perito, entendido 6149.

enton *(in + tunc)*: então, naquele tempo 723, 738, 1174, 1186, 1823, 2068, 4313, 6247. Epígr. da Cantiga N.º 311.

entonce *(in + tun + ce)* 6247, 6253 (cast. *estonce, estonces*).

* **entrameter-se** (de alg. c.) meter-se a fazer alg. c.; esforçar-se a fazer alg. c. 185. É leitura de Varnhagen, *Trovas* p. 76; (*Nen me soub'en deso entrameter*). Eu li **trameter** (*q. v.*), e o CB tem essa mesma forma.

entrar *(intrare)*: meter-se dentro: 540, 4523 (*— en poder de alg.*); 6893 (*— en prez*); 8594 (*— en vergonha*).

enveja *(invidia)*: 22, 32, 9433.

enviar *(inviāre)*: remeter, mandar 4564, e Epígr. da Cant. N.º 312.

enxerdado (*ex-hereditatus*): desherdado, expatriado 5687.

er: variante de **ar**, prefixo separável, abstraído talvez de *ar-re—*, de novo, mais uma vez 2062 v. (*er dizer*), 2084 v. (*er vi*), 4505 (*er quiso*).

era *(eram erat)*: 1108, 2518; no sentido de *estava* 7067, 9981.

eran *(erant)*: 6692.

erdade *(hereditate)*: herança, propriedade, território 5688.

erdar (verbo derivado de **herede**, cast. *heredar*) receber herança; deixar herança a alg. 10205.

erg': forma sincopada de *ergo*, seguida de *a o u*: 719 (*erg'ora*), 7864.

ergu': forma sincopada de *ergo* antes de *e i*, 405, 767, 3504, 7713, 7838.

ergo *(ergo)*: conjunção conclusiva e exclusiva que significa *a não ser, excepto, senão* 1494, 1700, 7148, 7357, 7706, 7835, 7851.—Vid. CV 1185,21.

errar *(errare)*: enganar-se, cometer um êrro 2818, 7917, 7918.

escaecer *(ex + cad + iscere)*: hoje esquecer: 1) perder a lembrança de alg. ou alg. c. 661, 2135, 2392, 2438, 2609, 5548; 2) *sair* da lembrança 6824; 3) cair em esquecimento 1292, 2053, 5839, 2134 (*escaece-m'enton*); compare-se o alemão *es entfällt mir*).

escaescer: sair da lembrança 1074, 1292, 2021, 2053, 3030 perder a memória.

escapar *(ex + cappare)*: salvar-se 1245.

escarnho: escárnio 10274, 10275 (*fazer — a alg.*). Cfr. *cranho*, por *crânio* na *Crónica dos Frades Menores* I, 288.

escarnir (germ. ***skirnjan***) escarnecer 10327.

escolher *(ex-colligere)*: sinónimo do arcaico *cousir*, franc. *choisir* seleccionar 1004, 5292, 8479, 8980).

escontra *(ex + contra)*: 816, 917, 2874, 2930, e talvez 9408.

escudo *(scutu)*: 6976.

esforçar *(ex + fortiare)*: 3911.

esforço ânimo, fôrça, 1264; 2045 (*aver —*); 1108, 10364 (*dar —*); 1262 (*perder —*); 2435, 10364 (*— e sen*).

esforzo: grafia italianizada dos apógrafos (CV e CB p. ex. 10188).

esmorecer (derivado de ***morire***): desfalecer 2507 (*esmoresco*).

espada (greco-lat. ***spatha***) 7769.

espedir-se (*ex petere*): despedir-se 4146 (*a alg.*), 4024, 7970, 8705 (*de alg.*).

espelho (*speclu*): 6410 (*meu lum' e meu espelho*).

essa (*ipsa*) 1005-8, 4572.

esse (*ipse*) 1821, 9542, 5262 (*esse pouco que ei-de viver*).

esses (pl. português de **esse**): 518, 3505, com relação a cousas ou pessoas afastadas e em oposição clara a outras próximas, designadas por *estes*.

esso (*ipsu*): neutro de **esse, essa** 8423 (*por —*); 7034 (*— que*); 224, 2767, 5864 (*— pouco*); 5307 (*— mui pouco*).

est (*est*): é; essa forma *latina* da 3 p. do pres. ind. do verbo **esse** foi empregada pelos trovadores tanto antes de vogal (4946, 9294) como antes de consoante (9235 v.) e em

fim de orações (9989).—Quanto à função equivale em regra ao *é* moderno: 732, 867, 1132, 2215, 2285, 2481, 2570, 2581, 4202, 5335, 5496, 5761, 5980, 9562; mas também a *está* 9989; e às vezes a *ha*, *existe* 118. Cfr. **é, este.**

esta (*ista*): 6, 20, 46, 275, 525, 550, etc. Cfr. **aquesta**.

estar (*stare*) 1) achar-se ou demorar-se num dado lugar: 439, 611, 1785, 4777, 7033; 6309 (*alongado de alg.*).

2) achar-se ou sentir-se num dado momento 484, 491 (*—ben*); 2850 (*—mal*); 694, 861 (*—peor*); 7630 (*—a gran pavor*); 1785 (*—en grand affan*); 4777 (*—que non aja a falar*).

3) ficar, condizer, 1613 (*—ben a alg.*); 243, 5978 (*mal a alg.*).

4) encontrar-se relacionado com alg. 729 (*—melhor de alg.*); 3079 (*—peor de alg.*).

5) achar-se ocupado 6810 (*a fazer alg. c.*); 6811 (*a veer*); 7033 (*leixar*,—deixar em paz).

1 pres. ind.	*estou* 544, 694, 861.
3	*está* 229.
6	*estan* 484, 491, 6309.
1 pres. conj.	*estê* 2527.—Vid. **êste.**
1 imperf.	*estava—Graal* 7, 88, 9.
1 futuro	*estarei* 729, 8497.
	estar-lhes-ei 1536.
3 »	*estará* 5978, 10115.
3 condic.	*estaria* 1613.
1 fut. conj.	*estever* 1613.
3 fut. conj.	*estever'* 2052, 4397, 9343 v.
6 fut. conj.	*esteveren* 6309.

No verso 9343 v., a minha substituïção de *estever* (por *seer*) não merece aplausos; nem mesmo a de *sever'* melhoraria a rima.

êst' (*iste*): êste 390, 391.

est' (*istu*): isto 25, 31, 297, 366.

êste (*iste*): 2, 60, 86, 245.

éste (*est*). É a forma latina, a que os trovadores acrescentaram *—e* paragógico, visto que *—t* não podia ser final de sílaba ou palavra em vocábulos aportuguesados: 15, 867, 1132, 4202, 4694, 5335, 5496, 5761, 5980, 8460, 9562 v. Claro que conta por duas sílabas.—(No verso 9235 leia-se *este*). Como não se escrevessem acentos na época arcaica, e como *estar* e *seer* (supletivo do lat. *esse*) não se diferençassem ainda quanto à função, *este* < *est* e *este* < *stem*, *stet* eram gráficamente iguais.—No verso 2527, onde eu o interpretei *estê* (1.ª p.), talvez seja melhor pensarmos em *éste* (com O. Nobiling), lendo:

tolhe mi-o corpo, que ja nunca dia
este nen noite que aja sabor,

e compreendermos: *ja não há dia nem noite em que eu esteja contente.*

esterrar-se (*ex*+ e o verbo tirado de *terra*), desterrar-se, expatriar-se 6696.

estes pl. port. **êste** 2788, 3489, 3499, 3505, 3564, 3716, 5265, 5279, 6821. Cfr. **aquestes.**

esto (*istu*): isto, pron. dem. neutro, 34, 269, 282, 352, 378, 397, 445; 12, 203, 269, 504, 793 (*por esto*); 315, 1387 (*con tod'esto*); 25 (*enquant' esto*). Cfr. *aquesto* e *isto.*

estrado (*stratu*, part. de *sternere*): sobrado 3964.

estranhar (alg. ou alg. c. *extraneare*): ficar surpreendido ou admirado desagradavelmente de alg. c.; desaprová-la, censurá-la, castigá-la mentalmente. Nas Cantigas de amor, por meio de olhares, gestos de descontentamento, e palavras; mas em prosas jurídicas e nos Nobiliários também por meio de actos públicos e oficiais, como multas (*calumnias*) ou mesmo «no corpo» 3096, 3108, 6639, 8575. Vid. CV 200 e *P. M. H.: Scriptores* I p. 324. Com relação ao rapto de D. Maria Pais Ribeiro, a famige-

rada Ribeirinha del rei D. Sancho, o Velho, realizado por Gomes Lourenço Viegas lê-se aí que «*el rey* (D. Afonso II de Portugal) *deu-lhe* (a D. Martim Pais, irmão da raptada) *sas cartas pera elrrey dom Fernando de Leom* (êrro por Afonso IX) *que quisesse estranhar tam mao feito... e El rrey mandou-ho matar por ello.*»—Neste caso *estranhar* equivale não a *censurar*, e *repreender*, mas a *punir*, *fazer justiça*, e a minha tradução *ahnden, strafen* é apropriada.—Em castelhano *estrañar* significa, como nas demais línguas neo-latinas, *tornar estrangeiro, banir, expatriar, desterrar*. (Ex. *Los Judios habian sido extrañados de los reinos de Castilla en 1462*).

estranho (*extraneu*): estranjeiro, desconhecido 8557, 8569; notável 7165. Na grafia *estrayo*, freqüente no *Graal*, há mera omissão, por lapso, do til sôbre o *a*.

estrãidade (*extraneitate*): estranhez 4056 (*filhar—de alg.* no sentido de *estranhar*).

et (*et*): forma latina da conjunção copulativa usada antes de vogais 6618, 8578, mas também antes de consoantes 6513, 6531, 6544, 6654.

eu (*ego*): pron. pess. 1 nom. empregado antes de consoantes e vogais 11, 23, 31, 34, mas também (sem condensação em *ê*) antes de ditôngos 3 (*eu ei*), 4 (*eu ouver*) 10 (*eu ei*), etc.

F

Fala (*fabula*): conversa, mexerico 421; 28 *sen fala* no sentido de *mudo, emudecido*.

falar (*fabulare*): dizer, conversar 3741; 1693, 3702 (*alg. c.*), 4548 (*a alg.*); 58, 548, 4549 (*con alg.*); 4559 (*en alg*); 184 (*de alg.*); 3741 (*alg. c. con alg.*); 5645 (*—aposto*); 49, 683 (*ben*); 78, 104, 252 (*melhor*).

fal (*fallit*): falta 1059, 2347, 2399, 2851, 4877, 6958, 7743; erra, peca 1345, 10222; sucede ou vai mal 3768.

falecer (incoativo de (*fallere*): cometer faltas, errar, pecar 7798.

falir (*fallere*): faltar 1264; ser falso e desleal 7977, 9825.

3 pres. ind. *fal* (q. v.).
3 pret. perf. *faliu.*
5 *falistes.*

falso (*falsu*, part. pass. de *fallere*): desleal, traidor 6698, 7837 9824, 10217.

fazenda (*facienda*): negócio, feito, estado, situação: 444, 633, 1934, 3459, 3751, 3795, 4183, 4656, 5994, 6545, 8074, 8598, 9568.—Freqüente também no *Graal*.—Na Cantiga 347, nos versos 7751, 7758, 7765, 7772 parece significar *propriedade*, terra que um *feitor faz*.

fazer (*facere*): realizar, criar, executar 9, 105, 140, 164, 445, 471, 637 691 etc.

1 pres. ind. *faço*, 25, 145, 319, 346. *faç'eu* 205.
2 » CV 1022 há *faes*, de *faer* de onde procede *faena, faina*.
3 » *faz* 8, 18, 85, 472, 551. *faze* (analógico, ocorre p. ex. CV 1136,6).
5 » *fazedes* 144, 228, 245, 584.
6 » *fazen* 493.
1 pres. conj. *faça* 7358.
3 *faça* 204, 392. *faç'* 205. No verso 10200 o CB tem *faza*, forma que pode ser analógica (cfr. *praza*) mas também lapso de escrita.

4 *façamos* 6986.
façamus 10267, 10293.
5 *façades* 1060.
2 pl. imperf. *fazede* 1374.
3 imperf. *fazia*. Epígr. da cant. n.º 312.
1 fut. *farei* 940, 7359.
3 *fará* 128, 211, 230.
6 *faran* 929.
1 cond. *faria* 238, 473, 9248.
3 *faria* 298, 958.
5 *fariades* 583.
1 pret. perf. *figi* 618 v.; CV 1010,13.
fige 618, 1907.
fig'eu 9486.
fix CV, *passim*.
fize 760.
2 *fezisti* CV 1199,4.
3 *fez* 77, 79, 136, 268, 343, 671.
fezo 1152, 1986, 2031, 8639, 9116; CV 17,13, 443,7, 448,20.
feze 1869, 2286.
fex CV, 153,4; 156, Epígr.
5 *fezestes* 9075, etc.
6 *fezeron*. Epígr. dos n.os 312 e 315.
3 perf. conj. *fezesse* 4048.
3 fut. conj. *fezer'* 128, 385, 779.
fezerdes 52, 1253.

Locuções: I *fazer amor* 4142, 5120; *cordura* 7282; *cousimento* 7773; *dereit' e sen* 3870; *folia* 809, 2541, 9245; *guerra* 9250; *mal* 3415; *seu mal* 5944; *mal-sen* 1757, 4704; *un mandado* 7920; *mengua* 7165; *pesar* 3406, 4144, 6498.

II *fazer amar* 1853, 2814, 3278, 6120; *melhor prez aver* 2029; *aver* 671, 1196; *ben parecer* 9148; *ben querer* 1832, 9097; *calar* 5646; *començar* 1230; *creer* 7459; *desejar* 1136, 2031, 2442, 6381; *dizer* 645; *entender* 630; *entrar en prison* 7642; *errar* 2818; *escaecer* 661; *estar peor* 2718; *falar* 2777; *falar melhor* 2027, 5645; *fazer* 7834, 9095; *ir veer* 9078; *jurar* 643; *levar* 677, 5946; *levar coita* 9473; *loar* 2270; *morar* 2903; *morrer* 2007, 2605, 4210, 5686, 9197; *nacer* 7260, 9075, 9117; *padecer* 9076; *parecer* 1869, 2777, 3547, 3572; *parecer melhor* 2026; *perder* 1121, 6994, 9181; *prender* 1150; *seer loado* 2072, 2939; *semelhar ben* 50; *soffrer* 686, 1185; *veer* 2097, 2098, 2099, 2503, 3654, 3760; *viver* 688, 1171, 2905.

III *fazer alg. sabedor* 3581; *fazer-se maravilhado* 2583; *fazer-se melhor* 18.

fe (*fĭde*): fidelidade, crença 38, 1782; em rima com *é*, isto é com vogal aberta, que resultou da fusão de dois *ee* primitivos (*fee*) *a la fé* 3245, 10290. Vid. CV 483,11; 1060,19; 1090; *per bõa fé* 32, 38, 97, 146, 175, 642, 1328, 2423.— Outras fórmulas de juramento muito usadas, quer mais populares como *bofé* (CB 1506,2), quer mais explicadas como *fé que devedes* (CD 233; *Graal* 59,30); *fê que devo a Deus* (*Graal* 97,21); *pola fé que devedes* (CB 1507,15, *Graal* 89,4); *pola fé que eu devo a meu senhor* (*Graal* 82,5); *pela fé que devedes a toda cavalaria* (ib. 71 b), não se encontram nas *Cantigas de amor* do CA.

feito (*facto*): part. de **fazer** 397, 783. Epígrafe do n.º 311.

feito, s., façanha 9631; *a feito*, efectivamente, na verdade 7005; *deste feito*, quanto a isso, a êste respeito 9631.

feo (*foedu*): feio 967 (*fea*).

fero (*feru*): feroz; 7830 (*de fera guisa*) muitíssimo.

festinho (*festinu*): rápida e ligeiramente, de pressa 7008.—Vid. CV 1173,14; CM 26,4, 43,9, 145,6, 288,8, etc.

ferida (*ferita*): part. p. f. de *ferir*: batida, espancada 6192, 6203.

ferida s. chaga 9436.

ferir (*ferire*): bater causando ferida 10049; castigar dando pancadas 6201 (*ferisse*).—Vid. CM 28 *ferir*

colbes. Na cantiga 316 há os versos seguintes 7006 a 7007:

E quen ben-quiser trastornar
per todo o mundo e ferir.

Se o prefixo *tras* (**trans**) era separável, como julgo, devemos compreender *tras-tornar* e *tras-ferir*, tomando o último verbo no sentido de *atravessar* e *rebuscar.* Tendo todavia *per* em conta de advérbio superlativo, teremos de entender *quem quiser trastornar e per-ferir o mundo inteiro.*

feuza. Vid. **fiuza.**

fiar (***fidare***): ter confiança em alg. 9251 (*por alg.*); 10223, 10302 (*per alg.*).

fiar-se em alg. 6275.

ficar (***figicare***): permanecer, estacionar 447, 1698 (*fiqu'ende*); 448, 844 (*fiquei*); 10321 (*ficou*); 610 (*ficasse*).

fiida (***finita***): finda; fim, remate, trecho final das cantigas 95, 101, 102, 104, 106 de Pero Garcia, de Burgos, com música especial, não conservada. — O termo está inscrito nas margens, em cursivo, coevo da letra gótica francesa. (Vid. CB 461). A par do verbo *findar* os antigos empregavam *fiir* (p. ex. nas *Cantigas de Santa Maria* 86,8, 126,1, 143,4, 269,5, 271,4, etc. CV 1013; e *Crónica dos Frades Menores* II, 256), assim como a forma incoativa castelhana *fenecer*, por *fiicer* (*Linhagens*, p. 246).

filar, tomar 1124 e seg. Embora a forma com *l* singelo ocorra apenas numa cantiga (a 45ª), ao passo que a com *l* duplo (grafia arcaica e castelhana do som palatizado *lh*) seja freqüente, conservei-a e registo-a aqui, porque o *filar* do *cão de fila*, também chamado simplesmente *o fila*, ainda subsiste hoje em Portugal, com o significado originário de *agarrar por meio de fôrça*, aferrar. — Nas *Cantigas de Santa Maria* também ha pelo menos uma vez *filar* com respeito à caça (366,12), a par de dúzias de exemplos de *fillar.*

filha (***filia***): 970, 4054, 5303; e nas epígrafes das cantigas 315 e 398.

filhar: tomar, prender, apanhar, aceitar, adoptar, colher, acolher, escolher, acompanhado de complementos concretos e abstractos. Quanto à etimologia não é provável que do sentido abstracto de *perfilhar*, de um derivado portanto de *filiu*, proviessem os mais positivos que se ligam a *filhada*, *filhadoiro*, *filhador*, *filhamento*, etc. Mais em harmonia com os factos apurados de semasiologia parece que *filhar* (com o derivado *filhada* =*presa*) era originàriamente termo de caça, como *achar*, *buscar*, e significava *pilhar*, agarrar pelos *pelos* (**piliare**), forma que ainda hoje existe com o significado de *roubar*, *levar por saque*, *saquear*, e de que se abstraiu o popular *pilho* (gatuno) e o adj. *pilharengo.* Quanto à passagem de *p* para *f*, confira-se *fecho*, em linguagem arcaica *pecho* (com *fechar pechar*) de **pecho** <**pesclu** por **pestlu**, **pessulu**, e o *picho pincho* dos dialectos da Beira.

Eis agora os empregos diversos de *filhar:* 9635 (*orden*); 389 (*penhor*); 358, 1003, 1500, 1502, 3679, 3914, 4707, 7181, 7964 (*senhor*); 1145, 3168, 4724, 5023 *filhar por senhor*; 1678, 4195, 7868, 7919 (*conselho*); 16 (*cuita d'amor*); 4520 (*deferença*); 9351 (*desejo*); 4056 (*estrãidade de alg.*); 6271 (*perfia*); 5580 (*sabor*); 6958 (*sanha de alg.*).

filho (***filiu***): 3982, 9235; 8990 (*filhos*).

fin (***fine***): f. morte 2735 (*bõa fin*). Nos *Livros de Linhagens* p. 244, 45 e no *Graal* 139, 14 há *maa fin.* Hoje mantem-se o género feminino na fórmula *até a fim do mundo*, nacionalizada por D. Pedro o Justiceiro.

finar (derivado de *fim*)*:* morrer 10331.

firmar (**firmare**)*:* afirmar 9763; fazer firme 10304 (*Deus fez e firmou o mundo*).

fis (do prov. **fis fiz,** de **fidus**)*:* seguro, certo, verdadeiro, leal 4595, 10182. No verso 10369, temos de substituir *que de valença en ben* **fiz** (rima impura de *conquis*) por *que de valença é ben fis,* segundo a rectificação de Lang. Cfr. CV 357,8; 807,21 e 697,13; CM, *passim.*

fiuza (**fiducia**)*:* confiança 231. No CB há *feuza,* variante que, por descuido, não registei. Ainda hoje, assim se diz na Estremadura.

flôres: pl. de **flôr** 8872 (em rima com *melhôres, senhôres*). Vid. CV 171, 358, 401, 456; CD, verso 457, 1136, 1857, 1860; *frores* ib. 401 e CV 429. O singular *flôr,* ib. 911 (em rima com *amôr*); *frol,* ib. 908, 923; CV 761, etc.

fogir (**fugere**)*:* fugir 1531, 2643, 5954, 7541, 7848, 7963, 8572, 8715.

1 pret. perf. *fogi* 1086.
1 conj. *fogisse* 1578, 4720.

foi (*fui*)*:* 1 pret. perf. de *esse* 279, 1069, 5832, 5854, 9574.

foi (*fuit*)*:* 3 pres. perf.) de *esse* 52, 452, 894, 896, 899, 903, 969, 1085, 1510; 1881, 5659, 9825, 9952, 9957.

fol (**folle** acc. de **follis**)*:* fole de vento; tolo, louco, 6839 (*seer*—); 9913 e 10226 (*per—me terrian*); 10227 (*mais*—).

folia (derivado de **fol**)*:* loucura, tolice 809, 7084, 9171; *fazer*—2541, 9245; *demandar*—5290.

folgado: alegre, aliviado 7243 (*sõo mais*—).

folgar (**follicare**)*:* respirar aliviado, estar alegre 7016, 1880, 6308 (—*con alg. c.*).

fôr' (**fue(rim)** por **fuero**)*:* 1 conj. fut. de *esse.* Por mim impresso com apóstrofe, por analogia com os conj. fut. regulares em *ar' êr' ir',* para os distinguir dos infinitivos: 40, 76, 142, 265, 701, 824, 941, 1186, 1240, 1251, 1269, 1286, 1311, 1359, 1610, 1819, 1828, etc.

fôr (**fuerit**)*:* 3 conj. fut. 530, 767, 1048, 1218, 1372, 1443, 1499, 1513, 5726.

fôr' (**fueram**)*:* 1 mais-que-perf. 1819, 1828.

fôra (**fuerat**)*:* 3 mais-que-perf. 3793, 4029, 4171, 6252, 6353. Epígr. de N.º 312.

fóra (**foras**)*:* longe de 10231; excepto 10215 (*vossa madre*—).

força (**fortia** de **fortis,** como **gratia** de **gratis**) 1479; *prender*—ser violentado 6807; *a força de*—por força, contra vontade) 5404 (—*de min*)*;* 6802 (—*de vos*). Cfr. CV 871,15. No verso 6802 (*Cant.* N.º 308), relativo a uma senhora *filhada e levada à força* devemos ler, segundo a opinião fundamentada de Nobiling, à qual me cinjo:

u vos foran d'aqui filhar
a força de vos, e levar

e não *a força de vus elevar* como eu imprimira, o que, de resto, já ficou dito s. v. **elevar.**

forçadamente, à fôrça, contra vontade 7117.

forçado: obrigado, constrangido, violentado 408, 3556, 5132, 6177, 7125.

forçar (**fortiare**): violentar, vencer, subjugar 411, 413, 734, 1477, 1517, 4921, 6119, 7194; 1482, 1715 (*força*); 1482 (*forcedes*); 6451 (*forçava*); 541 (*forçou*).

fordes (**fueritis**): 5 conj. fut. 1710, 2649.

foren (**fuerint**): 6 conj. fut. 858, 6311. O latim **forent,** claro que não podia ter outro representante. O mesmo vale de *for, fores, formos, fordes.* E provado como está que o conj. imperf. se conservou em português, será preciso analisar muitos exemplos a fim de apurar

de qual dos dois conjuntivos se trata em cada um.

foron (*fuerunt*): 6 pret. perf. 3010, 3501, 3507, 3823, 4207, 5618, 6322, 6801.

forte (*forte*): vigoroso, enérgico, duro, 8047, 10330 (*que—palavra d'oir*); 6457 (*en—ponto*); 10226 (*en—ora*).—Cfr. *Crisfal: forte fortuna* e *Canc. Res* I, 460,10.

fosse (*fuissem*): 1 pret. conj. 1089, 4595.

fosse (*fuisset*); 3 pret. conj. 201, 239, 1089, 1116, 1212, 3517, 4293, 4722, 4765.

fossedes (*fuissitis* por *fuissētis*)3487.

fostes (*fuistis*): 1691.

fossen (*fuissent*): 5803.

franco (germ. *frank*): francês; liberal, 9212, 9216, 9234. No Refram da cantiga 408 talvez se aluda a uma rainha de Castela e Leão que viera de França e para lá tornou, segunda esposa de Fernando III. O adj. *franca* (em rima com *branca*) aludiria de um lado à sua generosidade e ao mesmo tempo à sua origem. Substituindo *c* por *ç*, lendo *França*, teriamos mera assonância, caso raro (mas não inaudito) nas cantigas trovadorescas.

França. Cfr. **franco.**

freira: mulher que *filhou orden*, fem. port. de *freire*, da forma provençal *fraire* do lat. *fratre.*

fremoso (*formosu*): 22, 54, 171, 252, 542, 2610; adv, 2610, 2611 (*tanto a vi fremoso parecer*).

fremosura: formosura 9941.

fronteira (frontaria) 10178.

fugi 1 pret. perf. de **fogir** 1086.

fugir 7846. Vid **fogir.**

fugirei 1 fut. de **fogir** 1532 v, 9063.

fui 1 pret. perf. de *esse:* 184, 286, 622, 625, 1069, 1083, 1284, 1289, 1759, 1863, 2273, 4381, 5832, 5854, 9571.

fui 3 pret. perf. de *esse:* 2118, 5855, 6707, 9571, 9822.

fui 1 pret. perf. de *ir:* 1582, 1597, 1866, 2474.

G

Gãar (germ. *gana*): ganhar 436, 558, 7216 (*gãades*, emenda minha por *gaades*). Vid. CV 552.2.

gaanar: ganhar 5669. Cfr. **gãar, gaanhar, guaanhar.**

gaança: ganância, paga, proveito 6934 (*venha-lhe maa—*).

gaanhar (de **guaanhar,** do germ. *waidanjan*) receber *gratis* 10360 (*gaanhou*). Vid. CV 576.

galardon (germ. *widarlon*): prémio, recompensa 6658 (*levar bon—de alg.*).

galhardia (de *galhardo*, derivado de *galho*<*gallu?*): proeza, brio, acompanhado de desejos atrevidos 10166. Vid. CV 571.

garganta (da onomatopeia *garg*, gargarejar) pescoço 10049.

Gaya (Vila Nova de Gaia) 1547 e 1553.

gentes (gentes): sempre no plural, 683, 2576, 3783, 4669, 5234, 6692, 8557, 8706, 8724, 8820, 8925, 9752.

Gil (nome próprio m. do francês *Gilles*, **Aegidius**). Como no verso 10087 esteja empregado como patronímico, eu fiz (*Zeitschrift*, XXV, 145), a proposta de lermos *Giles* afim de ganhar a sílaba que falta ao metro. Nobiling, na sua excelente edição das *Cantigas de Guilhade*, prefere supri-la por meio do advérbio *ar*, lendo:

foy Dordia Gil e ar foy Guiomar.

governar-se (*gubernare*): regular-se, tratar sensatamente dos seus interesses 5678.

graça (*gratia*): licença 4030 (*con—*); 7968 (*con vossa—*); favor, mercê, simpatia 6755 (*aver a—de alg.*).

gracido mi-é (part. pass. de *gracir*): agrada-me, é grato para mim 6773.

gracir (prov. *grazir* do lat. *gratiire*): ser grato a alg. 1843, 2739, 5766, 5843, 6055, 7728, 7733.—CV 443,3, 272,8, 958,18.

gradecer (derivado de *gratu*): agra-

decer (alg. c. a alg.) 664, 826, 2059, 2295, 4628, 5597, 5821, 6342, 7070, 7283, 9840, 10157, 7820 (*gradeci*); 4902, 5763, 6101, 6122, 8710 (*gradesco*).

grãadez (derivado de **grãado** ***granatu*** de **granu**—grão) nobreza de pensar e proceder 6705. Nas *Cantigas de S. Maria* há *granadez* (258,9); *granadece* (288,4); *granadeza* 292,1). No *Leal Conselheiro* encontrei *graadeza*.

grado (***gratu***): 1) vontade, agrado 8711 (*a meu*—); 8775 (*ao meu*—); 296, 2063 (*pelo meu*—); 2596, 3559 (*per seu*); 754, 2075, 3405, 4145, 7558 (*sen meu*—); 8992 (*sen seu*—); 2146, 6400 (*mui sen meu*—); 7440 (*sen*—). CV 274,2.

2) recompensa, agradecimentos, graças 1090, 7683; 829 (*Deus non me dê—de vos*); 1090 (*bon*—); 8324, 10194 (*a Deus*—).—Vid. *mao seu grado (passim)*; *mal a seu grado* CV *Graal* 125,11; *a malgrado de Rei Mares* ib. 150; *mau teu grado* f. 160 v; *malgrado de quantos en este castelo son* f. 164 v.

grado (de—): de boa vontade 189, 2223.

gradoar (***gratulare*** por ***gratulari***). Da ideia *mostrar alegria do bem alheio* para alegrar-se com o bem próprio e estar satisfeito por «aver bem», recebendo favores e coisas gratas, não há senão um passo: 6676 e 8509:

Se Deus me leixe ben aver
de vos, senhor, e gradoar.

Considerar nesse verso a última sílaba *ar* como forma reduzida de *avêr*, parece-me arrojado. Na fórmula *se gradoedes*, sinónima de *se bem ajades*, há um subjuntivo cujo indicativo seria *se gradoades*. A grafia sedutora *grado ar* CV 654,4 e *grado edes* (ib. 728,13 e 764,18) é evidentemente errónea.—Vid. CV 412,1, 728,4, 764, 857 e CB 101,1. Cfr. **congradoar**.

gran / **grand'** / **grande** (**grande**): A primeira forma, apocopada, não é usada senão diante de substantivos, m. ou f., que principiam com consoante: *gran ben* 111, 300; *gran coita* 1987, 9531; *tan gran cuita*, 27; *mui gran coita* 138, 155; *gran dereito* 112; *gran pavor* 1246; *tan gran pesar* 10018; *mui gran razon* 25; *mui gran sabor* 70; *quan gran sandece* 1850; *gran sazon* 715;—em fórmulas portanto cujo acento é ascendente, ou, por outra, em que *gran* não tem acento tónico, por ser proclítico.

A segunda forma serve nas mesmas condições diante de vocábulos que principiam com vogal: *grand'afan* 9531, *grand'enveja* 22; *tan grand'é* 46.

A terceira tem função independente, predicativa, ou é posposta ao nome, p. ex. *cuita grande* 216; *coita grande* 5173.

Fiada nesses exemplos e em outros que ocorrem, quer em obras trovadorescas, quer em prosas coevas ou posteriores, eu aceitaria o parecer de O. Nobiling que propõe para o Refram da Cantiga 452 (v. 10017) a lição:

como farei eu *atan gran* prazer
a quen mi *tan gran pesar* quer fazer

em vez de *tan gran*(*de*) prazer, a não ser que eu pudesse apontar exemplos de *grande* antes de substantivos, quando o sentido requer acentuação proeminente, exactamente no qualificativo.

No CA o verso 2036 tem p. ex. o teor:

por aver eu eno meu coraçon
mui **grande coita**;

e no 3785 v. há:

Mai' la mia ventur(a) e aquestes meus olhos an i **grande culpa,** *e Deus, que me fezeron tal dona veer.*

No CV 208,5 há *tam grande folgança* e 668,1 e 20, *grande valia* e *grande cordura.*

No *Graal* encontro logo na primeira página *grande gente*, na linha 1.ª e na 2.ª *mui grande sabor*; no *Fabulário* 57,8 *grande temor*; 50,12 *grande sanha*. — De mais a mais, existe uma só forma para o plural *grandes aventuras* (ib. 4,4); *todalas grandes festas* (6,5). Se não fôsse assim, seria fácil substituirmos *grande* por *grave* nos versos 2036 e 3785, sem outras alterações.

De *gran*, usado como advérbio, em frases como *a gran alta voz*, *gran maa ventura* não há exemplo no CA.

Nem tão pouco há nele fórmulas estereotípicas como *Grão-mestre*, *Gran-Bretanha*.

grave (***grave***): penoso, molesto, difícil, desagradável 1939; 5001 (*grav' a mi é*); 864 (*—d'aver*); 7571, 7648 (*—de comeler*); 1874 (*—d'endurar*); 3894, 8921 (*—de fazer*); 452 (*—de sofrer*).

grave dia: dia infausto, desastroso; 1871 (*en—naci*); 3414 (*en—eu naci*); 3687, 3728 (*en—que vus vi*); 4011 (*tan—, senhor, que vus vi*); 3026 (*en—dia foi*); 3914 (*en tan—senhor filhei*); 7219 (*tan graves dias levei*).

greu (provençalismo, do lat. pop. ***greve*** que substituira ***grave***, por analogia com ***leve***): difícil, pesado, molesto, penoso 6894, 7420, 8914, 8938; sempre com o verbo *ser* e seguido da preposição *de*. Esse estranjeirismo desapareceu; mas o contranome **leu** (de ***leve***) conservou-se nas locuções *andar ao leu*, *pôr-se ao leu*, etc. — Vid. CV 444,12; 447,17; 560,5; 904,15; 963,25; CB 23,35.

guaanhar (o mais arcaico dos representantes do germ. ***waidanjan***, correspondente ao ital. *guadagnare*): ganhar 3275 v., 7156, 9724, 10309.

gualardon (representante primitivo do germ. ***widarlon***, com metátese de *d* e *l*, devida ao influxo do nome *dom* (dádiva): galardão, recompensa, prémio 6785 (*prender—*).

guarda (do germ. ***warta***): observação, vigilância. Epígr. da cant. 312.

guardado (part. pass. de *guardar*): enclausurado e vigiado: 6369, 6371.

guardar (germ. ***warta***); observar, vigiar alg. com fins quer protectores quer tirânicos: 812, 815, 1019, 9641. Nos versos 7542-3

Nen á de se guardar mester,
Senhor, quen Deus guardar non quer.

há certamente alusão ao provérbio *Guardado é quen Deus guarda*, exactamente como na cantiga 288 (de Pero da Ponte) (v. 6369-6371).

guardar-se (de): acautelar-se, proteger-se, defender-se 126, 132, 206, 538, 672, 812, 991, 1600, 1685, 3717, 7542, 9170.

guarecer (incoativo de **guarir**, do germ. ***warjan***): salvar, curar, remediar, preservar 3202, 3374, 3733, 4643, 6027, 8725, 9758. — Vid. *gorecer* no *Graal*, 47,24 e 73,5.

guaresco 1 pres. ind. de **guarecer** 3209, 5236 (no sentido de *salvo-me, escapo*).

guaria 1 imperf. de **guarir** 5479.

guarida s., abrigo, refúgio 9430. Vid. CV 147,39.

guarido: são e salvo 6204; 1075 (*—e cobrado*). Vid. *Graal* 101,37 (*guarido e são*); 103,32, (*são e guarido*).

guarir (germ. ***warjan***, hoje alemão ***wahren***, fr. *guérir*: 1) sarar, convalecer 765, 1528, 1617, 1716, 9822; 2) escapar a um perigo; manter-se

são e salvo; passar bem, viver sossegado, em estado de saúde; medrar: 4457, 4507, 5207, 7017, 7160, 7341, 7508, 7540, 8045, etc., 8709, 8846; 3) sarar, salvar alg. 1101, 1361, 5657, 6021 (*— de morte*).

guarirdes inf. pess. 5 de **guarir** 3) 5657.

guarrei 1 fut. (contraído) de guarir 8743, 9765. Vid. CV 181,19.

guarria 1 cond. (contraído) de guarir 1567.

guarvaya: vestuário de côrte, e de luxo, provavelmente de côr escarlata: 972. Vid. *Zeitschrift*, XXVIII, p. 394, *Randglosse* XIV. Hoje inclino-me a procurar no termo medieval o germ. *wark* e o sufixo *-aia*.

guerra (germ. **werra** hoje *wirre*) 379, 9250 (*fazer — a alg.*); 9651 (*aver — no coraçon contra alg.*).

guerrear: combater 1527 (*— con alg.*). — Vid. *P. M. H. Script.* 241,24 e 40 e 244.

guerrejar: combater 3460.

guia 3 pres. ind. de **guiar,** conduzir 10199 (de germ. ant. **witan,** hoje **weisen**).

guisa (germ. **wîsa,** hoje alemão **weise,** ingl. **wise**) maneira, modo 797, 1172, 3849; forma, espécie, em diversas locuções: 180, 2452 (*de — andar*); 9561 (*de — que*); 242, 290 (*en — que*); 2833 (*de tal —*); 4110, 7818 (*d'outra —*); 9593 (*per nulha —*); 9456 (*sen —*); — Vid. *Graal* 12,2 (*de nenhuma —*), 21,10 (*de toda guisa*); 26,13 (*em algũa —*); (*en tal guisa que*).

guisado: part. pass. de guisar. 1.) arranjado, disposto, preparado 289, 4935, 5271, 6405, 7651, 9628; 2) realizável 1557, 6409; 3) adv. convenientemente, com justeza 6667.

guisado (s.): preparação, reflexão 7538 (*con —*).

guisar: 1.) preparar, arranjar, dispôr, destinar, combinar 339, 1026, 4934, 5019, 7360, 7818, 8514, 9947, 9952, 10301, 10303; 2770, 4605 (*— alg. c. a alg.*); 2) acontecer 9976 (*nen xi me guisa assi*).

guisar-se de alg. c., acomodar-se com alg. c. 5027.

I

I (*ibī* ou *hic*): lá, ali, aí, para lá: 90, 192, 247, 858, 3584; com relação a 199; a respeito de 9323; *des i* 1759, 6236. Cfr. *á-i* (*habet ibi, il y a*) 3001, 8624.

ifançon: aumentativo de **ifante,** que na idade-média designava o indivíduo pertencente à segunda classe da nobreza, inferior ao rico-homem, mas superior ao simples cavaleiro. Epígr. da Cant. N.º 398.

igual (**aequale**): idêntico, mesmo 8459.

inda: ainda, mais, por cima 107, 122, 283. — Cfr. **ainda.**

Ingraterra: Inglaterra, terra dos Anglos (Epígr. da Cant. N.º 311).

insoa (*insula*). Epígr. da Cant. N.º 315.

ir (*ire*): 1.) andar, passar de um lugar a outro 133, 449, 575, 4684, 7626, 10306 (*ir ende*); 2.) passar de saúde 3100, 9759; 3) estar 6258 (*penado*) 4); ir-se 578 610, 851, 1545, 1697, 1701, 1710, 6257, 6422, 7050; 5) *ir-s'én* 586, 8710, 8723; *ir-se sa via* 2147, 8728. Com infinitivo sem preposição **ir** exerce função auxiliar, indicando propósito ou princípio de acção: *ir ben querer* 7512; *deitar-se* 7242; *demandar* 7235; *desamparar* 7200-1; *dizer* 2784; *fazer tal pregunta*; 164, 191, 2592, 2600; *morrer* 1826; *mostrar* 7702, 7704; *querer ben* 2293; *põer culpa a alg.* 9847. Com gerúndio indica continuação de acção: *ir-se alongando* 2576; *ir aprendendo* 9755; *cuidando* 8564; *estorvando* 8565; *falando* 8566; *guarecendo* 9758; *negando* 4750; *pensando* 8559; *vivendo* 7126.

1 pres. ind. *vou* 1545, 2576, 7126, 8710, 8723, 9755.
3 » *vai* 961, 2600, 3100.
5 » *ides* 164, 191, 1701, 6422.
6 » *van* 912, 2597, 4670, 8565.
3 pres. conj. *vaa va* 9350, 9501.
5 imp. *ide* 7196.
1 fut. *irei, ir-m-ei* 578.
3 condic. *iria* 3100.
1 pret. perf. *fui-(me)* 1582, 1597, 1866, 2474, 4037.
3 » » *foi* 4103, 7200.
fui 2148, 6707.
1 pret. conj. *for* 586, 5354, 6179, 6258.
5 *fordes* 1710, 1819, 1828, 2649.
6 *foren* 858.
1 m. q. perf. *fora* 4356.
part. pass. *ido* 4944.

ira (*ira*): sanha, indignação 1543 (*aver a—de alg.*).
Irlanda: Epígr. da Cant. N.º 312.
Iseu: Epígr. da Cant. N.º 311.
isto (*istud*): forma moderna, saída de *esto* por metafonia 4057.—Cfr. CV 1041,12 em rima com *Antecristo.*

J

Ja (*iam*): daqui em diante, d'oravante 10, 62; neste momento, agora 40, 47, 173, 9755. Para reforçar advérbios, é-lhes posposto, como em *nunca já* 3058 ou anteposto, como nas locuções seguintes:
ja agora 55.
jamais: 1) nunca 416; 2) positivamente, daqui em diante, sempre 1129, 7188; *sempre ja mais* 100.
ja mais nunca: 988, 2032, 5148, 9762.
já oymais (non): 10112.
já quanto: alguma coisa, um tanto, um pouco 4778, 5226, 9180.
Confira-se **ja quando,** alguma vez, alguma cousa CV 598,18; 829,12; CM 206,7; 281,15; *Graal* f. 107; **ja u,** em algum lugar CV 1095,1,4,6,9.
ja quê: 1) adv., alguma coisa, um pouco 3702, 4783, 7664.
2) conj., visto que, uma vez que 377, 2285, 5761, 6745, 9900.
ja que quer: alguma coisa 3167.
ja sempre: de aqui em diante 10074.
jantar (*iantàre*): comer ao meio-dia 8894.
jazer (*iacere*): 1) estar deitado (deitado de cama, *Graal* 103 v.) 1062, 1079, 2005, 7245;
2) estar situado 8909;
3) convir a alg. 479 (*esta morte ben me jaz*);
4) *jazer en prazer a alg.* 351; *jazer en dereito* 787.
Empregado como auxiliar de um gerúndio intransitivo equivale a *estou, vou, ando,* etc. 4756 *(jaço cuidando),* 2005 *(jaço morrendo).* Empregado impessoalmente, equivale a **ha,** *existe* nas locuções seguintes *non jaz i al se morte non* 6336; *u me non jaz se morte non* 7643; *u outra ren non jaz* 82; *u non jaz al* (nas condições ordinárias, a não se dar um caso extraordinário) 1883, 3656, 7608; *u al non jaz* 8150:

1 pres. ind. *jaço* 1062, 2005, 4756.
jasco, jazco 1062 v.; 2005 v.; 7245 v.; CV 1127,13; CB 17, 29.
5 *jazedes* 1196,7.
3 pres. ind. *jaz* 6336, etc.
3 pres. conj. *jaça* 351.—*Graal* f. 98.
jasca CV 1127,10.
imper. *jazede* 1196,17.

No CV há, além das formas registadas *jouve* 137,18, *jouveram* 977,18; *jouverdes* 1196,9; *jaredes* 1196,7.
joguete (demin. de **jogo,** *jŏcu*): 7957. nome aplicado à Cant. N.º 357. Na *Poetica* que precede o *Canc. Col. Branculi* há *joguete d'arteiro*

como nome de um género trovadoresco.

jograr *(joculare)*: jogral, trovador de humilde estirpe 8919, 8934, 8936, 8944.

jograria: arte de jogral, brincadeira 5296, 8927.

Joyosa Guarda *(gaudiosa* G.): nome de um lugar (na Epígr. da Cant. 311) que em certa ocasião tivera o de *Doorosa Guarda* (*Graal* f. 98 e 189ᵈ).

jornada *(diurnata)*: marcha ou viajem feita num dia 8889.

judeu *(judaeu)*: 8896, 8900, 9202.

judgar *(iudicare)*: 5683 *(judgade)*.— Vid. *julgar* CV 1023,2 e CB 1500,24. —Cfr. **desjuïgado.**

juntar (de *junctu*, part. pass. de *jungere)* 4414, 6974

jura: juramento 4952 (*fazer*—).

juraçon *(iuratione)*: 9754 *(pôer a jurações*—estabelecer por contrato jurado).

jurar *(iurare)*: afirmar por juramento 643, 741, 2279, 4615, 4951 (*jurasse jura)*, 9876.

L

L': com elisão da vogal final, é 1) **lo** *(illu)*, artigo definido no verso 1793 *por l'amor de Deus*; 2) o pronome pessoal átono m. nos versos 1252 *(atendê-l-ei)* e 466 *perdê-l'-á.*

la *(illa)*: forma arcaica 1) do art. def. f., 2) do pronome conjunto da 3 p. f.—Tanto um como outro aparece em regra depois de—*s* ou de—*r*, consoantes que, sendo finais, se assimilavam em regra ao *l* inicial imediato. Ocorre todavia também fora dessas condições em fórmulas fixas; 3) e em posição livre, em cantigas de estilo popular como N.º 281.

1) Artigo a) depois de —*s*: 57, 95 *(dê-la sazon)*; 2843 *(mai'-la mesura)*; 9145 *mai'la dona)*; 2838 *(sode'-la melhor)*; 7990 *(pedir foste'-la cinta)*.

b) depois de —*r*: 2458 (*veê'-la dona)*. A assimilação não se efectuou em 545 *(Deus, la melhor dona)*; 3641 *(por la maior coita)*; 3638 *(veer la senhor)*; 1315 *(creer la coita)*.

c) a la fé 3245; *a la corte* 6261.

d) la dona velida 6191; *la dona loada* 6194. Cfr. **las** e **pola.**

2) Pronome: a) depois de—*s*: 2306 *(Deu'-la fez)*; 456 *(poi'-la non vir')*; 799, 1502, 2083, 2389, 4810; 1939, 2587.

b) depois de —*r*: 710 *podê-la ia perder*; 810 *entendê-la ia*; 1847 *negá'-la ei*; 5247 *catá'la*; 10195 *en seu podê'-la ten.*—Freqüentes vezes, a assimilação não se efectua, mesmo em casos em que o acento tónico recai na sílaba que se segue ao pronome. P. ex. *e pois la (vir)* 1243, 2019, 3921; *pois la non ei* 7103; *pois la en concelho averigüei* 7021; *senhor la chamaria* 5424.

d) la mirei 6237; *mirei-la* 6235, 6241; *dizer-la* 2588.

la: art. demonstr. f., depois de —*s*: 7755 *poi'-la que non fosse nada*; 7993 *non sei dona valê'-la que eu amei.*

lá *(illac)*: acolá. No verso 4586, onde imprimi *catando-la*, será melhor ler *catando lá*, e considerar o advérbio como repetição propositada do *alá* do verso 4584.

las *(illas)*: plural do artigo def. f.; depois de *s*: 5250 *(veê-las casas)*; 6582 (*toda'las coitas*); 5695 (*toda'-las cousas*).

Sem que a assimilação se realizasse, temos 3549 *todas las vos vencedes*; 5567 *todas las coitas*; 10196 *todas tres las leis.*

lais (celt. *laid)*: canção lírica de origem celtica e sôbre assunto celtico, como *Tristan, Lançarote*, etc. 6975, e na Epígr. da Cant. N.º 311.

laix: variante nacionalizada de *lais;* Epígr. da Cant. N.º 315.

lazerar (derivado de *Lázaro,* nome próprio bíblico que nos deu *lazarento* a par de *lazeirento* e *lazareto;* aos Italianos os seus *lazzaroni* e aos Castelhanos os seus *lazarillos*), gemer, prantear, lastimar: 3792, 7639, 7830, 8260 (com complemento directo e dativo etico). Vid. *lazarar,* no *Graal* 34,6.

O pres. ind. 1 *lazeiro* 6397 (e CM 71,2), assim como o subst. postverbal *lazeira Graal* 137,3 tornam todavia provável a derivação de *laceriare* por *lacerare.*

Provavelmente houve fusão dos dois termos.

O latino manteve-se, de resto, em cast. arcaico (nas formas *lazerar, laz'rar* e *lazdrar* com *d* parasítico de transição).

leal *(legale):* fiel e dedicado 6680, 6706, 7852, 9387.—Cfr. **loar.**

lealdade *(legalitate):* fidelidade; dedicação 6679.

le: com valor de **lhe** 3407, 4224, 4673 parece ser hispanismo, ou mero lapso do escrevente.

ledo *(laetu):* alegre, contente 903, 1627, 3290, 4698, 6173, 6844, 6972. Cfr. **lidiça.**

legoa (celt. *leuca*)*:* 8907.

lei *(lege):* no sentido de religião monoteistica 10255 e 10196 *(todas tres las leis:* a judaica, cristã e maometana, e não como em Gil Vicente, a da *Natureza, Escritura* e *Graça*).

leixar *(laxare)*: deixar. *Leixar* é a única forma arcaica. *Deixar* surge, no século XV, na segunda época da literatura (joanina), subindo como tantas outras, da bôca do vulgo. Vem—a meu ver—de *delaxare.* Sem consciência da composição do termo, e do valor do prefixo, o vulgo pronunciaria *delxare,* ou antes trataria *l* não como inicial, conservando-o, mas sim como consoante medial intervocálica, omitindo-o. *Deixar* formaria grupo portanto com *rezar* de *recitare; dobar* por *debaar* de *depannare; cuspo* de *conspuo; curto* de *contero; custa* de *constat,* etc., etc.—Quanto ao *d* inicial confira-se também *deitar* e *geitar* de *deictare* e *jactare.* Os significados antigos são os seguintes:

1) *admitir, não contrariar, consentir.* Como auxiliar, seguido de outro verbo, no infinitivo ou em tempos finitos, precedidos de *que,* vale *fazer* (fr. *faire* e *laisser*)*;* Exemplos: 8508 (*leixar ben aver*)*;* 8978 (*estar*)*;* 1172 (*fazer*)*; morar* 596 (*leixasse*)*; morrer* 234, 794, 8507, 8528; *partir* 1534 (*leixan*)*; quitar* 1520 (*leixan*)*; viver* 1036 (*leixardes*); 8448 (*leixaria*), 8522. —Seguido de *que* ocorre em fórmulas de *jura* ou *imprecação:* 103, 446, 447, 1797 (*leixe*).

2) separar-se de; sair de; abandonar 17, 8613, 9821 (*o mundo*).

3) omitir 8985.

leixar-se de: não continuar a fazer, desistir de 1604. Seguido de infinitivo com *a* 7721; seguido da preposição *de* 6818, 7524, 7833.

leu / **lheu** } *(leve* conforme já deixei dito s. v. **greu**).

Não foi directamente que o adj. adv. entrou em Portugal. É provençalismo, como logo em 1863 foi explicado por Diez *(Kunst und Hofpoesie,* p. 32). Em todo o caso o estranjeirismo arraigou, e manteve-se na fórmula *ao leu* (*leo*).

Dos quatro passos do CA em que entra *leu,* respectivamente *lheu* (2727, 7424, 7226 e 5495) no sentido de *leve, fácil* ou *facilmente,* reforçado três vezes por *ben,* êle está uma vez acompanhado de *quan* e da forma verbal *é.* Isto é, no caso de as hipóteses que vou aventar aqui a respeito das Cantigas

248 e 333 ou dos versos 5495 e 7424 serem fundamentadas.

Com relação à pronúncia são as Cantigas 112 e 333 que nos ensinam que *leu*, *lheu* tinha *é* fechado, visto que ocorre em rima com *eu*, *seu* e *greu* (CM 973 as consoantes são *deu*, *seu*, *eu* e *Mateu*). Nos outros casos (CV 941,12 e 1069,9, (onde T. Braga imprimiu *ben lh'en*) e CM 25,12, está no interior do verso.

Eis as hipóteses; primeiro a relativa à Cant. 248 (= *Trovas* 260) onde o original tem *qualeu*. Varhagen imprimira *ben ll'eu*, o que não dá sentido. Eu dei a preferência a *qual eu* (por estar assim no verso 5492), mas na Anotação, (p. 485) expliquei que *quan leu* seria talvez preferível, utilizando a conjectura na tradução *wie leicht*. Nas *Lições práticas*, p. 123 (1912) transmiti aos alunos a suposição nova *qual é*, que ainda hoje me parece ser a melhor.—

Para a Cantiga 333, difícil e artificiosa e deturpada, na quarta estrofe e no remate final, proponho aqui emendas que amávelmente me foram sugeridas pelo malogrado Oskar Nobiling. E leio:

Ca menir' eu vosso desamor oer'
com' og' eu ei, mia senhor, e tever'
vosco tan mal mia fazenda com' eu
tenho con vosco, non mi será greu
de morrer, e prazer-mi-a mais én
ca de viver, pois i a vos fezer'
prazer, e min de gran coita poder'
guardar; e vos nembrar-vus-á ben lheu
assi de min, como se sol do seu
omen nembrar depois sa mort' alguen.

Das emendas propostas por Lang (*Zeitschrift*, XXXII, p. 309) a que diz respeito ao sentido não satisfaz.—Na minha tradução tenho de substituir apenas *vergessen* por *in Vergessenheit bringen;* e *leichtlichst (ben lheu)* terá de mudar de lugar, ficando depois de *Euch.*

levantar-se (factitivo de **levare**): erguer-se, sair da cama 966.

levar (**levare**): 1) transportar, conduzir, na Epígr. da Cantiga n.º 312; 2) afastar 3832, 3838, 3844; 3) tomar para si (sendo *Deus* sujeito) 10216, 10257, 10262 e 10264; 2056 (sendo sujeito *o Demo*); 4) com complementos abstractos, passar, aturar 5130, 7767, 8782 (*affan*); 42, 677, 1094, 1376, 3055, 5026, 5297, 5494, 7210, 7810, 8290, 8457 (*coita*, respectivemente *cuita*); 7670 (*cuidad' e affan*); 7219 (*dias graves*); 6, 1897, 8972 (*mal*).

Quanto ao verso 3832 *levei-os* (*scil. os meus olhos*) *d'u veian sa senhor*, e ao 3898 *levei os d'u a viian*, êle exige a tradução *ich führte sie von da weg wo sie ihre Herrin sahen*, como viu muito bem o professor de New-Haven. Por isso mesmo é preciso emendarmos o 3844º, substituindo *ali* por *de ali.*

lezer (**licere** fr. *loisir*): lazer, ócio, vagar, descanço, contentamento (contranome de *coita*), 6745, 7907 (*aver*—); 6288 (*de alg. c.*); 7942 (*aver en—e sabor*); 8408 (*dar*—). —Vid. CV 420,9, 478,9, 493,1, 563,20, 667,10, 883,8.

lidiça (**laetitia**): alegria. Epígrafe da Cantiga n.º 315; e CV 1147,14. A par dessa forma normal e de *lediça* (*Graal* 1, 15, 37,11), *ladiça* (ib. 4,19) há alteração do sufixo em *ledice* (ib. 37,10; 101,10; 102,9) e *lidice* 6,38; 104,5; 127,5). No *Canc. de Baena* há *ledece.*

linhage (franc. **lignage**, de **lineaticu**): m., 6415 e 6416, em rima com *trage*, *menage.*

linhagen (variante nacionalizada de **linhage**): m. 933, 940, 948, 8989, 8996; f. 936, por influxo de *imagem.* Também no *Graal*, o género varia.

lo (*illu*): artigo definido masculino.

Usado depois de *s* que lhe é assimilado: 5722 (*dê'-lo dia*); 4925 (*mai'-lo mal que eu ei*); 9658 (*e vos faredes depoi' lo melhor*); 2) depois de *r*, que igualmente lhe é assimilado: 5789 (*perdê'-lo sen*).— A assimilação não se efectuou em *dizer lo mui gran ben*, 4336; *mais lo poder ja não é meu* 6841.

lo ***(illu)***: pronome demonstrativo, aquele. Com assimilação de *s* final: 2600 *mai' lo que vai tal pregunta fazer;* 2680 *confonda Deu' lo que lh'o foi dizer;* 2) de *r* final 2948 v.: *mia senho' lo que ten no coraçon.*

lo ***(illu)***: pronome pessoal átono masculino; 1) depois de *s* assimilado: 194 (*poi' lo eu non sei*); 8063 *e poi' lo eu d'esta guis(a) ei;* 154, 177, 589 *vo-lo;* 59, 524, 715, 774, 1602 8348 *Deu' lo sabe;* 8796 *a Deu' lo rogo;* 347 *devede' lo;* 2) depois de *r* assimilado: *negá-lo ei* 1215; *atendê-l-ei* 1252; *avê'-lo ei* 361; *perdê'-l'-á* 466; *sabê-lo* 3092. *L* duplo acha-se no verso 418 *cuidal-lo.* A assimilação não se efectuou em *Deus lo sabe* 2083, 7474; *pois lo souber'* 6751; *pois lo ei* 5525; *pois lo non ei* 6089; *negar-lo-ei* 3451.

los ***(illos)***: art. def. masc. pl. 1) depois de *s* assimilado: 5570 *todo-los dias;* sem assimilação em *mais los meus olhos* 5274.

los ***(illos)***: pron. pess. átono m. pl. 1) depois de *s*: *Deu' los leix' ende mal achar* 446 e 447; depois de *r*: *a melho' los fez ensandecer* 2661.

loado ***(lodatu***, por ***laudatu)***: louvor 8313 (*a Deus loado!*=graças a Deus).

loar ***(lodare*** por ***laudare)***: louvar, gabar. Em todas as formas usadas no CA, a vogal correspondente ao ditongo clássico, quer tónica, quer átona é *o;* e não *ou.* Cfr. *oir, orelha, coa, pobre, foz.* A par dessas formas, predominantes na literatura trovadoresca, há todavia *lou-ar* e *ou-ir* nos apógrafos italianos—formas que, modernizadas pela consoante *v*, desfazedora do hiato, foram ganhando pouco a pouco foro de cortesãs. Vid. CD 2524 *louva.* CB 374,6 *louv'eu.* CV 962,5 *louvado. Graal* 2,30 *louvar* e 3,19 *louvor.* Veja-se Lang, *Zeitschrift* XXXII, p. 130; J. J. Nunes *Chrestomathia Archaica*, p. 21; O. Nobiling, *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, Nota ao verso 36; Gassner, *Literaturblatt* 1910 p. 114.

Sinopse das formas: *loar* 3159; *loar-se de alg. c* 6879, 7855. O infinitivo deve entrar também no verso 7852 que eu não interpretei bem. Leia-se, em vez de *Ed Amor nunc' a ome leal vi,*

Ed Amor nunca ome loar vi,
e vej' eu muitos queixar come mi.

1 pres. ind. *loo* 6897.
3 pres. conj. *loe* 3156.
1 pret. perf. *loei* 2265, 3145, 7828.
3 pret. conj. *loasse* 7855.
1 pret. fut. *loarei* 3164.
3 fut. conj. *loar'* 3161.
part. pass. *loado* 253, 2071, 6194.

logar ***(locale)***: localidade, sítio, 133, 1577, 1814, 2697, 2700, 5195, 6325, 10279; 2793 (*no vosso*—); 8103 (*per nenhum*—); no sentido de *em parte alguma).*

logo ***(loco)***: adv. imediatamente: 106, 108, 120, 137, 169, 262; *logu'* 516, 1452, 2021.

longadamente: durante muito tempo; ou a grande distância 7762.

longado (derivado de ***longu)***: longo, extenso 6462.

longe ***(longe)***: afastado, distante 2150, 2903.

longi: 7656, 9298 v., 9505. Cfr. **alongado** e **tardi** (CV 542,3 e 551,9).

longo (***longu***): extenso, longinquo; adj. 7769, 9827 (*longa sazon*). No

verso 9298 *alongad'* deve ser *longe*.

louco (***Glauco***): doido, sândio 5696. Fonéticamente a derivação do nome-próprio helénico é óptima. Mas quem familiarizou a península com o insensato que trocou a sua armadura de oiro contra a de bronze de Diomedes (Ilíada, 11, 212) dando cem por nove? *ohne Besinnung*, irreflectidamente.

loucura: derivado de louco; doidice, folia, 812, 9927.

luito (***luctu***): luto, 10174 (*trager*—).

lume (**lumen**): luz, fogo, empregado sobretudo em sentido figurado, em alocuções à amada, como *ay lume destes olhos meus* (1986 e 4240); *ay meu*—5631; *ay meu*—*e meu ben* 1760, 2112, 2197, 2422, 2429, 2494, 3622, 4231, 6954;—*d'aqueles meus olhos* 3476;—*dos olhos meus* 1790, 9490; *meu*—*e meu espelho* 6410; *senhor e lume d'estes olhos meus* 3716, 3986, 6154, 6513.

Lh

Lh' / **lhe** (*illi*): pronome pessoal átono da 3 pess. m. e f. com função de complemento indirecto, ou de dativo etico (*commodi*) abstraído da composição *lh'o lh'a* (***illi+illu, illi+illa***), 2043, 5789, 5809.

lh'a: 1233.

lhe'la: por **lhes la** com *s* assimilado a *l*, 1941, 2587.

lhe'lo: por **lhes lo** 1926.

lhes: 1199, 1202, 1203, 1929.

lhi: 21, 115 v., 116.

lhis: 1536, 1538, 1539, 1540; 1199 v., 1202 v., 1203 v.; 1919 v.

lh'o: 785.

lheu: Cfr. *leu*.

M

M': forma abreviada de **me**, antes de vogal (sobretudo antes de *e*, *ei*, *eu*; 169, 402 (*m'eu*); 179 *m'edes*; 376 *m'er*, 44, 68, 168 (*m'ende*); 377 *m'ides*; mas às vezes também antes de *a*, p. ex. 345 *m'avedes*; 71 *m'alongar*; 79 *m'algun*; 671 *m'atal*; 592 *m'ascuilar*; e antes de—*e*: 672 *m'ouve*.

ma (***mea***): raríssima forma reduzida de *mia mha*, sempre proclítica, do pronome possessivo sing. f., paralela de **ta**, **sa**: 8598.—Cfr. CD 1059 e CV 350,10.

maa (**mala**): f. do adj. **mao** (**malu**) 6933 *venha-lhe maa gaança*.

macar: conjunção adverbial concessiva, proveniente do adj. grego ***makarios***, o qual do sentido bíblico de *bemaventurado* (que tem nas Beatificações do Evangelho) passou ao de *oxalá*, que conserva no italiano *magari*; e em seguida ao de *embora*, *em boa ora*. Finalmente foi reduzido, talqual *embora*, a *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, *êm que*, *ainda que*.—No CA ocorre, seguido de indicativo nos versos 21, 7291, 7820, 8096, 8210; e seguido de conjuntivo nos versos 259, 762, 7464, 7604, 7926, 8197, 8200. Freqüentíssimo nas *Cantigas de S. Maria*, ocorre também a miude na *Crónica dos Frades Menores* em função conjuncional, com ou sem *que*. P. ex. II 144, 211, 220, 249 *macar que*; 238 *macar os secretos da sua comciençia em comfessom... ouvira*.

madre (***matre***). Essa plena forma normal, usada hoje somente nos títulos das *Madres Abadessas* e em *Madre de Deus* era a única de que os trovadores se serviam: 3964 e 9638, com respeito a figuras profanas, e 10215 com relação a Santa-Maria. O infantil *made*—com omissão do difícil fonema vibrante,—que depois passou a *má-e* e com ecoante *m* final *maem*—ainda não tinha foros de literária no tempo dos trovadores.

madurgar (**maturicare**): hoje *madrugar* 8893.

mãer (**manere**): permanecer durante a noite 8895.

Mafomede: por Mohamed 10204. Nas CM sempre **Mafomete.**

maior (**mayor,** *maiore*): comparativo de *grande* 47, 63 (*de*), 87, 504, 505, 548, 3285, 6212 (*a fremosa a que me quer'eu mayor ben*) 7273 *mui mayor*, 7555 (vid. *quanto*).

mais (**magis**): adverbio empregado como comparativo de *muito* 14, 1369; ou de *longe*, no sentido de *por mais tempo* 490, 1896.—Aparece 1) em companhia de advérbios ou pronomes indefinidos substantivados: *mais ben* 35, 7593; *mais de ben* 7591; *mais al* 2785;

2) em companhia de adj.: *mais pouco* (—menos) 1223. (Vid. *Graal* 21,33).

Seguido da preposição *de* 35, 100, 374, 430, 1862, 1898, 3188, 4536, 5242, 5659, 7037.—Seguido de *ca* 72, 83, 2785, 9140.—Seguido de *de que* 9141.—Cfr. **já mais; oi mais, oge mais, des oge mais.**

mais; o mais: superlativo de muito, a mâxima parte: *o mais de ben* 3091, 3261 v., *(o mais de ben que eu poder' rogar)*.

mais (os): a maior parte, a maioria 2251.

mais (**magis**): conjunção adversativa; mas, antes 13, 115, 132, 165, 167, 171, 186, 360, 367, 412, 428, 457, 470, 473, 485, etc.; mas antes pelo contrário 34, 361.

mal (**male**): contranome de *bem;* e como êsse, *a*) advérbio, *b*) substantivo, *c*) primeiro elemento de verbos compostos, nos quais, átono, está em proclise, *d*) primeiro elemento de nomes.

a) 201 (*ser*); 298, 385 (*fazer*); 390, 409 (*querer*); 6452 (*mal que pes*, por muito que custe); b) desgraça, prejuízo, dano, 19, 191, 277, 284, 291, 302, 446, 457, 464, 472, 552, 1130, 1131, 1781, 4131, 9534; *por meu mal* 2082, 2145, 2159, 2458, 2480, 2496; *por meu gran mal* 6903; *por mal de mi* (ou *min*) 2104, 2433, 2450, 2498; 9118, 9678, 10139. c) primeiro elemento de verbos, separado, ou ligado intimamente, e muita vez gráficamente por mim, à moderna, por meio de *hifen:*

mal-aver: 6198, 6201 (*mal aja!*).

mal-baratar: calcular e negociar mal, esperdiçar 7952—CV 315 (*baratar mal*); CB 47, 49, 74.

mal-dizer: amaldiçoar 1791, 4927—CV 481, 917, 937, 941, 957, 958, 968, 1009, 1033.

mal-fazer: prejudicar 385, 6682, 6688 (cfr. 298 e 1781).

mal-matar: dar cabo de 7903.

mal-merecer (a alg.): pecar contra alg. 752, 982, 983, 986, 2401, 3700. —CV 6.

mal-querer: 390, 2254, 8836.

mal-pesar: 6452.

d) primeiro elemento de adj. e part. pass.

mal-embaratado: estragado, esperdiçado 271.—Cfr. **baratar.**

mal-conselhado: 1083, 1283.

mal-desaventurado: 4665.

maldito: 4927.

mal-parado: 4685.—No CV temos, além das formas citadas, *mal-bravo* 188; *maltreito* 297, 382, 921, 1045; *mal-pecado* 564; *mal talhado* 1149; *mal ferido* 855; *malvas* 76, 918.

e) primeiro elemento de substantivos:

mal-conselho: 1124.

mal-dia: dia aziago, dia infeliz 227, 314, 1161, 2037, 2323, 2408, 2867, 2870, 3563, 3694, 3799, 3802, 3816, 3951, 4975, 7209, 9574.—Cfr. **maodia.**

malgrado: contranome de **bom-grado** (maus agradecimentos, portanto) 6453, 6921, 6925 (—*aja*).—Cfr. **grado.**

mal-mundo: 10327.

mal-preço: má fama 9280. — Cfr. *mao-preço*.

mal-pecado: empregado como exclamação equivalente a *infelizmente*, *por mal de meus pecados* 1081, 1301, 2259, 2296, 2589, 2622, 7585, 8055, 9249. — Na Galiza de hoje dizem *mal-pocado! mal-pocadinho!* (*leider Gottes!*). — Cfr. **mao-pecado**.

mal-sen: falta de juízo, desacêrto 158, 202, 230, 493, 804, 1087, 1757, 1863, 2556, 4631, 4704, 5936, 6947, 7879, 8144, 9267 (*con mui mal sen*) 9659. — CB 73, 86, 118, 119, 128.

mal-seso: desacêrto 5952.

mal-talan: má vontade 6948.

mal-tempo: 4664.

maldade (contranome de **bondade**, como se fosse **malitate**): 6681 (*sen*—).

malhar (**malleare**): espancar, castigar 6195, 6206 (*malhada*); 6198 (*malhasse*).

mandado s., ordem, mandamento 208, 6685; notícia, recado 9881 (*sen meu*—); 7757, 9064 (*saber — de alg.*).

mandar (**mandare**): ordenar 608, 609.

3 pres. ind. *manda* 9342.
5 *mandades* 1826.
3 pres. conj. *mande* 10269.
3 pret. perf. *mandou* 1770.
5 *mandastes* 7785.
3 pret. conj. *mandasse* 608.
imper. *mandade* 575.
1 condic. *mandaria* 10089.

Acompanhado de infinitivos sem preposição nos versos 575, 1770, 1826, 10269. Á vista dêsses exemplos e de CD 1756, não há direito para construirmos *mandar* com a preposição *a* no verso 10089. Leia-se pois, em harmonia com as propostas de Nobiling e Lang: *eu as mandaria por en[de] queimar.*

manha (derivado de **manus**, provavelmente **man-ea** por **manua**): habilidade, arte, maneira, qualidade 5698, 10312.

mansedume (**mansuetudine**, com troca do sufixo —*udine* contra —*ume*) meiguice 5573, 5691.

manso (**mansu** que conservou o *n* por influxo de **manu**) meigo 2030, 3343, 7137, 8085, 9090.

mantẽer (**manu-tenere**): manter, sustentar 10284; 5588, 5685, 10199, 10355, 10362 (*manten*); 10285 (*manterrá*).

mao (**malu**). A par de *mal-dia, mal-pecado, malpreço* os antigos diziam também *mao dia* 966; *mao-pecado*, (246, 275, 2003, 2070, 7753, 7824; *mao preço* 9276 (*dar* — infamar, caluniar) e *mao-prez* 9279 (*aver* — ter má fama). Na Cant. 411 há nos versos citados um curioso refram em que entraram ambas as fórmulas:

Que el (sc. *Deus*) *lhi leixe mao-prez aver a quen mal-preço vus quer apõer*, i. é à *mizcradora* que soube indispor o poeta contra a sua amada. — Nos *Livros de Linhagens* aparece mais de uma dona de algo, matada *por mao-preço que havia*. Vid. *P. M. H.: Scriptores* p. 161: Mor Gonçalves; 162 Tareja Mendes; 164 Estevainha Pires.

A respeito da confusão entre *mau* e *mal* veja-se *Archiv für Neuere Sprachen*, Vol. CIII, p. 213; Leite de Vasconcelos, *Dialectos Alemtejanos* (*Rev. Lus.* IV 67), e *Dialectos Interamnenses*, ib. IX 24.

mar (**mare**): m. 5544 (*andar eno mar*), 5546, 5549, 5552 (*coita do mar* — enjoo); 10184, 10242 (*de mar a mar*) (— do Atlântico ao Mediterrâneo).

maravilha (**mirabilia**): 8962 (*tẽer por*—), 8965, 10185. No *Graal* há *marivilha* f. 117.

maravilhado: admirado 2057 (*ser*); 4440, 4760 (*fazer-se* —).

maravilhar-se: estar admirado, es-

pantar-se 1031, 1035, 4446, 4452, 5476 (*per alg.*), 5799, 5806, *por alg. c.* 6826.

Maria: nome próprio de mulher 2168, 2510, 2516, 2544, 2572. **Santa Maria,** a *Virgem* 819, 832, 1570, 3104, 3179, 3335, 3725, 6404, 10205, 10235.

Marinha: nome próprio, provávelmente geográfico 8044.

Marselha: nome geogr. 8886. (**Marcelha** no CB.).

Martin Sira: nome de homem 1548.

mas (forma moderna por *mais*, de **magis**): reduzida no valor vocálico por ser átona quando em função de conjunção adversativa: 1453, 3937, 4722, 4771, 4852, 4891, 4950, 5336, 5460, etc. Contei vinte e tantos exemplos que demonstram a forte tendência que havia de ensurdecer vogais não-tónicas.

matador: nome dado ao Deus do Amor, e conjuntamente ao sentimento de afeição sexual, para o designar como irresistível 1905.

matar: a meu ver provém do árabe **mate**—morto, empregado no jôgo de xadrez, na fórmula *xaque mate* (*cheque-mate* ou *xamate*) o rei está morto: 348, 639, 1101, 1109, 1580, 1664, 1903, 1920, 2635, e Epígr. da Cant. N.º 311. No verso 1095 há *ar matar* (forma primitiva de *arrematar*). *Mal-matar* 3831 e 7903.—No Refram da Cant. 142 *mata* deve ser lido *m'ata*, conforme deixei dito s. v. **atar-se.**

matar-se: suicidar-se 1030.

me (**me**): forma conjunta da 1.ª pessoa do pronome pessoal, empregada em regra como complemento directo: 37, 147, 151, 161, 163, 173, 174, 186, 187, 189, 194, 196, 348, etc.; mas também freqüentemente como complemento indirecto, expresso originàriamente por *mi* (respectivamente *min*) na linguagem trovadoresca: 2, 83, 85, 140, 168, 182. Quási sempre é proclítico: 2, 27, 37, 161, 163; menos vezes enclítico: 1031, 1035, 1066, 1108, 1116.—Na ordem das palavras ocupa lugares diversos, conforme o carácter e o acento das imediatas, e o ritmo do verso. Há p. ex. *me non* nos versos 45, 348, 403, a par de *non me* 41, 404. Da elisão de *e* antes de outro *e* e *i* já falei no artigo *m'*. Igualmente de *m'* antes de *a* e *o*. Mais freqüente é todavia o emprêgo da forma *mi*, produzindo-se então os ditongos *io* (*iu*) *ia*, sonoros, embora átonos; p. ex. no verso 1696:

ei-mi assi mia coit' a endurar!

e 2569:

que muitos que mi andan preguntando

—exemplos em que Nobiling prefere *m'assi*, *m'andan*, —sem razão alguma, a meu ver.

medo (**metu**): receio 734, 1533, 2517, 4347, 8442.

mego (**mecum**): 7134.—Cfr. **comego migo comigo.**

melhor (**meliore**): a pronunciar com *ô* fechado, como mostra a quantidade latina, e a rima portuguesa; exerce a função de comparativo supletivo de *bom* 39, 156, 197, seguido de *ca* (**quam**); 527, 546, 1665, 3732, 4530, 4599, seguido de *de*; a de comparativo de *ben*, junto aos verbos *parecer* (77); *falar* (78); *estar* (729); *fazer* (7579), e sobretudo junto a *querer* 831, 934, 943, 2102, 2154, 3321, 4302, 5881.

melhor: superlativo de **bon** 4381.

membrar (**memorare**): lembrar 9373. A forma de transição **nembrar** (q. v.) é a que prevalece nos Cancioneiros.

menage (por *omenage*, do provençal *omenatge* que representa o latim ***hominaticu**, de **homine**—vassalo): homenágem, juramento de fidelidade 6421 (*e non me val i preito nen*—); 9871 (*fez-me preit' e*—).

menço (**mentio**). Vid. **mentir.**

mengua (subst. verbal de **menguar**): falta, carestia 7165 v. (*fazer — a alg.*); 9923 (*con — de sen*). Cfr. **mingua.**

menguar (*minificare*): pelos mesmos processos pelos quais *verificare* deu (*a*)*veriguar*; *santificare*, *santiguar*; **pacificare**, *apaziguar*; **aedificare**, *eivigar*, etc. 9195. — Cfr. **minguar.**

mente s. (*mente*): mentalidade, inteligência; usado no plural na locução *mentes meter* (*em alg. c.*) reparar 949, 1730, 3710, 7660, 8285, 10091 (substituído na segunda época da língua por *mentes parar*), menos usado na primeira (CV 71,4). No singular aparece como segundo elemento de advérbios como *longada mente* 7762, *coitada mente* 2395.

* **mentido** (part. pass. de **mentir**, com significado activo): mentiroso 9428. Como não saiba indicar outro exemplo, e a forma seja meramente conjectural, — emenda minha de *mentira* (CB) — talvez seja melhor substituí-lo por *mentiral*, documentado por CV 502,13 e 538,5.

mentir (*mentire*): 742, 2280, 2801, 7981; (*a alg.*) 2786, 3930, 4500, 5210, 8295, 9770, 9882.

1 pres. ind.	*menço* 3930. — Vid. CV 151,4; *mença* 998,11.
3 pres. ind.	*mente* 9873. CV 151,4.
1 pret. perf.	*menti* 3968, 4982, 7462, 7905.
3 pret. perf.	*mentiu* 2786, 9882.
1 fut.	*mentirei* 1222, 8295, 9763, 9770. *mentir-lh'o-ei* 9757.
3 fut. conj.	*mentir'* 3988, 7327.

7327 *mentir de* (= a respeito de), como CD 1864 e 1867; *por vus eu non mentir* 4500, 5210, 6087, 7477, 8873, 9836; *por vus ome non mentir* 7009.

mentira (de **mentida**, por influxo de *ira*, visto que o sufixo *ira* não existe; ou de um adj. popular latino *mentiriosu* sem representantes nas outras línguas neo-latinas? Vid. Meyer-Lübke N.º 5510ª: 1203, 1544 (*sen* —); 9772 (*con* —); 5599 (*u — non á*); 9877 (*dizer mentiras*). — Cfr. **mentiral, mentireiro**; *mençonha* CB 1154.

mentiral. Cfr. **mentido** CV 164,8, 502,13, 538,5; CM 72,2, 166,4.

mentireiro 9759; CM 336,1; *mentiraz*, *Graal* 31,24; CB 278, 320, 1154; *mentidor* CV 881,7; *mentidoiro* CB 1525.

mentre (*dum interim*, que deu *domentre*, *dementre*, *de mentre*, etc.), conjunção temporal, equivalente a *enquanto*, *entretanto*, seguido de conj. fut., por ex. na locução *mentr' eu viver'*) 4, 350, 362, 420, 425, 1263, 2673; 2740, seguido de pres. (*mentre ando vivo*). — *Graal* 120,16 *en mentre*. — Em *mentres que*, o — *s* adverbial é analógico. — Cast. *mientra* e *mientras*.

meo (*mediu*): metade 3969.

mẽor / **meor** } (*minore*): a pronunciar com ô fechado. Serve de comparativo 1) de pequeno 48, 4029; 2) de pouco 687 e *v.*, 3739. — Cfr. *mais pouco* 1223; *Graal*, 21,33.

mẽos preçar (*minus pretiare*): menosprezar, desprezar 8121.

mercee (*mercede*): compaixão, misericórdia 6958, 6970 (*aver — de alg.*); 7627 (*vĩir a — de alg.*).

mercê: com contracção das duas vogais idênticas numa só, alongada, no verso 5632.

merecer (forma incoativa de **merere**). No CV 498 há *meresco*; 6942 (*mereci*); 1684 (*— morte a alg.*); 1690, 10134 (*mereceu*). Cfr. *mal merecer*, pecar 752, 982, 983, 986,

5031 onde *mal* tanto pode ser advérbio como complemento directo; 2401 (*—algun mal*); 3700 *merecer-se mal a alg.*

mesela (**misella**, deminutivo de **misera**): coitada, mesquinha, cativa 8986 (*chamar-se—*). Vid. CM. 180,5 e 345,15.

mesquinho (arab. **mesquin**): pobrezinho, coitado 5057. É um dos primeiros vocábulos árabes que passaram os Pireneos (fr. *mesquin*). Nas *Glossas de Reichenau* (sec. IX) lê-se *Saraceni mischinum mendicum vocant.*

mester (fr. **mestier ministeriu** influido formalmente por *mistère* de **mysteriu**): necessidade, precisão, substantivo que entrou nas locuções seguintes: 1) *é mester*, é preciso 774, 789, 1369, 9002 (*seria*); 1451, 1752 (*será*); 5814, 5817 (*é mui mester*); 83 (*mais—ca*); 774 (*mui mais—ça*);—2) *ten mester* 255; 3) *á mester* 114, 115, 953, 1530, 1562, 2611, 5869, 8535; *aver mester* de (seg. de inf.) 5453; *aver mester alg. c.* 5869, 6280.—No sentido de ofício ocorre no CV 1033,17.

mesura (**mensura**): comedimento, moderação, justa medida; cortesia, maneira palaciana 221, 232, 236; 821 (*cousiment' e mesura*), 2837; 3133 e 5125; (*fazer—*) 6705, 7274, 8101, 8551, 8633, 8814; 9742 (*seer—a alg.*); 4135 e 4260 (*por—*); 3446 (*sen—*).

mesurado: de maneiras comedidas, mansas, compassadas, i. é, palacianas 9090.

meter (**mittere**): pôr, colocar; enviar, trazer, levar 3645; usado na locução já registada *mentes meter;* 949, 1730, 3710, 7660, 8285; *meter o coraçon en fazer alg. c.* 7506, 8064; (*Graal* 76,2); *meter seu poder por fazer alg. c.* 2889; *meter en coita* 8199.

meu (**meu**): forma m. do pronome possessivo; sem artigo def. p. ex. 1 *deus meu senhor;* 215 *meu coraçon;* precedido do art. def. 24 *o meu conhocer; eno meu coraçon* 7.—Substantivado, *o meu* significa a minha situação, o meu estado, as minhas circunstâncias, os meus negócios, a minha sorte 3707, 5121, 5185 (*o meu adubad'é*). Cfr. **ma, mia, mha, minha.**

mezcra: subst. postverbal de **mezcrar**, intriga, embrulhada 918, 924.

mezcrar (por *mesclar*, de **misculare**, derivado popular de **miscere**): intrigar, embrulhar, causar discórdia 2828 (*—alg. com alg.*). Cfr. *mizcrar.*

mi (**mihi**): forma tónica do caso oblíquo do pron. poss. 1; usada não só depois de preposições, conjunções de comparação, mas também como objecto directo. Complemento indirecto 157, 373, 385; em companhia de outro pronome conjunto, em função de dativo 8, 753 (com *a*); 3649 (com *as*); 166, 167, 259, 417 (com *o*). Enfáticamente serve de complemento directo 160, 1802; de dativo ético 108; como complemento de preposições 255, 969, 1939, 3675 (**a**); 51, 3617, 3624, 3681, 3852 (**de**); 220 (**en**); 228 (**per**); 172, 389, 3713, 3688 (**por**); 193 (**pora**).

Quanto ao seu valor prosódico, claro que constitue sílaba antes de consoantes, 385. Também pode constituí-la antes de vogal acentuada, 1939 (*grav'a mi é*). Seguido de vocábulo que seja mero monossílabo (*a* ou *o*) ou cuja sílaba inicial comece com *a* ou *o* (respectivamente *ou*; *oi*) forma com essa uma única sílaba métrica, pelo processo da sinizese. Temos p. ex. *mi* e a preposição *a* a formarem ditongo nos versos 750, 1264, 3604; *mi* e o artigo *a* 645; *mi* e o artigo *o* 541, 1287, 1324, 1353; *mi* e o pronome *o* 166, 167, 173, 259, 630, 826, 854, 3680, 3808; *mi-al* 1374;

mi-agora 1231; *mi-afrontaran* 930; *mi ar* 401, 3603; *mi-aven* 373, 3853, 3867; *mi-avĩir* 373; *mi-or'* 1020; *mi-oir* 676. Também não constitue sílaba no verso 9 (que eu deveria ter impresso *que nunca mi-á ren de fazer*, uma vez que adoptei a praxe de simbolizar por hífen os casos de sinizese (cfr. 1530, 1318, 1450). Às vezes *mi* é reforçado ainda por *a mi* 202, ou por *a min* 3666, 3794.

Depois de um comparativo, *de mi* equivale às vezes a *que eu* — maneira de dizer que o vulgo ainda emprega hoje: *João é mais gordo ca mim* — p. ex. no verso 36: *vive nulh' ome que de vos mais ben aja de mi.*

mia: forma conjunta do pronome possessivo **mea** 1) f.; proclítica, e por isso pronunciada como uma só sílaba com ditongo ascendente (*miá*) cujo *i* se perdeu mesmo na pronúncia *ma* (q. v.). A grafia do CA é a primitiva, com *i*. Nos apógrafos italianos há sempre *mha*. O símbolo *mh* (assim como *vh* em *Segovha Nevha*, e *bh* em *sabha*) é analógico; como *nh* imitação de *lh* (por *li*, ligado por um tracito horizontal) que nasceu na Provença 69, 73, 135, 139, 146, 153, 160, etc. — A par dessa forma existia, naturalmente, a absoluta, de duas sílabas **mí-a** posposta aos substantivos p. ex. CV 402,8 (*a ventura mia* em rima com *devia, valrria*), da qual por influxo de *mim*, nasceu a moderna *minha* (através de *mĩa*) já bastas vezes usada no tempo dos trovadores, conforme o curioso pode verificar no artigo respectivo.

migo (por **mego,** q. v.): por influxo analógico de *mi:* 459, 3460, 6271, 6429, 8570.

mil (*mille*): 6888 (no sentido de *mil pessoas*); 27, 2120, 2385, 2506, 4028 (*mil vezes*); 3735 (*mil dias*); 8818 (*mil cuidos cuidei*).

milhor (por **melhor**): 2269 v., 7979 v.

min: forma nasalada do arcaico **mi** (*mihi*), empregada principalmente em fim de oração, onde a voz faz pausa, mas também antes de formas verbais acentuadas, sempre com valor silábico. Exerce função de complemento directo, 1) onde hoje a substituiríamos por *me:* 1310 (*nen min poss' eu valer* *), 1314 (*Deus non quer que min queirades* *); 1327 (*desamo min porque me desamades*); 2) onde equivale a um complemento indirecto (*a mim*): 1874 (*m'é min mui grave d'endurar*); 7309 (*por min fazerdes vos ben* *). Nos três casos assinalados com asterisco, Nobiling quis reduzir *min* a *mi*. Se tivesse razão, o mesmo processo deveria ser empregado no verso 1327.

Temos *a min* (em vez do simples *me* dativo) em numerosos versos: 617 (*quisess' ela perdõar a min*); 1566 (*non quis dizer a min*); 1665 (*a min seria melhor*); 3714 (*tan ben vus dirá por mi traedor, come a min por vos, se vus matar*). No verso 495 *en qual coita min faz sofrer* será melhor lermos *coil' a min*, cingindo-nos à proposta de Nobiling. A fórmula reforçada *mi-a-min* ocorre no verso 3666 (*Nostro Senhor que mi a min faz amar a melhor dona*); 3794, *se se mi a min ben ouvess' a parar a mia fazenda.* No verso 1562 *non mi á min mester á* equivale a *á a* (*habet ad.*) — *Min,* precedido da preposição *de*, ocorre nos versos 29, 57; *en* 3553; *per* 1426; *por* 536, 1323.

Em rima com *-i* puro existe *min* quatro vezes: 3723, 3736, 3802, 4242. No primeiro dos casos o *n* final está riscado e tem por baixo o ponto que indicava ao revisor a obrigação de raspar a letra respectiva, lançada por *nefas*. Devemos pois ler *mi*. E nos restantes casos?

mingua por **mengua,** pela tendên-

cia popular de pronunciar *e* átono como *i*; *o* átono como *u*: 218, 3739, 6224, 7158; 2107 (*con — de sen*); 6224 (*nen — que ouvesse*).

minguar por **menguar**: 9153.

minha (de *mĩa* por *mi-a* de **mea**): forma moderna do pronome possessivo 1 f. No CA não há senão dois exemplos. Em ambos, o pronome é substantivado: 3158 (*a minha*); 5273 (*e estas coitas... minhas son*). Há outros casos nas partes do CV e CB que completam o códice membranáceo: 9630, 9524 e 9527. Uma vez temos *senhor minha* 9646. Dois casos aparecem que antecipam o uso moderno: 9342 (*pois minha senhor me manda*), 9348 (*minha senhor me defende*). Vid. CV 1137,8 e 1150,5 (*minha boca*).

mirar (**mirare** por **mirari**): ver com atenção e admiração 6235, 6237 (*mirei*).

mizcrado por **mezcrado** (q. v.) 8999.

mizcrar por **mezcrar** (q. v.) 2828 v. e 9281.

moesteiro (de **mõesteiro**, **monisteriu** por **monasteriu**): mosteiro, — Na epígrafe da Cantiga 359.ª, omitida por engano, mas impressa neste *Glossário* s. v. **abadessa**.

molher (**muliere**): mulher 8, 52, 86, 97, 111, 127, 232, 1734, 2293, 5600, 9294; 786 (*nulh'ome nen molher*); 421 (*d'om' ou de molher*); 1554 (*ome por molher*).

monstrar (**monstrare**): mostrar, fazer ver 7106, 7816, 7817 (em lições do CB). Cfr. **mostrar**.

moor (de **maor** — **maiore**): 9144. *Moôr*; contraído em *mór*, com *ó* aberto, influiu, como mais usado dos comparativos em *or*, em todos os mais, usados na época arcaica (*melhor*, *mẽor*, *peor*) — mas não nos que a época clássica introduziu (*superior*, *inferior*, etc.).

morador (**moratore**): habitante 5260.

morar (**morare**): habitar, residir 597, 1584 (*que eu móre*), 1590, 1831, 2766, 2821, 3059, 3609, 6261 (*a la corte*), 6496, 9293, 9956, 10227 (*mora*).

morrer (**morere** por **mori**): 23, 123, 179, 235, 367, 383, 387, 451, 1132, 2007, 2407, etc., contranome de *viver*.

1 pres. ind.	*moiro* de **morio** por **morior**, 895, 1301, 2006, 4700, 8607, 10096, 10101 e 10102 etc. — CV 1035,1.
3 pres. ind.	*morre* 21, 516, 6431, 9008.
1 pres. conj.	*moira* 1657.
1 pret. perf.	*morri* 1153, 9007.
3 » »	*morreu* 891, 896, 8437.
1 fut.	*morrerei* 586, 3213.
3 »	*morrerá* 459.
3 m. q. perf.	*morrera* 2417.
1 fut. conj.	*morrer'* 226.
3 fut.	*morrer* 515.
1 » cond.	*morreria* 4691.
part. pres.	*morrendo* 2005.
part. pass.	*morto* 894, 899.

Moiro passou a ser *mouro*, e *moira* a *moura*, formas ainda usadas no tempo de Gil Vicente e Anrique Aires Vitória, e mesmo no de Luís de Camões, poetas que brincaram com a homonimia de *morio(r)* e *mauro maura*, sempre que se sentiam apaixonados por alguma mulher a que pudesse aplicar-se o *Nigra sum, sed formosa* da Sulamite. A duplicação do *r*, que principiara no infinitivo, comunicou-se portanto relativamente tarde à 1.ª pessoa dos presentes.

Locuções: *morrer de* 5945, 6431, 8607 (*d'amor*); *morrer por* 2585 (*saber*); 8402 (*por morrer*); 10096, 10102 (*por veer alg.*); 4700, 4701 (*por fazer alg. c.*); *morrer ben* 5601; *morrer mais* 4691; *morrer peor* 5608; *per morrer* 5224 (cfr. **per**).

mortal (*mortale*): causador ou produtor de morte, 3177, 6626, 8400.

morte (*morte*): contranome de *vida* 67, 69, 240, 385, 386, 466, 470, 479, 509. Emendando, segundo uma conjectura plausível de Nobiling, leiamos:

E esto me faz defender
de mort', e non d'outro pavor;

e traduzamos: *darum wehre ich mich gegen den Tod, und nicht gegen andre Schrecken.*—Na Cantiga 142, que eu não chegara a interpretar de modo que me satisfizesse, lê-se:

Preguntou Johan Garcia
da morte de que morria,

frase em que devemos compreender *de que morte eu morria* (*welchen Todes ich stürbe*), conforme reconheceu Nobiling, que corrigiu e explicou bem o refram, entendendo:
A morte d'esto se (ou *xe*) *m'ata:* (*Daher bereitet' sich mir der Tod; daher kommt mir der Tod.* Cfr. **atar.**

morto (*mortuu*): defunto: 899, 9471.

mostrar (*monstrare*): fazer ver: 68, 689, 781, 1691, 1803 (*mostrar-mi-á*), 1905, 7213, 9370, 10163 (*mostre*). Cfr. **monstrar.**

mouro (*mauru*): oriundo da Mauritânia, saraceno, mouro. 10184, 10256.

mudar (*mutare*): alterar, transformar 9753 (*os corações*).

mudo (*mutu*): sem fala 6148.

mui: forma abreviada, proclítica, de **muito** (*multu*), advérbio que acompanhando adv. ou adj. significa *extremamente; 50 ben; 44, 138, 155 gran cuita; 409 gran mal; 14 gran razon; 381 natural; 98 pouco; 501 quite.* Seguido de comparativo: 51 *mais; 197 melhor.* A forma geminada (freqüentíssima p. ex. na *Crónica dos Frades Menores*) só occorre uma vez nos nossos textos 10379 *mui mui fremosa.*

muin / **muyn** } forma nasalada de *mui* 267 v., 969.

muinto: forma nasalada de **muito** 10048 (CB).

muito (*multu*): adj. 1) grande 379 (*guerra*); numeroso 398 (*vezes*); 482.

2) adv., usado como qualificativo de nomes: 302, *mal; 19 outro mal;* com verbos: 127 *amar;* 427 *desejar;* 538 *punhar;* 372 *recear;* 7037 *servir;* 3 *viver; tan muito* tanto 2079, 2366, 6345, 7277, 10094.

mundo (*mundu*): terra, contranome de *ceo:* 39, 60, 62, 114, 131, 225, 245, 254, 505, 547, 3738, 5545, 6697, 10092; 9819 (*partir-se d'aqueste*—); 9824 (*leixá-lo mundo*); 10090 (*desemparar mund' e prez*).

N

Na 1) contracção do art. def. f. com a preposição precedente **en** (**in**) 1370.

2) contracção do pronome-complemento da 3 f. com a preposição *en* (*in*) 3233 (*e non na veer* = *et non in illam videre*).

3) variante do pronome-complemento da 3 f., quando êle se segue a uma palavra terminada em nasal, como *non*: 6996 *ja eu chus no' na negarei.*

nacer (*nascere*): vir ao mundo, à luz 1152, 7216; 227, 1161, 5315, (*naci*); 10206 (*naceu*). Cfr. **nascer** e **nada nado.**

nada (*nata* por *res nata*): alguma coisa, qualquer coisa 7606; em orações negativas, acompanhado de *non*, nenhuma coisa 1558, 2393, 6360, 7749; ou de *nen* 6357; ou de *nunca* 6356.

nado (*natu*): nascido 4618, 6384, 6457,

7372 *foi;* 7750 *seja;* 6347 *fosse nado;* 7755 *fosse nada;* 6362 *bon dia n.;* 6351 *en bon ponto n.;* 3563, 6361 *mal dia n.;* 1069 *grave dia n.;* 6457 *en forte ponto n.;* 7372 *en tal hora n.;* 7249 *omen nado* = alguem; 299, 3746 *nulh' ome nado* = ninguém.

namorado (*in* + *amor* + *atu,* com aférese da vogal inicial como em **nojo** (*in* + *odio*): 4671 (*andar*—), 9525, e na Epígr. da Cantiga n.º 313.

nascer: (**nascere** por **nasci**) 1337, 5620 (*nasceu*).

natura (*natura*): 8995 termo jurídico, culto portanto, que designa o direito de algum nobre receber alimentos (*Naturalien*) de qualquer mosteiro, fundado por êle ou por seus ascendentes: comedoria. Cfr. *natureza,* no sentido de *pátria,* numa das cantigas, atribuídas a Cristóvam Falcão e publicadas na *Rev. Lus.* IV, 153.

natural 1) oriundo de alguma terra, morador nela 381, 8901 (*de*); 1474 (*senhor*—) herdeiro, padroeiro e descendente dos fundadores de algum mosteiro; patrícia e herdeira do mesmo convento 1341.

negar *negare*): dizer que não, recusar alg. c. a alg. 2095; renegar alg. ou alg. c. 177, 742, 1846, 1847; ocultar, não confessar 440, 600, 1203, 1215, 3052, 10103, 10106; 365 (—*seu cor*); 10105 (*neguei*); 10112, 10118 (*negar'*); 10106 (*negarei*).

nelhur: forma arcaica de *nenlhur* 1529 v., a não ser que simplesmente falte o til sôbre *e*, por lapso do escrevente, tanto no passo do CB, como no CM 5,15.—Cfr. **nenlhur**.

nembrado: lembrado 7240 (*andar*—).

nembrar (*memorare*): lembrar. No sentido *vir à lembrança de alg.* é impessoal: 1170, 2399, 6067, 6073, 9373. Todavia é pessoal no verso 5473 (*ca ela me nembra enton*).—Cfr. **membrar**.

nembrar-se de alg. c. ou de alg.: 603, 604, 737, 1149, 1723, 2137; 748 (*nembrar-se como*); 5130 (*nembre-se quant affan lembrei*).

nen: forma nasalada de **ne** (**nec**), conjunção negativa, equivalente a *e não, também não*; precedida de outro advérbio negativo: *non* p. ex. no verso 345 *non catedes o desamor nen o pesar*, 405, 557, 1983, 7541; 7333 *e non me val contra vos nen esto nen al*; *nunca*, no v. 7330 e 61 *nunca desejei nen desejarei*; 145 *se me vos non fazedes ben, nen eu non vus faço prazer.*—Também se emprega depois de orações gramaticalmente afirmativas, mas negativas, ou pelo menos dubitativas ou condicionais, quanto à ideia 435, 7538.

Em outros casos equivale à conjunção alternativa *ou* 149, 5557, e mesmo à conjunção copulativa *e* 1932, 1958, 3152, 4247, 7138, 7339, 8944.—S. v. *morte* já ficou dito que no v. 509 o leitor deve substituir *nen* por *e non*, lendo *de mort' e non d'outro pavor*.

nen ja (**nec jam**): e muito menos ainda 2040, 2105. Cfr. *non ja*.

nen se (**nec si**): nem mesmo quando 8611.

nenhũa: f. do pronome indefinido **nenhum** 7400, 8563 CB.

nenhun (**nec unu**): cast. arc. *nengun(o)*, variante de *nen un, ne un, niun*, quer simplesmente gráfica, visto que ocorre apenas nos apógrafos italianos que empregavam a miude *hh* não-etmológicos, escrevendo *hun, hũa, hi, he,* quer com o *n* palatizado da forma moderna *nenhum*, que resultou do influxo da vogal *i* (*nĩ un*): 138, 209, 277, 278, 285, 6884, 6889, 7414, 8103.

Como pronome substantivado, equivalente de *ninguem*,—(formação analógica, modelada como *alguem* sôbre *quem*)—*nenhum*

encontra-se freqüentes vezes no *Graal* p. ex. 21,16; 132,6.

nenlhur (**nec** ***ubi***): em parte nenhuma. O segundo elemento de *nenhú* (por *nen ú*, *nẽ u*) foi alterado por analogia com *algures* e *alhures*, do provençal *alhurs* fr. *ailleurs*, de ***aliorsu*** (virado para outra parte) 1529*, 3245. — Vid. CM, 15,18; 35,18; 115,16; 265,14 e 5,15 onde há a variante (ou seja grafia errónea) *nellur*. No *Graal* 132,1 há *nenhur*.

neta (***nepta*** por ***nepte***) 8982, 8984, 8992.

neto: m. de **neta** 8991, 8999.

neũa: f. de **neun** 5489 (CM *ni hũa*).

neun (**nec** ***unu***): nem um, nenhum, variante gráfica de *niun* 209, 277, 278, 285, sempre em orações negativas; no verso 438 sem advérbio negativo, mas acompanhado da preposição *sen*.

niun: forma evolutiva de **neun** 248, 3034, 3068 (*niun prazer de nulha cousa nunca prenderei*), 3222, 4371.

no (***in illo***): forma moderna do arcaico *eno* (q. v.), isto é ligação e assimilação do art. def. arcaico m. *lo* com a preposição *in* 61, 1778, 2003, 3232.

n'o: variante fonética do art. def. arc. m. *lo*, empregada quando êle se segue a uma palavra que termina em nasal: 2667 *perderon-n'o sen*.

no ou **n'o**: variante do pronome complemento da 3. p., empregada quando êle se segue a uma palavra terminada em nasal: 75 *ben-o*; 748 *ben-n'o*; 288 *nen no*; 587 *non-n'-o*.

no' me: forma do advérbio negativo *non*, assimilada ao pronome-complemento *me* 3283 — exactamente como nas fórmulas *no-mais*, *ne-migalha*, ainda usadas na época clássica. A não ser assim, houve omissão de til sôbre *nõ*.

nona que podemos transcrever por *no'-na* ou *nõ-n'a*: ligação do advérbio negativo *non* ao pronome-complemento arcaico da 3 p. f. 6996 *ja eu chus no'-na negarei*. — Nos versos 3233-4 *coidando... non n'a veer*, o adv. *non*, embora esteja no fim do verso, em rima com *coraçon* está ligado a *en a veer*.

noite (***nocte***): [contranome de *dia*: 2527, 6274, 8245.

nojoso (adj. derivado de **nojo** = ***in odio***): repugnante, enfadonho 8929, 10054.

no'las por *nos as*, com assimilação do *s* final de *nos* ao *l* inicial do pronome arcaico *las*: 8925 (*non poss'eu osmar que no'las gentes querran consentir*).

nome (***nomen***): 8902, 8936; (*pöer — a alg.*).

nomear (***nominare***): 7005 (*nomeei*).

non (***non***): advérbio negativo 12, 15, 21, 29, 164, 172, 344, etc.; 348 e 403 (*me non*); 404 (*non me*); 10245 (*dizer de non*).

non ja: 8106.

nos: nominativo do pronome pessoal 4: 9382; 2) caso oblíquo do mesmo 10259.

nosco (***nos cum***): por *nobiscum* 9383; 6974 e 9392 **con nosco.**

nostro (***nostru***). Essa forma plena do pronome possessivo 4 é empregada no CA unicamente em invocações ou referências a Deus e Jesus Cristo: 90, 839, 2090, 2207, 2462, 3052 *Nostro Senhor*; 6977, 7629, 8600, 8897, 8910, 10212, etc. *Nostro Senhor Deus*. Em quaisquer outras expressões empregavam os trovadores *nosso*. Cfr. *vosso*.

novas (***novas***): f. pl. do adj. subst. 8830 (*saber novas de alg.*).

nove (***novem***): 10211.

nulha (***nullia***): neutr. pl., formado analógicamente sôbre ***omnia*** que nas línguas neo-latinas passara a f. sing. (Meyer Lübke 5992 e 6064). — Nobiling considerava a forma portuguesa como castelhanismo;

Leite de Vasconcelos (*Rev. Lusit.* IX, 38) tem-na em conta de provençalismo.—No CA aparece apenas como adj.: 69, 1852 (—*cousa*); 41 *culpa*; 32 *enveja*; 2295, 8360 *guisa*; 218 *mingua*; 402, 1088, 9184 *ren*; 1592, 1693, 6317, 6899 *sazon*; 211, 2765 *per nulha ren*.

nulho. O m., abstraído do f., acompanha apenas *ome* 33, 35 (*nulh' ome*) ou *ome nado* 299.

nunca (**nunquam**): em tempo algum, jamais 5, 9, 59, 166, 349, 549, 550, 2461, 7387; acompanhado de adv. negativo no verso 6889 *nunca dezian nenhun ben*; 209 *Deus nunca me neun ben dê*; 7400 *non averei nunca nenhũa sazon* 2084; *nunca ja mais*.—Cfr. **niun.** Sem advérbio negativo=*em qualquer ensejo* 127, 175, 231, 247, 540, 2427, 3174, 4289, 7092, 8437.

nus: caso complemento de *nos* 6984, 9382, 10261-65.

nuzer (**nocere**): prejudicar, danificar 291.—Vid. CB 75,20; CD 178 (*nozer*); CM 109,1; 134,6; 193,4; 245,8; CM 5,25 (*nuz*); 4, 6 (*nuza*).

O

O (*illu*): art. det. m., abstraído de fórmulas compostas em que o *l* do primitivo *lo* estava entre vogais, como em *de-lo*, *a-lo*, hoje *do*, *ao*. Precede substantivos 70, 85, 134, 344, 425, 474; pronomes possessivos 217, 511 *o meu*; 1237, 1272 *o seu*; 60, 171, 365 *o vosso*.—Cfr. **os.**

o (**que**): 1) pronome demonstrativo *m.*: aquele que 44, 281, 1225, 1406. 2) pron. dem. n.: aquilo que 116, 281, 372, 609, 1379, 5940; 694, aquilo de que; 5659 *do que*.

o (**illu**): pron. pess. complemento 3, m. 105, 122, 128, 137, 164, 212, 321, 360.

o quê: pron. demonstr. a qual coisa, 4692.

* **ó** (**aut**): forma espanhola da conjunção alternativa, correspondente ao port. **ou**.—Provávelmente mero êrro de escrita no único passo em que ocorre 47.—Não creio haja a forma portuguesa *ó*, com redução do ditongo à tónica simples, como em *negô-o* 9402.

obrar (**operare**): realizar, praticar feitos ou façanhas 10357 (*obrou*); 10370 (*per obrar valença*).

obridar (**obliterare**, cast. **olvidar**): esquecer 1068 (*assi me ten end' amor obridado*); 7416, 10300.—Vid. CD 364 (*non xe vos obride*); CM 1,4, 16,11, 125,8 e 16, 141,8, 206,4 e 9, 336,5, 385,2, assim como *obridança* 9,5, 303,6.

oer': a par de **over'** por **ouver**, 4 v., 43 v., 387, 1368, 7175, 7417, 7781, 8677.

oera por **ouvera** 7910.

oesse par **ouvesse** 611 v., 7398, unicamente nos apógrafos italianos. Já registei as três formas provenientes de *haubi* por *habui*) s. v. *aver*. A redução de *ou* a simples *ó* é possível, e realizou-se por ex. em *loar* e *oir*. A queda de *v* intervocálico em formas de um vocábulo tão usado como *aver*, seria todavia difícil de explicar. Para supormos houvesse apenas deficiente representação gráfica de *ouu*, acho os exemplos demasiadamente numerosos.—Vid **oïr.**

oge (**hodie**): hoje 87; **og'** antes de *e* ou *i*: 6, 207, 503, 1229, 1974, 6406 (*d'og' este dia*). Quando se lhe segue *a*, *o*, *u*, a grafia recta é **oj'**. Emende-se pois o verso 217 onde se imprimiu *og' o meu coraçon*, e 2941 (*og' a mui gran pavor*).

oge mais: (às vezes precedido de **des**, p. ex. 2974), desde hoje em diante 2974; 5531, 5566, 5783, 5993, 6010, 6972.

oi, oy (**hodie**): forma aparentemente castelhana, usada por trovadores galizianos (e outros) 6984, 7335.

oimais, oymais (*hodie mágis*): doravante 3450, 5174, 6716, 7427, 7508, 7514.

oïr (*audire*): ouvir; aparentemente um hispanismo, mas por ser única forma usada na época trovadoresca, entendo que é apenas grafia deficiente de **ou-ir.** O ditongo **ou** aparece escrito diante de consoante, em *ouço* e *ouçan*. Nos apógrafos italianos já se encontram formas com *v* epentético, que evidentemente se desentranhou do *u* do ditongo; p. ex. 9716, CB 318,4 (*ouven*) e 1503,4 (*ouvya*). No *Graal* (cujo traslado vienense é do século XV e tem retoques linguísticos) essas formas modernas prevalecem: *ouvir, ouves, ouvi, ouvio, ouvistes, ouviron, ouvira*, etc.

1 pres. ind.	*ouço* 507 (no original *ouzo*) 1175, 1902, 2108, 2224, 5495, 9720.
5	*oïdes* 1061.
6 pres. conj.	*ouçan* 7246.
3 imperf.	*oïa* 5172.
1 pret. perf.	*oï* 990.
5	*oïstes* 37, 1020.
3 fut.	*oïr-mi-á* 1802.
5	*oiredes* 7032.
	oïr-vus-edes 1791.

No CM há *oe* e *oen* (69,13).

oj', og': 217, 2941. Cfr. **oge.**

olho (*oc'lu*): 737; *olhos* 873; *meus olhos* 3652; *os meus olhos* 737, 3811, 3829, 3856; *os olhos meus* 3434; *aquestes meus* — 3784, 3806, 5137; *estes meus* — 1518, 3489, 3505, 4105, 5265, 5279, 6821; *estes—meus* 3499, 3564, 3692, 3716; *esses vossos* — 3505.

ome (de **om'ne homine**): 1) varão, contranome de mulher 86, 111, 118, 158, 421; 2) homem, contranome de Deus; criatura em geral 267, 411, 444, 486, 3885, 7009, 7852; *tod'ome* 23, 125; *nulh'ome* 33, 35, 299; *outr' ome* 72; *ome nado* 2008, 4764; *nulh' ome nado* 299; *nunca... ome* (=ninguém) 1839; *ome preso* 7628; 3) pronome indefinido (fr. *on*), qualquer pessoa 16, 17, 3885, 4762, 6796, 6850, 7852; 4) vassalo 382, 390, 391, 469, 481, 1037, 1057, 1321, 1439, 1489, 1493, 6109, 7983, 9039. —Em cast. arcaico existia na linguagem jurídica a forma *ome, omes* (p. ex. em *rico-ome*).

ome-lige (francês, do germ. *letiks*): vassalo 2999, etc.

omen: forma nasalada do arcaico *ome*, usada nos apógrafos italianos, por ex. 111 v.; 267 v., 1044; 6977, 7124, 7851.

onde (*unde*): no sítio indicado 6471; no sítio de onde 875, 9036; pelo que 3319; do qual, de quem 359, 1964, 7851; *a freira ond'eu ei amor* 6216, 7212; de que 8661.

onra: subst. verbal abstraído de *onrar* 9766.

onrar (*honorare*): 6987, 7028, 7029 (*onrada*).

ontre (*inter*): entre (influído por ventura por *contra*) 683, 4433; 2576 (*e vou-me d'ontr'as gentes alongando* onde o CB tem *doutras*); 6233, 6239.—Cfr. **antre, entre.**

* **Oordia:** nome próprio f., deturpado 10087. Leia-se **Dordia,** como imprimi na Nota Marginal I (*Zeitschrift* XXV, p. 145) e entenda-se *Dor(o)teia.*

* **or** Parece estar no verso 9872 *euayssoria de carrerya la via* que interpretei hesitando por *e vai-s'ora de carreira sa via,* acrescentando que em *carrerya* talvez se esconda um nome de lugar. No verso 9929, onde o CB tem *a queor pela muytē* restituí o sentido e a forma, lendo *a quen pesa muil'én.*

ora (*hōra*): s. f. 6355 (*en tal*—); 10228 (*en forte*—).

ora: o mesmo nome, reduzido a advérbio: agora, actualmente 24, 31, 37, 93, 98, 167, 186, 195, 251, 342,

2214, 9756, 10212 (em rima com *fora chora*, pronunciado portanto como hoje, com *ó* aberto); 10271 *ora ja non.*

oraçon (**oratione**): reza, prece 10267, 10293 (*fazer—*).—Cfr. **raçon.**

orar (*orare*): pedir, implorar 6964, 6966 (*eu'oro* em rima com *chóro demóro*).

orden (**ordine**): comunidade monástica 9635, 9637 (*filhar*—vestes, hábitos religiosos); 10088 (*prender*—id.)—Vid. *homem d'ordem Graal* 116,2 e 133,16; *casa d'orden*, 50,37, 106,22.

os (**illos**): pl. de *o*, art. def. m. 737, 2251 3434, etc.

os (**illos**): pron. pess. complemento 3 m. pl. 494, 3436, 3813, 3832. Cfr. *mi-os* e *lh'os.*

osmar. Do lat. **aestimare,** orçar, avaliar, calcular, imaginar, cuidar, veio **esmar, asmar;** do greco-latino **osmare** ὀσμάομαι, conhecer pelo cheiro, farejar, adivinhar, o verbo *osmar;* e em conseqüência da quási identidade das formas e semelhança do sentido fusionaram na época dos trovadores. Temos o infin., nos versos 764, 888, 1016, 3236, 5951, 7166, 7507, 8289, 8924, *osmar-se de alg. c.*, 4962 *(quen s'end' osmasse);* 1 pres. ind. *osmo,* 758. Vivo está ainda em Trás-os-Montes como *usmar* (*Rev. Lus.* XI 59).

osmo: subst. verb., tirado de *osmar*, como *cuido* de *cuidar* no verso 7174 *(a meu osm').*

ou (*aut*): conjunção alternativa 421, 1117, 1361, 6388 v. onde o CA emprega **vel** (q. v.)—Cfr. **ó.**

ousadia (derivado abstracto de ousado, **ausatu**) audácia 10011.

ousar (*ausare*): verbo intensivo, tirado do part. **ausus** de **audere**) atrever-se, seguido de infinitivo sem preposição 449, 547, 1191, 1631, 1633, 3980, 7941, 7947; seguido de *a* 1875, 3980 v., e talvez 7789; seguido de *de* 8666.

outre: pron. indef.; forma divergente de *outro,* (agrupada analogicamente com *este, esse, aqueste, aquele*): outra pessoa 94 v., 811, 1089, 2040, 2041, 2105, 2596, 3088, 3215, 3599, 5926.

outrén: pron. indef., calcado sôbre *quem, alguem, ninguem* 7650, 9220. Quanto à acentuação veja-se o verso 813, em que está em rima com *ren, ten, sen, ben, aven.*—Cfr. cast. arc. *otrien.*

outri: variante de **outre, outrén:** 3989, 4089, ambas as vezes na grafia castelhana *otri* (calcada sôbre *qui* e *nadi*).

outro (*alteru*): 19, 72; 232 (*outra molher*).

outro dia: há poucos dias 1566.

outrosí, outrossí: da mesma maneira, também, igualmente 4169, 5630, 8503, 9278, 9730.

outrossy vid. **outrosí.** Epígrafe da Cantiga 359.

outro tal: outro igual 3058.

outro tanto: o equivalente 8908. Vid. **quatro tanto.**

outrogar (*auctoricare*): outorgar, conceder 7771.

P

Padecer (forma incoativa de **patire**): sofrer 8079, 9258; 3908 (*padece*); 7859 (*padeci*).

padre (*patre*): pai. Ocorre unicamente na *Epigr. da Cant.* 311 e 312. Cfr. **madre** e **pai.**

pagado (*pacatu*): contente, satisfeito 634, 3560, 7686; 3947. Nesse verso parece-me melhor lêrmos *e tenho-m'eu das coitas por pagado* do que *m'end as.*

pagar (**pacare** de **pax**): satisfazer, contentar; dar o valor de 636.

pagar-se de alg. c.: ter prazer em, gostar de, contentar-se com. 1747, 3441, 6174, 6684, 7075, 7078, 8576, 8923; *(non se—ren de alg. c.),* 5159.

pai (de *pá-e* por *pade*, pronúncia infantil de **padre—patre**: 8380, já monossilábico, em rima com *vai*.

paixon (**passione**): 10268 (*pres mort'e*— com relação a Jesus Cristo).

pano (**panno**): hábito, traje de ordem 9399 (*panos de doo*); *Graal* 116,2 e 23,15.

par (**par**): semelhante, igual a 308 (*par de morte*); *achar*—10234; *aver*—1010, 4201, 6748, 8591, 9192, 9299, 9504; *fazer*—2439, 2692, 8502, 8656, 10145; *veer*—2689, 9213.— *a par de*, próximo de 8888 (*jazer*); *põer par a par* 10249.

par (preposição francesa, proveniente de **per**). É empregada unicamente em fórmulas de juramento como *par Deus* 54, 318, 2369, 3109, 3801, 5010; *par Nostro Senhor* 2207; *par Santa Maria* 1570, 10235.—Nas *Cantigas de S. Maria* há *par San Denis* e *pas-San Denis*; no *Graal*, *passanta Maria* f. 167 v. e 175 v.; *par-des* 5,20; 92,37; 96,2 e dúzias de vezes.

parar (**parare**): resultar, terminar 3794 (*ben*); 8995 v. (*peyor*). No texto imprimi *partirei*.—Cfr. **mentes**.

paraiso (**paradisu**) 2141 v.

parcir (**parcere**): poupar 337; CV 416,19.

parecer (forma incoativa de **parere**): ter certa aparência 77, 252, 1876, 6234; *parecer ben*, no sentido de *ser formoso* ainda se usava no sec. XVI (*Rev. Lus.* IV, 170); *bel parecer* é freqüente no Romanceiro peninsular.

parelha (**parĭcula**): coisa tão parecida que quási forma *par* 960.

parenta (f. analógico de **parente**) 935, 942, 954, 959.

parente (**parente**): aparentado 6426.

parte (**parte**): parcela, partícula 9819 (*do mundo*).

partir (**partire**): separar 380, 1183; afastar 736, 1749 (*os olhos de alg.*). 2) ter parte em alg. c. 8991.

partir-se de alg. ou de alg. c.: separar-se, despedir-se, apartar-se 376, 377, 2491, 3020, 3218, 3420, 9819.

passar (***passare** de **passu**): atravessar 10152 (*o tempo*); 6651 (*muitas coitas*);—acontecer a alg. 6577, 9435 (*per alg.*).

pastor (**pastore**): môço, jovem, rapaz 8900.

pastorinho: juvenil 3886. Vid. *Zeitschrift* II, *Randglosse* I, p. 68 e cfr. CV 914,9 *enquanto fores tan pastor d'idade*.

pavor (**pavore**): medo, receio, pavor 509, 524, 593; *aver—de alg. c.* 1055, 1991, 2259, 2837; *fazer—a alg.* 1184; *—de morte* 1962; *a grande morte* 544.

paz (**pace**): 480, 780, 6926.

pecado (**peccatu**): 5619; *mau meu*— 3553, 6402, 8247; por causa dos meus pecados. Cfr. **mal peccado**.

pecador (**peccatore**): nome epiceno como todos quantos acabam em *ôr* (*ore*), *ês* (*ense*) e *ante*, *ente*, *inte*: 1159, 1672, 8046, m.; 1888, f. Cfr. CB 1504,2. Veja-se todavia **parenta**.

pecar (**peccare**): 9415 *pecardes* é conjectura minha. Molteni lera e imprimira *cacards*.

peço (***petio** por **peto**): analògicamente formado sôbre **metio** meço. Cfr. *pedir*.

pedir (**petere**): 1799, 7989.

1 pres. ind.	*peço*	4594, 5814, 6967, 7788.
1 pret. perf.	*pedi*	6967.
3 fut. conj.	*pedir'*	9506 (*conselho*).

pedra (**petra**): 4493.

peior, peyor (**pejore**): forma de *peor*, predominante nos apógrafos italianos, registada por isso mesmo nas variantes dos versos que cito no artigo **peor**: 7976 (*ser*), 7490, 8995 (*estar*).

pelo (combinação da prep. **per** e do

art. def. m. *lo*, com assimilação de *r* a *l*, rara no CA que tem em regra **polo** (q. v.): 254, 296, 2072.

pena *(poena)*: forma culta de **pẽa**, dor, mágoa, sofrimento, muito cedo reconduzida à plenitude latina, 7124 (*dar penas a alg.*).

penado *(poenatu)*: atormentado 6236, 6258 (*penado d'amor*).

penar *(poenare)*: sofrer tormentos 6238, 6242, 6262.

penhor (subst. verbal tirado de *penhorar pignorare)*: objecto dado como garantia de contrato 388 *(filhar —)*.

pensado (part. pass. de **pensar**). Empregado em locuções impessoais como *nunca foi ên (inde) pensado* 279, 7665, 8284; CD 787. Cfr. **empensado** e **encal.**

pensar *(pensare)*: reflectir, lembrar-se de alg. ou de alg. c. 53, 601, 602, 7023, 7035, 7069, 7231, 10216 sempre; *pensar de*, no sentido de *cuidar de alg. c. ou de alg.* 984, 6304, 6323. Forma divergente de **pesar.**

peor *(pejore* a comparar com **maôr** de *majore)*: é a única forma usada no CA, no sentido de *menos mal*. 1) como comparativo de **mau** nos versos 694, 861 (*estar — com alg.*), 2718 (*fazer*), 1510 (*ser*); 2) como comparativo de *mal* 5475; 551, 663, 722, 1065, 5542 (*fazer*); 53, 6324 (*pensar*).

per (*per*): preposição que no CA se encontra escrita com todas as letras, ou simbolizada pela abreviatura *p* (com perna traçada). — Significa *através de* (563 *per muitas terras irei*); por meio de: 119 (*per algũa ventura*); 208 (*per vosso mandado*); 10, 92, 126, 4176, 5799, 5806; 483, 1100. No verso 4163 (*per mi sei eu*) e no 8077 (*per mi non vus falarei*), *per mi* talvez signifique *segundo mim, quanto a mim*, embora no primeiro caso *per* também possa ser advérbio (cfr. 1975 *per sei eu*).

A preposição *per* também é usada em fórmulas de juramento, sobretudo em *per bõa fé* 32, 38, 97, 146, 4172, 8365. Cfr. **par.**

per como: pela maneira como 4966, 8036, 8380.

per quanto: enquanto, até o ponto de 7752, 9384, 9393, 10225.

per *(per)*: advérbio, ou antes prefixo adverbial, separável, como fôra em latim, anteposto ora a verbos, ora a adjectivos, ou fórmulas adverbiais, cujo significado se quer reforçar; de sentido e com função de superlativo portanto. Comparável ao francês *très* de *trans*. Equivalente de *muitíssimo, fundamentalmente, de todo em todo.*

Eis a lista dos verbos auxiliares ou independentes, simples ou compostos, que aparecem nos textos do CA, precedidos de *per:*

aver pavor 5310; *sabor* 4557; *sazon* 7885.
estar 8013.
seer 193 (*gran ben*); 2807 (*mester*); 3706 (*mal*); 8455, (*gran coita*); 8597 (*en gran coita*); 8605 (*sen ventura*).
tẽer 1420, 2292.
conquerer 10203.
conselhar 8241.
fazer 2174 (*dereito*); 3848 (*mal*); 7564 (*prazer*); 10338 (*pecado*).
matar 7693.
morrer 5224.
obrar 10357.
saber 1975, 8244, 8363.
dever agradecer 664, 5597.
dever a creer 1751.
fazer saber 8244.
ir conselhar 8241.
ir mal pensar de alg. 6304, 6323.

Muitas vezes *per* é precedido de outro advérbio (ou locução adverbial) como *muito:* 4557 (*ca muito per á gran sabor*); 1420, 2292, 2807, 7885, 8013, 8605. Casos há

em que, afastado do verbo, *per* precede o substantivo ou pronome, podendo portanto ser preposição (conforme mostrei no artigo *per*). Vid. 3706 *per vos est' é mal;* 4163 *per mi sei eu;* 7007 *e quen ben quiser trastornar per todo o mundo e ferir* (q. v.); 10370 *e per valença quer obrar.* Estou todavia persuadida de que temos o advérbio *per* em todos os quatro passos. E também no verso 2815, onde imprimi *E vosso sen que por en mi errar vus faz tan muito* que me inclino a ler *per en mi errar.*

Quando falo dêsse *per* aos meus alunos costumo citar-lhes adjectivos latinos como *per acutus, per acerbus, perfectus, peregrinus* de *(per agrare)*, e frases de Cícero como *per mihi, inquam, gratum feceris; per enim magni aestimo; per mihi brevis fore videtur; per etenim absurdum est; per mihi benigne respondit.* Claro que também lhes digo algo do grego περι, dando exemplos como περικαλλγς e Περικλγς. Nem deixo de lhes chamar a atenção para as *Cantigas de S. Maria*, onde um criado, falando de outro ao seu amo, refere que *mui ben per entendeu o que nos mandaste;* para a linguagem pastoril de Juan del Encina e Lucas Fernandez, em que os superlativos com *per* per-abundam; e para os dialectos do Bierzo e de Astúrias, onde um homem muito doido se chama *per-llocu*, um grande toleirão *per-bobu*, uma pessoa muito alegre *per-contenta.* E para terminar lembro-lhes que os próprios castelhanos qualificam de *peripuesta* uma menina garrida, muito bem posta (regressando aparentemente à pronúncia helénica).

pera *(per ad)*: para. *Em direcção para*, na Epígr. da Cantiga 312 *(enviava-as pera Irlanda)*, 6257 *(ir)*, 9063 *(fugir)*; *afim de*, na mesma Epígr. *(pera seeren sempre en servidon)*; *a favor de*, no verso 5617 *(pera min)*.—Cfr. **pora.**

perçades (5 p. do pres. conj. do verbo **perder**): representa a forma popular analógica ***perdeatis**, de *perdeo* por **perdo** 1320. CD 1752; e *perça* CM 201,10; 232,7; *perças* ib. 125,19; *perçamos* 80,1; 130,1; 305,1; *perçan* 286,1.

perço (de uma forma popular analógica **perdeo** por **perdo**, como **petio** por **peto; poneo, ponho** por **pono**, etc., 3326 *(perç' i)*, 4459, 6190, 6568 *(perç' eu)*: 8207, 9127, 9140, 9141, 9142, 9887, 9888; CD 1403 e 2425.—Nos apógrafos italianos falta às vezes a cedilha; p. ex. nos versos correspondentes ao nosso 1320, 4459, 8113 e CD 2220.—Notifico-o, supondo todavia que as formas que modernamente são as únicas empregadas *(perco* e *perca)* ainda não tinham vindo à superfície literária no período arcaico: a par de quatro casos sem cedilha, há vinte e dois com cedilha.

Perco, perca *(perca* em primeiro lugar) provém da fórmula imprecatória *que Deus te perca*, com que a maledicência respondia na idade-média à usadíssima benção *que Deus* (ou Santa Maria) *te parca* (de *parcir*). Só o digo de passagem, para esclarecimento geral.

perda **(perdita)**: subst. que é o part. pass. de *perder*, substituído pelo vulgo por *perca* (influido por *merca*) 8104, 8135, 8334, 9144.

perder **(perdere)**: 1) ficar privado de alg. c. 10, 13, 122, 220, 1319, 3594 *(contra alg.)*; 482, 3323 *(o dormir)*; 560, 3324, 4459 *(o sen)*; 2) levar à perda, 1276.

1 pres. ind. *perço* (q. v.).
5 pres. conj. *perçades* (q. v.).
1 pret. perf. *perdi* 560, 1270, 1275, 3323, 9221.

1 fut. *perderei* 5, 1270, 1275, 3324.
3 » *perderá* 486.
6 » *perderan* 482.
part. pass. *perdudo* 1274.

perder-se: arruinar-se 7275, 10085, 10092.

perdiçon (***perditione***): 10091 (com grafia castelhana (*perdizon*).

perdõar (***per + donare***): desculpar, 616, 751, 773; 613 e 615 *perdõasse*. Nos apógrafos italianos falta o til nos versos correspondentes a 751 e 773.

perdon (***perdonet***): 3 pres. conj., empregado a miude na fórmula *si Deus me perdòn* (302, 1889, 1943, 2126, 2190, 8213) ou *assi Deus me perdon* 8415; *assi Deus a mi perdon* 2054. Cfr. **ampar** e **pes.**

perdon (subs. postverbal): desculpa 756; indulgência papal 8913.

perdudo (part. pass. de *perder*) 8417 (*andar—por alg.*) 8580, 10135.

perecer (forma incoativa de ***perire***): acabar-se 7765.

per ferir. Cfr. **ferir.**

perfia (subst. postverbal de *perfiar*, *per + fidare*, em vez de *fidĕre): empenho, fim, teimosia 5306 (acabou sa—); 6271 (filhar—com alg.* —teimar).

perjurado (part. pass. de perjurar, com sentido activo): perjuro, quem jura falso ou quebra juramento 9882.

perjurar-se (***per + jurare***): jurar mais do devido, jurar falso 8794.

pero (partícula composta de ***per + hoc***). Exercia funções ora de advérbio, ora de conjunção, mas não se conservou. A princípio era afirmativa, sinónima de *sim, por isso, portanto.* Em orações negativas, acompanhada da conjunção *mais*, adquiriu contudo fôrça dubitativa e adversativa de *nem por isso, apesar disso, não obstante, ainda assim.* A meu ver, tem êste valor também nos versos 51 e 621 de Guilhade.

É afirmativa p. ex. no verso 3967, claramente oposta a *non.*

É adversativa na maioria dos casos: 30, 541, 1138, 1556, 1772, 1844, 1863 (—*todavia*).

Vale *embora, conquanto*, seguida de indicativo, nos versos 755, 946, 1624, 1694, 1903, 1907, 7449.

Precedida da copulativa *e* aparece nos versos 2512, 5163, 8543, 9487.

É precedida de *mais* 327, 790, 7900; seguida da conjunção *que* 1514, 3320, 3326.

No CM há numerosos exemplos elucidativos. Isolado, e no sentido de *embora, conquanto*, **pero** rege subjuntivo. P. ex. 65,18 *Pero eu fezesse esto, non cuido...*; 91,7 *non poden contradizer judeus nen erejes, pero queiran dizer al*; 167, Estribilho: *Valer lh-á, pero que seja d'outra lee en creença*; 245,11 *ca solament'un mur ali entrar non podia, pero fosse murador.* O mesmo vale de **pero que:** 329,6 *pero que os mouros non tennan a nossa fe, tod'esto da virgen santa, tẽen que gran verdad'é.*

Seguido de indicativo, há simples *pero*, mas também *ca pero*; *e pero; mais pero; pero que.*

pero: 98,2 *e porque s'en non doia en seu coraçon, pero a santa Maria foi pedir enton que entrass'en sa eigreja;* 105,7; 355,15; 400 *pero cantigas de loor fiz, sol non tenho que dixe ren.*

ca pero 54,1; 400,3, 167 Estrib.

e pero: 17,7: *e pero lh'o emperador dizer oyu* 34,5; 84,6; 111,4; 404,5.

mais pero 68,6; 95,3, 291,3 *mais pero* (—mas todavia) *algũas vezes fillava pecado.*

pero que 82,5: *o desfarei pero que trage frocas.*

et pero que 205,8: *et pero que mui gran fogo de todas partes viinha, a moura non foi queimada.* *Empero* (q. v.) não ocorre senão quatro vezes nos textos do CA. Creio que *essa forma nasalada* mais usada em Castela do que em Portugal provém de *e pero*. *Pero em* CD 1470, registado no *Glossario* de Lang (e traduzido *daher, deswegen*—por isso, porém) precisa de mais exemplos para ser acolhido e acreditado.

pes (**penset**): 3. pres. conj. do verbo pesar, causar mágoa, dó e dôr, 5305, 9151 *(e pes a quen pesar)*; 376, 5533, 6452 *(mal que me pes)*; 628, 3131; 8205 *(que vus non pes én)*; 7723, 10061 (*que thi non pes én*); CV 91, 105, 114, 185, 214, 442, 444, 569.—Uma única vez, 6530, ocorre a formação analógica *pese*.

pesar (**pensare**, derivado do part. pass. forte **pensum** de **pendere**): tomar o pêso, pendurando ou sopesando um corpo; em abstracto, causar dó, mágoa, dor, desagradar a alg. com respeito a qualquer cousa 2776, 7724.

Usado só em forma impessoal.

3 pres. ind.	*pesa-me* 354 (*vus*), 2076, 2772.	
3 pres. conj.	*pes* (q. v.).	
	pese 6530.	
3 imperf.	*pesava* 5165 (*a alg. com alg. c.*).	
3 fut. conj.	*pesar'* 629, 642, 9151.	
3 condic.	*pesaria* 2517, 2523.	

pesar (inf. substantivado): mágoa, dó, desgôsto 216; *dizer*— 181, 2769; *fazer*— 170, 345, 1668, 6498; *prender*— 130; *veer de alg.* 2792; *cair en*— 2783; *con pesar de* 124; *a meu*— 740, 6539, 9230; *a—de mi* 2580; *a gran—de mi* 9215.

plazer (**placere**): castelhanismo, ou forma dialectal da fronteira por **prazer**, freqüente nos apógrafos italianos.

pleito (**plac'tu**): demanda, questão judicial 5967.

pobre (***pop're** de **paupere**): falto de meios, fraco 6883 (*—de coraçon*).

poder (**potere**): infinitivo abstraído de *potes potest* para estar em harmonia com os normais em *are, ere, ire;* substituinte portanto de *posse*: ter faculdades ou fôrça para qualquer cousa 530.

1 pres. ind.	*posso* 355, 485, 1478.
3	*pode* 41, 45, 115, 116, 291, 394, 8169.
5	*podedes* 1683.
1 pres. conj.	*possa* 10, 322, 1239.
5	*possades* 8196.
1 pret. perf.	*puide* 6803.—CV 485,8.
	poide 5652.
	pudi 1285, 2995, 7842, 9150; 183 v.—CV 420,4, 428,3, 529,8, 1126,11.
	pude 183, 539.
3 pret. perf.	*pôde* 9373.
	pôdo 5285.
1 pret. conj.	*podesse* 558.
3 » »	*podesse* 243.
1 m. q. perf.	*podera* 567, 4592, 6800.
1 fut.	*poderei* 12, 564.
5 »	*poderedes* 631, 1478.
»	*poder-m'edes* 631, 1478.
1 cond.	*poderia* 168.
»	*podê-la-ia* 710.
1 fut. conj.	*poder'* 11, 102, 1846.
3 » »	*poder'* 125, 392.
5 » »	*poderdes* 8065.

podêr (inf. substantivado), poderio 2, 4, 31, 81, 136, 163, 166, 543, 2765. *aver*—6981; *entrar en*—540; *teẽr en*—553, 638, 1997, 6917.

poderoso 1227, 8031 (de alg.).

põer (**ponere**): pôr, colocar, meter 182, 2584, 3783, 8058, 8088, 10249; aplicar 10034.—No CV 167,5 há **poer**.

1 pres. ind.	*ponho* 9278.
3 » »	*pon* 2894.
6 » »	*poen* 9754.
1 fut.	*porrei* 4194, 4196, 8936.
6 »	*porran* 2589.
1 pret. perf.	*pugi* 4341 v.; CV 445,$_{9}$. Na Cantiga 217,$_{4}$ há *pux*.
	puge 4341.
3 pret. perf.	*pôs* CD 206, 212, etc. *pose* é forma analógica mais moderna.
3 fut. conj.	*poser'* 9757.

Locuções: *põer de alg.* = depôr a respeito de alg. 9278; *—bon grado a alg. de alg. c.* = ser grato 5833; *—cons. a alg.* 90, 2584, 2894, 4193, 8058; *—culpa a alg. de alg. c.* = inculpar, acusar 182, 3783, 8088, 9847; *—preito com alg.* = combinar 9757; *—no coraçon* = resolver 4341.

poiar (derivado de **poio** < ***podiu***): subir 9771; 8926 (*fazer—*). Cfr. CB 1507,$_{4}$, etc.

pol', forma abreviada de **pois**, com assimilação de *s* a *l*: 194, 799.

pois: (conjunção proveniente, salvo êrro, de um advérbio popular ***posti*** por **postius** ou **postea**, de **post**). —Seguida de indicativo equivale a *porque*, *visto que* 157, 1132, 1542; ou *desde que* 1901. Seguida de conjuntivo fut. significa *logo que*, *mal* 696, 1541, 1610, 5003, 5007.

pois (adv. equivalente a **postea**): *em seguida*, *logo depois:* 1123, 2045, 2124, 4074, 5240, 6881, 8577.

poix: grafia nacionalizada (sónica), empregada nos apógrafos italianos, p. ex. no verso correspondente ao nosso 7303.—Cfr. **laix, quix, prix.**

pois que: visto que; uma vez que; posto que 491, 783, 796, 1139, 1163, 1701, 2350, 6863.

pola, polas, / **polo, polos,** } 1) ligação do art. definido na sua forma arcaica com a preposição *por*, cujo *r* final foi assimilado a *l*: 1931, 2299, 3220.

2) ligação do pronome-complemento da 3.ª pessoa com a preposição *por:* 708, 742, 792, 1614, 2298.

3) ligação do pronome demonstrativo *lo* e a preposição *por* 1565, 1935.

pon (***ponit***): 2894. Vid. **põer.**

ponho (***poneo** por **pono**): 9278. Vid. **põer.**

ponto (***punctu***): 6351 (*en bon—*, em boa ocasião, em boa hora); 10228 (*en forte—*, em má hora). Cfr. *en mao ponto: Graal* 30,$_{4}$, 47,$_{36}$, 96,$_{2}$, 120,$_{22}$.

por *(**pro**):* a favor de, por causa de 12, 26, 164, 172, 179, 442, 467, 499, 536, 608, 647, 699, 705, 726, 962, 1067, 1497, 1792, etc.—Os apógrafos italianos têm *por* em muitos casos onde o códice membranâceo da Ajuda tem p, de perna traçada, equivalente de *per*, p. ex. 1280.

Designa o agente 972, 1554; fim e destino 26, 994, 1126, 1144, 1145, 1666, 8574; causa 1377, 1565, 1605. É empregado em fórmulas de juramento com maior freqüência do que *per* e *par*. Temos p. ex. *por Deus*, nos versos 49, 348, 352, 581, 601, 608, 629, 1685; *por Nostro Senhor* 979; *por Sancta Maria* 9176. Seguido de infinitivo equivale em regra a *pera:* 348, 367, 433, 711, 1096, 1292, 1574, 1625, 1630, 1667. Infinitivo pessoal há-o no verso 922.

Locuções: *por sempre* 174; *por qual guisa* 797, 1282; *cambiar-se por* 872; *dar—conselho* 1488; *filar —* 1126; *preguntar—* 745; *rogar—* 350, 595; *têer—,* 267, 634.

pora (**pro ad**), para: 193, 8302.—Cfr. **ontre, osmar.**

por én (forma abreviada de **por ende,** q. v.): por isto, por êste motivo: 151, 249, 383, 459, 464, 613,

699, 916, 1024, 2549, 5145, 5581, 6818, etc.

por ende (*pro inde*): por êste motivo 451, 1575, e provàvelmente no verso 10089 (onde o CV tem *por én*).

por esto (*pro istud*): 12, 504, 560, 793, 1530.—Cfr. 2552, 5467 *por aquesto*.

por quanto: porque 2224, 2548.

porque: visto que; pois que; uma vez que 34, 38, 77, 220, 228, 234, 268, 270, 330, 410, 1028, 1040, 2060, 5469. Temos formas tautológicas como *porque... por esso* 8421; *porque... por ende* 8428; *por én... porque* 2549, 2563, 5145.

por que: por quem; pelo qual 390, 845, 880, 981, 5975, 6533; coisa pela qual 1691, 5836; aquilo pelo qual 1849.

por quê: por que causa e razão 219, 233, 263, 793, 877, 1110, 1848, 2058, 3448, 3679, 5522. Em alguns versos falta o circunflexo, por descuido.

porran: fut. 6 de **pôer** (q. v.).

porrei: fut. 1 de **pôer** (q. v.).

posfaçar (*post* + * *fatiare*: forma inventada como contranome de prefaçar, profaçar, porfaçar, **praefatiare**) praguejar, dizer mal de alg. 4670 (de alg.):

3 pres. conj. *posface* 8947.
part. pass. *posfaçado* 4672.

pos'seu: por seu, com assimilação do *r* final ao *s* inicial: 4066, 4810.—Cfr. **par** (*passan Martin*, etc.).

pouco (*paucu*): deminuto, pequeno, em pequeno número, não muito: 1224, 2766, 10220; *mui*—98; *mais*—1224, 8983; *esse*—(com relação ao espaço de tempo abrangido por uma vida) 224, 2767, 5864; *esso mui*—5307; *esse*—5262; *per*—2593; *per poucas* 7086. (Cfr. CM 21,5; 33,3; 73,8; *a poucas*, no *Graal* p. 92,10; 72,7); *un*—6846; *pouqu' e pouqu'* 5300. (Cfr. CV 333,12); *quan—quer*, por pouco que queira 676; *a mui pouca de sazon* 10335, mera conjectura minha, com a qual deve comparar-se *por pouco de erro* do *Graal* 72,8, e também a fórmula moderna *uma pouca d'agua*.

pracer (*placere*) 351 v. Vid. **prazer**.

pran (*plane*): advérbio em regra precedido da preposição *de*: 63, 68, 290, 332, 494, 517, 586, 696, 822, 1932, 3222, 3640, 4698, no sentido de *sem dúvida*, *evidentemente*, mas também de *francamente* (162, 822, 9572) e *por certo* 2208, 2499. Precedido de *a* encontra-se no verso 8798.—Como substantivo, só o conheço da *Cantiga de S. Maria* 236,5 (*assi a leuou... sobela agua... assi come per un pran*).

prasmar (*blasphemare*): censurar 10346 (*veer se prasmado de alg.*). Para explicar a substituição da sonora inicial pela surda, imagino, que em Portugal diziam *braspemare*, passando posteriormente, por metátese eufónica, a *prasbemar*, e finalmente a *prasmar*.

prazentear: derivado do part. pres. de **prazer** (q. v.), lisongear: 2265, 2281, 2446. No *Livro de Linhagens* (*Scriptores*, p. 279) há o substantivo *prazenteo*.—Cfr. prov. *plazentiar: blando nimium sermone probare* (*Romània* XXV, p. 105).

prazer (*placere*): verbo semi-culto, muito do agrado dos trovadores: agradar, causar alegria, ser do gôsto de alguém 261, 3293. Usado só impessoalmente.

3 pres. ind.	*praz* 21, 473, 781, 1215, 2190.
3 imperf.	*prazia* 1673, 5507, 9807.
3 fut.	*prazerá* 4151.
	prazer-mi-á 3293.
3 condic.	*prazeria* 7392.
3 pret. perf.	*prougo* 4512.
	prougue 4512 v.
3 pret. conj.	*prouguesse* 712, 6689.
3 fut. conj.	*prouguer'* 51, 84, 91, 210, 369, 782.

prazer-se com alg. c.: ter gôsto nela 2206.

prazer (inf. substantivado): gôsto, agrado, gôzo 176, 1051; *aver—de* 5025; *caer en—a alg.* 55; *fazer—* 145, 1568; *jazer en—a alg.* 351; *prender—de* 287, 10141; *tomar*—1674; *a—de mi* 3276.

preçar (*pretiare*): apreciar 958, 4674, 4675; 6886 *non—ren*, ter em pouco alguém, depreciar alguém, falando mal dele.—Cfr. *Graal* 7,1; 2,31; 26,35; 54,7.—Vid. **prezar.**

preço (*pretiu*): usado nas locuções *mao preço dar* 9276; *mal preço apõer* 9280; *de mui bon preço* 2857. —Cfr. **prez.**

pregunta (substantivo postverbal), 2592 (fazer preguntas) 2600, 9906.

preguntador 1211.

preguntar (*percontare*, em vez de *percontari*, procurar com a vara do barqueiro ou pescador (*contus*, grego κοντος): interrogar, perscrutar. No CA está quási sempre escrito com todas as letras, p. ex. nos versos 744, 746, 1197, 1219, 1822, 2569, 2577, 2580, 3606. Nos apógrafos italianos há ora as abreviaturas de *pre*, ora as de *per*, que também aparecem de vez em quando no Códice membranáceo. É mais uma confirmação da antiguidade da portuguesíssima oscilação entre *pre* e *per.*—Quanto à sintaxe, *preguntar* tem complemento directo no verso 8129; genitivo 2061 (*por vus—én*), 3376 e 9037 (*pero d'al vus preguntarei*); oração inteira (9634).—A etimologia *precunctare*, proposta por alguns filólogos, não é documentada, nem tão apropriada quanto ao sentido como *per+contare.* Ainda se fosse *per-cunctare*—hesitar *muito.*

preito (*plac'tu*): 1) dever feudal do senhor para com seus vassalos, e viceversa: 150, 271, 949, 1573 (*quitar de seu—*); 2) ajuste, pacto, combinação 6435 (*—me trage de me fazer ben*), 9757 (*põer—*); 3) demanda, litígio 4758 (*sol non é en—que cuid' en al*). Do feudalismo provém também a fórmula *preito e menage*, no sentido de juramento de fidelidade 9871 (*fazer—*), 6421 (*—nen menage*).—Vid. **pleito.**—No *Graal* 53,11, há **preitejar.**

prender (*prehendere*). Do sentido originário (tomar, lançar mão de, apanhar) passou-se a receber, aceitar, experimentar, mas também a cometer. Os complementos do CA são os seguintes:

prender affan 1150.
amor 7815; *amor de Deus* 1262.
ben 200, 492.
coita 3760.
conselho 1313, 1581, 1961, 8742, 8744.
cuidado 1176.
doo 56, 3468, 7747.
erro 5845.
esforço 1262.
mal 198, 3766.
morte 1000, 2066, 3312, 5883, 8688, 10095.
pesar 130, 8826.
prazer 287, 8763.
sabor 4782.
sen 1262.

prender ordem equivale a tomar o hábito monástico 1088.

Formas que ocorrem no CA:

1 pres. ind.	*prendo*	153, 156, 285.
3 »	» *prende*	4782.
3 pres. conj.	*prenda*	3468, 7768.
1 pret. perf.	*prendi*	287.
3 pres. conj.	*prendesse*	996.
1 fut. ind.	*prenderei*	1266, 3069, 8162.
1 pret. perf.	*prix* (*prensi*)	284.
3 »	» *pres* (*prensit*)	7117, 10268.

3 pres. conj. *presesse* (*prensisset*) 7996, 8714.
3 fut. conj. *preser'* (*prenserit*) 6446.
part. pass. *preso* (q. v.).

pres (pret. perf. 3 ***prensit***). Vid. **prender.**

presente, de ***praesente,*** part. pres. de ***prae-esse,*** deriva o verbo *presentar, apresentar*, e dêsse o substantivo postverbal registado, com o sentido de *oferta, dádiva* 10207.

preso (***prehensu***): prisioneiro 7628 (*ome*—). Vid. **prender.**

prestar (***prae*** + ***stare***): exceder em utilidade, ser útil ou favorável a alg., ter préstimo, aproveitar: 45, 113, 292, 950, 7538 (*prestou*).

preto (adj. e adv. prepositivo, tirado do verbo *apretar*, hoje *apertar*, por *apetrar*, de **adpectorare,** aproximar do peito, abraçar): perto, próximo: 2149, 4072, 4577, 4683, 7655. Como nome da côr negra, contranome de branco, designa na mentalidade popular aquela cujas moléculas são mais numerosas e *apertadas*.

prez (do prov. ***pretz, pretium***): preço, valor, mérito e glória 254, 2072, 3550, 4663, 5163, 5644, 6896; *bon*—, boa fama 1012; boas qualidades 9676, 10310; *ben prez* (?) 1012 v.; *melhor*— 2029; *mao*—, má fama 9279. Cfr. **mal preço;** *de*— 1935; *de gran*— 6902; *per*— 10188; *entrar en*—, subir de valia 6893.— *Graal* 52,23; 69,36; 74,37 e 38.

prezar (prov. ***prezar, pretiare***): avaliar, dar o preço: 10220 (—*pouco* = desprezar).

prijon (***prehensione***) 10347 (*moiro en vossa*—).

primeiramente: pela primeira vez: 96, 4718, 8572.

primeiro (***primariu***): adj. 9169 (*dia*) adv. pela primeira vez 1284, 2503, 4311.

prison (***prehensione,*** talvez do francês *prison*): prisão 7195 (*sacar de*—); 7642 (*fazer entrar en*—); 9066 (*tẽer en*—).

prix (***prehensi***). Vid. **prender.**

proe (variante de **pro** e **prol** (q. v.), nascida sob o influxo das duplas formas verbais *dol* e *doe* (***dolet***), *sol* e *soe* (***solet***), e talvez também *proe* (*prudit* por *prurit*): 6663, onde conta por duas sílabas.

Confronte-se com *pese*, apar de *pes*; *perdoe* apar de *perdon*; *ampare*, de *ampar*; *quere*, de *quer*; *feze* de *fez*.

prol f., variante de *pro* e *proe*, abstraída do plural *proes*, usado em formas jurídicas como *proes e percalços*, por analogia com *sois, sol; rois, rol; lençois, lençol*; etc., do latim ***pro*** e ***prod*** de ***prosum prodesse,*** etc., ital. *prode*; proveito, vantagem, utilidade 817, 2598, 3212, 4552 (*sa*—); 6840, 8006, 9911 (*mia*—). É construído com *ser, aver* e *tẽer*:

é mia prol 3212, 9911; *mi á prol* 8006; —*non mi á*, 6011; *non mi-á (habet ad) min*—817, 5881; *ten*—817, 1279, 1449, 2355, 10212; *fazer*—6890.

Essas locuções vão seguidas de infinitivo puro 5880; acompanhadas da preposição *de* 1306, 1775, 1780, ou de oração conjuncional 6011.

provar (***probare***): 1) dar a prova de alg. c. 928; 2) tentar alg. c. 674, 1529, 5803, 6099; 3) fazer uma experiência com alg. 4738; 4) ensaiar 2642, 3206, 8147, 8589, 8748 (seguido da prep. *de*).

proveito (***profecto,*** part. de ***proficio***): vantagem, utilidade 9008 (*non á*—*de*) seguido de infinitivo.

pude, pudi (de *puidi, potui*). Vid. **poder.**

pugi (***posui***). Vid. **pôer.**

puide (de *puidi, potui*). Vid. **poder.**

puinhar: variante de **punhar** (q. v.) 6987 (—*en*).

punhada (derivado de punho, **pugnu**), murro, pancada com o punho) 10034 *(pôer ũa — eno rostro de alg.)*.

punhar (*pugnare*)*:* esforçar-se: 159, 443, 538, 1572, 2992, 6085, 7537, 7554, 9087, 10308 (*en*); 743, 2992, 3511, 3651, 4368, 4501, 6018, 6091, 6892, 8452, 8671 (seguido da prep. *de*); e 6753 (seguido de oração condicional (*como*).

Q

Quais pl. de **qual** (*quale*), 8980, no sentido de tais quais: *quer' én duas prender... quais m'escolher'*, com referência a *donas.* Imprimi no texto *quais m'én escolher,* em conformidade com a escrita *mẽ* do CB. Mas, por ser pouco provável que um trovador contasse *quaes* por uma só sílaba, parece-me hoje melhor considerar *mẽ* como lapso por *m'*.

qual (*quale*): pron. rel., igual a *o qual* 5478 (*ca soffr'eu mal por vos... qual mal, senhor, me quer matar*).

qual: pron. interr. 1355 (*e qual conselh'é 'qui melhor)*; 4788 (*qual ben desegei*); 5080 (*diga qual é*); 5559 *(direi qual é)*.

qual: correlativo de *tal* ou *atal*: 383, 685, 1401, 1502, 2130, 5201, 5492; subentendido no verso 495 e 1453.

qual: ponderativo, igual a *quamanho, camanho* 1358, 2215, 4763, 4952 (*que lhe jurasse qual mayor jura soubesse*)*;* 5495, 5532, 5965; correlativo de *tamanha* 523 (*tamanha coita qual sofr'eu*). — S. v. **leu** já expliquei que estou disposta a substituir no verso 5495 *qual eu* por *qual é,* como interpretação e emenda mais racional da escrita *qualeu.*

qualquer: pron. indef., cada um, alguns: 515 (*qual deles quer*), 1362 (*averei de qual quer sabor,* sc. destas coisas). Cfr. *Graal* 68,34 *qua folia quer que seja.*

qualquer 2163 (*— destas coitas*).

qual-xe-quer 1873 — Cfr. *Graal* 100,24 e CM 123, Estrib.

quan (*quam*): adv. quanto, como 983, 1850, 4550, 5644, 5645, 10187.

quan pouco quer: um poucochinho 676.

quando (*quando*), adv.: em que momento, em que ocasião 2249 (*Deus! e quand'ensandecerei)*; 2575 (*de quand' en quando)*.

quando: conjunção. Seguida de indicativo significa: na ocasião em que 1170, 1184, 1284, 2123, 2386, 2829, 3053, 4963, 5055; seguida de conj. significa: dado o caso que: 515, 1746, 1846, 4951, 5074, 5364. — Cfr. **desquando.**

quanto (*quantu*): pron. indef., quão grande, camanho, que quantidade 64, 165, 2790, 5130; *quanto de* 400, 7281; (cfr. **que de**); 9384, 9944 (*á que* = quanto tempo há).

quanto (adv. quão grandemente, tal como: 5076, 5088, 5162, 5247, 5413; segundo, conforme 9142 (*— é meu cuidar*).

* **quanto**: conj. temporal, ao passo que, enquanto, tanto que: 9245. — Como por ora não conheça mais trechos documentais, suponho que *quanto* seja lapso do escrevente por *quando.*

quatro (*quattuor*)*:* 8980, e na epígrafe da Cantiga n.º 312.

que (*qui*): pron. relat. invariável: o qual etc.; ora caso-sujeito 3, 9, 35, 36, 49, 53, 125, 160, 911, etc.; ora caso-complemento 23, 38, 71. Em regra com referência a cousas; precedido de *con* 1880; *per* 92, 322; *por* 219, 233, 263, 297, 516. Refere-se todavia também a pessoas (onde hoje poríamos *quem*), precedido de preposição: 118, 390, 1066, 1133, 2770, 7987. Cedi a essa tendência, imprimindo *que*[*n*] 7858 7988; 5975 (*por vos moiro por*

que[n] o seu perdi), tendo em consideração que a falta errónea de *til* é freqüentíssima nos Cancioneiros arcaicos.

que, relativo, equivale a *coisas que*, em fórmulas como *aver que dizer* 10186; *aver que veer* 662; *pedir que fazer* 7744.

que (*quid*): exerce funções de pronome adverbial, equivalendo a *quão, quanto, quão grande*. Com êsses valores aparece, seguido de substantivo em exclamações como:

que coita 1415, 8400.
que grave cousa 2763.
que mal tempo 4664.
que sazon 3073.
que sen conselho 244.
que sen meu grado 4145.

ou em interrogação como:

que mester 115.
que pesar 130.
que prol 1775.

Seguido de adj. ou adv. temos: *que alongado* 2142; *que coitado* 8770; *que mal desaventurado* 4665; *que ledo* 6844; *que muito* 2489; *que preto* 2149. — Acompanhados da conjunção *que*, há alguns passos como *que ben que*... 1837; 1840 *que pouco que; que muitos que*... 2569, 7065; *en que coita mortal que m'oge faz ũa dona viver* 8401.

Seguido de substantivo há *que de*, como equivalente de *quanto, quanta*, unicamente no verso 5297 *que de coita*.

Acompanhando nomes (e advérbios) de tempo equivale a *em que*, quando: 9004 (*dia*—); 58, 96, 567, 720, 3073 (*sazon*—); 3059, (*tempo*—); 7173 (*cada que*). — Cfr. **desquando, desque, ja que, pera que, pôr que.**

que em sentido demonstrativo: o que, aquilo que 912 (*sei eu ben quê vos van dizer*); 9216 (*e direi vus que me mais quebranta*); 176 (*non sei que x'é prazer*).

que pron. interr., qual coisa 194, 257, 843, 1158, 1865, 1880, 2708, 7163, 7744. Significa *porquê? como?* nos versos 4242, 4658, 9004.

que (*qui, quid*): conjunção introdutora de orações subordinadas: 1) integrantes 39, 48, 103, 123, 161, 7718, 7723.
2) finais 2712.
3) causais 1279; 5223, 6846.

Usado como correlativo de vocábulos de comparação 102 (*o mais que*); 276, 555 (*tal que*); 7142 (*tan que*); 272 (*tanto que*); 27, 412 (*tan grande que*). Repetição pleonástica dêsse *que*, há-a nos versos 420-22, 2024-25, 8053-54 (*ca*).

que (com redução vocálica do arcaico **ca** de *quia*) liga orações coordenadas, causalmente: 11, 129, 760, 4662, 6458.

que (com redução vocálica do arcaico **ca**, *quam*): depois de comparativos: 584 (*melhor que*); 430 (*mais do que*).

Com respeito tanto aos pronomes como à conjunção *que* é preciso notarmos que os trovadores, a cujos ouvidos não repugnam os hiatos, não usavam de elisão nem de sinizese do *e* final. Veja-se no verso 3 *que eu ei; 10 per que eu ja poss' a perder; 16 ũa que ome filhar ven*. Por isso devemos evitar em todas as nossas restituições fórmulas como *qu'eu, porqu'eu, qu'é*, etc. E os passos em que me afastei da regra, fixada por O. Nobiling (em *Romanische Forschungen*, vol. XXII) precisam de retoques. No verso 6069 teremos de ler: *porque quero mia senhor ben*; no 7424 *e vos nembrar-vus-á ben lheu*, conforme já ficou dito s. v. **lheu**; no 8457 *x'est a coita que eu levei*; no 9449, com omissão do *Pois* inicial: *Ora faz Deus que eu viver aqui*.

Há além disso propostas de emenda do mesmo malogrado sábio, relativas aos versos 7317, 7781 9122, 9281; mas não satisfazem plenamente.

que quer (pron. indefinido): seja o que fôr, qualquer coisa, 7449, 8156; 1374, e 3451 (*al*—); 3167 (*ja*—); 6772 (—*que*). A respeito das funções e das origens da conjunção neo-latina, veja-se J. Jeanjaquet, *Recherches sur l'origine de la conjonction* **que** *et des formes romanes équivalentes* 1894.

quebrantar (factitivo de **quebrar, crepare** como **levantar** de **levare**): atormentar, arruinar, apoquentar: 5686, 9216.

quedado (**quietatu**): sossegado, em paz 8978 (*leixar estar alg.*).

quedar (**quietare**), de estar quieto, estar parado, o verbo passou a *ficar, continuar* e a *cessar, deixar de:* 9396 (*non quedou chorando*); 6752 (*non qued' eu amando*); 6753 (*nen quedo d'andar punhando*). Cfr. CV 547,2; *Graal* 3,17, 18,14, 101,32.

queimar (**cremare**, influido por **calmare**): matar por acção de fogo 10089.

queixar (**coaxare**): gemer, lamentar-se 955, 3301, 3306 (*por alg. c.*), 4509, 7853 e 7854.

queixar-se: lamentar-se 2335, 3283, 4510, 5865, 6814 (*a Deus*); 10071, 10266; 6941 *queixar-se por alguma c.* — CV 548,13, (*queixar coitas*)—Quanto aos versos 7852-3, veja-se *loar*.

queixo (**capsu**): mandíbula 3400.

queixume: (derivado do tema *queix* por meio do sufixo *-ume*) queixa 3147 (*aver—de alg.*), 10065, 10077. —A nossa Cantiga 454 (CV 28) principia *Quexeum ouuz destes olhos meus* — que eu interpretei pondo *Queixum' cuvi dos olhos meus*, baseando-me, quanto às primeiras quatro sílabas, na letra e no verso 13 da mesma Cantiga *queixum' ey d'amor* (e CM 31,5).—Nobiling (*Guilhade* p. 21) prefere *Quexey-m'eu*, para conservar *destes*.

quejando (**que+genitu**): qual, de que natureza 8245; CD 1293 *quejendo*.

quen (**quem**): pron. interr.: que pessoa? 1595, 5410.

quen: pron. relat. pelo qual 4204 *por quen moiro; 4907 non saben por quen moiro.*

quen: pron. relat. e juntamente demonstrativo: aquele que, pessoa que 20, 87, 132, 202, 231, 263, 457, 1026, 1725, 2069, 2912, 4193, 4197, 4961.—Nos versos 666 e 5325 significa *aquele a quen*, ou *ao qual.*

quen-quer: pron. indef., seja quem fôr, qualquer pessoa 5103, 6716, 7003, 7133, 8142, 8454.

querer (**quaerere** que substituiu na península o verbo *velle*). É empregado como sinónimo de: 1) praticar um acto de volição 154, 165, 196; 2) amar 141, 161. Neste sentido não vai todavia desacompanhado do advérbio *ben*, ou de outros sinónimos, conforme se vê nos versos citados e 346, (*querer ben*), 300 (*querer gran ben*); (*ben querer*) 954; (*gran ben querer*) 731, 6212 (—*mayor ben*); 6218 (—*mui melhor*); 7735 (—*a grand' amor*). =Vid. *mal querer* 8836.

1 pres. ind. *quero* 154, 165, 177, 196, 342, 463.
**queiro* 5865 (mero êrro de imprensa).

3 pres. ind. *quer* 111, 113, 118, 222, 2804 [1].

Cfr. **qualquer, quequer, quen-quer, se quer, como quer.**

[1] Exemplos de ligação com os acusativos *o, os, a, as*, não os encontrei no CA.

5 pres. ind. *queredes* 29, 8834.
1 pres. conj. *queira* 2805.
3 » » *queira* 7591.
5 » » *queirades* 259, 1164, 9406, *querades* 9406 v.
1 fut. *querrei* 214, 388, 1799. — CV 323,3; 359,3; 381,6.
1 cond. *querria* 189.
6 *querrian* 492, 521.
5 ind. pess. *quererdes* 56.
1 pret. perf. *quigi* 9122—CV 128,15; 486,21; 489,6; CD. 941, 1270.
quige 2154, 2997, 6852.
— Cfr. CM 125,23; CV 1113,4.
quix 1214. — CV 87,10; 113,1; 285,6; 324,5; 386,12; 1002,3.
3 pret. perf. *quis* 166, 604, 621, 624.
quiso 602, 881. — CV 485,4; 580,18. — CD 766, 835.
3 pret. conj. *quisesse* 616, 957.
3 fut. conj. *quiser'* 105, 132, 205, 225, 394.
5 *quiserdes* 178, 635.
1 m. q. perf. *quisera* 1581.

quige }
quigi } (*quaesi*). Vid. **querer**. Cfr. **fige**.

quis (*quaesit*). Vid. **querer**.

quiso (**quaesuit*). Vid. **querer**.

quis (*quisque*): cada um 4217. — CM 35,25; 49,4; 271,7. — Cfr. *quisqual* CV 1198,19; *quiscadaun* no CV e no *Graal*.

quitar (*quietare*, que em França evolucionou para *quittare*): deixar de lado, pôr de lado 6891; *quitar alg. de alg. c.*, livrar, desobrigar 66, 68, 70, 151, 1573, 1851; *quitar alg. c. a alg.*, dar-se por desobrigado 2140; *quitar os olhos de alg.* 1024, 1028.

1 pres. ind. *quit'eu* 141, 151.
1 conj. *quite* 161.
3 fut. *quitará* 66.
1 cond. *quitaria* 169.
quitar-m'end'-ia 70.
3 pret. perf. *quitou* 173, 174.

quitar-se de: deixar de fazer alg. c. 108, 161, 163, 3426, 5540, 6097, 6723; separar-se de alg. 453, 1174, 1746, 5056, 5347, 6845; apartar-se 9263.

quite (francês): livre, isento, desobrigado 140, 147, 8359, 9510 (*de*), 6724 (— *d'amor*). Êste *quite* tem de entrar, precedido da cópula *é*, na estrofe suplementar da Cantiga n.º 148, substituindo *e quanto*, segundo a emenda plausível de O. Nobiling. Leia-se portanto:

com' é quite meu coraçon
d'en al se non en vos cuidar.

quito (*quietu*): desobrigado, isento 4123. — Cfr. CM 9,1 e 8; 207,1; 217, Estrib.

quix por **quis**, de **querer**. Cfr. CM 84,1; *fix*, *dix*.

R

Raçon (*ratione*): ração ou porção certa de alimentos estipulada por contrato, ou apenas segundo a tradição; pitança: 10093. Acompanhei no texto a locução *viven na raçon* de um ponto de interrogação, por desconhecer mais exemplos comprovativos. Em todo o caso parece-me, pelo conteúdo da Cantiga de mal dizer N.º 455, que Dordia Gil e Guiomar, que prenderam ordem e viviam *na raçon* como outras *arlotas*, emparelham com a galante soldadeira galega Maria Perez, de alcunha *a Balteira*, filha de D. Pedro João de Guimarães, à qual dediquei a *Rand-*

glosse VII. Esta cedera no ano de 1257, por contrato, ao convento de Sobrado a herdade de Armea, recebendo em troca dinheiro, comedorias e vestiarias anuais, ficando obrigada a prestar serviço ao convento, como familiar e amiga. Infelizmente não se especifica de que género era êsse serviço... Uma cláusula do contrato estabelece que no Advento e na Quaresma ela recebesse de pescadas e sardihas (talqual os frades de Carvalho-Torto), mas também de mel e legumes, *como fôr guisada sua raçam.* Isto é: as quantidades fixadas quer por costume, quer por um regulamento. Vid. A. Martinez Salazar, *Una Gallega Celebre en el siglo XIII*, em *Revista Critica* II, pág. 298-304.

rainha (**regina**): 10231 e Epígrafe da Cantiga n.º 315. Nas *Cantigas de S. Maria* há dúzias de vezes *reynna*; por ex. 145,9; 321 Estr.; 384,10; cfr. CV 910,2.

rancura (**rancore**, com substituïção do sufixo *ôr* por *ura*, como em *frescura* de *frescor*): ira, raiva, aversão 7278 (*aver—de alg.*).

rancurado, ressentido 7168 (*de*).

rancurar-se (de), ter ressentimento a alg. 7239.

razõado, arrazoado, judicioso 10192.

razõar, arrazoar, discursar 4329.

razon (**ratione**): 1) razão, raciocínio 5457, 5676 (*segundo—*); 2) direito, justiça 25, 2206, 4446 (*fazer—*); 14 (*con mui gran—*); 10180 (*con—verdadeira*); 1622 (*en bõa—*); 3) motivo, fundamento, causa, Epígrafe da Cantiga n.º 312 (*per—de*); 10130 (*por aquesta—*); 4) meio, maneira 10008 (*achar—*); 7237 (*buscar—*).

razon: 1) arrazoado, exposição, argumentação, tema literário; texto ou assunto de uma Cantiga (em oposição a *som*, melodia): 5326, 5460, 10033; 2) opinião 513 (*tẽer—que*).

recadar (de recabidar, **recapitare**): tomar posse de, arrecadar 10055.

recado (subst. postverbal de recadar), participação, mensagem 3383, 3747.

recear (**re**+**zelare**): com pronúncia culta de quem compreende a composição da palavra, como em *receber*, etc.: ter medo de, temor 1675, 2198, 9265; de alg. c. 839 (*ende*); 893, 5721.

1 imperf.	*receava* 839.	
1 pret. perf.	*receei* 3076, 4441, 9265.	
3	*receou* 893.	

receber (**recipere**): acolher 7259; 10207 e 8: *nunca tan bel presente recebeu como del recebeu aquele dia.*

rei (por **ree** de **rege**): 872, 3982 (*rei nen emperador*), 10190 (*emperador nen rei*).—Temos *rei* sem artigo, na Epígrafe da Cantiga N.º 312 (*rei Artur*); na da 315 (*rei Peles*); no verso 10240 (*rei don Fernando*); e 10088 (*se foss'eu rei*). Com o artigo definido português, na Epígrafe da Cantiga 311 (*no tempo do rei Artur*); mesmo com relação a reinantes de Castela e Leão 10178 *o mui bon rei*, 10195 *o bon rei*. Com o artigo espanhol, unicamente a respeito dêsses mesmos: *el* 5699, 6257; *del* 1603; *al* 5672, 5690.

ren (**rem**, único nome em que o *-m* do acusativo se conservou, a comparar com *quem, alguem, ninguem*), 1) cousa 30, 93, 131, 143, 236 (*al—*); 256, 350, 518 (*outra—*), 1246, 5914; 2) pessoa, criatura, ente humano 831 *a ren do mundo que melhor queria*; 837 *a ren do mundo que eu mais amava*; 892 (*a—que mais amou*); 5863, 5875. É pronome indefinido, equivalente de *alguma coisa*, em fórmulas como *—de ben* 8752; *—d'amor* 8865. Acompanhado de negação significa *coisa nenhuma, nada* (fr. *rien*):

36, 66, 321, 1155, 1611, 3659, 6480 (*non dormio*—); 4792 (*non dar ren por alg. c.*), 5159 (*non se pagar ren de alg. c.*); 2025 (*ren do meu, nen do seu*).—Nos versos 13, 1205, 9936 *per ren* significa *por cousa alguma:* absolutamente nada. *Nulha ren* encontra-se tres vezes: 678, 5158, 9184; *lẽer en ren* (apreciar, dar valor) uma só vez.

respos. Vid. ***respons.**

***respons dar** 10062: é interpretação minha das letras *ipõs dar*, impressas por Monaci no CV 14,32 e acompanhadas da anotação *talvez rpõs dar.*—O significado não pode ser senão *repostar, repontar, retorquir com aspereza*, dar, na tenção versificada, resposta acre ao agressor. Na Nota I da Cantiga 454, e por meio de um ponto de interrogação, no respectivo verso, indiquei todavia que a hipotética forma não me satisfazia plenamente. Hesitava entre *repos, respos* e *respons*. De modo algum porque os antigos conhecessem apenas *reposta*, e não *resposta*. Esta afirmação, lançada por um investigador tão consciencioso como Epifánio da Silva Diaz, na sua edição do *Crisfal* (1883), no comentário da Estrofe 76, e repetida desde então por nacionais e estrangeiros, é inexacta. Verdade é apenas que nos séculos clássicos (XVI a XVIII) *reposta* (de *reposita*), a princípio termo jurídico, como contranome de *proposta* (de *proposita*), esteve na moda. Moda introduzida, salvo êrro, pelo *Processo do Cuidar e Suspirar*, com que abre o *Cancioneiro* de Resende, e continuada em torneios e jogos poéticos, p. ex. por Rodrigues Lobo, e em Justas académicas de *Generosos, Noturnos*, e outros.

Nos séculos XIII e XIV haviam prevalecido, pelo contrário, as formas com *res...*, em absoluta harmonia com a tradição e praxe dos Provençais (que conheciam apenas *respos, respost* e *resposta*), Franceses (*réponse*), Italianos (*risposta*) e Espanhois (*respuesta*).

Fiquem assinalados, em prova, os passos seguintes, em que há *resposta*, e que não seria dificil multiplicar: CV 663,16; CM 145,12; 196,4; 355,14. *Respos*, 3. pret. perf. (**responsit**) ocorre CM 14,5; 65,34; 71,7; 79,9; 237,9—a par de um único *repos* (**reposuit**) 321,8. Cfr. *tresposta, Crisfal*, Estrofe 49.

Reposte, de onde vieram os *reposteiros* e as *repostarias*, denominava os *repositos* ou *depositos* de roupas e víveres dos paços régios e de ricomens. Já no século XIII, no tempo da primeira dinastia, como se vê no CV 1053,11 e 1055,14 e CM 78,15.

Em lugar dessa forma (etimologicamente justificada) há todavia *respost'* numa sátira a um ricomem mesquinho e pouco verdadeiro para com os seus cavaleiros (CV 979,6).

A fusão ou confusão entre os dois termos—o particípio *repost...* (de *ponere*) e *respos...* (de *respondere*)—começou portanto cedo. E é diversa, maior, e mais complicada do que se sabia até hoje.

Por tudo isso hesitei. Mas dei a preferência a uma forma com *res-* e não com *re*.

Se escolhi *respons*, e não *respos*, foi porque o *til* sôbre *o* assim o exigia; e mesmo num provençalismo antigo como *repos*, a conservação do *n* latino antes de *s* não seria inaudita. Mas outros preferirão *respos*. Quanto à falta da vogal final, eu tinha em mente *descord, franc*, advérbios em *ment*, e o substantivo adjectivado *fin*, na *Leonoreta fin roseta*, do Amadis.

retraer (**retrahere**)*:* retratar, des-

crever: 964 (*queredes que vos retraya*).

revelar *(rebellare)*: insurgir-se 8523 *(nen val revelar omen contra el*, sc. o Amor).

revolver *(revolvere)*: revirar, transformar: 9752 (*—os corações*).

rico (germ. *rihhi*) 10286, opulento, magnífico.

ricomen: rico homem, possuidor de bens, nobre da mais alta gerarquia, depois dos titulares. Ocorre apenas na Epígrafe da Cantiga n.º 398. E lá está no manuscrito Colocci *ricom*, com sinal diacrítico que julguei dever resolver por *en*, embora a forma antiga mais usada nos Cancioneiros seja *ricome* (cfr. *ome*). P. ex.: CV 979,3 *(ricom achei)*; 1046,1 (*ricome*, em rima com *come*); 1053,1 (onde em vez de *ricome* temos de ler *ricom*); 1054,1; 1174,1; 1177,1 e 2, etc. *Ricomen* está duas vezes no CV 1082,4 e 7. Além disso há o aumentativo *ricomaz* (1047,1 e 1174,2) e o femenino *rica dona*.

riir *(ridere)*: rir 4508.

riir-se de alg. 8930, 9839, 10326.

riso *(risu)*: 8878.

rogador *(rogatore)*: intercessor, medianeiro 2816, 2980, 9283 (*ser—a Deus de alg., ou de alg. c.*).

rogar *(rogare)*: pedir 102, 4135.

1 pres. ind.	*rogo* 1434, 4139, 6476.
	rogu' eu 1709, 4140.
1 imperf.	*rogava* 3033.
1 fut.	*rogarei* 349.
	rogá-lh-ei 1811.

rogar alg. c. a alg. 1709, 1795, 1811, 2811, 2820, 8138, *—por alg. c. a alg.* 2808, 6476; *—por alg. c.* 349.

rogo (subst. postverbal de **rogar**): pedido 4137, 9743.

romeu *(romaeu*, derivado de **Roma**, e calcado sôbre Judeu): romeiro 8911.

rostro *(rostru)*: rosto, cara 10035.

roussar (a par de rouçar=*raptiare)*: raptar e violentar, Epígrafe da Cantiga n.º 398.

rubi (do prov. *rubí*, de *rubinus*, derivado medieval de **rubeu**): pedra preciosa de côr ruiva: 4493.—No CV há *robí*.

S

Sa *(sua)*: forma proclítica do pron. poss. 3 f., correspondente a *ma* (*mia, mha*) e *ta*, de que faltam exemplos no CA, mas não nas *Cantigas de S. Maria*: 53, 554, 1474, 3630, 3832, 9329; plural **sas** 6155.—A forma absoluta *sua*, posposta a princípio ao substantivo, encontra-se por ex. no CD 2633, 2676 (*a madre sua*).—Vid. **seu, sou** e **ma.** CV 416,8; 619,9; 623,8; 646,20; 965,4.

sabedor (derivado peninsular de *saber)*: entendido, prudente, conhecedor; como nome e adj. uniforme na linguagem arcaica (tal qual todos os nomes em *ador, edor, idor*): m. 258, 506, 531, 1077, 1213, 1507, 2412, 3262; f. 1179, 2620, 2641, 3976, 6858;—2440 (*de todo ben—*); 1206, 4213 *(fazer-se s. de alg. c.)*; 5409 *(seer—de alg. c.)*.

sabedoria (derivado de **sabedor**): sciência, manha, artimanha 5286.

saber *(sapere)*: ter conhecimento de 175, 189, 212, 4128.

1 pres. ind.	*sei* 34, 38, 39, 82, 143, 186, 194, etc.
3 pres. ind.	*sabe* 59, 546.
5 » »	*sabedes* 363.
3 pres. conj.	*sábia* 728, 1212, 2885; *sabha*, etc., nos apógrafos italianos. CV 15,5; 392,8; 638,10; 641,7; 1151,8; 1185,2.
5 pres. conj.	*sabiádes* 1328, 7223.
3 imperf.	*sabia* 7580.
1 condic.	*saberia* 1076.

1 pret. perf. *soubi* 7658; CV 485,3; CB 284,1; 306,7.
soube 185.
5 fut. conj. *souberdes* 5690.
3 pret. conj. *soubesse* 1004.

O imperativo *sabi* (a comparar com *sei, sedi*) é freqüente no *Graal*.

Há construções com inf. puro 6992 (*sei negar*); com *a* só no exemplo duvidoso 6993, (onde *ancobrir* talvez seja *e encobrir*); com *de* também unicamente no verso 7658, para o qual aceito as emendas de Nobiling e Lang, lendo *o melhor que o eu soubi fazer*.—*Saber de alg. c.* 3494, 3516; *saber conselho a alg. c.* 8774; *saber-se conselho* 8601.

saber (infin. substantivado): conhecimento 7056 (*a meu*—).

sabor (**sapore**): gôsto, prazer 70, 149, 190, 192, 199, 400, 518, 801, 3159, 3165, 3248, 5883, 9734, 9924; *aver —a alg. c.* 192, 199; *aver—en alg. c.* 190; *aver—de*, seguido de infinitivo: 3248, 4502, 5883, 9734, 9924.

sacar (derivado de *saco*): tirar para fora 1373 (*—sacade-me de seu poder*); 7179 (*pois me sacara de prison*). Cfr. **sussacar**.

sair (**salire**): ir-se embora 9509:

1 pres. ind. *saio* 9116.
3 » » *sal* 6707.—CV 329,3.
1 pret. perf. *sal* 853, 1864.
1 fut. anal. *sairei* 7322.
3 fut. fon. *salrrá* 7168.—*Sair de* 853, 1864; sair triste 6707;—*seir* CV 561,18 (*sei*, em rima) é galeguismo, muito usado no *Graal*, p. ex. f. 105 *seirei*, 167,v *seiredes*, 186 *seiu*.

sair-se de: livrar-se de 9509.

salvar (**salvare**): livrar de perigo, de acusação falsa e de condenação eterna 4956 (*se Deus me salve!*), 10295 (*que Deus... o salve!*).

salvar-se: 1.) livrar-se de perigo 426, 428, 759, 926, 4110, 4955, 7912 (*én*); justificar-se per ante alg. 759, 7237.

sandece: derivado de sandeu, como se *sand* fôsse o tema, e *-eu* sufixo) loucura, doidice 5100, 5175, 7511, 9927; 1850 (*cometer gran*—). Cfr. **ensandecer**.

sandez: variante de **sandece** 7074.

sandeu: adj. (de origem ainda não bem apurada), louco, doido: 1925 (*andar*—), 2224, 2241, 2348, 5099; 9010 (—*e tolheito*); 9584, 10135 (*perdud'e*—); 2652 (—*con amor*).

sandeu s. 2225.

sandice: variante de *sandece*, que se encontra unicamente nos apógrafos italianos: 1850 v., 5100 v., 6949.—O facto de em rima se encontrar unicamente *sandece*, e nunca *sandice*, já foi assinalado por O. Nobiling. O mesmo vale de *velhece, mancebece* e *granadece*.

sanha (**sania** por **insanies**, levado da 5.ª a 1.ª declinação), raiva, ira 2831, 9329; 8583 (*con*—); 6957 *filhar—de alg.*). Cfr. **assanhar-se**.

sanhudo (derivado de **sanha**): iracundo, raivoso 5693.

santo, sancto (**sanctu**): 832, 3104, 3179, 3725, 6404 10235; *Santa Maria*; 819, 9176, 10205 *filho de Santa Maria* 9235.

savor: variante de **sabor** 8898.

saya (f. de **sayo, sagu**): vestido de mulher 965, 1551 (*en* —, sem manto).

sayon (aumentativo de *sayo*): veste de homem 8935.

sazon (**satione**): tempo, época, ocasião, vez: 57, 95, 720, 9272; 517, 1392 (*algũa*—); 115 (*á gran*—); 1881, 1963, 1994 (*á i gran* —); 3073 *à que*—); 7991 (*nulha*—, no sentido de *nunca*); 10237 (*esta*—, no sentido de *agora*); 5809, 6439 (*toda*—, no sentido de *sempre*).

sicente (part. pres. de **scire**, saber). Forma evidentemente culta. Usada no CA apenas na locução *se scient' ouver* 121.—*Meu sciente*, *seu sciente* ou *ciente*, ocorre mais vezes no *Graal* 84,29; 167 v. e 102 b. e no CV 916,11 e 924,11 *quant'é meu*—, onde se veja ainda 998,21.—A meu ver, provém do francês *mon escient*. Popular só era e é em Portugal *acinte* (por *ciinte*), *propositadamente*.

se *(sẽ)*: acusativo do pron. refl. da 3 p., 18, 21, 125, 133, etc.—Quando exerce a função de dativo ético, aparece em regra na forma engrossada **xe** (q. v.). No verso 1664 há todavia *Deus... quer-se me matar*.

se (*sĭ* por *sī*): conjunção condicional (alemão *wenn*), no caso que: seguido de indicativo 113, 118, 144, 1900, 2240; seguido de conjunctivo 167, 169 (alemão *ob*); seguido de fut. conj. 1, 84, 91, 124, 125, 128, 135, 137, etc.

se: embora continue a ser a conjunção condicional, toma o significado de *sic*, *assim*, em fórmulas de invocação ou imprecação, sendo nesses casos seguida de optativo: p. ex. nos versos 188 e 2222 *se Deus me valha!* 807 e 8213 *se Deus vus perdon!* 4616 *se Deus me leixe de vos ben aver!*

se non: fórmula conjuncional, composta da condicional *se* e do advérbio negativo *non*.

Os dois elementos aparecem freqüentemente separados por palavras. Eu imprimi *senon* apenas no Refram da Cantiga 354 (verso 7890), em harmonia com o original.

Indica excepção a afirmações, explicitamente ou veladamente negativas, equivalendo portanto a *excepto*, *a não ser que* (alemão *wenn nicht*, *ausser*, *es sei denn dass*).

a) Exemplos de *se non*: 37 non ei de vos ren *se non quant'ora m'oïstes dizer*.

143 assi m'ar quit' eu de querer al ben... *se non vos*.

301 non ei al de vos *se non muito mal*.

351 nunca vus eu rogarei por outra ren... *se non que vus jaç'en prazer*.

571 outro ben... non ei *se non quando vus vejo*.

3225 non me sei ja niun conselh' outro *se non morrer*.

3071 nunca... cuid' en al *se non porque lhe non disse*.

3490 nunca estes meus olhos fazen *se non chorar* e com' é quite meu coraçon *se non... de en vos cuidar*.

3597 nen ei d'al sabor *se non de vos*.

3927 queria... saber... se me fazedes por al... mal... *se non porque vus amo*.

b) Exemplos de *se... non*.

67 non me quitará ren... de vus querer *se morte non*; cfr. 1852, 2001, 7643, 8069.

94 non é outre *se eu non*.

208 guardar-m'ei d'aver mais ben... *se per vosso mandado non*.

1391 niun ben desejo de nulha ren... *se de vos non*.

3157 nunca lhes por én façan *se mal non*.

7643 prison u me non jaz *se morte non*.

7650 nen mi-o sab' outren *se Deus non*.

8153 nunca devedes fazer en nulha cousa *se ben non*.

Como princípio de oração nova, mas ligado pela ideia à imediatamente anterior, *se non* ocorre no verso 7914: *Se non, conselho non me sei*, a seguir à petição: *Mais Deus Senhor a leixe perdõar a min!*

Claro que há proposições em que a conjunção *se* vai seguida da negação, sem que essa se refira ao verbo anterior, mas sim a um novo, como p. ex. nos versos 3459: *non pod' el saber ren de mia fazenda, se non devinhar'*, 3213.

seer *(sedere)*: ser. — Nas dimensões dêste *Glossário* não cabe a demonstração, amplamente documentada com centenas de exemplos, da tese contida *in nuce* nos três infinitivos que encimam êste artigo, e aos quais eu poderia ter acrescentado *estar*, como sinónimo de *esse* durante o primeiro período da língua portuguesa. Reservo os meus materiais para um estudo especial, visto que com as parcelas ministradas pelo CA (e mais textos coevos que costumo citar) ficam provados os factos seguintes:

1.º De *sedere* proveio, segundo as tendências fonéticas do castelhano e do português, *seer*, e do século XIII em diante *ser*. Não menos naturalmente do que de *esse*, vulgarmente transformado em *essĕre*, proveio o francês *être*, o italiano *essere*, o provençal-catalão *esser*. — As duas línguas enveredaram diversamente, quanto às conjugações, como sabem todos os Romanistas, muito embora os factos relativos a *sedere* ainda não fôssem reconhecidos (Meyer-Lübke *Etym. Wörterbuch* n.º 2917).

2.º *Sedere* existia completo em Portugal. Com o paradigma *sedeo* — *sejo, sees, see; seja; sedia, seia, siia, sia; sêi, sê, sede; sendo, sido* — *sedui* (por *sedi*, com *sivi, seveste, seve, sevesse, sever)*; *seer* de *sedere*. *Ser* é forma que surgiu no futuro e condicional perifrástico, por nela haver perdido com a independência, o acento tónico, tal qual de *pôer, poer* — saiu *pôr* nos compostos *pôrei, pôria*.

3.º O sentido originário de *sedere, estar sentado, sentar-se* (*sedentare*, derivado do part. pres. de *sedere*) ainda perdurava no século XIV, em que a par de *sedia* (raríssimo), e do ainda raro *ser* prevalecia *seer* (de duas sílabas em centenas de versos). — Exemplos:

CV 481,4 *se ando ou sejo.*

CV 321: *Sedia la fremosa seu fuso torcendo.*

ib. 438: *Sedia-m'eu na ermida de San Simon... atendendo o meu amigo.*

Graal 9,31: *filhou-o elrei pella mão e asentou-o na seeda da tauolla redonda... e disse-lhe ao seer...*

CV. 365,7: *ben sej'acá, non quero seer melhor*, verso em que *seer* conta como monossílabo.

4.º Já antes da última redução fonética houve atenuação do sentido. *Seer* ia funcionando como mero auxiliar de verbos activos em forma gerundiva — ao lado de *esse, stare, ire, ambitare, jacere*, e de *habere, tenere*; como sinónimo sobretudo de *stare*. Com *jaço cuidando* 4756, *jaço morrendo* 2005, e os exemplos registados nos artigos *ir* e *andar*, assim como os dois exemplos de *sedia*, compare-se CB 349, *sej'eu morrendo; Graal* 6,23 e 25 *sija pensando.*

Claro que não faltam proposições como *sejo coitada* CV 349; *sijam callados, Graal*, 17, 19,4.

5.º O significado duplo de *seer* originou naturalmente anfibologias. Perto de 1350 houve um distinto trovador, D. Afonso Sanches, bastardo de D. Denis, que assim empregou o infinitivo, brincando, no verso já citado:

ben sej'acá, non quero ser melhor.

6.º O uso de *seer, ser* como auxiliar, e a sua quási completa sinonimia com *estar*, fizeram que algumas formas entrassem supletivas no incompleto e anormal paradigma de *sum fui esse*.

Delas subsistem: os imperativos *sê* (de *see*), *sede*; os particípios *sendo, sido*; o presente do subjuntivo *seja*; o infinitivo *ser* (quando pessoal com *seres, sermos, serdes, serem*); o futuro *serei* e o condicional *seria*. — Desapareceram pelo contrário (na concorrência com *sou es, é, era*; *fui* (com *fosse, for, fora*) e também com *estou, estava, estive*) o presente do indicativo *sejo, sees, sê*, etc.; o imperfeito *seia siia, sia*; e como tal o conjuntivo do imperfeito *seer', seeres*, que eu julgo exista no verso 9343.

8.º A favor da minha teoria devo alegar a forma arcaica castelhana, *seya*, substituido pelo moderno *sea*, repetidíssima nas *Glosas de Silos* (*Zeitschrift* XIX, p. 16, 30 etc.), na ortografia deficiente *siegat*. Mas também *sey, seyendo, seido*.

Eis agora as formas que ocorrem nos nossos textos:

1 pres. ind.		*sejo* 6137, 9429. — CV 160,4; 196,3; 199,1; 281,9; 389,7; 406,1; 481,4.
1 pres. conj.		*seja* 9435.
3 »	»	*seja* 1333, 2602, 3937, 5866; CV 196,16.
4 »	»	*sejamos* 6972.
5 »	»	*sejades* 2641, 8037.
5 imperat.		*seede* 195, 653.
3 imp. conj.		* *seer'* 9343.
1 fut.		*serei* 636, 1487, 2759, 2816, 3428, 3432, 4154, 6115.
3 fut.		*será* 83, 1451, 1598, 1752, 1865, 2620, 4199, 4202, 5692, 7570.
5 fut.		*seredes* 1887, 6116 8029.
6 »		*seran* 4207, 5557. *an de seer* 3780.
1 cond.		*seria* 158.
3 »		*seria* 55, 197, 1369. 1665, 2149, 2593,
part. pres.		*seendo* 3964.
infinitivo		*seer* 152, 242, 254, 1885, 2072.

Quanto ao pretérito perfeito * *sedui*, por *sēdi*, aponto *sevi* no CV 1084,18; CB 412,8; *seve* CV 160,17; (*el seve muito chorando, er seve por mi jurando*); *severam na mesa, Graal* 169 v.; *sevesse* CV 214,8. —

Seguido de advérbios como *ben, mal, melhor, peor*, equivale a *ficar* nos versos 1563, 8072.

Tem o sentido de *existir* no verso 7570.

Como curiosidade ainda não apontada por ninguém, fique assente que nos *Dezanove Autos Portugueses* que publica o Ex.mo Snr. Menendez Pidal, em Madrid, os Negros da Guiné e os Ratinhos da Beiar se servem, em vez de *ser*, do derivado *sentar!*

* **seer'**, conj. imp. de **seer**, correspondente a **sederet**. No único verso do CA em que imprimi essa forma, é hipotética. Com ela substituí *estevér'* que, em rima com *fazer*, destoava da pureza das consonâncias dos trovadores. — Que realmente existiu, já o documentei num meu estudo sôbre o imperfeito do conjuntivo da língua latina e sua evolução portuguesa, citando o seguinte passo do *Graal*, pág. 36,32; *nunca tanto desegei rem como veer o boo cavalleiro que deste scudo* **seer'** *senhor*, e comparando-a com *valer'* CA 2000 e *veer'* 956.

segrér (provençal **segrier(s)**, de ***seculare***, derivado de *segre, segle*, ***saeculum***): trovador profissional,

não eclesiástico, que ia de côrte em côrte a cavalo, acompanhado do seu *jogral:* 8944; e CV 556,21; 663,12; 1086,5; 1175,9. CB 1514,18; 1515,7 (escrita embora *segrel*, forma dissimulada que ocorre no CV 1021,25).—Cfr. CA, II, pág. 454 e 649, e Anglade, *Guiraut Riquier*, pág. 146.

segundo *(secundu)*, prep.: em harmonia com, conforme, consoante: 24, 822 (*segund'ora o meu conhocer*) 665 (*—segund' agora meu cuidar).*

segurado (part. de **segurar**): empregado ora como adj. 6934, ora como adv. 6923.

seguramente adv. de seguro *(securu):* certamente 693, 7600, 7608, 7924, 7928.

segurar alg. de alg. c., proteger 7222.

sei (forma encurtada de **saibo** *(sapio):* como **hei** de **haibo** *(habeo)* Vid. **saber.**

seja *(sedeam, sedeat).* Vid. **seer.**

sejades. Vid. **seer.**

sejamos. Vid. **seer.**

sejo *(sedeo).* Vid. **seer.**

semelhar *(similiare)* 1) parecer 19, 971; 2) ter aspecto 50 (*ben*); 3) ser semelhante a 5674, 8420, 8425; 4) comparar 5671 (alg. c. a alg.).

semelhar-se (ter parecença mútua (alem. *sich ähneln*) 5700.

semelhar (inf. substantivado): aspecto, vista, exterior, rosto 134, 1189, 3555, 6240, 7320, 8500.

sempre *(semper):* constantemente 100, 174 *(por—)* 200, 206, 222.

sen *(sine)* prep. privado de 17, 28, 176.

Entra em muitos compostos nominais, como equivalente do prefixo *des-* (a traduzir para alemão por *-los* como segundo elemento, ou pelo prefixo *un*).

sen amor 8047 (*lieblos*).

sen conselho 244 (*ratlos*).

sen deus 6699 (*gottlos*).

sen fala 28 (*sprachlos*).

sen guisa 9456 (*unbillig*).

sen mester 8932 (*unfähig*).

sen mesura 3446 (*maasslos*).

sen prez 10276 (*wertlos*).

sen razon desarrazoado 238, 7547 (*unvernünftig*); 3966, 8078 (adv., *grundlos*, sem motivo).

sen sabor insípido 6698 (*geschmacklos*); 502, 1157, 5369 (*freudlos*).

sen sanha 7138 (*zornlos*).

sen sen 28 (*sinnlos*),

sen senhor 6722, 6726 (*herrenlos*).

sen ventura 4027 (*glücklos, unglücklich*). No CV há na Cantiga 998 mais cinco compostos semelhantes: *sen conhocer, sen sciença, sen sabença, sen sofrença, sen sal.*

sen s. (do prov. **sen**, que representa o alemão *Sinn, Gesinnung):* senso, bom-senso, juizo, inteligência, senso-comum: 28, 80, 270, 276, 511, 560, 606, 2261, 3040, 3206, 5698 (*segundo o meu—*).—Já registei *sen todo*— 28. Cfr. *fora de*— 8417; *bon*— 128, 1464, 6043, 10371 (*rei do bon—*); 3765, 9194 (*de bon—*); *mal*— 158, 202, 230, 493, 5936.—*Aver*— 2591; *fazer*— 8593; *perder o*— 1207, 2068, 4459, 9921, 10387 (cfr. 5145); *sair de seu*— 9116; *per nenhun sen* 10140; *per neun sen* 6294; *niun sen nen sentido* 2122; *sen nen saber* 7513; *perder lum' e sen* 5167; *esforç' e sen* 10364; *é tod' en vosso sen* 6526.

senço *(sentio):* sinto, pres. do ind. de **sentir** 272; CV 207,14; 475,4; 998,22 (*sença* de *sentiat*).

senhor *(seniore).* Como m. refere-se a Deus, chamado em regra *Nostro Senhor* 90, 835, 839, 979, 1062, 1595, 1690, 1709, etc.; a Jesus Cristo por ex. CV 866,3 e no *Graal* 38,8 (*Senhor Deus*). Em invocações *meu Senhor* 9095; *Deus Senhor* 2266, 8845; *Deus meu Senhor* 1; *meu Senhor Deus* 1363, 2935. 4612; *Nostro Senhor Deus* 10212.—Como f. refere-se à amada do trovador: 22, 54, 139, 160, 188, 219, 244, 2172, 3655, 9591. Não existem *Can-*

ligas de amor em cuja primeira ou segunda linha não se encontre essa titulatura, acompanhada quer do possessivo *mia* (*mha*), quer do qualificativo *fremosa*, quer de ambas as palavras: *fremosa mia Senhor.* — *Dizer alg. senhor* 2676, 3917, 5024; *chamar — a alg.* 3915, 4510, 9657.

Em relação ao trovador (*vassalo, ome*, ou *ome-lige*) *a senhor* é a soberana nas Cantigas 6, 15, 53, 126, 158.

Quando a fórmula de invocação *por Deus* vai seguida de *senhor* pode-se hesitar a respeito do significado, por ex. nos versos 352, 581, 2266, 3555, 3689. Parece-me referir-se ao criador 4118, 9676; mas à amada 1745, 1754, 8052 e 8108, onde será preciso pôr *por Deus, senhor.*

senhora, f. analógica moderna popular, que de longe em longe já foi surgindo no período arcaico, por ex. no CD 1144, 1149 e CV 26,27; 668,9, em rima com *Zamora, agora, fora*, e sobretudo na prosa do *Graal*. Quanto ao verso 10136 do CA alterei *por vos senhora dized' ora ja*, pondo *por vos senhor, e dized' ora ja*, por me parecer ritmicamente melhor. O diminutivo *Senhorinha* ou *Senhorzinha* encontra-se apenas em uma das Cantigas em que ocorre *senhora* (CV 26,28), infelizmente deturpadíssima.

sentir (*sentire*): 109, 6330; *sencço* 272; *sentisse* 6200; *sentirei* 106, 1276.

sentir-se de alg. c.: ter pena de alg. 6200, 9000 (*sente*).

sepulcro (*sepulcru*): túmulo de Jesus-Cristo em Jerusalém 8903.

sequer, adv. composto da conj. *se* e da forma verbal *quer, si quaerit* portanto; equivale a pelo menos, até mesmo (alemão *wenigstens, sogar*) 1113. No verso 340 de Guilhade *siquer meus olhos verdes son* significa: embora, a pesar de que (*trotzdem*). Acompanhado de negação 8822 (*nicht einmal*). Cfr. **siquer.**

serviço (*servitiu*): 76, 2294, 6765; 1688 (*buscar* —).

servidon (por *servidõe*, de *servitudine*): servidão, na Epígrafe da Cantiga n.º 312.

servidor (*servitore*): servente, criado 5625.

servir (*servire*): 564, 791, 1740, 6793, 9661, 9826; *servir alg.* 791, 3249, 4501.

1 pres. ind. *sérvio* (*servho*) 10130. *sirvo* 6762, 6786.

3 pres. conj. *sérvia* (*servha*) 7733, 9654. CV 439,6; 476,13; 480,11; 647,2; 1085,6.

5 pres. conj. *serviades* (*servhades*) 9669.

1 pret. perf. *servi* 6653, 9827.

1 fut. *servirei* 5767.

3 *servirá* 790.

seso (*senso*), siso (talvez por influxo de *juizo*): 5952 (*fazer mal seso*). — Cfr. **siso.**

seu, pron. poss. 3 m.: dele, deles, dela, delas, de si. Forma analógica, provocada por **meu**, em detrimento do arcaico **sou** (de **suu**) que se perdeu muito cedo, sendo já raríssimo no tempo dos trovadores: 17, 540, 542, 685, 952, 1085, 1373. Ás vezes precedido do artigo definido 686, 1010, 1043, 1073, 2303. Com acrescento pleonástico do pron. poss. 2139 *seu ben dela*; ou do subst. correspondente 1237 *o seu bon semelhar desta senhor*; 2299, 5782, 7836.

seu, é usado substantivamente em diversos sentidos: *de seu*, de si para si, em particular, especialmente, 3088, 3156, 3161; quanto ao seu carácter, a sua índole 8931. *Seer seu* 9669; *têer por seu* 1736. 3216, 4353, 4372; *tornar seu* 6305,

—Não faltam casos em que *seu* se refere não ao sujeito, mas sim ao complemento. Nos versos 6438, 8712, 3850 *seus desejos* significa que *Ela* é assunto dos desejos; 541, 6451, 9001 *seu amor* é o que o trovador lhe dedica; 9560, 9566 *seu ben*, o favor ou os favores que ela outorga.

seus: pl. de **seu**, 1025, 2483, 2484; separado do art. def. 7376 (*os olhos seus*).

si (*sibi*): forma absoluta do pron. reflex. da 3 p.: 1022 *fará-m'ela de si partir*; 1243 *se poder' si guardar*; 1573 *de si quitar*.

si (*sic*): adv.: assim. Usa-se sobretudo em fórmulas de invocação, seguido de conjuntivo, 218 *si Deus m'ampar*, alem. *so mir... so wahr mir Gott helfe*; 302 *si Deus me perdon*; 1326 *si el me perdon*.—Cfr. **ssi'** e **se**.

sigo (por *sego* **secum**): influido por **si**: consigo 117.

sinar-se (*signare*) que deveria ter dado *senhar*: persignar-se, fazer o sinal da cruz. Forma semiculta, 6695.

siquer: sequer 9178.

sirvo: apar de **sêrvio** 6762, 6786. Vid. **servir**.

siso: forma moderna de **seso**, influida por juízo: 8876, 9167.

sison: 8936, alcunha que um trovador quer apôr a um jogral. Se o *saion*, com que pretendia vesti-lo, era de muitas côres, podiamos supôr que *sison* era nome provincial do *pintasilgo*. Aparentado por ventura com o francês *sansonnet*?—que passa por ser deminutivo do nome próprio bíblico *Samson*. Neste caso o verdadeiro correspondente português deveria ser *sinson*. A qualquer conto de *Samson* talvez se aluda no CV 768,9.

sobejo (nome tirado, salvo êrro, do verbo **sobejar**, de **sobrejar**, derivado de **super**) demasiado 7669, 9428, 9434; adv. *en sobejo* 493.

sobre (*super*): 1364.

sobrinha (*consobrina*, por **consocrina*, com perda do prefixo, considerado como inútil) 9583.

sodes (da forma popular **sutis*, tirada de *sumus sunt sum*, por analogia, em substituição de *estis*), *sois*: 139, 150, 585, 1179, 1220, 2252, 2269, 2838, 4494.—Nobiling engana-se, a meu ver, considerando *sodes* como transformação de **sedes** (*seedes*, **sedetis**).

soer (*solere*), estar acostumado, costumar. CV 127.—As formas em que se encontra no CA são as seguintes:

1 pres. ind.	*soyo*	1184, 8561.
3 » »	*sol*	222, 1195, 2844, 7029, 7425, 10058, 10078, 10270. Muitas vezes no CV e CM. A forma analógica *soe* é posterior a 1300.
5 pres. ind.	*soedes*	CV 422,3; 472,1.
1 imperf.	*soia*	1116, 7344, 7566, 8442.
3 imperf.	*soia*	10284.
5 pret. perf.	*soestes*,	*Graal* 116.

Como auxiliar de outros verbos vai sem preposição.

sofredor (derivado de **sofrer**): capaz de aturar dores e mágoas com paciência, 5587, 5609, 7100.

sofrer (grafado freqüentemente com *ff*, do infinitivo normalizado de *sufferre*; isto é de *sufferrere*): padecer, suportar, aturar: 155, 183, 304, 310, 316, 522, 549.

soidade (*solitate*): saüdade 8717 (*aver*—).

sol (*solet*). Vid. **soer**.

sol (*sole*, por *solum*): adv., unicamente, apenas: 483, 676, 711, 827, 1195, 3099, 3587; pelo menos 7072, 8649. Acompanhado de *non* ou *nen* significa *nen mesmo*, *nen sequer* 1642, 1722, 1729, 2156, 2331, 2338,

2574, 2611, 4758, 5092, 5906, 6420, 6475, 6640, 6886, 7035, 8680.

sol que, loc. adv. seguida de conj., sómente se, unicamente se 6284, 7691.

soldão (arab.): *sultão* 8912.

son (*sonu*): ruido ritmado, tom, toada, melodia: 7208 (*dizend'un son*); 5460 (*fazer bon son*). Vid. CV 779,5. A forma primitiva **sõo** é freqüente na prosa do *Graal* 101,6.

son (*sum*): *sou* 8428. Cfr. **sõo.**

son (*sunt*) 33, 89, 510, 706, 849, 3251, 5414 (com valor de (*estão*).

sono (*somnu*): estado de adormecimento, 852, 6838 (*dormir todo seu—*).

soo (*solu*) adj.: único, desacompanhado 465, 9398; adv. sòmente 8628; *non soo* 8248; *nen soo* 185, 8667.

sõo (de **son,** *sum,* com acrescento do *o* final como distintivo das primeiras pessoas do pres. ind.): 258, 282, 381, 506, 531, 932, 1077, 1250, 1580, 3780, 5469 (com valor de *estou*) 5895, 7570. A grafia *soon* do verso 930, claro que está errada. No 8428 é preciso lermos *son*.

soqueixo (*sub* + *capsu*): mandíbula 3400 v.. Vid. CV 855,16 *non logr'eu este meu soqueixo.*

sou (*sum*): pron. poss. 3 m. (cujo f. é hoje *sua* 7128.

soube, soubi (*sapui*). Vid. **saber.**

soyo (*soleo*). Vid. **soer.**

ssi: grafado às vezes **'si** (*ad* + *sic*) com elisão do *a* inicial, por se seguir imediato a um *a* final 1218, 3351, 5311, 9976.

T

Tal (*tale*): 1) adj. semelhante, igual, par; aparece colocado ora antes do substantivo: 4, 8, 117; ora atrás dele 20, 1134; 2) pron. indef. subst. *coisa assim, pessoa assim* 79; 3) correlativo de *qual* 1400, 2130, 6437, 7394.—*tal que,* de modo que 276; *por tal que,* sob condição que 2577.

talan (francês *talant,* de *talentu*): inclinação, vontade; 6948 *mal talan,* má vontade. Vid. CV 362,7; 433,7; 904,11; 916,17; 1038,4; 1685,1; (*mal talam*). A forma **talante** ocorre no CV 922,11.

talhado (*taliatu*): cortado, talhado, no sentido de feiçoado 9443 (*ben talhada*), 8086 (*melhor talhada*). Vid. CV 155,4; 199,6; 278,16.

tamanho (*tam magnu*): 458, 522, 1366, 2758, 2868.

tan (*tam*): em tal gráu, de tal modo: 27 *tan gran cuita; tan grave dia* 4011; *tan muito* 320, 932, 1011, 6345; *tan ben* 38, 3764; *tan muito ben* 1146; *tan muito de ben* 7410; *tan muito mal* 8958; *tan de bon prez* 3765; *tan de bon sen* 3765; *tan en seu poder* 7141, 7545.

tanto (*tantu*): 1) adj. tamanho, tal 2113, 2177; 9210 (*esta coita que me ven tanta*); 4359, 7060, 8449, 8707, 9088 (*tanto de*); 2) correlativo de *quanto* 845, 8449, 9944; 3) adv., com tanta força 221, 272, 2136, 2610, 6346, 7754, 8875; 4) s. 7585 (*tẽer en tanto*); 5) pron. indef. 549 *mil tanto.*

tardar (*tardare*): vir tarde, fazer-se esperar 5032, 7050; 5885 (alg. c. a alg.).

te: pron. pess.; complemento da 2 p. (*te*), 10033, 10035 e mais cinco vezes na Cantiga N.º 453, em que também figuram *tu, contigo.*

tẽer (*tenere*): ter, haver; possuir, segurar; é empregado sobretudo, conforme o costume peninsular, como auxiliar de verbos activos 87, 95, 553; 27, 276.

1 pres. ind. *tenho* 147, 520, 1457.
3 » » *ten* 27, 87, 494.
5 » » *tẽedes* 1156.
6 » » *tẽen* 513, 1056.
5 pres. conj. *tenhades* 7041.

6 pres. conj. *tenhan* 6731.
6 imperf. *tinhan* 6887.
1 fut. *terrei* 424, 1245, 1351, 9959, onde está *te-rei* por engano.
3 fut. *terrá* 1239, 7581.
3 cond. *terria* 5895, 8962.
6 » *terrian* 5804, 9912.
1 pret. perf. *tive* 95, 3767.
3 fut. conj. *tever'* 203, 1449 v. *tover'* 1449, forma que prevaleceu em Espanha onde também houve *sovo, estovo*, em vez de *seve, esteve*.

No *Graal* há, a par de *terria*, *tenria* e *tinria*.

Tẽer mester 255; *prol* 1449, 7581, 7680; *proveito* 7618; *razon* 513;

tẽer en ren 3280, 3403, 9891; *en vil* 6887; *tẽer per*, 8008, 9912; *tẽer per ren* 7041;

tẽer por 147, 203; *por mal* 1056; *por prol* 3922, 7281; *por ben* 3281; *por razon* 3311; *por seu* 4353, 4372;

tẽer de..., dever, estar obrigado a 3922.

tẽer que: ser ou estar de opinião que, crer 510, 520, 937, 1239, 1351, 1457, 1473, 2264, 4296, 5214, 5804, 5895, 6043, 6731, 8011, 9813.— *tẽer-se que*, julgar, opinar, pensar de si para si (sendo *se* dativo ético) 5290.

tẽer-se a, atêr-se a: 9767 (à verdade).

temer (*timere*)**:** recear 396, 2210, 10181.

1 pres. ind. *temo* (por *teimo* de *timeo*) 2210.
3 » conj. *tema* (por *teima* de *timeat*) 5682.
1 imperf. *temia* 833.
1 fut. *temerei* 277.
1 pret. conj. *temesse* 989.
part. pres. *temendo* 9116.
part. pass. *temudo* 5681.

temer-se de: ter medo de alg. 277, 989.

tempo (*tempu*)**:** extensão sucessiva; período; ocasião 5576, 7150, e Epígrafe da Cantiga N.° 312 (*em tempo del Rey Artur*); 6939 (*mui gran temp'á que*); 6129 (*soffrendo tempo*, durante muito tempo, longamente). No verso 7150 surpreende a fórmula *ca ja temp'ei | que a servi*; como a primeira frase esteja em rima com *perdud'ei*, não podemos todavia substituir *ei* por *á*.

temudo: temido 5681.

tençon (*tentione*) f. (variante de **entencion** | *intentione*)**:** cantiga de contenda, dialogada, como os N.os 396 e 453: 10052.—Cfr. CV, N.° 556, 1021, 1022, 1035, 1104, 1105. Quanto ao vocábulo *tençon*, vid. CV 1007,14; 1198,2 e CB 374 e 1501.

terra (*terra*)**:** região, localidade onde se nasceu, país 438, 563, 2430, 2489, 2697, 6498, 8321, 8558, 8706, 8717, 9063; *terra de mouros* 10184. Refere-se à Irlanda na Epígrafe da Cantiga N.° 312.

terrá, terrei, terria, etc., provêm de *tẽrá*, etc.—Vid. **tẽer** e **vĩir.**

ti (*tibi*)**:** pron. abs. 2 p., aparece em lugar de **tu,** apenas CV 1035,11. Vid. **tu.**

todavia (adv. composto de *tota* + *via*) tem em português arcaico o seu sentido originário de: sempre, constantemente, de toda a maneira: 552, 1847, 2154, 2562, 5289, 6289, 8033, 8570, 8658, 9747. O sentido moderno de *contudo, ainda assim*, talvez seja aplicável aos versos 600, 2387, 3377; como a muitos trechos do *Graal*, 8,19; 92,12, etc.

todo (*totu*)**:** 1) adj. completo, inteiro, total 2284 (*—ben*); 2283, 8557 (*todas as gentes*); com negação: algum 28 (*sen todo ben*); 2) pron. indef. equivalente a qualquer pessoa 23, 125 (*tod'ome*). Isolado corresponde ao moderno *tudo* 304, 777, 1260, 10198; e também quando

acompanhado de demonstrativo neutro: *tod'esto* 31, 777, 787, 1260, 1387, 5876; *tod'aquesto* 7587; *todo... quanto*, 778, 1430.—A forma moderna *tudo*, metafónicamente alterada e influida talvez por *muito* (como faz supôr a variante galega *tuido*), é tão rara nos Cancioneiros como *isto*, *aquisto*, *aquilo*, *minha*, *senhora*, etc.—Há **tudo** CV 1106,21 e 371,12, em rima com *perdudo* e *conhoçudo*.

tolheito (part. perf. irregular de **tolher,** formado por analogia com **colheito,** de *collectu;* de * *tollectu* portanto). 1) tirado de, livrado de 2015; 2) tolhido, privado de movimento, paralisado 9010 (*sandeu e*—). —Vid. CV 197,5; 910,20; 1138,3; e CB 150,11; 174,14; *Graal* 78,20; 137,17.—Cfr. **encolheito** por encolhido, Guilhade 898.

tolher (*tollere*): 1) tirar, prender, tomar, livrar de; contranome de *dar* 1066, 1364, 2524, 10277; 389; 391 (*un ome*); 593 (*pavor*); 922, 1064, 1217 (*o sen*); 92, 116, (*coitas*); 6820 (*os olhos de chorar*); 2) paralisar 2526, (*o corpo*); 7258, 4348; 3) vedar, impedir, estorvar 305, 2647, 4466 (*o dormir*); 9583 (*o sen*); *tolher que non se faça alg. c.* 9346.

O *l* palatizado, em vez de *l* simples, que em português resulta de *l* duplo latino, é analógico, e provém, como o particípio *tolheito*, de *colher colligere*, em que a queda do *g* intervocálico de *colligo* deu *collio*, protótipo de *cólho*.

3 pres. ind. *tolhe* 1065, 1066, 1188, 9476.
3 pres. conj. *tolha* 92, 593, 9484, 10168.
5 imperf. *tolhede* 2, 1364.
3 pret. perf. *tolheu* 1064, 9187, 9240.
5 pret. perf. *tolhestes* 10219.
1 fut. *tolher-lh'ei* 389.
3 fut. *tolherá* 1217.
1 fut. conj. *tolher'* 391.
3 fut. conj. *tolher'* 305.
5 inf. pess. *tolherdes* 922.

tomar (verbo privativamente peninsular, usado desde os primeiros monumentos da literatura; pertencia provavelmente ao *sermo rusticus*): prender 8993; 1674 (*prazer*); CB 1508,7 (—*torto*).

tormenta, fem. de *tormentu*): sofrimento 8378, 8386; tempestade 5697; CB 230,4.

tormentar (deriv. de *tormenta*): atormentar, penalizar: CB 230,4.—Vid. **tromentar.**

tornar (deriv. do grego-latino *torno*, máquina de tornear): 1) voltar para onde já se esteve, regressar 1447, 2574, 3731, 7196 (*ir*—) 7840; 2) levar para onde se esteve 4159, 5155; 3) fazer voltar, mudar, transformar 6305 (*me fez seu tornar*); 4662 (*tornad' en al*); 4) replicar 5172; construido com inf. puro (*viver*) 3727, mas também com *a* 7904 (*a veer*).

tornar-se, regressar 1582; virar-se 8914; transformar-se 6835 (*tornar-se en mal*).

torpe (*turpe*): estúpido, tonto, ignóbil 8929, 8932, 9251.

torquis (deriv. de **turco**) 8916.

torto (*tortu* part. pass. de *torquere*): contranome de *direito:* torcido, coisa mal feita, desgraça 1345; *aver*— 6997; *fazer*— 1061; *prender*— 7226; *tomar*— CB 1508,7; *a*—, sem razão e direito 750, 6192, 6195; *a gran*— 9281.

trabalhar (deriv. de trabalho, *tripaliu*, instrumento de tortura): esforçar-se 1531.

trabalhar-se de alg. c., importar-se com 10311.

traedor (*trahitore*): desleal 3713, 5841, 5866, 7837, 7971, 9172, 9824; —*treedor* CB 455,6.

trager *(trahere)*: trazer. A fórma com *h* fôra transformada, na fala rùstica, analògicamente. O paralelismo de *factu fakere, plac' tu plakere* provocou *tractu trakere*; o de *actu agere*, deu *tragere*. A evolução de *trager* para *trazer*, processo fonético freqüente em Portugal (como se vê em *azinha* de *agina*) aproximou o infinitivo novamente de *fazer* e *prazer*, quando o particípio mais usado era *treito: feito, fazer, treito, trazer; preito prazer* 6986, 9639. *Trager panos* 9400, 9639, 9650 —*luito* 10174; —*en coita* 2375, 6418; —*coitado* 9057; —*preito a alg.*, contratar, combinar alg. c. com alg. 6435.

3 pres. ind. *trage, traj'* 2375, 2382, 9057.—CV 359,24; 568,17; 569,4; 911,7. *trax* CD 899, 1055.
5 pres. ind. *tragedes* 7025.—CV 981,17; 904,10.
1 e 3 imperf. *tragia* 9400.—CV 76,3; 79,10,14 etc., 931,2; 940,4; 989,10.
2 pret. perf. *trouxisti* CB 359,24.
3 pret. perf. *trouxe* (q. v.) 6986.
5 » » *trouxestes* 7025.
3 fut. conj. *trouxer'* 9650; CV 1085,13.

Vid. *trager* CV 150,11; 162,3 *trager preito* 202,9; 416,7; 504,5; 571,15 (—*luito*) 911,5; —*trager ei* 63,13.

trager mal e **mal trager** no sentido de maltratar, era freqüente na linguagem arcaica, embora no CA haja um único exemplo: 9058. Vid. CV 186,4 e 7; 263,2; 384,5; simples *trager* (*come can*) 1085,7.

traicion (*traditione*) traição: espanholismo evidente do copista do CA que escrupulosamente conservei: 5496.

traïçon (*traditione* de *tradere*): acto de deslealdade, entrega injusta de alg. 7982 (*fazer— sobre alg.*)—*treiçon* CD 1567.

trameter-se (prefixo *tra* + *mittere*, como em *tramontana*? ou forma abreviada por aferese de **intra** + *mittere*?), meter-se em alg. c. 185; CM 5,13: *de o criar se trameteu.*

trapaz (deriv. aumentativo e depreciativo da raiz germânica **trappa** armadilha), hoje trapaceiro 10035.

trastornar *(transtornare)*: vaguear; vagabundear 7006 (*per todo o mundo*). — Cfr. **per.**

tremer *(tremere)*: estremecer, tremular, tremer 5311, 5325 (*o coraçon*).

tres *(tres)*: 2513, 2573, 8980, 10196.

triste (*triste*): contranome de *alegre* 112, 9950 (*andar*); 2491 (*partir*); 6708 (*sair*).

trobador (deriv. de *trobar*): poeta profissional do primeiro período da poesia portuguesa 3965, 5448, 6153, 6156, 10064 *(trovador)*.

trobar (do prov. *trovar*, fr. *trouver*, de *turbare*, p. ex. a água para achar peixe): fazer cantigas, inventar versos, poetar 4181, 5157 (por alg.), 5166, 6155, 6723, 6735, 6740, 7718, 7833, 9907.

trobar: inf. subst.; a arte de trovar 5165, 6707, 6742, 8300.

tromentar alg., tormenta-lo 1669.

trouxe (* *traxuit*, por *traxit*): formação analógica, a par da qual havia *trouve* (*Graal*, 20,8) por analogia com *houve, soube, coube*, etc. 6986.

trouxer' (**traxuerim*) 9650.

trouxestes (* *traxuistis*) 7025.

tu (pron. pess. abs. 2 pess. *tu*) 7364, 7365, etc. 10032, etc.—Nas Cantigas de amor, a verdadeira alocução respeitosa é sempre *vos*, à maneira francesa. É apenas o jogral *Juião*, da Cantiga de escarnio 453, e o mensageiro, ao qual se dirige a 332.ª, que são tratados por *tu*

pelos seus senhores. Cfr. CV 1035 e CD 453 (*amor*). Cfr. **te, ti, tigo, contigo.**

U

U (*ubi*): adv. de lugar: onde, em qual lugar, em que, para onde; empregado principalmente como conjunção relativa, de localidade, mas também de tempo e causa, equivalente de *quando* 449, 530, 988, 990, 2065, 2111, 5136, 6032, 8159, 8163, 9362, etc. —*u al non á* 7469; *u non á al* 7924, 8651; *u non jaz al* 3705, 5754; *u outra ren non á* 2047 *non jaz* 82; todas as quatro fórmulas como equivalentes de *se não houver inconveniente; cada u* 6290, cada vez que, onde quer que; *u quer que* 9429, 9435; *per u quer que* 8937.

ũa (**una**): uma (com labialização da nasal) 16, 30, 65, 73, 143, 935, 4770, 5179, 10016, 10032, 10034.

un (de ũu, **unu**) abreviado por estar em regra em proclise 465, 1104, 4335, 8896, 8900. — Cfr. **algun, niun.**

V

Vagar (**vacare**) inf. subst.: tempo de descanso, ócio, sossêgo; tempo inutilmente gasto 7024 (*trazer en*—, no sentido de demorar, adiar); 3903 (*aver—de coitas*, no sentido de estar livre delas).

valença (**valentia**, deriv. de **valente**, como *paciência* de *paciente*, etc.) 10351. Na Cantiga 466, a que pertence o verso indicado, joga-se com o apelativo abstracto e o nome próprio da cidade de Valença do Cid.

Valença 10350, e mais dez vezes na mesma Cantiga 466.

valente: cheio de valor, valoroso 10182.

valer (**valere**). A conservação do *l* intervocálico em todas as formas do verbo, e seus derivados, explica-se, a meu ver, pelo emprêgo freqüentíssimo do imperativo *val! Santa Maria val!* pelas formas com *l* palatizado (*valho, valha*), e também pelo pret. perf. arcaico *valvi* de *valui*. Os significados são os seguintes: 1) auxiliar, socorrer 168, 221, 555, 561, 771, 1133; 2) ter valor para..., merecer 909, 959, 6881; 3) ter utilidade, préstimo 6990, 1000, 2504:

3 pres. ind.	*val* 561, 771, 909, 1133, 1706.
5 » »	*valedes* 1162, 10333.
5 imp.	*valede* 6431.
3 pres. conj.	*valha* 1464, 1984, 1991, 4434; 188, 2222 *Se Deus me valha!*
3 imperf.	*valia* 909, 6881.
3 imp. conj.	*valêr'* 2000 (cfr. *seer' veer'*).
3 m. q. perf.	*valera* 7495.
	valvera 1000, 2504, 3813, 7716. — CV.
3 m. q. p. c.	*valvesse* CD 1289.
3 perf. conj.	*valvêr'* 815.
3 fut.	*valrá, valrrá*, formação fonética 2001, 5613, 4415, 8937, 10337;
	valerá (formação analógica) 7501. — CV 655,3 (*valeredes*).

valer inf. subst. 10188, 10356.

valia (deriv. de **valer**): valor 976. Usado como interjeição: *valia! valia!* no *Graal* f. 85, 99, etc. significava socorro! ajuda! *Hülfe Hülfe!*

valor (**valore**): fôrça, coragem 9830 (*prez nen valor*) 10355, 10362.

vẽes (**venis**). Vid. **vĩir.**

veer (**videre**): ver, distinguir com o sentido da vista 84, 104, 159, 172, 176, 662, 2471, 2472 10100. Contraído numa só sílaba, embora gràficamente ainda haja duas, temos

vêr nos versos 2024 e 7344, e em mais alguns passos, conforme se vê na lista seguinte, sobretudo no futuro e condicional.

1 pres. ind.	*vejo* 23, 71, 180, 187, 220, 1175, 2136.
3 pres. ind.	*vee*, com valor de *vê* 8170.
5 pres. ind.	*veedes*, Guilhade 63.
	vedes 219, 1222, 1415, 1809, 1817, 2108, sempre com valor de imperativo.
6 pres. ind.	*veen*, com valor de *vên* 5269, 5270.
5 imper.	*veede* 953, 1739, 6553.
	vede 1739 v, 9768.
1 pres. conj.	*veja* 134, 2478.
5 » »	*vejades* 980, 10164.
6 » »	*vejan* 2484.
part. pres.	*veendo* 1677.
1 fut.	*veerei* 2477, 10100.
	verei 2116, 2479, 9947.
3 fut.	*veerá* 9193 (com valor de *verá*).
	verá 2485.
5 »	*veer-m'edes* 179.
6 »	*veran* 2485, 2488.
1 condic.	*veria* 9871.
6 »	*veerian* (=*verian* 9262.
3 imp. conj.	*veêr'* 956. — Cfr. *seêr'*, *valêr'*.
6 imperf.	*veian* 3832.
	viian 3838.
1 pret. perf.	*vi* 58, 96, 314, 549, 2116, 2476, 6233, 6247, 7562, 9946.
3 pret. perf.	*viu* 9193.
6 » »	*viron* 1395, 2486.
1 e 3 p. conj.	*visse* 682, 1002, 2145, 2475.
1 fut. conj.	*vir'* 735, 2480, 7344, 9732.
3 » »	*vir'* 137, 456, 1257.
6 » »	*viren* 1946, 2485, 9120.
1 mais q. perf.	*vira* 2116.
3 » » »	*vira* 1550.

vegada (***vicata*** de vice): vez, vegada 6414.

vejo (***video***). Vid. **veer.**

vel (***vel***): conjunção disjuntiva: *ou* 6388; pelo menos 3124, 3852; ou pelo menos, 6393. Era empregada a miude em fórmulas de exclamação ou invocação, como *vel por Deus!* 3852; *vel por mesura ja* 4260; *e vel por Santa Maria!* 819, 3124. — Cfr. CD 1477, CV 1124,6; CB 281,15 etc.

velido (****bellitu***) part. do verbo ***bellire,*** do adj. ***bello,*** que subsiste no português *embelecer* e no francês *embellir*): enfeitado, lindo, bonito (alemão *geputzt, geschmückt*) 6191. CV 172,1; 195,1; 342,4 etc.; 401,18; 488,4; 761,1 e 3; 792,3 e 6 etc.; 793,1; 889,2; 1173,4 etc. O constante alternar de *velido* com o participio *loado* fala a favor da minha interpretação.

ven (***venit***). Vid. **vĩir.**

vencer (***vincere***): ficar superior num combate 6278; 3549 (*vencer de* no sentido de: quanto a) 4395, 6940.

vençudo (part. pass. medieval de ***vencer***): vencido 5534.

vendere (***vendere***) 9233 (*vendeu*).

vengança (***vindicantia***): represália 3847 (*prender — de alg.*).

vengar alg. (***vindicare***) 8981, **vingar.**

vengar-se de alg. 3680, 3834.

venha (***veniam, veniat***). Vid. **vĩir.**

venho (***venio***). Vid. **vĩir**

ventura (subst. f., tirado do part. fut. de ***venire: venturu***): sorte, destino, acaso, e algumas vezes já felicidade, com quanto a principio fôsse necessário usar dos qualificativos *boa* e *má*, conforme se indicava felicidade ou infelicidade. 1) sorte, destino 2757, 3863, 5444, 8637, 9407; 2) fortuna, felicidade 811, 1733, 5565, 8605 (*sen* —); 1334 (*bõa* —); 5444 (*aver* —); 3) acaso 119, 1218, 2051 (*per* —); 5696 (*per ventura*); *venluira* CV 993,8; *desventuirada* ib. 1.

vẽo (*venuit* por *venit*): veio. Vid. **vĩir.**

verdade (*veritate*) 484, 2250, 2256, 3646; dizer — a alg. 315, 1947, 2244, 2253, 2288, 2613, 8690, 8723, 9760; (*jurar* —) 4083.

verdadeiro (deriv. de **verdade**), fiel e sincero 9762, 10180 (*con razon* —).

verde (*viride*) 5101 (*olhos verdes*).

vergonha (*verecunnia* por *verecundia*, que nos deu a forma hoje antiquada **vergonça**, cast., *vergüenza*, documentada p. ex. CV 982,17 *Graal* 21,15; 136,9): 8820, 8594, 9873; 4105.

vermelho (*vermic'lu*, demin. de **verme**), de faces rosadas 963.

verrá: fut. perifrastico de *venire*.

verria: condic. de *venire*.

Anterior a estas formas, mas ainda usada no *Graal* é *vinrria vinria*, às vezes com a grafia *vĩiria vẽiria*.

vez (*vice*) 5969, 6037 (*esta* —); 27 (*mil vezes*); 10128 (*muitas vezes*).

vezinho (*vicinu*), vizinho: 7176, 7177. Em ambos os casos há no original (CB) *vezĩo*. No CM 315,70 há *vezynnas*, e 389 *uezinos* (sem til, por descuido) em rima com *caminhos*, etc. Nessas grafias e em dúzias de formas paralelas reconhece-se todavia que a ressonância nasal do *i* já se palatizara.

vi (*vidi*). Vid. **veer.**

via (*via*): caminho, estrada; muito usado na locução *ir-se sa via*, no sentido de *ir-se embora* 87 8; *ir-se de carreira sa via* 9872. CB 1550,21: CV 1197,8. — Cfr. **todavia.**

vida (*vita*), contranome de *morte*, 7134 (*aver* — *con alg.*); 8819, 9059 (*viver ũa vida*); 6411 (*non dar nada por sa vida*).

viço (*vitiu*): estado de satisfação e alegria 6766, 6775, 7066, 7093. — Cfr. CV 475,1; 480,15.

viçoso (*vitiosu*): feliz e contente 5248 (— *viver ia*).

vĩir (*venire*): vir, chegar-se 1337, 6913, 8956, 8968

1 pres. ind.	*venho* 1465.
2 » »	*vẽes* 7364. — CV 1035,8, sem til (por descuido).
3 » »	*ven* 16, 269, 457, 1238, 1335, 1339
6 » »	*vẽen* (formação analógica) 1197, 1204.
3 pres. conj.	*venha* 1187, 1587, 6933.
5 » »	*venhades* 7055.
1 pret. perf.	*vin* 6176, 6512, 7894, 7908, 7986.
3 » »	*vẽo* 3215.
3 pret. conj.	*vẽesse* 7822, 8127. *veesse* 8960 (com falta defeituosa do til).
3 fut.	*verrá* 1254.
3 condic.	*verria* 2113, 8957.
3 fut. conj.	*vẽer'* 6912; *vĩer'* no *Graal*.
5 inf. pess.	*vĩirdes* 991.

O part. *vindo*, de *vĩido*, *vẽido*, não aparece no CA. — Quanto a recção, é seguido de inf. puro nos versos 16, 1465, 1587, 2444, 2935, 7022, 7970, 7985. — Locuções: *vĩir peor*, no sentido de passar peor 6665; *vĩir a mercee* 7627.

vĩirdes (*veniretis*). Vid. **vĩir.**

vil (*vile*): ignóbil, baixo 6887 (*têer alg. en vil*). 2) fácil 636 (— *de pagar*).

vilão (*villano*, deriv. de **villa**): rústico, não-nobre, de baixa extracção; 7988, 8928, 10050. — CV 927, Epígr.; 1024,22.

vin (*veni*): vim. — Vid. **vĩir.** — No CV 1035,17 há *uij*, com falta de til sôbre o primeiro *i*; no *Graal* há *vẽi* a f. 170 v.. e *passim*.

vingança 2402 (*prender* — *de alg.*) — Vid. CB 464,21; *Graal* 22,37.

vingar alg. de alg. c. 1667, 6207. Cfr. **vengar**, etc.

vingar se 6376; de alg. 3830, 5033.

viso (*visu*): vista 8881.

viu (* *viduit* por *vidit*). — Vid. *veer*.

viuva (*vidua*): de *viúa*, por queda

do *d* intervocálico e com *v* intercalado, que se desenvolveu do *u*, preenchendo o hiato 8984.

viver *(vivere)*: contranome de *morrer*; passar a vida; morar 3, 5, 11, 225, 245, 519, 521, etc.

1 pres. ind.	*vivo* 249.
3 » »	*vive* 35.
1 imperf.	*vivia* 7066.
1 fut.	*viverei* 226, 7131.
1 pret. perf.	*vevi* 6865.
1 fut. conj.	*viver'* 62, 99, 110, 129, 148, 350.
6 inf. pess.	*viveren* 502.
part. pres.	*vivendo* 7126.

vivo *(vivu)*: contranome de **morto**, 33 *(quantos vivos son)*; 40 *(entanto com'eu vivo for)*; 76, 142, etc. (*enquant'eu vivo for*).

vo'-lhes (ligação do pron. pess., 5, abs., e do pron. pess. compl. indirecto pl., portanto com assimilação do *s* final ao *l* imediato) 1203, 1393.

vo'lo (pron. pess. compl. indir. 5 e pron. pess. 3 compl. m., *vos illu* portanto) 154, 177, 589, 670, 1475, 6908, 6910, etc.

vos (forma absoluta do pron. pess. 5) vós. Os representantes directos do latim **nōs, vōs**, tiveram seguramente *o* fechado. A enfase com que se enunciam em geral os pronomes *eu, tu, nós, vós* levou cêdo ao timbre aberto de *ó*; quando, ignoro-o. A consonância com *cós*, *ungrós* e *guardacós* no CV 336,8-9; 904,8; 926,10 e 14; 941,10 e 11; 978,12 e 13; 1149,5 e 6; CM 185,9, diz todavia às claras que o fenómeno estava realizado no século XIII.—Alguns exemplos do caso-sujeito: 2, 139, 144, 150, 160, 164; caso complemento directo 84, 143, 1142; caso complemento indirecto 1200; com a preposição *a* 84; *de* 36, 72, 80, 154, 156, 157; *por* 26, 179. O costume dos antigos de empregarem a forma absoluta em lugar da conjunta é atestado quanto a *mi* nos versos 293; 1066, 1126, 1667; 617, 1566, (*a min*). Vid. **vus**.

vosco (**vos + cum**, em lugar de **vobiscum**): com vós 58 v., 2766, 2828, 3135, 3608, 3609, 7419, 9390, 10039, 10044.—Cfr. **vusco** e **convosco**.

vosco; vosqu', antes de *e* ou *i*: 438. Cfr. *convosqu'* 3132, 7388.

vosso (forma reduzida, familiar de **vostro**, por **vestru**, alterada por influxo de **nostru**, da mesma maneira como **tuu, suu** foram modificados por **meu**). A *nostro* (q. v.) não corresponde *vostro* por motivos óbvios. Ocorre sem art. def. 148, 208, 627, 704, 1051, 1321, 1682. Precedido de art. def. 171, 365, 987, 993, 1187, 1298.

Quanto à função, significa: o que de vós vem ou procede, o que vós tendes, e eu recebo de vós, em *o vosso amor* 660, 1034, 1217, 1290, 1436, 1450, 1463, 9737; *vosso ben* 1120, 1187.

Substantivado, equivale na fórmula *pelo vosso*, a *por vosso interêsse*, *vossa causa*, 8106, como na cantiga 330,8; 426,20; 836,2; CB 54,27. *O vosso* é: vosso vassalo e trovador no verso 6763. No 663 *na vossa* refere-se à *gran coita* do verso 659.

vusco, em vez de **vosco**, encontra-se nos versos 58 e 1716.—Cfr. **convusco**.

vus, forma átona enclítica de **vos**; que serve ora de complemento directo, 49, 51, 56, 58, 63, 67, 71, 73, 74, 163, 175; ora de indirecto 1, 29, 30, 47, 65, 73, 107, 145, 170; ora de dativo ético 163.

Escrito *vus uus*, ou com a conhecida abreviatura 9 no CA e nos apógrafos italianos, mas sem rigor, levaram Lang a distinguir sempre as formas absolutas *vos, nos*, das conjuntivas *nus vus*, sem se

importar com a tendência popular de substituir as reduzidas pelas plenas. E Nobiling é de parecer que eu deveria ter procedido da mesma maneira, sistematizando.

X

X'a 7002; **x'o** 5258, 10323. Raras como são, pelo menos nos nossos textos, foram ainda assim essas formas, representativas do pronome **se**, seguido de **a**, **o** **(la, lo)**, que de *sja, sjo* passaram a *xa, xo*, das quais se abstraiu o simples *xe*, muito usado. Mas como na Galiza há a tendência de engrossar *s* inicial, também pode ser que esse fenómeno se produzisse directamente, sem influxo de *jota*.

xe por **se**. Exerce as mesmas funções que o pronome *se*. É reflexivo por ex. no verso 5168: *e anda x'ela por qual x'a ant andava*. Acompanhado de outro pronome 3378 v. *a morte desto xe m'ata*; 3453 *por* xe *me mal fazer*; 2884 *negar non xe lhe pode nulha ren*. — Parece todavia que se emprega sobretudo a) junto a verbos só acidentalmente e não fundamentalmente reflexivos, ou b) construidos com auxiliares como *poder, querer, fazer, saber*.

a) 53 *molher que xe pensou de sa alma peor*; 1173 e 3449 *que x'el quer assi*; 2022 *e dizer-x'ante por si*.

b) 519 *queren xe viver*; 690 *que xe pode fazer*; 2603 *ca xe pod' acabar*; 2604 *quanto xe fazer quer*; 7676 *quanto xe m'ela quisesse fazer*; 7113 *quenquer x'esto pode veer*; 5076 *quanto x'ende pois saberan*.

O dativo ético aparece na forma *xe* principalmente quando acompanha *ser, estar, aver*; p. ex. no verso 176 *nunca sei que x'é prazer*; 1345 *seu torto x'é se me fal*; 2226 *o sandeu non sabe... que x'é mal nen ben*; 2247 *nen saberei que x'é este mal*; 3223 *nen sei que xe será de min*; 3627 *non soube que x'era pesar*; 6211 *mais é x'outr'a fermosa*; 8407 *e esta x'é gran coita* (cfr. 8457, verso a que finalmente prefiro dar a forma *qual x'ésta coita que eu levei*); 5163 *e pero x'ela con bon prez estava*; 8974 *a vos x'estaria melhor*; 9523 *ca x'á i coita de coita*; 9533 *ca x'an eles mal de mal*, etc., etc.

xi: É mera transformação eufónica de *xe*, empregada não somente deante de vogais, mas também deante de consoantes: 7008 *mui festinho xi-a pod'achar*; 9182 *e dobrou-xi m'a coita que avia*; 8602 *con medo de xi m'assanhar*; 9976 *nen xi me guisa' ssi*, etc. — Cfr. com relação tanto a *xe* como a *xi* CV 9,3; 621,19; 622,20; 685,25; 687,8; 697,16; 778,15; 779,4; 780,2; 831,11; 874,15; 965,26; 985,52. — Nas Eglogas pastoris de Sá de Miranda ainda se encontra *que xi quer*.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Medicina Popular

Raiva

O povo do Norte diz *rábia*, em vez de *raiva;* e diz *rabiar, rabiado, rabioso*, além de *danar(-se)*, *danado*. No **Positivismo** [1], vê-se empregado o vocábulo *derramar* (= danar); *derramado* está incluído na **Revista Lusitana** [2], como provincialismo alentejano; também é usado na Estremadura. Os dicionários trazem o vocábulo, mas êle não é de uso geral. Na Beira-Baixa dizem *prear*, *marfar* e *derrancar:* «o cão *preia*, *marfa* ou *derranca*» (Rapa). No Algarve, o povo diz *raiva, marfar(-se), marfado*, e ainda *arruïnado* e *ruim:* «o cão está *arruïnado*» ou «está ruim» (Faro, Tavira). A par com *marfar(-se)*, *marfado*, corre *marafar(-se)*, *marafado* [3]. Nesta última província há também a frase *deitar-se a longe*, equivalente a «ir com a *onda*». *Onda* é o ataque de raiva (período de furor); usa-se o vocábulo em várias províncias [4], — dizendo-se em o norte *onda* e *ôndia:* «o cão vai com a *ôndia*»; também se diz *dor:* «o cão vai com a *dor*», — e *folia:* «o cão está com a *folia*» (Paredes).

Os cães, na tradição popular, tornam-se raivosos pelas causas seguintes:

Muita sêde [5]; frio ou calor [6] em excesso, ingestão de carnes

---

[1] 3.º ano, pág. 144, n.º 228, — e pág. 315, n.º 108. Artigo de Z. Consiglieri Pedroso sôbre «Tradições populares portuguesas».

[2] IV, 62. Artigo «Dialectos alemtejanos», do Snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

[3] Cfr. *Revista Lusitana*, VII, 246 Artigo «Dialectos algarvios», do Snr. Dr. J. J Nunes

[4] Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, coordenado por M. Cardoso Marta e Augusto Pinto. Esposende 1913, II, pág 21, nota 2.

[5] É curioso êste provérbio que citei já na *Revista Lusitana*, XVII, 71: «O cão rabeia no inverno com a sêde que passa no verão» (Portuzelo). — Lê-se na *Gazeta das Aldeias*, n.º 816, de 20 de Agôsto de 1911: «*Marco de Canavezes*..... dizem alguns indivíduos que os cães não bebendo água, quando lhe aprouver, damnam-se»...

[6] «Os cães damnados aparecem pelas canículas», dizem. No romance de Dimitri Merejkowky, *A Ressurreição dos Deuses*, vem — tradução de Joaquim Leitão, Lisboa 1902, pág. 2.0 —: «O nosso astrólogo prediz uma guerra e um verão muito quente, os cães damnar-se hão»... Fácil era reunir alusões a esta tradição, como a outras, sôbre as causas da raiva, em vários países.

podres [1]; comidas muito quentes [2]; ingestão do trapo que serviu para estancar o sangue do golpe de matar o porco (Vila-Verde); ingestão de sangue de rezes abatidas no matadouro [3]; ingestão de fel [4]; ingestão do «bagaço» de azeitona [5]; ingestão de azeitonas verdes ou da sua água [6]; o lamberem sangue humano [7]; certos ventos: o *soão*, *vento de terra* ou *vento de Braga*, que é um vento quente que sopra de leste (conc. de Viana-do-Castelo). Há o provérbio:

(o) vento soão
faz danar o cão.

O vento que faz danar os cães sopra de nordeste, segundo outros, e também há quem diga que sopra do norte. De um modo geral, são certos ventos frios que sopram no verão, e uns ventos quentes que sopram no inverno.

A uma pessoa de S. Tomé-de-Caldelas (Guimarães) ouvi dizer que a época dos cães danados era «o tempo dos centeios maduros, que é quando sopra um vento frio». No Vale-do-Cóina, dizem que é o «ar ruim» ou «ar mau» (vento norte e soão) que faz danar os cães. Outra causa de raiva é o soprar com um fole ao focinho do cão [Rapa (Beira-Baixa)].

---

1 «Devem enterrar bem os animais mortos, senão véem os cães e comem a carne podre, e depois *rabiam*» [Afife, Viana-do-Castelo]. Nesta aldeia dizem *rabiam*, mas o corrente é *rabeiam*.

2 O Snr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso*, Pôrto, 1915, pág. 21, n.º 47, registou: «O pão quente faz danar os gatos (Areias)». No *Positivismo*, no lugar citado em a nota 1.ª dêste artigo, vem: «É muito mao dar comer quente aos gatos, porque os faz derramar (danar)», — o que foi reproduzido nas *Tradições populares de Portugal*, do Snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, Pôrto, 1882, pág. 173. — O mesmo efeito provocam as comidas quentes nos cães, pelo menos entre o povo do Minho e da Beira-Baixa. Vid. adeante um passo de António Ferreira. O Snr. Dr. A. C. Pires de Lima, na obra citada, pág. 44, diz também: «Pão quente dána a gente».

3 Lê-se n-*O Século agrícola*, de Lisboa, n.º 145, de 8 de Maio de 1915: «*A. C.* (*San iago*) [sic] — Por aqui dizem que o sangue das rezes abatidas no matadouro não é conveniente na alimentação dos cães, porque lhes provoca a raiva.»...

4 «*Vendas de Grijó* [concelho de Gaia]..... Hoje comeu o dito cão o fel de uma toura. Dizem-me que irremediavelmente se damnará. Será verdade?» *Gazeta das Aldeias*, n.º 654, de 12 de Julho de 1908.

5 Cucujães (Oliveira-de-Azemeis). — «Bagaço» é o resto do piso da azeitona, depois de se lhe extrair o azeite. *Bagaço* em Cucujães. Em Maceira d'Alcoba (Águeda), chamam-lhe *baganha*.

6 «Os cães *marfam se* principalmente no tempo da azeitona, porque comem azeitonas verdes, que teem um bichinho, ou porque bebem a água dessas azeitonas» (Algarve)

7 Turquel. Vid. *Revista Lusitana*, XX, 79.

8 Cfr. A. C. Pires de Lima, *Tradições pop. de Santo Tirso*, Pôrto 1915, pág. 36, n.º 24.

Recorto ainda da *Gazeta das Aldeias* [1] esta consulta de Marco-de-Canavezes: — «Pretendia..... quando [a cadela] andasse com o cio, cruzá-la com um cão de raça apurada; mas segundo uma tradição que por aqui corre, dizem alguns que os filhos da primeira parturição se tornam todos hidróphobos...».

Em Santo Tirso: «Os cães das primeiras ninhadas danam-se quási todos» [2].

— Quando uma cadela, ou uma gata, tem filhos, deixa-se-lhe sempre um; quando não o animal *preia*, por não ter quem lhe tire o leite (Castelo-Branco).

Há várias expressões populares que fazem lembrar causas expostas: «está um vento (um calor, um frio) de fazer rabiar os cães», tenho uma sêde (uma fome) de rabiar», etc.

António Ferreira, cirurgião de D. Pedro II, escreveu:

«Saõ muytas [as causas da raiva do cão], como o excessivo calor do Estio, a demasiada sede, ou fome não soccorrida, o grandissimo frio do Inverno, repercutindo o calor ás partes internas do corpo, o comerem carnes corruptas, & de máo cheiro, ou inficionadas com ervas, ou mortas de algum rayo, o lamberem algum sangue menstrual, ou comerem mantimentos muyto quentes, ou beberem aguas corruptas» [3].

É pouco mais ou menos a etiologia popular hoje corrente, em Portugal e lá fora [4]: encontra-se ela exposta em vários outros livros e de há bastante tempo está demonstrada a sua sem-razão [5]. Povo

---

[1] *Gazeta das Aldeias* (Pôrto), n.º 784, de 8 de Janeiro de 1911.

[2] A. C. Pires de Lima, *Tradições pop. de Santo Tirso*, 2.ª série, Pôrto 1917, pág. 21, n.º 23.

[3] *Luz Verdadeyra, e recopilado exame de toda a cirurgia*, 4.ª impressão, Lisboa 1705, pág. 178.

[4] Vid., por exemplo: *Dictionaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1825, tômo 13.º, s. v. *rage*; Luiz Figuier, *La vie et les mœurs des animaux — Les Mammifères*, Paris 1873, pág. 387-388; *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, Paris, 1906, pág. 300 e segg. — Encontram-se nestes livros ainda outras causas que, julgo eu, não são populares em Portugal.

[5] Vid. as obras da nota antecedente, entre outras. — Quanto à influência do calor, note-se porém: «La fréquence des morsures varie..... selon les saisons; les anciens, et c'est encore une opinion populaire, attachaient une grande importance à l'action de la chaleur, comme produisant ou favorisant le développement de la rage.

«Les relevés de l'Institut Pasteur nous fournissent là-dessus des chiffres suffisants pour une estimation exacte, et qui sont remarquablement concordants d'une année à l'autre.

«Le maximum des morsures est en juin (1000 cas, depuis l'origine des vaccinations), le minimum en novembre (700 cas); les mois les plus chargés vont de février à août, les moins chargés de septembre à janvier; en somme, maximum au printemps et été, minimum en automne et hiver. [Pottevin, *Statistique des vaccinations*, etc., — *Ann. de l'Inst. Pasteur*, 1893]». — Menetrier, *Rage*, capítulo das *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, Paris 1906, pág. 305.

e médicos colaboraram na engendração dessa etiologia, como da sintomatologia e terapêutica da raiva [1].

Não é forçoso que os cães estejam realmente atacados da doença *raiva*, para a transmitirem. O povo julga que o simples *enfurecimento* do cão é bastante para que êle, mordendo uma pessoa ou outro animal, lhes provoque a *raiva* (doença).

A tradição, que é geral, tem até prendido a atenção de insignes médicos, entre os quais escôlho Trousseau, que, na sua *Clinique médicale de l'Hôtel-Dieu de Paris* [2], disserta assim:

«—Un chien non enragé peut-il, dans un accès de fureur, communiquer la rage par sa morsure? On ne comprend guère comment un animal peut transmettre un virus qu'il ne porte point avec lui, et si malheureusement il en était ainsi, le nombre des enragés serait infiniment plus considérable, car il n'est guère de personne qui n'ait été plus ou moins mordue par les chiens. Ou bien «il faudrait admettre qu'il peut exister chez le chien un état rabique tout passager, tout provisoire, tout éphémère, comme le dit M. Bouley, pendant lequel sa salive serait virulente; passé lequel elle redeviendrait physiologique». Ce qui est surtout vrai, c'est que la rage de l'homme provient presque toujours de la rage d'un animal. Cependant des faits incontestables démontrent que des hommes sont devenus enragés pour avoir été mordus par des chiens qui ne l'étaient pas. Tel est, entre autres, le fait relaté par M. Camille Gros, d'un jeune homme qui mourut de la rage la mieux caractérisée, le 23 mars 1860, dans le service de M. Tardieu, et qui avait été mordu, le 14 Juin 1859, par un chien qui se battait avec un autre. Or, le 27 mars, quatre jours après la mort du malade de M. Tardieu, M. C. Gros vit lui-même ce chien qui n'était nullement enragé.

«Je dois à l'obligeance de M. le professeur Valeri (de Rome) la communication d'un fait analogue. Il a vu succomber à la rage un individu mordu par un chien surexcité par la colère; et ce chien n'a jamais eu la rage lui-même, car il a survécu plusieurs années à l'accident dont il avait été la cause, sans jamais avoir présenté aucun des symptômes de l'hydrophobie.

«Van Swieten racontait déjà qu'une vieille femme qui avait

---

[1] Acêrca da raiva, publicou De Tornéry um *Essai sur l'histoire de la rage avant le XIX^e siècle*, Paris 1893; Menetrier publica um resumo no capítulo *Rage*, das *Maladies com. à l'h et aux animaux*, que já citei. (Pág. 300).

[2] 3.ª ed., Paris 1868, II, pág. 433.

reçu d'un coq en fureur un coup de bec, était morte avec tous les symptômes de la rage; mais cet auteur, qui ne pouvait admettre qu'un animal transmît un virus qu'il ne renfermait point en lui, suppose que le coq était peut-être enragé et que la rage lui aurait été communiquée par un renard. De plus, ajoute-t-il, si la rage spontanée existait chez le coq, nous devrions être bien etonnés de ne pas en recontrer plus souvent en Angleterre, où cet animal, batailleur et irascible, est dressé au combat.

«Malpighi rapporte aussi que sa mère mourut de la rage quelques jours après avoir été mordue par un épileptique.

«Cependant il faut reconnaître que tous ces fait de rage provenant de blessures faites par des sujets qui n'étaient pas enragés, pour n'être pas apocryphes sont au moins exceptionnels». —

Claro é que o aparecimento da *raiva* motivado por um acesso de simples cólera do cão não é hoje de maneira nenhuma admissível. Vêem-se, porém, as raizes da tradição popular, fortalecidas de mais a mais por homens ilustres, que documentaram as suas ideias com *casos* médicos — sem dúvida alguma, pode-se hoje afirmá-lo, mal observados. Todavia, quando êsses homens se enganavam, que admira que o povo se enganasse também?

O êrro popular advém, com certeza, de se considerar a *raiva* como sendo uma modalidade da *cólera*, do *furor*, estado êste a que se tem atribuído qualidades peçonhentas:

— «Na opinião de graves Authores — diz Curvo Semedo [1]—, toda a mordedura de animal irado, ou frenetico he peçonhenta, principalmente estando em jejum; por quanto mediante a saliva se communica à mordedura o veneno dos animaes, dos quaes huns saõ sempre venenosos como a Vibora, o Lacrau, a Aranha, o Escorpiam; outros são só venenosos quando se assanhaõ, como he o gato, o bugio, a doninha, o lobo, & o caõ, que sobre todos he o animal que mais depressa cahe nesta enfermidade; porque tem um temperamento quente, & secco, & por isso com facilidade se lhes requeyma a colera, & o sangue, & se converte em humor atrabiliario taõ venenoso, que naõ só os dana, mas deixa inficionado a tudo quanto mordem,»... —

Aí fica bem nítida a confusão, explicada ao sabor da época.

Ajunte-se que, na Beira Baixa, se crê que até a mordedura de uma pessoa zangada é peçonhenta.

---

[1] *Polyanthea Medicinal,* pág. 525-526

Passemos agora à sintomatologia.

O cão danado [1] põe-se triste, corre em linha recta, sem olhar para trás nem para os lados, tem os olhos injectados, traz o rabo entre as pernas, não morde o dono, fugindo até de casa para lhe não morder [2], não salta, não come, tem horror à água, etc. A sintomatogia é afinal quási a que vem descrita nos antigos livros de medicina. Citarei, para amostra, o que dizia António Ferreira: [Conhece-se que o cão é danado] «pela relaçaõ do mordido, porque dirá a fórma, & modo com que vinha o Caõ, quando o mordeo; dizendo, que era magro, muyto triste, melancolico, os olhos incendidos, o rabo metido entre as pernas, a boca chea de escuma, a lingua saída fóra, & açafroada, arremetia sem proposito, & correndo sem ordem [3] subitamente parava, & com hum desatinado furor, & sem ladrar mordia igualmente a todos, tanto homens, como animaes, não sómente estranhos, porèm familiares [4], fugindo delle os outros cães. Alèm disto naõ comem, fogem d'agua, naõ ladraõ, & se algũa vez o fazem, he com hũa voz rouca» [5].

A crítica aos erros vulgares, quanto aos sintomas da raiva do cão, está já feita [6]. Apenas me demorarei com a *hidrofobia*, por se tratar de um êrro fortemente enraizado, até entre as classes cultas. De facto, raro são os que não cuidam que o cão danado foge da água [7]. A justificar a generalização dêsse êrro está o próprio nome *hidrofobia* (horror à água) empregado como sinónimo de *raiva*, sem que passe pela ideia que haja distinção

---

[1] O leitor vai lembrar-se do côro dos médicos em *El rey que rabió*...

[2] Ouvi em Viana-do-Castelo: «O cão que dana foge da casa do dono; três dias depois volta, mas não morde no dono». No Algarve: «O cão, se está marfado, sai de casa e aparece, passados quarenta dias, com os olhos encarnados e a deitar baba pela bôca».

[3] O povo crê que o cão danado corre em linha recta. Cfr. *Errori e pregiudizii volgari*, de Gustavo Strafforello, 2ª ed., Milão 1901, pág. 62. Assim se diz—note-se—em geral nos livros. Cfr., por exemplo, Carlos de Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Pôrto 1901, pág. 15. Na Marinha Grande dizem que os cães danados correm em direcção ao mar.

[4] Também se julga, em geral, que o cão raivoso não morde no dono, e que até, como disse já, foge de casa para lhe não morder. Cfr. o que diz Luís Figuier (obra cit. pág. 386): «Il est assez rare qu'il se jette sur son maître, et c'est probablement pour éviter ce malheur qu'il disparaît de la maison dès qu'il ressent les premières atteintes de ce mal horrible». No entanto, há o velho ditado: *cão com raiva de* (ou *em*) *seu dono trava*, a que corresponde o castelhano: *el perro con rabia a su amo muerde*. No Algarve corre: «cão marfado morde no dono» (Faro).

[5] António Ferreira, obra cit., pág. 178.

[6] Vid., entre outras, as obras citadas, ao falar da etiologia.

[7] Já me referi a êste êrro vulgar, na FOLHA DE VIANA, de 3 de Outubro de 1914.

entre a *raiva humana* e a do *cão*, tanto mais que é êste (quási sempre) que transmite a doença ao homem.

Falo do cão, em especial, porque «sobre todos he o animal que mais depressa cahe nesta enfermidade» [1] (Curvo Semedo); —é êle «l'animal rabique par excellence [2] (Menetrier); e é-o, dizem, no Vale-do-Cóina, porque não *sôa* (=*sua*, de *suar*).

Na *raiva humana* é que há um período chamado *de excitação* ou *de hidrofobia (stadium irritationis seu hydrophobicum)*, caracterizado por uma extraordinária reflexibilidade nervosa, de que provéem os *espasmos*, o mais saliente dos quais é o hidrofóbico.—«En essayant de boire—descreve Jaccoud—, au moment où il va porter le liquide á ses lèvres, le malade recule épouvanté, sa figure exprime la souffrance et l'effroi, ses yeux sont fixes, ses traits contractés, ses membres tremblent, son corps frissone, et cet accès le met dans l'impossibilité absolue d'avaler une seule goutte de liquide. Bientôt le calme reparaît, mais si, tourmenté par la soif, le malheureux veut renouveler sa tentative, les mêmes accidents se reproduisent avec une nouvelle intensité et le condamnent à ce cruel supplice que Celse avait énergiquement dépeint, *miserrimum genus morbi, in quo simul æger et siti et aquæ metu cruciatur*» [3].—O espasmo hidrofóbico produz-se também à vista de água, ao ouvi-la cair, até só com a lembrança dela *(sola imaginatio aquæ)*. Êste horrível ataque hidrofóbico foi sempre o sintoma que mais deu nas vistas, havendo sido considerado por isso como característico da doença [4]. Daí o chamar-se *hidrofobia* à raiva humana e, por extensão, tratando-se de idêntica doença, à raiva dos animais.

O cão, a que vulgarmente se chama «hidrófobo», não é, pois, *hidrófobo*. Êle não tem horror à água [5]. Mas como são os cães (principalmente) que inoculam o vírus rábico no homem, nada mais natural que julgar-se que a doença é precisamente a mesma [6],

---

[1] Curvo Semedo, *Polyanthea Medicinal*, 4.ª impressão, Lisboa 1727, pág. 526.

[2] Menetrier, capítulo *Rage* das *Maladies communes à l'homme et aux animaux*. Paris 1906, pág. 302.

[3] Citado na obra indicada em a nota antecedente, pág. 312-313.

[4] Vid. Menetrier, obra cit., pág. 313.

[5] Cfr. Menetrier, obra cit., pág. 328, e Gustavo Strafforello, *Errori e pregiudizii volgari*, pág. 61.

[6] Crê-se até que, com a doença, se transmite a bestialidade do cão (cfr. Menetrier, *Rage*, in *Mal. com. à l'h et aux animaux*, já cit., pág. 314). Em Vila-Mou (Viana-do-Castelo), ainda muitas pessoas se lembram de uma mulher que morreu de raiva. Tôdas asseguram que essa mulher até *uviava* (uivava).

e que, portanto, o «horror à água» existe também naqueles animais [1].

A pessoa mordida por cão danado vê na água a imagem do cão (ou só da cabeça, disse-me um indivíduo de Vila-Mou, concelho de Viana-do-Castelo). Isto não só no Minho mas também na Beira e Trás-os Montes, pelo menos [2]. O snr. P.e Cunha Brito, num artigo sôbre «Etnografia Minhota», diz [3]: «O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e não vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão, não (Soajo)», e manda confrontar com o que diz Paulo Sebillot em **Le Folk-lore de France»** [4]. É por verem a imagem do cão — disseram-me em Viana-do-Castelo — que as pessoas atacadas de raiva teem horror à água.

Na Marinha-Grande, dizem que o mordido vê a imagem do cão num espelho.

(Continua).

CLÁUDIO BASTO.

---

[1] Para se ver o que há de verdade na tradição popular acêrca da sintomatologia, vid., por exemplo, o artigo resumido *Rage des animaux*, no trabalho já citado de Menetrier (pág. 328).

[2] Vid. *Trad. pop. de Portugal*, pág. 70 § 155, e *Revista Lusitana*, X, 217; XIX, 98.

[3] *Revista Lusitana*, XV, 298.

[4] II, 245.

Span. "ceño", portg. "cenho"

Die herleitung von span. *ceño*, portg. *cenho*, aus lat. *cinnus* hat das eine gegen sich, dass das portugiesische wort danach eine entlehnung aus dem spanischen wäre. Ich habe deshalb eine einmischung von *signum* angenommen, REW. 1933, wie sie auch in engad. *ceñ* vorliegt. Wenn ich nun für das letzere diese erklärung festhalte, dagegen sie für das wort der iberischen halbinsel ablehne, so liegt der grund einmal in der bedeutung der wörter. Engad. *ceñ* nämlich heisst *wink*, deckt sich also begrifflich vollständig mit ital. *cenno* und steht *señ* aus *signum* so nahe, dass eine verschmelzung ohne weiteres verständlich ist.

Lat. *cinnus* wird in den glossen *nutus* und *tortio oris* erklärt, *cinnavit* mit *innuit*, vgl. *Corpus glossarum emendatarum*, und Landgraf, *Archiv für lat. lex.* 9,398. Das passt ohne weiteres zu ital. *cenno*, wogegen die spezielle bedeutung von *ceño cenho* finsterer blick, zwar sich daraus ableiten lässt, aber doch auffällt und jedenfalls das wort weit von *signum* entfernt. Ohne dieser verschiedenheit zwischen *cenno* und *ceño, cenho* zu gedenken hat Baist, *Rom. Forsch* 1,134, veranlasst durch span. *zuño*, griech. *episkynion* als grundlage aufgestellt, dabei aber nicht erklärt warum im italienischen *ny* durch *nn* statt wie sonst immer durch *gn* wiedergegeben wird, und diese schwierigkeit hat mich seine etymologie ablehnen lassen. Ich glaube nun aber doch, dass er recht hat, nur halte ich dafür, dass die ausdrücke der iberischen halbinsel von dem der apenninischen fern zu halten sind.

Zu *ceño cenho* nämlich gesellt sich bask. *keinu* «guiño, mueca, amenaza, amago, gesto, seña», *keinatu* amenazar, amagar, *keinadura* amenaza, *keinada* «señas con el ojo, amenaza, embestida», *keina* amago. Man sieht, dass der begriff der drohung den des einfachen zeichens bei weitem überwiegt, dass mit anderen worten das baskische wort begrifflich dem spanisch-portugiesischen wesentlich näher steht als dem italienischen. *Keinu* hat nun allerdings *kiñu* neben sich, wofür als hauptbedeutung *guiño*, nur nebenbei auch *amenaza* angegeben ist. Für dieses *kiñu* giebt de Azkue als ableitungen *kiñado* incitacion, *kiña* azuzamiento, *kiñatu* azuzar, *kiñulari* «guiñador» an. Man kann die beiden wörter nicht identifizieren, wie Schuchardt will, da span. *i* sonst nicht durch baskisch *e* wiedergegeben wird, vielmehr nur

sagen, dass *keinu* und *kiñu* sich an der peripherie berühren und bei der grossen lautlichen ähnlichkeit vielleicht in der bedeutung sich etwas beeinflusst haben. Dies *keinu* nun steht begrifflich dem *ceño*, *cenho* viel näher als dem ital *cenno* und beweist, dass ein wort mit *e*, nicht mit *i* zugrunde liegt, da lat. *i* im baskischen bewahrt ist (s. ZRPh. 41) und andererseits das *k* auf lateinische, nicht aut romanische entlehnung hinweist. Man kommt also zunächst auf *cenium* «finsterer blick» oder wenn man span. portg. *centelha* vergleicht, auf *scenium*. Um nun dieses wort mit griech. *episkynium* zu vereinigen, bedarf es zunächst für den vokal der annahme, dass griech. *y* als *e* gesprochen wurde zu einer zeit, in der das lat. *ĭ* noch *i* war. Das ist in der tat der fall, wie sich namentlich aus einer reihe romanischer reflexe von griech. *sykoton* ergibt, vor allem aus ital. *fegato*, frz. *foie*. Das griechische *y* nämlich, ist, wie man längst festgestellt hat, zunächst zu *ö* geworden und diese aussprache liegt *fegato* und liegt nach massgabe von bask. *keinu* aus *episkynium* zur zeit, da das wort aufgenommen wurde, zu grunde. Die bedeutung passt vortrefflich: die stirnhaut, welche den vortretenden teil der stirn und den oberen rand der augenhöhle bedeckt, aui der die augenbrauen stehen, und die bei verschiedenen gemüts bewegungen verschieden bewegt, besonders im zorn in falten zusammengelegt und heruntergezogen wird. Daraus ergibt sich schon im griechischen die bedeutung zorn und ernst, und auch Tertullian verwendet das griechische wort in diesem sinne.

Ist somit soweit Baists erklärung richtig, so ist dagegen sein schlussatz «das simplex skynion war also wie das compositum in die lat. sprache übergegangen» nicht richtig. Ich sehe davon ab, dass *skynion* wahrscheinlich nicht das grundwort sondern eine rückbildung aus *episcynion* ist, möchte aber betonen, dass die bedeutung dieses *skynion* «augenbraue» nicht zu dem romanischen worte passt. Der abfall der anlautsilbe kann sich erst innerhalb des lateinisch-romanischen vollzogen haben. Nun steht neben *ceño*, *cenho* auch *sobreceño* sehr finstere augenbraue, welche die leichte erzürnung jemandes anzeigt, portg. *sobrecenho*, deren bedeutungen sich so nahe mit der von *episcynium* decken, dass man geradezu sagen kann, in dem lehnworte sei das fremde präfix durch das einheimische ersetzt, d. h. *episcynium* in *supercinium* latinisiert worden, wol unter dem einffuss von *supercilium*, das schon im lateinischen auch diese übertragene bedeutung hatte. Dann wurde von *sobreceño*, *-cenho* aus ein neues *cenho* gebildet, da *sobre* völlig bedeutungslos war. Für das bas-

kische endlich genügt es, darauf hinzuweisen, dass diese sprache überhaupt keine oder fast keine präfixe hat, daher die lateinischen zumeist abgeworfen werden, dass ihr ferner der anlaut s+kons. fehlt, so dass auch ein wol schon dem älteren vulgärlatein der iberischeu halbinsel angehöriges *scenium* im baskischen zu *keinu* werden musste.

Mit diesem *scenium* haben wir nun ein zweites mit *sce* anlautendes wort, das auf der iberischen halbinsel keinen vokalvorschlag zeigt. Längst bekannt war *centella*, *-elha* aus *scintilla*, als drittes ist noch span. portg. *sisar* zu nennen, das auf *scisare* zurückzuführen durch katal. *escisar* nahegelegt wird. Andere, französiche oder provenzalische beispiele sind mir nicht bekannt. Aus dem gegensatz zwischen dem katalanischen und den beiden andern sprachen könnte man den schluss ziehen dass dort die palatalisierung des *ce* jünger, hier älter als der vokalvorschlag vor *sc* sei, aber eine derartige annahme steht so sehr im widerspruch mit allem, was wir sonst über die beiden lautvorgänge wissen, dass man sie in dieser schroffen form nicht wol machen kann. Das eine nur darf man wol jetzt schon sagen, dass die festlegung dieses vokalvorschlages in allen syntaktischen stellungen nicht überall gleichzeitig erfolgt ist.

Diese Frage weiter zu verfolgen fehlt es mir vorderhand an material, dagegen muss noch etwas zum schlusse erwähnt werden. In dem Vocabulario transmontano RL. 5,37 findet sich *ceno*, sobrecenho, *cenudo* o que tem *ceno*. Das könnte auf *cinnus* hinweisen. Aber die bedeutung ist so ausgesprochen die auf *episkynium* zurückgehende, nicht die von *cinnus*, dass man eher an eine sekundäre umgestaltung von *cenno* denken wird. Damit dass *acenar* für *açular los perros* gesagt wird, ist nicht geholfen.

Was endlich span. *zuño, ceño* betrifft, das Baists blick auf das griechische gezogen hat, so ist zwar klar, dass ein *episcunium* nicht hätte zu *zuño* werden können, vielmehr wird man eine umgestaltung von *ceno* etwa nach *zuzar* darin sehen können.

W. Meyer-Lübke.

Retalhos de um adagiário

(Continuado do vol. XXI, pág. 57)

XXXVII

Deus, que o assinalou, || algum defeito lhe achou.

Ou: **Deus, que o marcou, || alguma coisa lhe achou.**

Diz-se de uma pessoa que se salienta por alguma qualidade moral (*ordinariamente má*), *que apresenta algum sinal ou marca corporal*, ou *que tem algum defeito físico.*

*

Vem dos mais remotos tempos a superstição da má vontade contra os individuos assinalados por uma marca corporal ou por um defeito físico, principalmente contra os cegos, vesgos, coxos, corcundas, manetas, calvos e surdos.

Segundo o *Levíticio*, XXI, 17 a 21, o homem que fôsse cego, coxo, corcovado ou remeloso; o que tivesse o naríz pequeno, grande ou torcido; o que tivesse belida no ôlho, sarna, impingem ou quebradura, e o que houvesse quebrado pé ou mão, não podia oferecer hóstias ao Senhor, nem pães ao seu Deus. Mas também ibidem, XIX, 14, se recomenda que não se amaldiçoe o surdo, nem se ponha tropêço diante do cego.

O Papa Gelásio I (492-96) declarou irregular (isto é, segundo o direito canónico, «incapaz de receber ou de exercer as ordens»), aquele a quem faltasse um membro ou um ôlho [1].

Os antigos códigos de Esparta e de Roma davam ao Estado o direito de não tolerar que os seus cidadãos fossem deformes ou contrafeitos. Por conseqüência, o Estado ordenava ao pai a quem nascesse assim um filho, que o matasse. (Cícero, *de legib*, III, 8; Dionísio, II, 15; Plutarco, *Licurgo*, 16 [2]).

Lútero considerava os doidos, os coxos, os cegos e os mu-

---

[1] Vid. *Catálogo cronológico dos Papas*, in *Almanaque Bertrand*, de 1904, pág. 238.

[2] Apud Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, trad. de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, 399.

dos como pessoas habitadas pelo Diabo. Segundo êle, os médicos que tratam estas enfermidades como tendo causas naturais, são ignorantes que desconhecem a potência do Demónio [1].

*

Conforme a superstição popular, não corre bem o dia, nem os negócios, à pessoa que, estando em jejum, vir um coxo, um corcunda, um cego, um vesgo ou um maneta.

Como esconjuro, é bom fazer-lhes figas.

Teófilo Braga (*Povo Português*, II, 94) diz que a pessoa que, estando em jejum, vê um corcunda ou um vesgo, deve esfregar uma moeda de cobre na sola do sapato, para desfazer o enguiço.

No Cadaval diz-se, quando se vê um coxo:

Coxo, coxelas,
enforca panelas;
no tempo das uvas
enforca viuvas;
no tempo dos nabos
enforca diabos [2].

Que os gagos também não são bem vistos pelo povo, revela-o esta cantiga de Oliveira de Azemeis:

Se vires o «coixo» bô,
contai-o por novidade;
do calvo, que Deus nos livre,
do *gago*, que Deus nos guarde [3].

Entre os defeitos de nascença — e «que são indícios de alguns vícios», como nota Bluteau no seu *Vocabulário*, vb. «assinalar» — compreende-se o cabelo ruivo. Cfr. o adágio *A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saúda*, já publicado nestes «Retalhos» a pág. 40 do vol. XIX da presente Revista, e os outros adágios aí citados.

O povo considera defeito físico a côr preta do homem; e os rapazes, ao passarem por um preto, imitam o espirro, dizendo: *Atchim! preto!*

Quem, achando-se em jejum, encontra uma preta, deve cuspir tres vezes, para que o dia e os negócios lhe não corram mal.

---

[1] Oliveira Martins, *Sistema dos Mitos Religiosos*, 2.ª ed., Lisboa, 1895, pág. 310.

[2] Vid. o meu artigo *Tradições populares colhidas no concelho de Cadaval*, in *Rev. Lusitana*, VI, pág. 121, n.º 31, onde, por êrro tipográfico, saiu *covo*, *covelas*, em vez de *coxo*, *coxelas*.

[3] Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 255.

O encontro com um preto não é prejudicial, mas, segundo uma versão de Loures, só não o é quando se vê ao mesmo tempo um cavalo branco.

Dos corcundas, coxos, tortos e calvos fala o seguinte soneto — *Agoiros* — do arcádico F. Joaquim Bingre:

Há três noites me ladra no telhado
uma agoureira c'ruja, e pia um mocho;
logo que me levanto, encaro um coxo,
e os bons dias me dá um corcovado.

Pelo dia adiante um mau olhado
de arremêsso me dá um torto e chocho;
um calvo, ao pôr do sol, com boné roxo
me faz um rapa-pé empanturrado.

Todos estes malditos agoureiros
sempre foram Arúspices dos mortos;
e da hora fatal os mensageiros...

C'rujas, mochos, carcundas, coxos, tortos,
e calvos—seus iguais—, são marinheiros,
que levam os baixéis, da morte, aos portos!!![6]

Francês: *Bigle, borgne, bossu, boîteux, ne t'y fie si tu ne veux.*

Cf. os adágios: a) *Coxo e não da espinha, calvo e não de tinha, cego e não de «nuve», todo o mal encubre;* b) *Deus nos livre de inimigos de ao pé da porta, e de mau olhado de torto pela manhã em jejum;* c) *Guardar daqueles que a natureza assinalou;* d) *Guarde-vos Deus de homem mal assinalado;* e) *Homem assinalado, ou muito bom, ou muito bravo;* f) *Horta e torto, e moços e potro, e mulher que mira mal, querem-se saber tratar;* g) *Para um careca, um coxo; para um coxo, um arrôcho* — e a sua variante: *Para um coxo, um careca; para um careca, um ruivo; para um ruivo, um tiro;* h) *Virtudes vencem sinais.*

XXXVIII

Olhos verdes, ‖ em poucos os veredes

Variante: **Olhos verdes, ‖ em poucas caras os vedes, ‖ e onde os virdes, fugi deles**

A primeira forma encontra-se em Rolland, *Adágios*, vb. «olho»; a segunda é da tradição oral, e recolhi-a em Lisboa.

---

6 Idem, *ibid.*

Hernan Nuñez, nos *Refranes*, insere a variante portuguesa: *Olhos verdes, em poucas faces os vedes.*

*

Nas cantigas e nos adágios revela o povo a sua predilecção ou a sua antipatia pelas côres dos olhos, vendo nelas—nem sempre uniformemente—certa correlação com os predicados morais do indivíduo.

Os olhos verdes não são bem reputados no conceito popular, pois que—*onde os virdes, fugi deles*, diz a variante transcrita.

Mas há mais: Perestrelo da Câmara, a pág. 123 da sua *Colecção de provérbios*, etc., insere: *Olhos verdes, olhos de traidor*, revelação desconfiança que aparece também nestas cantigas populares:

a) Olhos verdes não os quero,
pois são sinais de traição...
—dizem esp'ranças à vista,
tristezas ao coração.

b) Olhos verdes, marinheiros,
pena verde, papagaio;
olhos verdes, ribaldeiros [1],
olhos verdes, verde gaio.

c) Os teus olhos verdes, verdes,
são duas grandes mentiras;
o verde é côr d'esperança,
e tu a esp'rança me tiras.

d) Olhos verdes, olhos verdes,
olhos verdes são gaiatos;
se eu quisesse uns olhos verdes
tinha lá os dos meus gatos.

*

Os olhos verdes teem sido diversamente apreciados por poetas e escritores.

Engraçava com êles D. Francisco Manuel de Melo, que escreveu na *Feira de Anexins*, parte 3.ª, fábula 2.ª: «Vossês são os que se agastam, nós é que podiamos queixar-nos; porque quem não gosta de uns olhos verdes, não tem bom gosto».

Luís de Camões, nas voltas ao mote:

Sois formosa, e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes,

começa por depreciar certos olhos daquela côr:

Ninguem vos pode tirar
Serdes tão bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.

Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes:
Trabalhai de os esconderdes.

[1] Falsos, velhacos.

Todavia, o Poeta acaba por se render à gentileza da possuidora daqueles olhos, a quem diz:

A vossa galantaria
Matará a quem fallardes;
Tendes uns desdens e tardes,
Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
E também dêsses olhos verdes [1].

Glosando o mote:

Menina dos olhos verdes,
Porq̃ me não vedes?

Camões exprime assim as suas queixas:

Elles verdes são,
E tem por usança
Na cor esperança,
E nas obras não [2].

Não admira que Luís de Camões, tendo em semelhante desaprêço os olhos verdes, a êles se submetesse, se tais olhos possuem estes dons de irresistível fascinação que Rebêlo da Silva lhes atribuiu, na *Mocidade de D. João V:* «Os olhos de Thereza eram verdes, d'aquelle verde fino e transparente cujo brilho é magnético e invencivel. Ha tão poucos, e pedindo podem tanto, que ditosas as damas, quando possuem com elles o condão de cativar. A côr engana. É cheia de mistério como o mar. Se o verde nos olhos de esmeralda fosse esperança, o tormento de os adorar fôra menor. Falsos nas promessas, inconstantes na paixão, rindo matam, e sérios enlouquecem. Tranquillos, dizem sempre menos do que escondem, irados cortam o coração com os rigores. E apesar de tudo, feliz do homem que elles querem illudir, fazendo-o seu cativo!» [3].

Uma canção do João de Gaya (n.º 1062 do *Cancioneiro da Vaticana*) termina com esta rubrica:

«Esta cantiga foy seguida de uma baylada que diz:

Vós avedes los olhos verdes
e matar-me-hedes com elles» [4].

---

[1] Transcrevo da *Revista literária, scientifica e artística*, do jornal *O Século*, de 30-3-903.

[2] *Rimas.*

[3] Apud *Rev. literária, scientifica e artística*, do jornal *O Século* de 5-9-904.

[4] Apud Teófilo Braga, *Parnaso português moderno*. Na sua *História da poesia popular portuguesa*, II, 58, aquele autor expõe os mesmos versos com esta grafia:

«Vós avedel-os olhos verdes,
matar-m'edes com elles...».

João de Guilhade também se enlevou nuns olhos verdes:

Os ollos verdes que eu vi
Me facen or' andar assi [1].

*

Muitos pintores e poetas pintaram as suas heroínas com os olhos verdes.

Tinha olhos verdes a dama que inspirou a paixão de Bernardim Ribeiro—a Aónia da *Menina e Môça*.

Francisco de Rojas, na *Celestina*, imagina a formosa Melibeia com os olhos verdes.

Vicente Espinel, na novela *El Escudero Márcos de Obregon*, falando de certa donzela, diz: «Salieron á recibirle su mujer y una hija, mui española en el talle y garbo, blanca y rubia, con bellos ojos verdes».

Cervantes mostrou-se também afeiçoado aos olhos verdes: Na *Galateia*, a formosa Silvéria tinha olhos verdes.

Na *Gitanilla*, elogiando a preciosa D. Clara, escreveu: «Este si se puede decir cabello de oro! Estos si que son ojos de esmeralda!».

A Dulcineia de Toboso, que compendiava todas as perfeições, tinha os olhos verdes.

Em Lope de Vega, *La Dorotea*, acto II, sc. V:

Madre, unos ojuelos vi,
verdes, alegres y bellos;
¡Ay, que me muero por ellos,
y ellos se burlan de mi!

Do mesmo escritor, obra citada, acto I, sc. V:

Traen del baile à tu choza
mil almas tus ojos verdes,
y no lo riño celeso:
¡Dios sabe si culpa tienen!

Quevedo, em *El Buscon*, liv. II, cap. VII, elogiando a beleza de uma dama, refere que «tenia los ojos rasgados y verdes».

Justo é dizer que, em outras ocasiões, o mesmo autor falou dos olhos verdes com certo desaprêço.

Assim, no romance *El Basilisco:*

Ojos que matan, sin duda
seran negros como endrinas,
que los azules y verdes
huelen á pájara pinta.

---

1 *Trovas e cantares*, pub. por F. A. de Varnhagen, n.º 237. (Apud Teófilo Braga, *Sôbre a literatura portuguesa*, in dic. de Fr. Domingos Vieira, Pôrto, 1871-74, introd., 2.ª parte).

No *Libro de todas las cosas y otras muchas más*, escreveu: «Ojos verdes y azules parecen pájaras y no mujeres».

Em favor dos olhos verdes encontram-se referências em outros escritores hespanhóis, como, por exemplo, em Artemidoro, Balbuena, Luís de Góngora, Luís Galvez de Montalvo, Tirso de Molina e Fernando de Zárate [1].

*

Os adágios de que estou tratando aludem à raridade dos olhos verdes, também notada no transcrito trecho de Rebêlo da Silva e, ainda, nestas cantigas populares:

a) Quem tiver os olhos verdes
bem os pode estimar;
olhos verdes, nesta terra
são custosos de alcançar [2].

b) Olhos pretos, olhos brancos,
olhos, azuis, olhos verdes:
destas quatro qualidades
encontram-se poucas vezes [3].

c) Olhos pretos, olhos brancos,
olhos azuis, olhos verdes,
estas quatro castas d'olhos
em poucas caras os vedes [4].

Conheço também estas quadras populares alusivas aos olhos verdes:

a) Olhos verdes, côr de esp'rança,
olhos verdes, côr do mar,
quem tem amor's é criança,
sou criança por te amar.

b) Olhos verdes, olhos verdes,
água do rio a cantar;
os meus olhos são salgueiros
nos teus olhos a morar.

Duas das transcritas quadras consideram igualmente raros os olhos pretos, os azuis e os brancos. Aos das duas últimas côres são desfavoráveis os adágios: a) *Olhos azuis em gente portuguesa, é má natureza;* b) *Olho azul em português, é má rez;* e) *Olhos brancos em cara portuguesa, ou filho da potra, ou da natureza.*

Em descrédito dos olhos azuis fala também Quevedo, em dois trechos atrás reproduzidos.

---

[1] Na parte referente a autores hespanhóis recolho estas informações de um artigo publicado em *La Ilustracion Española y Americana*, ano XXIII, n.os 29 e 31.
[2] Recolhida no Cadaval.
[3] Da tradição oral de Serpa (Vid. *A Tradição*, IV, 46).
[4] Beira-Alta. (A. T. Pires, in *O Elvense*, de 28-10-86).

Os olhos pretos são igualmente acusados de infieis:

a) Quem diz ser de gala o preto
entende pouco de côres;
eu amei dois olhos pretos,
ambos me foram traidores.

b) Teus olhos, contas escuras,
são duas Ave-Marias,
dois rosários de amarguras
que rezo todos os dias.

Olhos merecedores de confiança são os castanhos, porque:

Os olhos pretos são falsos,
os azuis são lisongeiros,
os olhos acastanhados
são os leais verdadeiros.

Todavia, os olhos pretos não são tão maus como se diz. Em seu abôno depõe o povo por êste teor:

a) Olhos pretos e ramudos
é que me hão-de cativar...
No rosto do meu amor
perguntem, que os hão-de achar! [1]

b) Graças a Deus que chegou,
é chegado não sei quem...
Chegaram dois olhos pretos
a quem os meus querem bem [2].

c) Ó olhos da preta amora,
vão andando, que eu já vou,
vão dando claridade,
que a lua já se acabou [3].

d) Menina do lenço preto
e olhos da mesma côr,
diga a seu pai que a case,
que eu serei o seu amor [4].

e) Os teus olhos, negros, negros,
são como a noite fechada:
apesar de serem negros,
sem êles não vejo nada.

XXXIX

Olho mau, a quem viu pegou malicia

Êste adágio — cujo conceito moral é uma advertência contra as más companhias, pelos perniciosos exemplos que dão dos seus costumes — encerra uma alusão à crença do *quebranto*, ou *mau olhado*, assunto demasiadamente complexo para ser aqui desenvolvido, mas ácêrca do qual não deixarei, ainda assim, de fazer algumas anotações, em obediência ao meu intuito, já manifestado nesta *Revista*, de agrupar em volta de cada adágio vários elementos úteis, ou só meramente curiosos, que com êle se relacionem.

[1] Da tradição oral de Serpa (*A Tradição*, IV, 63).
[2] Da tradição oral de Serpa (*A Tradição*, IV, 95).
[3] Alentejo (*Rev. do Minho*, série X, n.º 15, pág. 57).
[4] Coimbra (*Rev. do Minho*, série X, n.º 14, pág. 53).

*

A personalidade humana, diz Teófilo Braga (*Povo Português*, II, 90) está completamente circundada de agoiros, no seu corpo, nos seus actos e nos objectos de uso ordinário. O maior poder mágico—a que o povo chama *quebranto* ou *mau olhado*—reside nos olhos.

Note-se que, como observa Adolfo Coelho no seu estudo *O quebranto* [1], a crença do quebranto não é exclusivamente particular, como muitas outras; foi compartilhada por numerosos espíritos, mais ou menos cultos, de diversos tempos.

O quebranto pode atingir não só a pessoa mas, também, os seus bens e tudo o que lhe é querido.

Da antiguidade da crença fala J. Tuchmann, no seu trabalho *La fascination* (in *Mélusine*, a partir do n.º 8 do vol. II) onde, estudando a crença do *mau olhado* em todo o mundo e em todos os tempos de que há memórias, indica a sua existência entre os caldeus, os assírios e os antigos egípcios [2].

Leite de Vasconcelos (*Ensaios etnográficos*, III, 217), notando a antiguidade da crença, cita estas palavras de Vergílio (*Eglog.* III, v. 103):

Nescio *quis* teneros *oculus* mihi fascinat agnos.

*

Brás Luís de Abreu (séc. XVIII), a pág. 170 do seu *Portugal Médico*, baseando-se em informações de Plínio, Apolonides e Filarco, fala de certas famílias de África, das mulheres da Scytia e de algumas gentes do Ponto, que «davam olhado com tal fôrça» que chegavam a secar as árvores e a matar os meninos. Alude, também, a um português falado por Azevedo «por lição de Rezende», que, «importando-lhe, que El-Rey não sahisse em certo dia à caça, se puzera de trás da porta do Paço, e que fitando os olhos nos Falcões, açores e neblis, com que El-Rey havia de caçar, matara todos» [3].

Aquele Azevedo é o dr. Fr. Manuel de Azevedo, que faz a narração na sua obra *Correçam de abusos introduzidos contra o verdadeiro methodo da medicina* [4].

---

[1] Vid. *Rev. de sciências naturais e sociais*, dirigida por Venceslau de Lima e outros, vol. III, pág. 169 e seg. (Pôrto, 1895).
[2] Vid. Adolfo Coelho, vol. cit. na nota anterior, pág. 171 e 174.
[3] Apud dic. de Fr. Domingos Vieira, vb. «família».
[4] Primeira parte. Em três tratados, etc. Lisboa, 4.º, 1690, II parte. Lisboa 1705. Tratado I, *Da Fascinaçam, Olhado,* ou *Quebranto,* etc., pág. 9 e seg. Vid. Adolfo Coelho, vol. cit. na nota I, pág. 179 e 180.

Brás Luís de Abreu, a pág. 17, § 58, do citado *Portugal Médico*, conta ainda: «Em Lithuania, dis Sinapio, que vio homens, que olhando para outros homens os offendião insignemente, e matavão só com a vista os outros animais, como erão os patos, e gallinhas, e se se encontravão dous destes fascinadores, o que primeiro era visto do outro cahia por terra morto».

Alexandre Dias Gomes [1], no seu *Tesouro dos Lavradores*, liv. III, cap. XLV, fala — por citação de Plínio (liv. I, cap. II) e de Vergílio — de uma «geração de gente, que somente com a vista fazião secar os prados: os quais tinhão em cada olho duas meninas»; e, fundado em António de Cartagena, citado por Fragoso, pág. 451, alude a «hum homem, natural da Villa de Ocanha, Arcebispado de Toledo, que matava a quantos via, o qual foy desterrado para hum deserto, para se livrarem delle».

Depois, explica assim o fenómeno do *mau olhado:* «Esta má qualidade de huma obra offensiva, de huma pessoa a outra, com somente a vista, ou imaginação, ou por alguma constelação do Ceo. Este mal se faz de duas maneiras, ou por serem vistos com inveja venenosa, ou com desejo de offender, que então os espiritos visivos communicão seus resplandores ao ar, e participão daquella má qualidade venenosa, que então se introduz na cousa, que se vê; e a segunda maneira é quando se vem as cousas com grande amor, e attenção affectuosa, e com aquella alegria dilatão o coração, abrindo-se os poros, e accezos os espiritos, sahem com mayor copia e força, e obrão effeitos mortaes, e contra a mesma vontade do que os faz; tambem por serem pessoas de má compleição, colericos ou melanconicos, ou mulheres menstruosas: o qual se deve entender conforme a disposição do que hade receber o dano, porque sendo animal formoso e bem acompleicionado, não dá tão de repente o ditto mal».

Numa obra, muito curiosa, de M. Gilbert-Charles le Gendre, intitulada *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741, liv. 6.°, pág. 455-458) há estas informações a respeito de «vistas mortais»:

a) Um animal da Líbia, semelhante a um toiro e a que os

---

[1] Não sei se êste nome está exacto. Nos meus apontamentos — onde, provavelmente, se dá o lapso — escrevi Alexandre Dias Ramos, mas a pág. 181 do *Catálogo dos livros antigos e alguns muito raros*, da livraria de João Pereira da Silva, — *1.ª parte — livros portugueses* — (Lisboa, 1884), figura Alexandre Dias Gomes como autor da obra aqui citada, cujo título, segundo o mesmo catálogo, é: *Tesouro de lavradores e nova alveitaria de gado vaccum, ilustrado com varias authoridades.* É ed. de Lisboa, 1804.

antigos chamavam «Catoblepas»[1], envenena o ar, mata os homens e os animais que lhe estão próximos; e, se levanta os olhos, mata aqueles em quem os fixa; *b*) O olhar do basilisco é igualmente prejudicial[2]; *c*) Cirano de Bergerac experimentava grande prazer em fulminar com a vista o milhafre, fazendo-o cair por terra quando atravessava os ares; *d)* Certo homem metia um sapo numa vasilha, e matava-o olhando-o fixamente, mas esteve quási a ser morto pelo olhar peçonhento de um sapo, já velho, gue êle queria fascinar; *e*) Uma menina, passeando num jardim, matava com a vista as lagartas e as abelhas; *f*) Vergílio alude às lamentações de alguns pastores a respeito dos olhares que destruiam os seus gados; *g*) Colonne, na sua *História Natural*, regista, como facto bem averiguado, que um homem que foi queimado em Nápoles em 1660, empeçonhava quem queria, com o olhar, e confessara, nos interrogatórios, haver assim matado um bispo; *h*) Plínio e Solin notaram que havia na Scytia mulheres que tinham as pupilas duplas e matavam com a vista; *i*) Segundo Montagne, um pássaro que estava empoleirado numa árvore foi fixado por um gato que o espreitava, e a cujos pés foi cair como morto; *j*) Ainda segundo Montagne, os amadores da altanaria deviam conhecer a história do falcoeiro que, fixando com a vista um milhafre, no momento em que êste voava, conseguia faze-lo descer ao chão, onde o apanhava.

*

A crença no *mau olhado* é muito velha em Portugal. Na canção n.º 984 do *Cancioneiro da Vaticana*, há esta alusão, de Pero Garcia Burgalez:

Fernand' Escalho leyxey mal doente
com olho mao, tão coitad' assy
que non guarrá, cuyd' eu, tan mal se sente,
per quant' oj' eu de don Fernando vi;
ca lhi vi grand' olho mao aver
e non cuydo que possa guarecer
d'est' olho mao, tant' é mal doente[3].

---

[1] Na obra há esta citação, em nota: «Catoblepas caput praegrave aegrè ferens dejectum semper in terram, alias internecio humani generis, omnibus, qui oculos ejus videre, confestim expirantibus. *Plin. lib. 8. c. 21. Solin. c. 30. Gassend physic. parte 1. lib. 6. c. 14*».

[2] Nota da obra: «Eadem & basilisci serpentis vis est. *Plin. lib. 8. c. 21. Solin. c. 27. Jonston. thaumat. classi 10. c. 6. art. 4. Lucain dit du basilisc, qu'il est fort redouté des autres serpents, & que ses sifflements les font fuir avant qu'il paroisse*».

[3] Apud Adolfo Coelho, vol. cit. na nota 1, pág. 169.

E na canção n.º 1091, aludindo à privança com D. Afonso III, vem:

E poys ora soys tam bem andante
bem era d'ome do vosso logar,
de s'olho mão de vos ár quebrar,
e nom andar como andavades ante [1].

Em 1385 fez a Câmara de Lisboa uma postura proibindo a prática de certas superstições populares, que enumera, e onde se lê: «Nem escante olhado em ninguem» [2]—proïbição que, certamente, não produziu os efeitos desejados, visto que foi repetida em alvará de 14 de Agosto de 1423 [3].

*

Zacuto Lusitano, Fr. Manuel de Azevedo, Francisco da Fonseca Henriques, Bernardo Pereira, Brás Luís de Abreu, e outros médicos portugueses dos séculos XVII e XVIII, estavam todos de acôrdo sôbre a influência do *mau olhado*, *quebranto* ou *fascinação*.

Adolfo Coelho transcreve, no seu já citado estudo *O quebranto*, trechos, assim orientados, de alguns daqueles nossos velhos médicos, onde se vêem curiosas explicações ácêrca das causas do quebranto.

A inveja produz *mau olhado*. (Cfr. o prov. *Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou*).

Por ser muito antiga e andar muito espalhada pelo mundo, a crença de que estou tratando tem sido objecto de vários estudos especiais, alguns dos quais, e importantes, foram citados por Adolfo Coelho, no seu aludido estudo *O quebranto* (Vid. vol. citado na nota 1, pág. 171 e 173, notas).

*

Nas nossas tradições populares encontram-se, em grande número, meios profiláticos empregados na cura do *quebranto* e receitas para *talhar a má olhadura*.

São bons preservativos: *a*) Trincar um alho, em jejum;

---

[1] Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 90.
[2] Alexandre Herculano, in *O Panorama*, vol. 4.º (1840), pág. 138. Apud Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, III, 122-123.
[3] Vid. Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 90.

b) Trazer ao pescoço uma bôlsa com alhos [1], ou uma figa (cfr. *Fazer figas*).

Em certos casos tem a côr preta a mesma virtude (Cfr. o adágio *Da galinha a preta; da pata a parda*, já por mim anotado nesta *Rev*,, a pág. 37 do vol. XXI).

Teófilo Braga (*Povo Português*, II, 91 e 93) cita estes meios de *talhar a má olhadura:*

a) Proferir a imprecação:

Deus te fêz,
Deus te criou,
Deus te desolhe
de quem mal te olhou;
Se é torto ou excomungado
Deus te desolhe do seu mau olhado.

b) Fazer três cruzes na testa, com o dedo polegar, em três noites sucessivas, e dizendo:

Dois t'o escanta,
três te tiram
que são Padre, Filho,
Espírito Santo.

Em Amiais de Baixo, concelho de Santarém, quando alguma criança de berço, ou mesmo mais crescida, se encontra doente, dizem que é de quebranto.

Para lh'o tirarem juntam as mães quatro pedaços de chita, quatro de algodão, quatro de panos de lã, quatro de sapatos velhos, quatro de pau do ar, quatro raminhos de aroeira, quatro de rosmaninho e quatro de alecrim, e deitam tudo nas brasas. Pelo fumo que se desenvolve, passam os que sofrem de quebranto [2]. Também se cura o quebranto passando-se a criança três vezes por uma meada de linho [3].

Em Vila Alva, concelho de Cuba, três Marias e um Manuel, todos solteiros, passam a criança *pelo biscoito*, três vezes, à meia-noite e numa encruzilhada. A descrição desta operação vem no *Alm. Lemb.* de 1866, pág. 311.

Em Minde, e noutras terras do país, quando alguma criança é atacada de «mal de olhado», curam-na da seguinte maneira: Numa fogueira lançam três ramos de arruda, três de aroeira, três de alecrim, três lascas de chavelho e um pouco de sal.

---

[3] Brás Luís de Abreu, no seu *Portugal Médico*, pág. 626, § 153, cita — e não reprova — a recomendação de Quinto Sereno Samonico, 12, para que as crianças tragam um alho ao pescoço, como remédio contra a fascinação. Acêrca do emprêgo do alho como preservativo para as pessoas e para os animais, vid. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, III, 221, e *Trad. pop. de Portugal*, §§ 248 *e*), 319 *c*), e 322 *h*).

[4] Vid. *Alm. Lemb.* de 1871, pág. 233.

[5] Vid. *Alm. Lemb.* de 1870, pág. 317.

Em seguida passam o padecente pelo fumo, três vezes, acompanhando o acto das seguintes palavras:

Três t'o deram, três t'o hão de tirar;
três t'o hão de tirar; três t'o deram,
três t'o deram, três t'o hão de tirar.

Se o sal não estala, é certo que a criança está atacada do mal, sendo preciso a pessoa doente ser curada nove dias seguidos, passados os quais o mal desaparece [1].

Tenho ouvido que o hábito de o povo dar três voltas à roda da igreja, com os gados, por ocasião de certas romarias, é para que a gente e os gados fiquem isentos de *mau olhado*.

O jornal *O Século*, de 14-2-94, publicou uma notícia descritiva de costumes populares da cidade do Pôrto, e aí conta que os grupos de homens e de mulheres que regressam da romaria de Santa Eufémia, veem de viola na frente, tangendo a *chula*, êles e elas de grandes cordões de alhos a tiracolo, alhos ainda no chapéu ao lado das estampas do santo, alhos nas violas, alhos por toda a parte. Isto deve ter relação com as virtudes do alho contra o *mau olhado*.

Gil Vicente, na *Comédia de Rubena* (t. II, pág. 13, da ed. de Hamburgo) trás êste ensalmo contra o quebranto:

Estava Santa Anna ó pé do loureiro;
Veio o Anjo por mensageiro.
Vae-te à porta do ouro,
Acharás teu parceiro;
Tira a roca e abraça-o primeiro,
Vae Joaquim após o carneiro,
E naquella hora que Deus verdadeiro
Concebeo Anna em limpo celleiro,
A Santa Maria rezam o salteiro,
Que já o quebranto cahiu no ribeiro [2].

No Cadaval ouvi esta oração, que se recita três vezes, fazendo-se sempre cruzes da testa ao peito e de hombro a hombro:

Jesus Cristo nasceu,
Jesus Cristo morreu,
Jesus Cristo ressuscitou;
E assim como é verdade,
O Senhor me tire
esta dôr, êste mau olhado,
de vivo, de morto,
ou de excomungado,
pelo poder de Deus
e do Senhor Santiago.

Reza-se, no fim, uma Salve-Rainha.

---

[1] A. de Jesus e Silva, in *O Povo de Porto de Mós*, de 24-10-912.
[2] Apud Adolfo Coelho, vol. cit. na nota 1, pág. 170.

*

Relacionam-se com o mau olhado os adágios: a) *Farinha apurada, não t'a veja sogra nem cunhada;* b) *Obra começada, não t'a veja sogra nem cunhada;* c) *Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou;* e, também o ditado: *Bons olhos o vejam, e os maus cegos sejam*, e as locuções: *Fazer figas* e *Ter olhos de basilisco.*

Hespanhol: *Ojos malos, á quien los mira pegan su malatia.*

XL

Cozinha gorda, testamento magro

Variantes: a) **Boa mesa, mau testamento**; b) **Cozinha cheia, algibeira vazia**; c) **Cozinha pequena, faz a casa grande**; d) **Panela magra, testamento gordo.**

A doutrina dêstes adágios é idêntica à do *Velho Testamento, Provérbios*, XXI, 17: *Qui diligit epulas, in egestate erit: qui amat vinum, & pinguia, non ditabitur.*

Alemão: *Kleine Küche macht grosses Haus.*

Franceses: a) *Grande cuisine, petit testament;* b) *Grand chère, maigre testament;* c) *Petite cuisine, grande maison;* d) *Grasse cuisine fait maigre testament.*

Hespanhol: *Á buena olla, mal testamento.*

Inglês: *A fat kitchen makes a lean will.*

Italianos: a) *Grassa cucina, magro testamento* (Toscana); b) *Cucina grassa, magru tistamentu* (Sicilia) [1].

XLI

Despedir-se à francesa

Retirar-se sem cumprimentar nem dar satisfação; retirar-se a ocultas, às escondidas.

«Sairemos de improviso,
Despedidos à francesa».

(Nicolau Tolentino, *Obras*, Lisboa, 1861, pág. 242).

---

[1] Pitrè, *Proverbi Siciliani.*

O *Almanaque Bertrand*, de 1907, pág. 104, comenta assim esta locução: «Parece um paradoxo que, sendo os franceses gente tão fina e dada aos extremos da mais requintada cortesia, digamos que uma pessoa se *despediu à francesa*, porque se separou de nós sem nos avisar nem se despedir de maneira nenhuma. O contra-senso tem sua explicação, a-pesar de tudo. No século XVIII, tornou-se moda em França o não se despedir de ninguém quando se abandonava uma reünião. Cada época tem os seus costumes, e o que hoje constitui uma grosseria, era então prova de fineza e acto exigido pela etiqueta. Interromper a reünião para se despedir, era considerado como falta de educação; o mais que se permitia era consultar o relógio como para indicar aos presentes que se estava forçado, bem contra vontade, a abandonar tão agradável companhia. De França o costume passou ao resto da Europa, e durante algum tempo esteve na ordem do dia em todas as salas, conhecendo-se sempre com o nome de *despedida à francesa*. Hoje, que a que dantes indicava cortesia, indica falta dela, os franceses não estão de acôrdo em que se lhes atribua a invenção, e adoptaram a frase *se retirer à l'anglaise* (despedir-se à inglesa) para significar exactamente a mesma coisa».

O *Almanaque Bertrand* reproduz, no trecho citado, a versão mais corrente entre nós e que melhor se adapta à forma portuguesa. Todavia, como no trecho transcrito se observa, os franceses repudiam a paternidade do costume originário da locução, atribuindo-o aos ingleses. Efectivamente, o dicionário de Larousse, vb. «Angleterre», insere a locução *s'en aller* ou *filer à l'anglaise*, e indica-lhe a mesma causa (referida aos ingleses, é claro) nos seguintes termos: «Cette locution vient de ce que, dans les bals, les soirées, la coutume était depuis longtemps établie, en Angleterre, de se retirer sans aller saluer le maître ou la maîtresse de la maison, tandis que l'obligation contraire for gênante, regnait en France».

Os franceses dizem, ainda: *Partir à l'anglaise.*

Por sua parte, os ingleses usam a frase: *to take french leave.*

Vão lá entendê-los!

Para nós, portugueses, o ditado tem sido, e é, inalteravelmente, *despedir-se à francesa*, forma também usada pelos hespanhóis, que dizem: *despedirse á la francesa.*

XLII

Não há sábado sem Sol, ‖ nem moça sem amor

Variantes:

a) **Não há sábado sem Sol, ‖ nem alecrim sem flor, ‖ nem menina bonita sem amor** (Moncorvo) [1].

b) **Não há sábado sem Sol, nem domingo sem missa, ‖ nem segunda sem preguiça** (Pôrto) [2].

c) **Não há sábado sem Sol, ‖ nem velha sem dor, ‖ nem menina sem amor** (Pôrto) [3].

d) **Não há sábado sem Sol, nem missa sem padre, nem segunda sem preguiça.**

e) **Não há sábado sem Sol, nem domingo sem missa, nem menina bonita sem amor.**

Todas estas formas se empregam, também, substituindo-se as palavras «não há», por «nem». Ex.: *Nem sábado sem Sol, ‖ nem môça sem amor.*

Cantigas populares:

a) *Não há sábado sem Sol,*
nem rosmaninho sem flor,
nem casada sem ciume,
nem solteira sem amor.

(Coimbra) [4].

b) Digam lá que não é certo
êste eterno ditado:
Nunca vi altar sem velas,
donzela sem namorado.

(Cadaval).

Hespanhóis: a) *No hay sábado sin sol, ni doncella (ó moza) sin amor, ni vieja sin dolor;* b) (Andaluz) *No hay sábado sin sol, ni mocita sin su amor* [5]; c) (Galego) *No hái sábado sin sol, nin romeiro sin frol, nin dama sin amor* [6].

Em Hernan Nuñez, *Refranes: Ni Sabado sin sol, ni moça sin amor, ni viejo sin dolor.*

Francês: *Pas de samedi sans soleil, pas de vieille sans conseil.*

Italianos: a) *Non v'è sabato senza sole, non v'è donna senza*

---

[1] Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 18.
[2] Idem, *ibid.*
[3] Idem, *ibid.*
[4] Idem, *ibid.*
[5] *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, I, 76.
[6] *Gram. Gallega*, Saco Arce, pág. 274. Apud Leite de Vasconcelos, obra citada, § 18.

amore, nè domenica senza sapore; b) (Sicília) *Nun cc'è sabbatu senza suli, nè donna senz'amuri* [1]; c) (Sicília) *Non c'è sabato senza sole, non c'è prato senza fiore, nun c'è donna senza amore* [2]; d) (Livorno) *Non c'è sabato senza sole, non c'è donna senza amore, non c'è rosa senza spina* [3].

*

Todos estes provérbios, e a primeira das canções populares, são o eco da superstição, comum a outros países, de que não há sábado sem Sol.

No Algarve crê-se que a razão de não haver sábado sem Sol é porque aquele dia é consagrado à Virgem Maria Nossa Senhora (Vid. *O Futuro*, de Olhão, n.º 783, de 19-1-908). Isto condiz com as palavras de Francisco Xavier de Oliveira (Cavalheiro de Oliveira), numa carta datada de 20 de Julho de 1736 e dirigida a Mr. M...: «Os mysticos são capazes de crer em tudo, e alguns têm sido tão loucos que dizem que o sol deve luzir, e apparecer constantemente todos os sabbados, porque a egreja determinou, e consagrou este dia á Virgem Nossa Senhora...» (Apud Manuel Bernardes Branco, *Portugal na Época de D. João V*, Lisboa, 1885, pág. 12, nota).

A uma mulher do Cadaval ouvi que o sábado é de Nossa Senhora, a qual nesse dia não dispensa, ao menos, um momento de Sol.

No sábado em que não houver Sol tem o rei um carneiro (Vouzela), ou mandam as freiras de Vairão um carneiro às de Arouca (Pôrto) ou teem as do Louriçal um carneiro (Estremadura). (Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 18).

Não é inabalável a crença de não haver sábado sem Sol. Cfr. os provérbios: a) *Chuva de sábado nunca se acaba;* b) *Sábado sem Sol, chuva de maior;* c) *Sábados a chover, e bêbedos a beber, nunca ninguêm os pode vencer.*

Sôbre a crença de não haver sábado sem Sol, diz Leite de Vasconcelos, na obra citada neste provérbio, § 18, nota: «Nesta superstição de que *não há sábado sem Sol*, poder-se-há ver um vestígio da consagração dos dias da semana? Nos nomes franceses (Lundi = *Lunae dies;* Mardi = *Martis dies;* Vendredi = *Ve-*

---

[1] Pitrè *Proverbi Siciliani.*
[2] Idem *ibid.*
[3] Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 51.

neris dies, etc.), hespanhóis (Lunes, Martes, Viernes, etc.), ingleses (Monday, Saturday, etc.), alemães (Montag, Freitag, etc.), há ainda êsse vestígio. O domingo era o dia do Sol (Sunday, Sonntag), e nos cristãos é *o dia do Senhor*, enquanto que as relações populares com o Sol são no sábado; mas os primeiros cristãos observavam o sábado como os judeus. Nas *Ordenações Filipinas* (1595) manda-se que se não guarde o *sábado* (nem quarta-feira), nem se coma e beba por causa das *missas dos sábados* (liv. v, tit. v, apud F. A. Coelho, *Etnografia Portuguesa*, § 61)».

XLIII

Numa porta se põe o ramo, e noutra se vende [ou bebe] o vinho

Êste provérbio alude ao antiquíssimo costume de se pendurar um ramo à porta das tabernas, como sinal da venda de vinho.

Entre nós usa-se, geralmente, o ramo de loiro, certamente porque esta planta era uma das dedicadas a Baco pelo paganismo. Também se usa o ramo de pinho.

Baco, Sileno, os Faunos, os Sátiros, as Bacantes e, em geral, os deuses campestres, representavam-se rodeados de loiro.

Não sei se os romanos empregaram o loiro como insígnia da venda de vinho, mas do uso da hera (que também era consagrada a Baco) há o testemunho dos provérbios: a) *Vino vendibili non opus est hedera* [1]; b) *Laudato vino non opus est hedera* [2]; c) *Vino vendibili suspensa hedera nihil opus* [3].

Na *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, Maria Parda vendo as ruas de Lisboa com poucos ramos nas tabernas e o vinho tão caro, lamenta-se amargamente:

«Ó travessa Zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de ma ventura,
Sem *ramos* de barra a barra» [4].

E mais adiante:

«Que foi do vosso bom vinho,
E tanto *ramo de pinho*,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho» [5].

---

[1] Bento Pereira. [Creio que estas frases são modernas, e não proverbios. Pelo menes não vêm em Otto, *Proverbios dos Romanos*, Leipzig 1890. — J. L. DE V.].

[2] De uma edição de *As três bibliotecas*, Lisboa, 1902.

[3] Idem.

Camões (*Filodemo*, act. II, sc. 2.ª) alude também ao *ramo de pinho*: «Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezais de mais certo em casa, que *pinheiro* em porta de taverna...» [1].

Conta Garcia de Rezende [2] que certo fidalgo, indo uma vez falar a D. João II, depois de ter conferenciado com a botelha mais do que seria justo, mascou uma porção de loiro para disfarçar o cheiro. Era já nesse tempo, como agora, o ramo de loiro a insignia ovante dos templos de Baco. O rei percebeu logo o loiro e o que êle ocultava e, virando-se para o fidalgo, perguntou-lhe, com um sorriso: «Fulano, debaixo dêsse loiro, quanto vale a canada?»

Os provérbios atestam a generalização, em outros países, do uso de um ramo à porta, como insígnia dos taberneiros.

Em França, já no século XVIII se dizia: *A bon vin il ne faut point de bouchon* — e isto porque naquele país era tradicional o ramo à porta das tabernas, como se vê do *Dictionnaire Universel*, de Furetiére (Rotterdam, 1708, vb. «bouchon»: «*Bouchon de taverne*, est un signe qu' ont met à une maison pour montrer qu'on y vend du vin à pot. Il est fait de lierre, de houx, de ciprés, & quelquefois d'un chou. Les Taverniers payent un droit de bouchon».

Francesco de Alberti, no seu *Nuovo Dizionario Italiano-Francese* (Bassano, 1777), vb. «frasca», insere o provérbio *al buon vino non bisogna frasca*, e revela-nos nos seguintes termos o uso do ramo, em Itália: «Il buon vino non ha bisogno d'allettamento, e di contrassegno, tolta la metaf. da quella frasca, che mettono i Tavernaj sopra le porte, quando fanno qualche manomessa di vino per allettare la gente».

Bohn, no seu livro *A polyglot of foreign proverbs*, inclue o provérbio holandês *goede wijn behoeft geen kraus* (o bom vinho não precisa ramo).

Expressa-se nos mesmos termos o provérbio inglês *good wine needs no bush*.

Do uso do *ramo* em Hespanha não tenho presente nenhum provérbio comprovativo, mas dele fala António de Trueba, num conto publicado in *La Ilustración Española y Americana*, ano XIX, n.º 31: «Una hermosa tarde del veranillo de San Martin, que

---

[1] *Comédias de Camões*, edição de A. L. Leitão, Lisboa, 1880.

[2] *Crónica de D. João II*, cap. 152 (v. Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, III, 193).

es precisamente cuando la justicia permite *poner ramo* para la venta de los vinos nuevos ..».

O missionário Fr. João dos Santos testemunha o uso do *ramo* à porta das tabernas, na Índia, quando, na sua *Etiópia Oriental* (Évora, 1609) liv. I, cap. XV, refere o seguinte: «Outro elefante houve nesta ribeira, chamado Perico; muito nomeado e conhecido na India. Este era grande bebedo: e todas as vezes que passava por alguma casa onde estivesse *ramo de vinho*, se punha á porta, metia dentro a tromba, e não se bulia dali até lhe darem de beber»[1].

Cfr.: a) *O bom vinho não há mister ramo;* b) *Ter ramo à porta* (isto é, «ter venda de vinho, ou taberna»).

XLIV

Não ter eira || nem beira

Variantes:

a) **Não ter eira, || nem beira, || nem ramo de figueira.**
b) **Não ter leira, || nem beira.**
c) **Não ter beira, || nem leira.**
d) **Não ter leira, || nem beira, || nem ramo de figueira.**
e) **Não ter eira, || nem beira, || nem pé de figueira.**
f) **Não ter casa, nem beira.**
g) **Não ter terra, nem leira, || nem beira, || nem ramo de figueira.**
h) **Não ter eira, || nem beira, || nem ninho.**
i) **Não ter lapa nem solapa.**
j) **Não ter casa, nem lar.**

Não possuir coisa alguma, ser extremamente pobre; viver na última miséria.

Todas estas formas se empregam, também, substituindo-se as palavras «não ter», por «sem».

A forma inicial é vulgar e corrente: «Uma noite um casal dos que *não teem eira nem beira*, acoitou-se ali». (Eduardo Noronha, *Memórias de um galego*). Pertence também ao folklore açoriano. (V. *Revista do Minho*, série V, n.º 4).

Quanto às restantes formas:

---

[1] **Apud Caldas Anlete, *Selecta*, 1.ª parte, 7.ª ed., 1886, pág. 75.**

a) É vulgar e encontra-se registada em Bento Pereira, em Rolland e no *Dic. Contemporâneo.* É também corrente no Alentejo. (V. *Revista do Minho,* série II, n.º 4): «Uma rapariga como minha sobrinha, *sem eira nem beira, nem ramo de figueira,* falando como quem tem morgados!» (A. F. Castilho, *Volta inesperada.*

b) Não é tão corrente, pelo menos na Estremadura: «...um pobrete *sem leira nem beira,* como eu que o digo, proprietário do dia e da noite, e herdeiro forçado de sete palmos de terra no cemitério». (Arnaldo Gama, *Caldeira de Pero Botelho*).

c) «Um pandilha, *sem beira nem leira*». (Camilo, *Brilhantes do Brasileiro*).

d) Vem nos *Materiais para a história das tradições populares do concelho de Esposende,* por José da Silva Vieira.

Em Sinfães reza-se esta oração a S. Jerónimo, protector contra o raio:

—¿Para onde vais S. Jerônimo?
—Vou espalhar a trovoada.
—Espalha-a bem espalhada,
lá para Castro-Marinho,
para onde não haja pão nem vinho,
nem bafinho de menino,
nem leira, nem beira,
nem raminho de figueira,
nem pedrinha de sal,
nem coisa a que faça mal [1].

e) Da tradição oral de Figueira de Castelo Rodrigo.

f) «Espinafre», lá na minha terra chama-se um valdevinos *sem casa nem beira*». (Camilo, *Morgado de Fafe em Lisboa*).

g) «Um pechibeque que *não tem terra, nem leira, nem beira, nem ramo de figueira...*». (Camilo, *Carlota Angela*).

h) «Um pintor tal não entrapa
sendo de tudo orphãozinho,
muito inho,
sem ter lapa nem solapa
eira, nem beira, nem ninho».

(António Prestes, *Autos,* pág. 347) [2].

i) António Prestes, no trecho anteriormente transcrito.

j) Da tradição oral.

Crioulo de Cabo-Verde: *Câ tên bêra, nên êra, nên ramo de figuêra* [3].

[1] Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal,* § 146.
[2] Apud. Dic. de Vieira, vb. «solapa».
[3] Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *O crioulo de Cabo-Verde,* in *Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa,* série n.º 6, pág. 325.

Por *eira* e *leira* devem entender-se «propriedades rústicas». Suponho que *beira* designa a «casa», tomando-se a parte (beira do telhado) pelo todo — conquanto no Minho (como nota Teófilo Braga in *O Povo Português*, I, 112) junto de cada casa isolada se conserva ainda em pequeno campo ou «beira».

De «figueira» diz Gubernatis (*Mythologie des plantes*) que os provérbios populares fizeram dela o símbolo da riqueza. Quem tem figos é rico.

Todavia, parece não ser nesta acepção simbólica que a «figueira» aparece em algumas variantes, pois seria realmente superabundante dizer-se que não tem riquezas quem não possui *beira* (= casa), *eira*, nem *leira* (= prédios rústicos).

¿A «figueira» aludirá a vestuário?

No *Génesis*, III, 7, refere-se que Adão e Eva, depois de terem cometido o pecado original, conheceram que estavam nus, coseram umas a outras folhas de figueira e fizeram delas umas cintas (aventais, segundo o original hebraico).

Diz Teófilo Braga, in *O Povo Português*, I, 261: «Do espírito do direito territorial se deduz um sistema de penalidade: a banição. O condenado era lançado fora da terra; nos forais velhos mandava-se que as suas casas fossem derrubadas. Temos ainda a locução: *Sem eira, nem beira, nem ramo de figueira*, para significar a extrema miséria».

Franceses: a) *N'avoir ni feu ni lieu;* b) *N'avoir ni maison ni buron* [1].

Inglês: *He has neither house nor home.*

XLV

Sábado, cobrança; domingo, lambança; segunda, fartura; terça, ainda dura; quarta, pouco farta; quinta, faminta; sexta esperança

Diz-se na Marinha Grande e alude à prodigalidade dos operários daquele conhecido centro industrial. O diretor desta Revista *informa-me porém que conhece um dictado, em parte análogo, ouvido noutra localidade.*

---

[1] O dic. de Larousse, vb. «buron», diz que no Auvergne, esta palavra signica «hutte de berger; fromagerie» — e regista o provérbio.

XLVI

Galinha pedrês, ‖ não a vendas, nem a dês

Variantes:

a) **Galinha pedrês, ‖ não a comas, nem a dês.**

b) **Galinha pedrês, ‖ não a comas, não a vendas, nem a dês.**

Tenho ouvido ao povo que a razão do adágio é ser a galinha pedrês excelente poedeira, qualidade a que se refere a canção popular:

Minha galinha pedrês
põe-me dois ovos ao dia;
se ela me posesse três
melhor conta me faria.

Todavia, nota Consiglieri Pedroso [1]: «É de bom agoiro ter uma galinha pedrês. Cfr. o provérbio: galinha pedrês—não a vendas nem a dês».

Efectivamente, a ideia de «bom agoiro» manifesta-se no provérbio alentejano, de Serpa: *Galo pedrês, nem o vendas, nem o dês,* publicado in *A Tradição,* III, 159 — provérbio que obedece, é claro, a outro princípio que não o de pôr ovos.

Cfr. o ditado siciliano:

La gallina cantatura
Num si vinni, nè si duna
Si la mancia la patruna [2].

A superstição siciliana anexa, diz Leite de Vasconcelos [3], parece, porém, indicar agoiro.

Loures, Maio de 1922.

José Maria Adrião.

---

[1] *Trad. pop.*, Varia n.º 485. (Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, pág. 155, nota 131).

[2] *Myth. Zool.* II, pág. 300 e nota 1. (Apud Leite de Vasconcelos, local cit. na nota anterior).

[3] Local cit. na nota 1, onde Leite de Vasconcelos informa ter ouvido a várias pessoas (Beira, Douro) que a razão do provérbio *galinha pedrês, não a vendas nem a dês,* é pôr a galinha pedrês muitos ovos.

Palavras do Arquipélago da Madeira [1]

abicar—Precepitar-se, atirar-se de...

1. **abrótea da costa**—*Phycis mediterraneus*. Peixe de carne saborosa e delicada.

2. **abrótea do alto**—*Mora mediterranea*. Peixe.

1. **agulha**—Planta da familia das geraniáceas, que floresce de Março a Junho.

2. **agulha**—Planta da familia das umbelíferas, que floresce de Dezembro a Maio.

agulheira—Linha de pesca com um unico anzol.

1. **agulheta**—Gancho de prender o cabelo.

2. **agulheta**—Planta da familia das geraniáceas.

alar—Progredir.

albucóque—Por «albicóque».

alcaide—Objecto sem venda num estabelecimento comercial. O mesmo que *môno*.

alegra-campo—Arbusto ramoso da familia das liliáceas.

alfinetes de senhora—Nome que dão ás artemisias.

alindres—Arbusto de folhas caulinares.

alpardinha—Á tardinha, ao sól-pôr.

alpardo—Ao fim da tarde.

amecê—Por «vocemecê».

amoricos—Planta vivaz da familia das rosáceas.

apreço—*Dar apreço*, deitar sentido.

apreitado—Encarreirado.

arêlo—Atilho, cordel.

a remo—Talvez do latim *ad rem*, «a talho de foice».

1. **aroma**—Arbusto da familia das leguminosas, que floresce quasi todo o ano.

2. **aroma branco**—Outra especie do anterior.

aromeira—O mesmo que *aroma*.

arroz da rocha—Planta sub-arbustiva, de flores amarelas.

1. **arvore do incenso**—Arvore muito cultivada nos jardins e quintas.

2. **arvore de Judas**—O mesmo que olaia.

3. **arvore do paraiso**—Arbusto da familia das thymeleáceas.

4. **arvore da seda**—Arbusto vivaz,

---

1 [Esta lista foi organizada na Madeira pelo Snr. Emanuel Ribeiro, distincto Professor de uma Escola Industrial de Lisboa, o qual teve a amabilidade de m'a oferecer. Ha aí palavras novas, isto é, não arquivadas no lexico; outras, que, se estão arquivadas, apresentam significado diverso; outras, que, quanto á fórma, são alterações locais ou dialectais de palavras usadas no continente. Palavras dignas de nota especial: *alpardinha*, com vestigio do *l* do artigo primitivo, como *alpardo*, já indicado por A. R. Gonçalves Viana nas *Apostilas*, II,231. também como da Madeira, e vid. as minhas *Lições de Philologia*, pág. 61 (os nossos antigos diziam *alpardo*=ao anoitecer); *noruega* (cfr. as citadas *Lições*, pág. 431); *pexio*, formada do tema de *peixe*, como *molherio*, *rapazio*, com o sufixo *-io*; *fraimaço*, de *fraima* (arc.), com o sufixo *-aço*; *candeia*, no sentido arcaico de «vela»; *vejão* «medo» (lat. visione-, port. do cont. *avejão*). A Madeira dá quinau ao continente, quando diz *presilha*, pelo francês *punaise*, que estupidamente se pronuncía, ás vezes, em Lisboa *piunese!* O vocabulário abunda de palavras botanicas, e contém aqui e além noticia de costumes populares, o que ao mesmo tempo lhe dá valor etnográfico.—Tão poucas vezes se me oferece ensejo de publicar artigos respeitantes ás ilhas adjacentes, a esses *pedaços de Portugal*, como lhe chamou Oliveira Martins n-*O Brasil e as Colonias*, 4ª ed., pág. 5, que folgo de enriquecer com o curioso trabalho do Snr. Emanuel Ribeiro o presente volume da *Revista Lusitana*.—J. L. DE V.]

muito cultivado nos arredores do Funchal.

asservádo — Estar por tudo.

atupir — Enterrar (tratando-se de animal morto).

avoadeira — Arvore muito cultivada, pertencendo á familia das compostas.

ataganir — Tremer com frio.

avelada — Estado particular da batata dôce quando cosida.

bábadas — Borbulhas.

1. **balsamo de canudo** — Arbusto vivaz, muito cultivado nos jardins Madeirenses.

2. **balsamo de cheiro** — *Heliotropum peruvianum*, (**Lin.**). Planta muito cultivada.

1. **barrilha** — Planta da familia das quenopodiáceas.

2. **barrilha** — Planta da familia das aizoáceas, que se dá nos terrenos proximos do mar na Madeira e Desertas.

bastido — Termo usado pelas bordadeiras. O mesmo que *ponto rial.*

beija-mão — Planta da familia das compostas, que floresce de Março a Setembro.

belamente — Jogo usado em familia, na Semana Santa, até o Domingo de Páscoa, d'ordinario entre duas crianças, pertencendo cada uma á compita ser a primeira a proferir esta palavra em todos os encontros entre si. A que tiver maior numero de vezes dito *belamente* é considerada vencedora. A vencida dá á primeira um prémio d'amendoas, combinado por aposta.

belas-noites — Arbusto da familia das solanáceas, de grandes flores brancas e pendentes.

Dão-lhe tambem o nome de *trombeteira.*

benisco — *Vir de benisco.* Do lat. *ab initio?*

berlota — Borla do barrete Madeirense.

berradura — Planta anual, a que dão tambem os nomes de *pimenteira brava* e *erva de Santa Maria.*

bexicória — Nome que dão á baeta amarela.

bixinhas — Brinco simples de ouro, que os padrinhos dão ás afilhadas no dia do bàtizado.

bicho — *Conservar o bicho*, o mesmo que *matar o bicho.*

bigalhó — Planta da familia das aráceas, genero *Arum* (**Lin.**), vivaz, que floresce de Março a Junho.

bilhardeira — Diz-se da mulher que, divulgando um segredo, provoca enredos.

bisálho — O mesmo que *pintainho.*

boca-de-peixe — Planta vivaz da familia das escrofulariáceas, a que dão tambem o nome de *focinho de burro.*

bodiona — Galinha de penas sarapintadas.

bofe-de-burro -- O mesmo que *alfavaca.*

boseira — O mesmo que *bósta*

brimbeque — Especie de abrunho.

1. **brindeiro** — Pão que as madrinhas dão pela Páscoa aos afilhados.

2. **brindeiro** — Pequeno pão feito com o final da farinha.

briqueira — Aparelho de pesca composto duma vara recurvada, que tem dois anzois nos extremos.

brosilão — «Ter *grosso brosilão*», o mesmo que «muito dinheiro».

bufareira — Planta anual da familia das solanáceas, que floresce de Maio a Setembro.

1. **bucho da rocha** — Arbusto da familia das rosáceas, que dá flores de petalas brancas com máculas vermelhas.

2. **bucho da rocha** — Arb. da familia das celastráceas, sempre verde.

busegar — Diz-se do tempo, quando há vento com salpicos de chuva.

buziquinho — Bocado pequeno.

cabeleira — Planta da familia das leguminosas, gen. *Lotus.*

cabrinha—Planta da familia das polipodeáceas.

cabrita—Barco ou canôa de pequenas dimensões.

cachopa—O emsmo que *bouquet*: grupo de flores na extremidade dum ramo.

cacho-roxo—O mesmo que *lilás*.

cadeados—Nome que dão aos brincos de pingente ou pendente.

caga-azeite—Nome que dão ás libélulas.

caides—*Em caides*, barco que navega, com a poita suspensa, ao sabor bor das aguas.

caldeira—O mesmo que caldeirada.

candeia—Vela de cera, que colocam na mão direita dos moribundos. *Estar de candeia na mão*—o mesmo que estar moribundo.

cangálha—Padiola onde conduzem os cadaveres para o cemiterio.

cangalheiros—Homens que carregam com a cangálha.

caiota—Planta vivaz da familia das cucurbitáceas, a que dão tambem o nome de *pepinela*.

canica—O mesmo que *sorga*.

1. **cana-de-roca**—Planta da familia das gramineas.

2. **cana-vieira**—Nome vulgar que dão á cana-de-roca.

canela—Botãozinho que caracteriza o bordado de *oficial*.

cangueira—Câimbra.

cantaro—Vaso onde se cultivam plantas.

1. **capéla**—Caixa de folha com vidro, onde se colocam as corôas funerarias. *Corôa funeraria*.

2. **capéla**—Diz-se de cada lobulo caseado do bordado madeirense.

cardial-vermelho—Planta da familia das malváceas.

carimba—Nome que dão á folha do pinheiro.

carrapachadinha—Diz-se da galinha quando agasalha bem os filhos.

carriço-das-seáras—Planta vivaz, da familia das gramineas.

carrulaço—Cachação.

cascalhada—Risada.

catarineta—Planta vivaz, de flores algumas vezes dobradas, da familia das oxalidáceas.

cavalinho—Floreira de tres pés.

cedro-das-barracas—Gimnospérmica muito cultivada na ilha. Dão-lhe tambem o nome de *cedro-de-Gôa*.

cedronha—O mesmo que *celidónia*.

cenoira-da-rocha—Noselha.

chã-bravo—Planta da familia das malváceas, gen. *Sida*.

chôco—«Mar *chôco*», mar calmo, sem vaga.

charóla—Armação de arame, de fórma de pinha, coberta de frutos, ovos, etc., ás vezes de grandes dimensões, que os paroquianos ricos oferecem pela *festa* aos abades.

chibárra—Mulher amancebada, ou de costumes faceis.

cigarro—Insecto. O mesmo que *gafanhoto*.

cigerão—Planta muito cultivada, da familia das leguminosas.

ciumes—Planta pubescente, de caules erectos, do gen. *Delphinium* **(Lin.)**.

claros—O vinho coado das borras.

conchavar—Firmar, assinar, qualquer contracto.

conteira—*Cana indica* **(Lin.)**. Planta de flores rubras muito cultivada nos jardins.

corôa-de-Henrique—Planta vivaz da familia das lilioideas, gen. *Lilium* **(Lin.)**.

corredor—Armação de madeira ou ferro, de fórma de ramada.

corredora—Passagem estreita ou comprida no interior duma casa.

corriola-brava—Planta da familia das convolvuláceas, gen. *Convolvulus*.

corriola-mansa—Planta da fam. da anterior, do gen. *Calytegia* **(Br.)**.

córte—*Ter córte de...*, ter ocasião de...

corrique—Pescar de *corrique*, ao sabor das aguas.
1. **cravo-de-burro**—Goivo.
2. **cravo de seára**—Planta que floresce de Março a Maio, do gen. *Tragopogon* **(Lin.)**.
cuidados—Planta da familia das compostas.
curção (ou **corção**)—Côrça grande. Meio de transporte madeirense.
demitado—Propositadamente.
dente-de-cão—Granzio.
desembôrro—Resto de qualquer cousa.
dita—De *dita*, coalescencia do fruto da bananeira.
desonrar—*Desonrar* de palavras, insultar.
encherir—O mesmo que unir.
enfrançada—Arvores sem folhas.
ensaião—Planta da familia das crassuláceas, gen. *Semper vivum* **(Lin.)**.
1. **erva-branca**—O mesmo que *selvageira*.
2. **erva-dos-pampas**—Planta da familia das gramineas, a que chamam tambem *penacho branco*.
3. **erva-redonda**—Especie de hera.
4. **erva-de-Santa-Maria**—O mesmo que berradura.
5. **erva-dos-rabos**—Planta da familia das gramineas, chamada tambem *milhã* e *rapa-saia*.
empainador—«Bon vivant».
empuxete—Empuxão.
engalgada—Diz-se da casa quando ficou terminada da obra de pedreiro.
escudo—Chapa de metal liso ou com lavores que se coloca como adorno no mobiliario.
espedir—Caír.
estanquinhas—Peixe de litoral.
estersoádo—Diz-se do milho quando está mal moido.
estrapagado—De *papagarro*, ave a que chamam tambem *patagarro*.
fajôco—Pedra vulcanica empregada em algumas construções.
fargote—Lampião de base triangular, usado pelos pescadores de noite na pesca.
fatal—«Ir *fatal*», ir bem de saude.
favada—Diz-se da rocha vulcánica que tem cavidades semelhantes a favos de abelhas.
fedorento—Planta da familia das cruciferas. Gen. *Eruca* **(Lam.)**.
feijão-rasteiro—Especie de feijoeiro, a que chamam tambem *feijão de vassoura*.
feijôa—Variedade de feijoeiro.
feiteirinha—Planta da familia das compostas, a que dão tambem o nome de *macelão*.
fervura—Aguardente.
ferrobar—Tingir de escuro as linhas de pesca.
feto-de-botão—Planta da familia das hemenphyláceas, que se encontra nos vales e barrancos do norte da ilha, bem como no interior.
figueira—*Plantar uma figueira*, o mesmo que cair.
figueirinha—Trovisco.
flitar—Dobra que se faz em certa obra de costura, para algumas especies de bainhas.
1. **flor-de-coelho**—Planta da subfamilia das liguliflores.
2. **flôr-de-espirito**—Planta da familia das zinziberáceas.
focinho de burro—O mesmo que boca-de-peixe.
folhado—Planta da familia das ericáceas.
folhelho—Neve.
freimaço—Arrelia, impaciencia.
frólhó—Instrumento de marfim ou ôsso, que se emprega nos bordados, e ao qual no continente dão o nome de *furador*.
fuga—Folga, lanceiro. Termo usado em carpintaria.
furado—Ceu limpo de nuvens. Ex.: «para alem daquela nevoa está furado».
gafejando—Cheio...
gôrda—O mesmo que *orga*.

gastálha—Mulher alta e magra.
gastálho—Ramo de arvore seco e sem fôlhas.
gálas—*Tirar gálas*, estrear uma peça de vestuario.
galesía—Façanha, aventura: é termo depreciativo.
gavína—O mesmo que *confiado*.
gérno—Nada, coisa nenhuma.
grade—Cão: termo empregado como insulto a alguem.
humilda—Lubrifica.
inção—Pequeno.
inçãozinho—Pequenino.
linhame-de-lagartixa—Planta vivaz da familia das crassuláceas, gen. *Cotyledon* (**Lin.**) que se encontra nas rochas e muros.
invejosa—Planta da familia das borragináceas, a que dão tambem o nome de *vermelhão*.
Isabela—Vinha americana.
jalégre—Por *jaleco*.
jarvão—Planta da familia das verbenáceas, de folhas ásperas e flores dispostas em espigas. Dão-lhe o nome de *urgebão*.
jasmim-do-cabo—*Stephanotis floribunda*.
juntar—Apanhar, levantar do chão.
lambareira—Mulher amiga de falar da vida alheia.
lampos—Diz-se dos frutos que vêm antes da época.
lapis-de-pau—Lápis vulgar de plumbagina.
limão de galinha—Planta da familia das rutáceas, de fruto globoso, muito ácido.
linheiro—Planta anual da familia das convolvuláceas, que floresce de Fevereiro a Abril.
lobrinar—Por *lobrigar*.
loiro cerejo—*Prunus lauvocerasus* (**Lin.**). Ha quem lhe chame *loiro inglês*.
loiro régio—*Viburnum Tinus* (**Lin.**).
luvas de N. Senhora—Planta vivaz, da fam. das raunmculáceas, a que dão por vezes o nome de *viuvas*.
macelão—O mesmo que *feiteirinha*.
marafúge—Tecido de côr castanha, feito de lã e linho, em teáres manuais. Usa-se em o norte da Ilha.
marangola—Mar picado.
masaruiho—Novelo mal feito.
maçacótas—Sub-arbusto prostrado, muito ramoso, da familia das chenopodiáceas.
madre-de-loiro—*Fitocecidia* produzida pelo *Exobasidium Lauri*. Vulgar nos troncos dos velhos loireiros, e usada como emenagogo pelos habitantes da Madeira.
mãozinhas-de-N.-Senhora—O mesmo que *alecrim*.
margáça—Nome que dão ás *A. mixta* (**Lin.**). *Ornemenus mixtus*, (**Lin**) e *A. Cotula* (**Lin.**).
marrúiço—O mesmo que *marroio*.
meiomento—O mesmo que *meimendro*.
mexilhão—Ovos mexidos com cebola e tomate.
milhã—Vid. «erva-dos-rábos».
milho-alvo—O mesmo que *milhã*.
mimos—Nomes que dão ás fucsias.
mouco—*Mar mouco*, mar calmo.
muando—«Estar *muaudo*», de mau humor, resmungando.
murráca—O mesmo que *bardana*.
nórça—Planta vivaz da familia das diosercáceas, de flores dispostas em cachos axilares.
noruega—Tempo tempestuoso, com chuva.
nozelinha—Planta da familia das umbeliferas, gen. *Bunium* (**Lin.**), a que dão tambem o nome de *nozelha*.
oficial—Certa especie de bordado aberto.
orelha-de-boi—Planta da familia das cariopiláceas, com flores de pétalas brancas ou rosadas.
pagíto—*Chrysanthemum coronarium* (**Lin.**).
pálas—Parte do vestuário, a que se dá o nome de *cós*.
palheiro—Nome que dão aos *garnisés*.

palhetes—Fosforos usados no campo.
panasco—Graminea. *Bronus Madritensis* **(Lin.).**
pancûme—Pancadaria.
panête—O mesmo que *tapête.*
pangueiro—Caloteiro.
panquêdo—O mesmo que *pancûme.*
pão de açucar—Cone feito de açucar, e guarnecido de fitas de papel, que as regentes das festas oferecem aos abades.
patinha d'agua—Planta aquatica, da familia das lemnáceas.
pêca—*Estar* ou *ficar pêca;* diz-se da flôr que não foi fecundada, e não deu fruto.
pejada da natureza—Diz-se da mulher gravida.
pelicão—Planta da familia das hipericáceas. *Hypericum perfuratum* **(Lin.).**
pesca d'olho—Processo especial da pesca dos bodiões.
pesquito—Homem que se emprega na faina da pesca.
pexío—Muito peixe.
picaría—Estopada, massada.
pimenteira brava—O mesmo que *berradura.*
picos—*Aos picos:* aos montes—referindo-se a quantidade.
pinheirinho—O mesmo que *equiseto.*
1. **piôrno**—Planta leguminosa. *Genista Paivae.*
2. **piôrno**—Diz se de coisa amarga: *amargo como piôrno.*
poncha—Bebide refrigerante, feita com água, aguardente e açucar.
presilha—Tacha especial para prender o papel á prancheta, fr. *punaise.*
quinar—Termo de costura. Fazer pregas nos vestidos.
rápa-sala—Vid. «erva-dos-rabos».
ráscas—Biscoito feito de pão cortado e metido no fôrno.
ratuíça—«Andar na ratuiça»; na brincadeira, na garotice.
recheios—Pés de abobareira para plantar (Paúl).
recompêsta—O mesmo que *requêsta.*
regente—O mesmo que *mordomo,-a.*
rengáço—Renda guipura.
requêsta—For *orquesta.*
resondar—Insultar.
roca-de-Venus—O mesmo que couteira. *Cana Indica* **(Lin.).**
rochinha—O mesmo que *lapinha.*
salsa-de-burro—Planta da familia das umbeliferas, gen. *Ammi* **(Lin.).**
sanguinho—Arvore da familia das rhamnáceas, que floresce de Março a Abril.
saudade-de-inverno—Nome que dão ao crisántemo.
seáras—Germinação das sementes de milho, trigo ou centeio, dispostas em pires com agua.
semilheira—Batateira.
serralha-da-rocha—O mesmo qué *lingua-de-vaca.*
sinagogas—Tregeitos de mófa.
sobre si—*Estar sobre si;* senhor de si.
sopeira de prato—O mesmo que *prato sopeiro.*
saipos—Nome que dão ao farfalho.
tabaqueira—O mesmo que *tabaco* (planta).
tangerão—Planta vivaz da familia das compostas, de flores purpúreas.
tápa-sol—O mesmo que *persiana.*
temedário—Abundante em extremo.
tertilheiro—Homem amigo de dizer *trêtas.*
tigarro—Nome que dão a um cardo na ilha do Porto Santo.
tomateiro-do-Diabo—Arbusto vivaz, *Solanum Sodomeum* **(Lin.).**
tornadouro—Orificio por onde a agua se escapa nos tanques. Escoadouro.
1. **trevo-macaroco**—*Trifolium angustifolium* **(Lin.),** nome usado no Porto-Santo.
2. **trevo-de-namorado**—*Melilotus Indica* **(Lin.).**
3. **trevo-de-pé-de-passaro**—*Tripolium maritimum* **(Huds.).**

4. **trevo-preto**—Variedade muito cultivada na Madeira e Porto-Santo.
5. **trevo-de-seára** — *Melilotus sulcata* **(Desf.).**

trombeteira—O mesmo que *belanoite.*

tudesco—Arbusto da familia das leguminosas. *Adenocarpus complicatus* **(Lin.).**

1. **urze-de-cheiro** — *Diosma ericoides* **(Lin.),** planta lenhosa, muito cultivada nos jardins da Madeira.
2. **urze-durázia** — Nome que dão á urze das vassouras.

vejão — O mesmo que *papão* (medo).

velador — O mesmo que *castiçal.*

veleiro — O mesmo que *velador.*

velho — *Mar velho,* sem vaga. O mesmo que *mar mouco.*

verga — Arame.

via-espigada — Hemorroidas.

visgo — Nome quc dão á borracha de apagar a escrita.

vomecía — Vossemecê.

xurro — Damasco pequeno.

zarálha — Diz-se da mulher desleixada, sem amor proprio.

zango — Nome que dão a um insecto.

zêlo — Gavinha.

EMANUEL RIBEIRO.

Estudos ethnographicos [1]

1. O S. João e as tradições populares —Lampas e figos lampos

A palavra *lampa*, como contracção de *lampada*, costuma ser empregada na linguagem poetica. Assim Castilho, na invocação da sua formosissima xacara ou rimance de Nossa Senhora da Nazareth, incita d'esta maneira, n'uma deliciosa cadencia metrica, os investigadores das lendas e tradições historicas.

> Lidae á luz triste das lampas nocturnas,
> cobri-vos de brancas, mineiros da historia...

Outra e muito diversa é, na linguagem familiar, a palavra *lampa*, que sempre se emprega no plural e nunca isoladamente, mas sim formando parte d'uma phrase. É frequente dizer-se *levar as lampas*, como querendo significar que um individuo ou uma coisa teem superioridade sobre outro. Já n'um escriptor do seculo XVI a encontramos tomada nesta accepção. Antonio Ribeiro Chiado, o poeta dos *Autos*, é auctor tambem d'uma collecção de *Letreiros*, que elle diz ter encontrado em diversos templos de Portugal e Hespanha, mas que não seria muito inverosimil aventurar que talvez fossem da sua propria lavra, alguns d'elles, pelo menos. Esses letreiros vai-os elle commentando ou moralisando a seu modo. Eis a glosa do ultimo:

> Bom letreiro singular.
> Esta foi das reais campas,
> que nunca cuidei achar.
> e bem se pode gabar
> qu'ella só *levou as lampas.*

---

[1] [O presente artigo foi oferecido á *Revista Lusitana* pela Ex.^ma^ Snr.^a^ D. Sophia de Sousa Viterbo, excelsa filha do autor d'ele. O 1.º capitulo, sem algumas adições com que ora se publica, tinha já aparecido no *Diario de Noticias* de 24-6-1912; os restantes capitulos não passam de apontamentos que o erudito Sousa Viterbo tomara ao acaso de leituras. Na publicação não alterei nada; apenas marquei os capitulos, apus um titulo, entre colchetes, ao 7.º, e passei para o remate do artigo a assinatura que estava no fim do 1.º capitulo. — Como ilustração acrescentarei que a Ex.^ma^ Snr.^a^ D. Carolina Michaëlis tem nesta mesma revista dois artigos sobre os assuntos dos capitulos 1.º e 5.º: vid. *Revista Lusitana*, XI, 9 («lampo—lampà»), e I, 34 («o judeu errante» = Joã de espera em Deus»). — J. L. DE V.]

D. Francisco Manuel de Mello, que versou com egual primor a lingua hespanhola e a portugueza, e que tão a fundo conhecia os *modismos* da nossa, como o demonstrou sobretudo nos *Apologos Dialogaes* e na *Feira dos Anexins*, tambem empregou o substantivo *lampas* e o adjectivo *lampeiro*, que ainda hoje se usa, como quando queremos dizer que um individuo é destro, sagaz, ardiloso, bem-posto:—*ei-lo ahi vai todo lampeiro!*

O poeta mandou um presente a um grande senhor, em dia de S. João, e como o não achasse em casa, se queixa na seguinte decima, que é a XXXVI na sua *Viola de Talia:*

De Bellas confiança é bella
mandar por *lampas lampeiro*,
a um Duque tão grande, inteiro,
um só quarto de vitella;
policia é com cautella
não deixar um Duque farto,
mas eu pouco tempo reparto,
por vosso relogio agora,
porque me não dais a hora,
não vos dou senão um quarto [1].

Evidentemente a phrase *levar as lampas* tem uma significação translata ou figurada, sendo o fundamento do *simili* uma tradição das festas populares do S. João. Era usança antiga, no dia do Santo Precursor, logo ao raiar da alvorada, os moços e individuos de certas posses cavalgarem nos seus rocins e irem *colher lampas*. Com esses fructos colhidos ao lusco-fusco, rociados ainda das bentas orvalhadas do S. João, se presenteariam, como um dos mais delicados mimos, as pessoas queridas, e no regaço das suas apaixonadas depositariam os Romeus a sua milagrosa colheita.

Esta hypothese parece-nos logica e natural e vem confirma-la a decima de D. Francisco Manuel, que manda em dia de S. João—note-se bem—*por lampas*, um presente a um seu amigo.

D'aqui, da circumstancia de ser de madrugada que se effectuasse a colheita, indicando portanto este acto uma certa prioridade e agilidade, é que se deduziria a phrase *levar as lampas*, no sentido em que ainda hoje é corrente.

D. Francisco Manuel de Mello tem ainda o seguinte epigramma ao proverbio *em tempo de figos se conhecem os amigos:*

---

[1] *Obras metricas, Viola de Talia*, pap. 222.

A Tristão da Cunha, em resposta de hum presente de figos.

Epigramma LXI

As saudades minhas são,
todo o bem da vida he sonho,
não ha gosto sem senão:
emfim vos fostes Tristão
e vou deixarte tristonho.
Estes figos do Barreiro
desmentem rifões antigos:
sois amigo verdadeiro,
porque fostes o primeiro
amigo em tempo de figos.

N'um documento do seculo XV, reinado de D. Affonso V e referente ao anno de 1450, encontramos nós menção especial e clara da usança a que alludimos. Esse documento é uma carta de perdão a um João Affonso, morador em S. Thiago de Cacem, que tendo sahido a folgar e a *colher lampas*, andando com outro correndo e jogando as cannas no Rocio da mesma villa, atropelára uma velha e lhe partira um braço [1].

Esta costumeira prolongou-se até nossos dias e ainda se praticava no começo d'este seculo na provincia da Beira, terra classica das tradições portuguezas. Antonio Ribeiro Saraiva, um dos mais aferrados e sinceros *miguelistas*, mas tambem um dos mais ardentes patriotas, no poemeto *O San João na minha terra*, allude vagamente a esta usança, descrevendo-nos com amavel singeleza as fructas que então amadurecem. Canta elle n'uma das suas estrophes:

Mais é já do que vistoso
O vergel no valle ou campo;
Já se colhe o *figo-lampo*,
Que amadura appetitoso;
Nem *carvalhal* tardará,
Pera de cheiro, ou succoso
Abrunho, que pinta já.

Annotando a passagem que se refere ao desabrochar dos fructos, pondera elle com relação ao *figo-lampo:*

«*Figo-lampo*, supponho se chama por todo o Reino o da primeira producção do fructo da figueira, que em Sernancelhe

1 Este documento publicamol-o a pag. 13 do nosso opusculo *Fastos religiosos—Festas e procissões.*

amadura tambem por fins de Junho; emquanto a segunda camada vem para Setembro e Outubro».

Antonio Ribeiro Saraiva era natural de Sernancelhe, cujo orago é o Santo Precursor. É interessantissimo e muito digno de lêr, sob o ponto de vista folklorico, o quadro que elle nos apresenta de todas as cerimonias e crendices que se praticavam na sua freguesia na vespera e dia de S. João. Um adoravel perfume n'este ramilhete de poesia popular.

A estancia 85 do Livro x da *Insulana*, poema de Manuel Thomaz, é consagrada aos figos:

Os Lampões que primeiro são prezados
Serâm de mais grandeza, e fermosura,
Como bens que se dám antecipados,
Mas os Vendymos de maior doçura,
Com Borjasotes negros estimados,
A Breva que obeliscos afigura;
Dos Mortinhos o nectar se sublima
Com que por serotinos são de estima.

A intima correlação existente entre as festas de S. João e a apanha das lampas vemo-la ainda na denominação d'uma freguesia das cercanias de Cintra, chamada *S. João dàs Lampas*.

Antigamente era uso tambem as freguesias do termo de Lisboa concorrerem com as suas danças nas festas e regosijos publicos. No triumpho com que Lisboa recebeu, a 26 de agosto de 1666, D. Affonso VI e sua esposa D. Maria Francisca Isabel de Saboia, triumpho que foi tão passageiro e illusorio como o de Christo em Jerusalem, veio tambem uma folia d'aquella localidade. Um poeta da *Fenix Renascida* celebra o caso na seguinte quadra:

Vinhão de Montelavar
As folias estremadas,
Dando admiraveis voltas,
A de São João dàs Lampas [1].

Na lingua portuguesa, assim como em todas as linguas, ha phrases que tiveram a sua razão de ser naturalissima, n'um momento dado, e que cristallizaram, fossilizando-se, resistindo ás metamorphoses que se operaram em volta d'ellas, nos costumes e nos objectos de uso commum que lhes serviram de termo de comparação. Perdidos ou obliterados esses termos, torna-se difficilimo e em muitos casos impossivel, achar a sua correllação

[1] *Fenix Renascida*, vol. IV, pag. 169

historica e linguistica de modo que a explicação de muitas d'essas phrases merece ser posta a premio como a decifração d'uma charada ou d'um enigma.

2. S. Bom-Homem

«Y porque no parescan todo severidades, y que no se le conseden dias de muger en los entretenimientos privados, no se escandalizará el recato con que pueda baylar una capona en fralldelin, y vaquero corto, sombrero de plumas, con castañetas, con tanto que no la cante, ni las seguidillas, por ser cosa muy del prado, y aunque pronuncie mal el portuguez, podrá usar destas de moça de cantaro, por seren las mujeres que introduzieron las folias:

Esta prima da minha alma
He perigosa de modo,
Que quem a vé S. Bom-Homem
Deixa os olhos nos seus olhos.
No coração de Maria
Desmayos vão, S. Bom-Homem,
Os desmayos só são seus,
Que o seu coração é doutrem.
Mais fermosa descuidada
Cahio na fonte Maria,
Lo que se vio namorou,
Envergonhouse por vista.
Amor de moças não dura,
Que são sacos rotos todas,
S. Bom-Homem, S. Bom-Homem,
Daime uma velha geitosa».

(D. Francisco de Portugal, *Arte de Galanteria*, Lisboa 1682, pag. 46).

3. O Tardo

«Muito tempo adeante, e ja na nossa idade os veio inquietar hum espirito que o vulgo chama *Tardo*, com algũas travessuras, as quaes tinhão por pezadas. Não achando que lhes furtasse das celas, tudo nellas des compunha: desordenava os livros, escondia os mantos e as cubertas da cama. Fingia que lhes quebrava toda a louça da cozinha, a qual porem ficava sam. Hũas vezes os espertava do sono, batendo as deshoras pelas portas, outras corria no dormitorio e parando na carreira dava rinchos, ou hũas risadas tolas. E com isto andauão desconsolados, porque os inquietava na oração e no coro, mas com o seu sofrimento o pozerão em estado, que veio a enfadarse. Mudouse

pera a Hospedaria, onde fazia das suas, e della tambem está hoje desterrado».

Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica*, T. 2.º, pag. 427, tractando do convento de S. Francisco de Vianna. Impresso, anno 1666.

Duende ou Trasgo—*Escola de Penitencia* por Fr. Martinho do Amor de Deus—T. 1.º, pag. 105. É a Chronica da Santa Provincia de Santo Antonio.

Veja-se tambem Leite de Vasconcellos—*Tradições*, pag. 282.

4. Caracter amoroso da alma portugueza

«*Fel.*—Gran llorador deveis de ser.

Fer.—Tengo los ojos niños, y Portuguesa el alma; pero creed, que quien no nace tierno de coraçon, bien puede ser Poeta, pero no sera dulce».

La Dorotea, de Lope de Vega Carpio, edição de Madrid de 1675, fol. 134.

5. João d'Espera em Deus

«Sin duda que quieres ser como Iuan de los tiempos, que viuio trecientos y sesenta y vn años como refiere Gaguino, pues nació reynando Carlo Magno, y murió en el cetro de Ludouico el moço.

Fer.—Todo lo puede hazer vna felicidade no esperada.

Iul.—Dese Iuan de los tiempos devió de tener principio en España la fabula de Iuan de Espera en Dios, y sus cinco blancas».

Idem, fol. 168.

6. O lucto em Portugal

«... como todolos de sua companhia vinhão vestidos de burel, trajo de tristeza, que se naquelle tempo acustumava nestes Reynos, o uso do qual se defendeo per expressa lei, que sobre isso fez el rei D. Manuel».

Goes—*Chronica de D. Manuel*, Parte 1.ª, cap. 7.º.

7. [Quaresma]

Avisos a pastranos e pastranas a caloiros e caloiras—pella serração da velha Quaresma Clemente, neta de Carnaval, etc. por Francisco Marianno de Advento—Lisboa 1806.

SOUSA VITERBO.

Estudos Camonianos

(Vid. *RevistaLusitana*, vol. XXII, págs. 91 a 99)

IV

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a isto está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, nèste tempo em que mais se cuida das *armas*, do que se presta atenção ás *letras*».

No «Prologo» de Aldo Manucio ao *Thesaurus Cornucopiae*—1497.

As Duas Portadas dos Lusiadas de 1572

Se ao leitor complacente não desprazer, efectuaremos o projectado exame à célebre gravura frontispicial de que nos temos ocupado, utilizando o exemplar da *Regra de Santiago* de 1548, existente, como já sabemos, nos *Reservados* da Biblioteca Nacional, sôb o n.º A-152.

—Ei-lo aqui.

—A um simples relance ¿que parece ter querido figurar o artista que desenhou êste frontispício?

—Evidentemente, uma portada em meio-relêvo, concebida no estilo «Renascença», e disposta de modo a dar ideia de uma grande superfície marmórea, sôbre a qual avultasse todo o trabalho de escultura. Êste desenho, assim dispôsto, serve ao emoldurar do grande espelho, no qual se reflecte igualmente esculpido, o título da obra:

*Regra e | statutos: | da ordem de San
tiago.*

Tudo isto, já se vê, desvanecida a ingrata impressão dos defeitos do desenho, tantos, tão flagrantes, tão sem defesa algum deles, que não há realmente modo de esquecer as advertidas

observações de Ribeiro dos Santos, já nestes *Estudos* citadas [1]. Deixar-se-ia, pois, passar tudo, sem atentar em mais do que no aspecto geral, se não fôra a necessidade de amiudar pormenores.

É manifesto que se quis dar a esta portada um tom acentuadamente marcial, como convinha à índole da obra:—Regra de uma Ordem de cavalaria. Se os cavaleiros para quem ela foi redigida não eram já de estôfa igual aos da primitiva, se os de agora não tinham já fêveras para exclamar em frente do inimigo, como os seus confrades de outrora, os do «Templo», em Alcácer: «*Non nobis, Domine, non nobis; sed nomini tuo da gloriam!*» [2], culpa foi sómente de quem se quis iludir, forjando um contra-senso histórico, em que o pretexto religioso entrou como Judas no Crédo.

*

Todo o desenho consta de quatro partes. Há um *stilobates,* ou envasamento, duas *colunas* e uma espécie de *frontão,* com sua cornija, seu friso e respectiva arquitrave. Em cada uma das colunas, seus trofeus e competentes capacetes, e no frontão, constituindo-lhe o alçado, dois grandes *golfinhos* convergentes. Entre êles, o famoso *Pelicano*, abrigando com as grande asas abertas, as três crias tradicionais [3]. Recurvando o colo pela nossa parte *esquerda,* parece cravar o bico no peito, dando-lhe o suposto emprêgo geralmente acreditado: alimentar os filhos com o seu próprio sangue.

Tudo isto foi mal desenhado e aberto em quatro peças soltas, sem se querer saber se os tarolos que serviram para as colunas tinham dimensões iguais, e se a perpendicular que passa entre o topête da cabeça do Pelicano e atravessa o ninho, observa ou não o exacto lançamento central, marcando o meio verdadeiro de todo o coroamento do tímpano, como deveria ser. Além dêstes senões, a distribuição das dezoito estrias da arquitrave não foi tão bem calculada, que permita à perpendicular a que nos referimos passar em distância igual entre a nona e a décima estrias. No friso há desigualdade na distribuição dos óvulos de um e outro lado do ninho do palmípede, constituindo um verdadeiro contra-senso o intrometer o próprio ninho na

---

[1] Vol. xx, pág. 84.
[2] *Psalm. Dav.*, CXIII, v. 1 (*bis*).
[3] «La puesta se compone, segun dicen, de dos á tres huevos relativamente pequeños».
Brehm—*Historia Natural*, tom. III, Barcelona, 1880.

seqüência óvular, em vez de erguer todo êste acessório principal da composição acima da cornija, sôbre a qual repousam os golfinhos. No desenho do *stilobates*, enfim, também se não reparou em que o modilhão esquerdo da estampa atropela a guarnição da moldura onde figuram os *rinceaux*.

Tal é, sumáriamente, o aspecto geral dêste desenho, e uma vez que é preciso facilitar-lhe o confronto com o seu *gémeo*, neste caso, em que as próprias leis da natureza foram invertidas [1], analisaremos agora mais de espaço, cada uma das quatro peças componentes da tão discutida gravura.

Começaremos, como é, aliás, natural pelo próprio:

Stilobates, ou envasamento.

Remata-se esta peça nos dois extremos por modilhões em acanto, dispostos no sentido vertical, resaltando da sua curva inferior garras leoninas, que formam os pés em que descansa a peça.

Ao centro dêste envasamento, cortando-o em toda a sua altura, interpõe-se uma corôa composta de dois ramos de carvalho levemente recurvados em oval, guarnecidos por *dez* fôlhas cada um, com sua baga em remate, atados pelos troncos que se cruzam, na parte inferior, por farta facha de pontas farpadas, cujas pregas se desatam a um e outro lado, em elegante disposição. O nó desta corôa prende-se um tudo-nada abaixo da linha inferior do friso, ornamentado de ramos graciosamente recurvados que partem das extremidades dele para o centro, e constituem os *rinceaux* a que acima nos referimos [2].

Já deixámos notado o desliz que se observa no modilhão

---

[1] Dos gémeos, o primeiro gerado é o segundo a vir à luz. Do facto nasceu, dizem crónicas, a colisão da côrte de França, no caso do segundo parto da Rainha Ana de Austria, dando inesperadamente à luz o indivíduo que passou na História sob a designação de *Homem da mascara de ferro*.

Como deixamos contado a págs. 86 e seg. do vol. XX desta *Revista*, Manoel de Faria e Sousa, lendo os **Lusíadas** por uma das edições gémeas do Poema (1572), só muito tarde deu por que havia outra *igual* edição, averiguando-se agora, por estes *Estudos* que foi justamente a edição *segunda*, a gémea contrafeita, de que êle até então fizera uso, a que êle ficou sempre crente que era a *primeira*...

[2] Em França diz-se o vocab. *rinceau* derivado do latim *ramex, ramicis*. Emprega-se para designar várias composições, em que predominem curvaturas elegantes, inflexões de plantas que se contornem sôbre si próprias, quer de modo natural, quer por efeito de qualquer obstáculo acidental.

Aplicam-se os *rinceaux* em escultura — e êste é o caso presente — a preencher o campo das tabelas, desenvolvidos segundo o gôsto dos artistas, em caprichosas e variadas curvaturas, umas das outras nascidas.

Com tudo isto, o vocábulo não alcançou tradução em português utilizando-o nossos artistas tal qual o tomam da origem.

esquerdo desta peça, consistindo no corte da fita da tabela pela terceira das fôlhas do aludido modilhão. Na cornija contam-se *dezesete* dentículos à esquerda do observador, e *quinze* à direita. A corôa, cuja maior largura é de 15^{mm}, cortando a cornija, vai atar o remate oposto ao nó na aresta superior dela, cruzando-se ai as pontas dos dois ramos, e repousando as duas fôlhas extremas e respectivas bagas, sôbre a mesma aresta, onde formam leve resalto. No espaço oval circundado pela corôa ostenta-se a **Espada-Cruz**, distintivo da Ordem, com seus dois gumes e seu punho floreteado [1].

Segue-se a primeira das duas *colunas;* a do lado *esquerdo* do leitor. Ordem Jónica. Altura desde a base ao ápice do capitel, 107^{mm}. Esta coluna, que pela sua estrutura, e pelo seu aspecto, se furta a toda a ideia de sólida resistência, que é consectário destas peças, apresenta-se dividida em duas partes,l igadas uma à outra por uma espécie de taça moldada em gomos, e voltada para baixo. A parte inferior da coluna, constituida por um cilindro estriado da esquerda para a direita do leitor, recebe em seu remate ou tampo o bocal da taça de forma circular que lhe assenta em cima. A parte superior da mesma coluna, de forma balaústral, apoia o bojo sôbre a convexidade do pé da referida taça. Na garganta do balaústre fixa-se o colchete, de onde se repartem a um e outro lado do seu colo, formando bôlso, as fachas que sustentam as armas traçadas por detrás dêle. Pendurado do mesmo colchete, suspende-se, voltada a viseira aberta para o centro da estampa, o capacete medievo que faz parte do troféu. Êste é composto por uma alabarda e uma espécie de massa ou insígnia de comando (?), traçadas em cruz de Santo André. Dos contos das respectivas hastes pendem as extremidades, rematadas em romãs escachadas, de um cordão, que as liga.

Resta uma dúvida. Como dissemos todo o desenho desta coluna mede 107^{mm}, ficando entre a parte inferior dela e a aresta do *stilobates* um claro da largura de 3^{mm}. O efeito desta anomalia é o figurar estar suspensa no espaço, sem apoio, a paciente, entanto que a sua parceira, medindo 11 cent. completos, assenta

[1] Esta lâmina de punho crucífero, com as extremidades da guarda rematadas por flôres de liz, colocada no lugar de maior evidência do *stilobates*, circundada pelos laureis que a emmolduram, imprimindo ao todo o aspecto de um soberbo medalhão, constitui a prova mais eloqüente que se poderia exigir de que o desenho em que figura foi expressamente empreendido para servir, gravado, à *Regra de Santiago* de 1548.

a base igual rente à linha da aresta do *stilobates*. É, portanto, mais alta que a sua parceira 3^{mm}. — Pergunta-se agora:

— ¿Não serão os 3^{mm} que faltam na primeira das duas colunas os correspondentes a um *dado* que a complete, e que por qualquer circunstância se não afirmou na gravura? Seriam, neste caso, iguais, com efeito, ambos os tarolos, mas faltaria à coluna da *direita* do leitor *dado* igual, visto como, sem êle, ela assenta normalmente sôbre o *stilobates*. De tudo isto se conclui que houve negligência no acertar desenhos que tinham de ser rigorosamente iguais.

Esta 2.ª *coluna* é, como a sua parceira, coroada por um capitel jónico, assente sôbre a sua cinta canelada e emmoldurada, entre o astragalo e o filete do sobredito capitel. No rosto do balaústre, onde há ornamentação igual à sua parceira, só o capacete, que é *greco-romano*, difere. Abre, porém, para a esquerda do leitor, em simetria com o seu fronteiro, mas sensivelmente mais pequeno do que êle. O cilindro estriado é mais alto e mais estreito do que o seu par, e é abraçado por 12 estrias, em vez de 11 que se contam naquele.

Apresenta-se, por derradeiro, ao minucioso, mas indispensável exame o *Frontão*, a 4.ª das peças componentes dêste frontispício, com os seus dois *Golfinhos* convergentes.

Já notámos a irregular distribuição das 18 estrias do friso, bem como a desigual repartição dos 17 óvulos da cornija, procedida da defeituosa posição do ninho do *Pelicano*.

Nunca é demais, enfim, repetir, de tantas vezes que o tem sido, que a volta que faz o colo dêste palmípede, virando contra o peito o bico ensangüentado é pela *esquerda* do leitor, e não pela *direita*.

*

Vejamos agora o segundo frontispício, o que por séculos passou por acobertar a edição *princeps* dos **Lusíadas**, do Grande Luís de Camões.

Para proceder com ordem, começaremos igualmente pelo:

Stilobates. Esta peça foi, como todas as que compõem a gravura original, *copiada por transparência*. Assim quantas anormalidades se observarem naquela gravura, todas se encontrarão nesta, mas do *lado oposto*. Por exemplo:

— Apresenta o desenho original o grave defeito de afrontar o modilhão do predito *stilobates*, do lado *direito* do observador, o cordão da moldura ornada em *rinceaux* dêsse mesmo lado,

cortando-o com a ponta da primeira das três fôlhas em que se desenvolve.

Confrontada a imperfeição com a sua cópia, vê-se que tal defeito passou para o lado *esquerdo* do falso *stilobates*.

Outro pormenor se nota, ou seja uma discrepância mais entre um e outro dos dois desenhos em confronto:

Tendo o uso dado ao pedaço de madeira onde o *stilobates* fôra gravado, moído o ápice das vergônteas da coroa que repousavam na aresta superior do *friso*, onde formavam o breve ressalto que apontámos, e que por tal facto terá desaparecido do exemplar que serviu para a subreptícia cópia, o falsificador, não entendendo o desenho, fechou a coroa exactamente rente à linha da aresta sobredita, e assim terminou breve e imperfeitamente as extremas das duas hastes onde, na gravura original, aparece o nó que as liga, encruzando-as [1].

Vejamos agora as:

Colunas: No falso frontispício, os *capacetes* esculpidos nestas *colunas* por transparência, pelo mesmo motivo da transposição, em vez de olharem *para dentro*, olham *para fora*.

Foi José Feliciano de Castilho o primeiro que notou esta diversa postura. Não deu, porém, o ilustre Director da Biblioteca Pública Nacional por outra alteração notável; — na gravura original debuxaram-se ambos os capacetes *de perfil*, e sensivelmente maior do que o seu fronteiro o *medieval*. Ora, na imitação fraudulenta, êste conserva a posição, ainda que invertida, como acaba de notar-se *supra*, enquanto que o outro, o *greco-romano*, se apresenta aberto, para fora, bem entendido, mas a *três-quartos*, e muito mais emplumado, muito mais *flamante* do que o original.

Dá-se agora o curioso caso de corrigir o falsificador as imperfeições do seu modêlo.

Vimos como o autor do desenho original da célebre portada, por um acto de inexplicável negligência, riscou e fez gravar uma coluna *mais alta* do que a outra.

Na imitação em análise, além das duas colunas se acharem muito mais regulares em medida (103^{mm} para cada uma), estão muito mais iguais entre si os respectivos diâmetros, do que os

---

[1] Nos exemplares que conhecemos do *Svmmario*, de Christovão Rodrigues de Oliveira, o nosso, que foi da livraria Nepomuceno, e o dos *Reservados*, da Biblioteca Nacional, e pertenceu ao agiólogo George Cardoso, ainda esta parte delicada da gravura se amostra intacta.

do verdadeiro original. Resulta do facto que as caneluras, ou estrias, que, em espiral, contornam os respectivos cilindros, são *onze* em cada um, entanto que, achando-se, na gravura original, o cilindro da coluna *esquerda* do leitor, *mais curto* do que o seu parceiro, se contam naquela *onze* estrias, e nesta *doze*, como o fixou a respectiva descrição.

Ainda estas estrias apresentam uma outra notável diferença, compreendida entre às *três* únicas por D. José Maria de Sousa Botelho encontradas em seu exame comparativo dos dois frontispícios; diferença que Trigoso, depois do Morgado, especializou também.—Ao passo que na gravura original estas estrias correm, em ambas as colunas, *da esquerda para a direita* do observador, segundo ficou mencionado, na imitação em exame observa-se o lançamento *inverso,* em ambas também. Quere dizer: é sempre a preponderância do mesmo facto, a transposição ao vidro, a causa das notadas divergências.

Temos agora que analisar o *Frontão* copiado, em confronto com o verdadeiro.

Neste notam-se óvulos e caneluras ou estrias que no imitado não condizem com iguais ornatos arquitectónicos, nem em *forma,* nem em *disposição,* nem em *número.*

No *friso* original há *dezoito* estrias, na imitação *trinta!* As primeiras são *rectangulares,* as segundas *quadradas,* afectando, em sua mal ordenada maioria, a forma de pequenos dados. Na moldura inferior da *cornija,* no *Frontão* original, contam-se *dezesete* óvulos, *nove* do lado direito do ninho, *oito* do lado oposto; irregularidade motivada, como notamos, pela inartística disposição do ninho.

A forma, porém, dêstes óvulos, em um e outro desenho, diverge, como pode divergir um bom e bem cuidado debuxo de uma cópia feita à pressa, e sem o menor intuito de seguir fielmente o original. Escusamos asseverar, por certo, que a vantagem da comparação é toda da gravura original.

Enfim, quem observar atentamente os *golfinhos,* no remate do frontão verdadeiro, verá que a curva dorsal dos dois cetáceos não é em ambos perfeitamente simétrica. Resulta do facto uma muito pronunciada divergência de atitudes entre um e outro. O da nossa *esquerda* olha em frente; pode julgar-se parado. O seu oposto inclina a cabeça para baixo e estica o corpo, como que prestes a mergulhar. Em contraposição, o bojo do *golfinho* parado é muito mais volumoso, do que o do seu parceiro, que eleva o ventre para o mergulho.

Se reportarmos todas estas observações à cópia, veremos que todas estas divergências têm nela inversa aplicação; é o *golfinho* da nossa *esquerda* que mergulha, estando pasmado o da *direita;* o dente do da esquerda é que se inclina, acompanhando o movimento da cabeça; o dente do da direita levanta-se para o ar.

Em suma, a diferença que tão só, quási, deu na vista, neste *segundo* frontispício, que todos, até Tito de Noronha, tomavam por *primeiro;* diferença pela qual os dois tem sempre sido designados, é o da inversa postura do colo do *Pelicano.* No frontispício original, êste palmípede apresenta, como temos dito e repetido, o colo voltado para a *esquerda* do leitor; na imitação, o colo do *Pelicano* volta-se para a *direita.*

*

Tendo cumprido o nosso propósito, isto é, tendo mostrado que o *Frontispício* que apresenta o *Pelicano* com o colo voltado pela *direita* do leitor, é que é o *segundo* executado, e, portanto, o subreptício, existindo, por outro lado, no primeiro a *prova* autêntica do destino que primitivamente teve; isto é, de ter sido feito para servir à edição da *Regra de Santiago* de 1548, vamos demonstrar num último subseqüente estudo que o desenho que tal *Frontispício* apresenta, longe de ser obra do capricho artístico de quem o desenhou, constitui a corroboração do destino que lhe fôra assinado, por isso que todos os atributos que nele figuram tem *significação arcana*, e pertencem, por isso, à linguagem simbólica usada pelos primeiros cristãos.

Junho, 1921.

GOMES DE BRITO.

Contos populares de Évora

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 100-107)

XXX—É porco ou polim?

Era um rapaz que veio à cidade vender o porco. E passou por um convento de frades e os frades estavam à janela e viram o porco e entraram a dizer uns para os outros:

—Vamos apanhar o porco àquele alarve?

E um começa a dizer para o rapaz:

—Ó rapaz, queres vender o polim?

—Isto não é polim, é um porco.

—¿Qual porco, então tu não vês que é um polim?

—Isto sempre foi um porco e toda a vida há-de ser um porco.

E é porco ou é polim, é polim ou é porco e começaram numa grande questão.

—Aposta-se: se for um polim ficas sem êle e se for porco nós damos-te tanto.

E apostaram e combinaram que o guardião é que havia de decidir.

E foram logo contar ao guardião e levaram o rapaz e o guardião e disse:

—É um polim, nao é porco.

E o rapaz perdeu a aposta e disse logo:

—Bem, vocês ficam com o porco, mas deixa estar que hão-de pagar o porco.

E tinha uma parenta na cidade e foi a casa dela e pediu-lhe emprestado um chaile, um lenço e uma saia, e à noitinha e vestiu-se de molher e entrou a passar à portaria do convento. E os frades entraram a ver aquela rapariga ora para baixo, ora para cima e um foi atrás dela:

—Então a menina precisa dalguma cousa?

—Ai, senhor Frei Fulano, eu não sou da cidade, nem conheço aqui ninguém e demorei-me muito e agora tenho mêdo de ir sózinha para casa a estas horas.

E diz logo o frade:

—Ora essa, mas isso a menina pode cá ficar no convento.

E ela pôs-se a finjir que não queria, mas tanto, tanto e foi com o frade.

E o frade foi dizer ao guardião e ela fazia-se muito envergonhada e disse que só se ficasse no quarto do senhor guardião.

E ficou no quarto do guardião; e não se queria deitar. E o guardião dizia-lhe:

—A menina esteja descansada que ninguém lhe faz mal.

—Só se o senhor guardião fôsse buscar as chaves do dormitório.

E o guardião foi buscar as chaves e deixou os frades todos fechados por fora.

E cá êle assim que o guardião voltou puxa dum vergalho:

—Então é porco ou é polim?

E deu-lhe uma grande sova que o frade ficou sem se poder mexer.

—Agora há-de-me dar para aqui um talego de dinheiro.

E o frade deu-lhe as chaves e êle encheu um talego de dinheiro e abalou.

E pela manhã o guardião não vinha abrir as portas e os frades tiveram de arrombar os fechos e vieram dar com o guardião:

—Ai, que a rapariga não era rapariga, era o rapaz do porco e deu-me uma grande sova.

E cá o rapaz e foi logo a casa da tal parenta e contou-lhe tudo e preparou-se e vestiu-se à moda da cidade e veio pôr-se a passear à porta do convento.

Nisto quando sai um frade a correr:

—Então há alguma novidade no convento?

—Ai, senhor, deu uma cousa ao nosso guardião e vou chamar o médico.

—Então aqui estou eu que sou médico.

—Ó senhor, foi Deus que aqui o trouxe.

E o rapaz foi a finjir de médico e assim que viu o guardião disse logo:

—Isto não é ataque, isto parèce mas é que levou uma sova.

E pediu papel e pena e como não sabia ler nem escrever e começou a escrever gatafunhos e dava a um frade:

—Vá, num instante, à botica de tal.

Escrevia outros gatafunhos e dava a outro:

—Vá à botica de tal aviar isto.

E assim os foi despachando até que ficou só outra vez com o guardião; e puxa pelo vergalho:

—Então é porco ou é polim? E dá outra sova no frade:

—Ó senhor, pelo amor de Deus não me acabe de matar.

—Então há-de pôr para aqui outro saco de dinheiro e amanhã há-de-me mandar a casa em tal sítio assim e assim dois talegos de dinheiro senão venho cá e acabo com você.

E o frade deu-lhe o talego de dinheiro e prometeu-lhe por tudo quanto havia que lá lhe havia de mandar os outros dois.

E êle abalou e foi comprar dois hábitos velhos e foi caminho de casa.

E cá os frades iam aviar as receitas e na botica e não entendiam aqueles gatafunhos.

E quando voltaram deram com o guardião naquele estado:

—Ai que o doutor não era doutor, era o rapaz do porco e deu-me outra sova e lá levou um talego de dinheiro e quere que amanhã lhe levem mais dois talegos e que senão que vem cá acabar de me matar.

E dois frades já muito velhinhos e ofereceram-se para ir levar o dinheiro para salvarem o seu guardião.

E assim foi e no outro dia os dois frades lá foram cada um com o seu talego de dinheiro.

E era muito lonje e estava a chover e os frades chegaram lá já de noite com muito frio e com muita vontade de comer. E êle quando os viu mandou fazer uma grande ceia e mandou-os assentar à cheminé.

E já tinha enchido os hábitos com palha e pendurou-os à cheminé.

E um dos frades e olha para cima e quando viu aqueles dois frades pendurados e disse para o outro:

—Olha a sorte que nos espera!

E o rapaz obrigou-os a cear e disse à mãe para fazer cama de lavado:

—Agora, vejam lá, tenham cuidado não borrem a cama, senão vocês é que pagam o porco.

E os frades foram-se deitar e disse um para o outro:

—Tu vê lá o que fazes!

—Eu cá não, vê lá tu o que fazes!

E combinaram deitar-se costas com costas.

E o rapaz mandou fazer uma tacha de papas e quando os apanhou a dormir e foi deitar as papas mornas entre os dois e tirou-lhes o fato e deixou-os ficar.

Lá de madrugada um dos frades acorda e sentiu frio e chama o outro e assim que viram aquilo e trataram de fojir; vão à busca da roupa e como não a acharam e fojiram em ceroulas e camisa a caminho do convento e chegaram lá meio mortos e os

frades nunca mais tiveram vontade de se meter com quem passava e bendito louvado conto acabado.

(Colhido em Évora, Agosto 1921).

XXXI — Tico-Taco

Era uma molher casada e ia à missa ao convento, e quando estava à missa passava um frade e dizia-lhe:

— Tico.

E ela veio dizer ao marido, e o marido diz-lhe:

— Olha, quando êle te disser: tico, diz-lhe tu: taco.

E assim foi; no outro domingo o frade vem e diz-lhe:

— Tico.

— Taco.

— Ó menina, posso lá ir à noite?

E ela veio para casa e contou ao marido e diz-lhe o marido:

— Diz-lhe que sim e que traga um saco de dinheiro.

No outro domingo o mesmo:

— Tico.

— Taco.

— Ó menina, posso lá ir à noite?

— Sim senhor, mas leve um talego de dinheiro.

E à noite o frade foi com o talego de dinheiro. E, mal tinha acabado de entrar, batem à porta:

— Ai, senhor Frei Fulano, que é o meu marido; meta-se aí para o pé da atafona.

E o marido entrou e já de combinação e disse para a molher:

— Então já meteste o macho à atafona?

E ela e disse logo:

— Ó marido, deixa lá a atafona que eu já arranjei tudo.

— Mas o macho não anda; arre, macho.

E o frade ouviu aquilo e começou a puxar à atafona.

E foram-se deitar; e, quando a atafona parava, o marido punha-se logo a gritar:

— Não sei o que tem o macho que não quere andar; arre, macho; olha que eu vou lá dar-te duas chicotadas.

E o frade não tinha mais remédio senão andar.

E toda a noite moeu e moeu um saco de farinha e pela manhã ela lá o foi deitar fora.

E no domingo seguinte ela foi à missa e quando viu o frade e disse-lhe:

—Tico.

E o frade que ainda se lembrava do que lhe tinha acontecido e respondeu-lhe logo:

—Nem tico nem taco
que por causa do tico-taco
já eu moí um saco.

E nunca mais lá quis tornar e bendito louvado conto acabado.

(Colhido em Évora, Agosto 1921).

XXXII—As três améndoas

Uma molher para se casar disse ao noivo que, em todo o dia, só comia três améndoas:

—Como êle é isso, assim então casamos.

E casaram.

E o marido comprou um papeluço de améndoas e todos os dias lhe dava três améndoas. E ela quando o marido vinha para o jantar:

—Olha, marido, tem paciéncia, hoje não tens jantar; o gato veio, tombou a panela e entornou-se o jantar.

E o marido voltou para o trabalho sem jantar.

No outro dia o mesmo e o marido a mesma cousa e teve de ir sem comer.

Ao terceiro dia o mesmo e êle queixou-se à vezinha; e diz-lhe ela:

—Olhe, pegue lá estas quatro bonecas e ponha cada boneca ao seu canto da casa e deixe.

E êle no outro dia fêz o que a vezinha lhe tinha ensinado e foi para o trabalho.

E cá ela pôs o jantar ao lume e quando eram horas e vai á panela e toca de destapar e quando ia a tirar quando uma boneca diz:

—O que vai ela fazer?

E diz a outra:

—Vai comer.

E disse a outra:

—Ora é bem tôla.

E responde a outra:

—Sem o seu marido saber.

E ela ouviu aquilo e tapou a panela, e pôs-se a olhar e não viu ninguém.

E daí a bocadinho o mesmo; ela ia para comer e ouvia àquelas vozes:

—O que vai ela fazer?

—Vai comer.

—Ora é bem tola.

—Sem o seu marido saber.

E ficava-se.

E veio o marido e ela tinha o jantar.

E o marido comeu o jantar e deu-lhe uma grande sova e ela daí em diante começou a comer deveras, e bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora, Agosto 1921.

XXXIII—Padre-Mestre sem Cuidados

Era um padre e tinha uma quinta e por cima do portão da quinta tinha um letreiro a dizer: Padre-Mestre sem Cuidados.

E o rei foi a uma caçaria e passou por ali e viu àquele letreiro e mandou chamar o padre a palácio:

—Então tu é que és o Padre-Mestre sem Cuidados?

E o padre disse-lhe que sim.

—Pois vou-te dar cuidados: olha, tal dia assim e assim, hás-de cá vir e tens que me dizer quanto pesa a terra, quanto valho eu e em que é que eu estou a pensar, e se não vais a morrer.

E o padre quando ouviu aquilo e caíu-lhe o coração aos pés e veio para casa muito triste e não comia, nem bebia, nem falava a ninguém.

E tinha um moleiro e o moleiro teve que vir à do padre e quando o viu naquele estado e preguntou-lhe o que é que êle tinha e o padre não dizia nada, mas o moleiro tanto, tanto e o padre contou-lhe tudo.

E o moleiro entrou a rir e disse-lhe:

—Então é por amor disso que o Senhor Padre-Mestre sem Cuidados está com tantos cuidados? Eu lá vou em seu lugar.

E foi; no tal dia rapou a cara e vestiu o fato do padre e

foi a palácio, que estava ali o Padre-Mestre sem Cuidados para falar a Sua Majestade.

E mandaram-no entrar e o rei disse-lhe:

—Bem, então vamos lá a ver a resposta que me trazes: quanto pesa a terra?

—Ora, mande V. Majestade tirar-lhe as pedras tôdas de cima, que eu digo-lhe logo quanto pesa.

E o rei achou aquela resposta muito boa e preguntou-lhe:

—E quanto valho eu?

—Também é fácil: Cristo foi vendido por trinta dinheiros; V. Majestade está logo abaixo; deve valer vinte e nove.

E o rei achou aquela resposta também muito atinada e preguntou-lhe:

—E o que é que eu estou a pensar?

—Ora, V. Majestade está a pensar que está a falar com o Padre-Mestre sem Cuidados e está a falar com o seu moleiro.

—É verdade, agora é que eu vejo que não és o Padre-Mestre sem Cuidados e, como és assim tam esperto, ficas cá ao meu serviço: hás-de ir para o meu moinho e todos os anos o moinho vai por água abaixo e eu quero saber quando isso fôr e se cá me vens dizer que o moinho foi por água abaixo mando-te matar.

E assim foi; o moleiro foi para o moinho. E lá no inverno veio a cheia e o moinho foi por água abaixo.

E o moleiro veio logo a palácio e o rei mandou-o entrar. E o moleiro e começa a abrir os braços e a fazer:

—Xe... xe...

E o rei não o entendia e nisto lembra-se e diz-lhe:

—Ah! já te entendo, lá foi o moinho por água abaixo.

E o moleiro responde-lhe logo:

—V. Majestade é que o disse, não fui eu.

E o rei achou-lhe muita graça e mandou-o embora e o Padre-Mestre sem Cuidados cá ficou muito contente e assim foi, bendito louvado, está o meu conto acabado.

Colhido em Évora, Agosto 1921.

XXXIV—Assim também eu sabia

Era uma molher que casou e era muito desmazelada e ia, todos os dias, preguntar à vezinha como se fazia o comer, e a vezinha ensinava-lhe e ela respondia sempre:

— Assim também eu sabia.

E a vezinha já farta daquela resposta e disse que havia de a ensinar.

E duma vez a molher quis fazer sardinhas albardadas e foi preguntar à vezinha:

— Ó vezinha, como é que se fazem as sardinhas albardadas?

E a vezinha e diz-lhe:

— Olhe, vezinha, amanham-se muito bem e depois põe-se-lhe a albarda do burro em cima.

E ela responde logo:

— Assim também eu sabia.

E veio o marido para casa e ela pôs-lhe na mesa as sardinhas cruas e o marido deu-lhe uma grande sova e ela nunca mais deu aquela resposta à vezinha, e bendito e louvado, conto acabado.

Colhido em Évora, Agosto 1921.

XXXV — O dia que choveu chouriços

Era um trabalhador que andava a trabalhar ao pé duma estrada. E passou um homem a cavalo e deixou cair uma mala. E êle foi a ver e a mala estava cheia de riqueza; e pegou na mala e trouxe-a para casa e escondeu-a no caixão que estava à entrada da porta.

E a molher era muito esparvoada e êle com mêdo que a molher não se calasse e foi comprar uma lebre e trouxe-a para casa e disse à molher:

— Já viste, molher, a lebre que caçou o nosso galo?

E a molher acreditou que tinha sido o galo que tinha caçado a lebre.

E o marido, ainda com mêdo, e à noite foi enterrar a mala e foi comprar uma grande porção de chouriços e sem a molher ver pendurou-os na figueira e espalhou-os pelo chão do quintal. E no outro dia pela manhãzinha a molher vai ao quintal e quando ela vê tanto chouriço e vem para dentro:

— Ai, marido, esta noite choveu chouriços; anda cá ver o nosso quintal.

E o marido veio também ver os chouriços e andaram a apanhar os chouriços.

E o homem da mala e foi queixar-se à justiça que tinha perdido uma mala num tal sítio assim e assim.

E o marido foi a preguntas e disse:

—Eu cá não vi tal mala.

E o homem da mala ateimava que naquele sítio é que a mala tinha caído.

E vieram buscar a molher e o marido disse logo:

—Ó senhor juiz, olhe que a minha molher é esparvoada e não diz cousa com cousa.

E veio a molher e o juiz preguntou:

—Então vocemecê deu razão duma mala assim e assim?

E ela disse logo:

—Sim, senhor juiz, o meu marido escondeu essa mala no caixão que está à entrada da porta.

E pregunta-lhe o juiz:

—E lembra-se em que dia foi?

—Lembro, sim, senhor juiz, olhe foi naquele dia em que o meu galo caçou uma lebre.

E o juiz entrou-se a rir e tornou-lhe a preguntar:

—Mas em que dia é que foi isso?

—Olhe, senhor juiz, foi na véspera daquela manhã em que choveu chouriços.

E o juiz mandou o homem e a molher embora e o homem lá ficou com a riqueza tôda, e bendito e louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, Agosto 1921).

XXXVI—A velha da faveira

Era uma velhinha muito pobrezinha e ia andando e achou uma fava. E veio para casa e semeou-a no quintal e nasceu uma faveira e a faveira foi crescendo, crescendo e já estava muito alta. E a velha sobiu pela faveira acima e foi sobindo, sobindo e chegou ao céu. Veio de lá S. Pedro:

—Então o que é que queres, ó velha?

—Ora, Senhor S. Pedro, eu sou muito pobrezinha e vinha pedir uma esmola.

—Pega lá esta toalha; em querendo comer diz: estende-te, toalha.

E a velha veio muito contente para casa:

—Estende-te, toalha.

Estendeu-se a toalha e apareceu muito de comer; ela comeu até não ter vontade e tornou a fechar a toalha e lá ficou muito bem.

E no domingo quis ir à missa e com mêdo que lhe tirassem a toalha foi à da vezinha:

— Ó vezinha, guarde-me esta toalha enquanto eu vou à missa mas não diga: estende-te, toalha.

E foi para a missa. E cá a vezinha, morta de curiosidade, vai:

— Estende-te, toalha.

Ora apareceu-lhe muito de comer.

E foi e arranjou uma toalha parecida com a outra e quando a velha voltou e deu-lhe a toalha.

E a velha veio para casa:

— Estende-te, toalha.

Nada.

— Estende-te, toalha.

E qual toalha! A toalha não se estendia.

Tornou pela faveira acima. Veio de lá S. Pedro:

— Então o que é que queres, ó velha?

— Ora, Senhor S. Pedro, tenho que andar às esmolinhas; a toalha já não se estende.

— Bem, pega lá esta bôlsa; em querendo dinheiro diz: abre-te, bôlsa.

E a velha veio muito contente para casa:

— Abre-te, bôlsa.

Abriu-se a bôlsa e apareceu muito dinheiro; e ela foi comprar o que precisava e ficou muito bem.

E no outro domingo quis ir à missa e com mêdo que lhe tirassem a bôlsa foi à da vezinha:

— Ó vezinha, guarde-me esta bôlsa enquanto eu vou à missa, mas não diga: abre-te, bôlsa.

E foi para a missa.

Ora a vezinha foi logo:

— Abre-te, bôlsa.

E apareceu-lhe muito dinheiro.

Tratou logo de ir ver se comprava uma bôlsa parecida enquanto a velha estava na missa e lá arranjou uma bôlsa e quando a velha voltou deu-lhe a bôlsa.

E a velha veio para casa:

— Abre-te, bôlsa.

— Abre-te, bôlsa.

E a bôlsa não se abria.

Torna pela faveira acima; veio o S. Pedro:

— Então o que é que queres outra vez, ó velha? Já te dei

uma toalha para teres de comer, já te dei uma bôlsa para teres dinheiro; o que é que lhe fizeste?

E a velha contou-lhe que tinha ido à missa e que tinha deixado a toalha e a bôlsa em casa da vezinha:

—Ah! êle é isso? Então pega lá esta varinha e no domingo, quando fores para a missa, hás-de ir à da vezinha e diz-lhe para te guardar esta varinha e que não diga: desanda, varinha; e, quando voltares da missa, pede-lhe a toalha e a bôlsa.

E assim foi: a velha, quando ia para a missa, e foi à da vezinha:

—Ó vezinha, guarde-me esta varinha enquanto eu vou à missa, mas não diga: desanda, varinha.

A vezinha, assim que a velha dá costas:

—Desanda, varinha.

Ora a varinha começa a desandar e, enquanto a velha esteve na missa, esteve ela a apanhar uma sova e, quando a velha voltou, ela teve de lhe dar a toalha e a bôlsa e a velha lá fêz parar a varinha e lá ficou muito bem, e bendito louvado, conto acabado.

(Colhido em Évora, Agosto 1921).

BERNARDINO BARBOSA.

Camões e a lingua portuguêsa [1]

(Extracto de uma conferencia por F. Adolpho Coelho)

No momento em que Portugal, evocado pelo nome de Camões, sacode a indiferença que geralmente tem pelo seu passado, pelas suas tradições, é um dever de todos os que estudam esse passado, essas tradições, explicar aos seus concidadãos os elementos da consciencia e da vida nacional. Entre esses elementos a lingua ocupa um dos primeiros logares: é ela a feição mais caracteristica da nossa individualidade, uma linha de marcação mais forte que as fronteiras que nos separam sempre de Castela.

O assunto da conferencia é a origem e a historia da nossa lingua e o papel que Camões exerceu com relação a ela.

No I canto dos *Lusiadas*, entre as qualidades que tornam os portuguêses semelhantes aos romanos, e pelas quais Venus está a seu favor, mencionou Camões

> ... a lingua, na qual quando imagina
> Com pouca corrupção crê que é a latina.

Camões repete aqui a opinião dominante no seu tempo com relação á origem latina da nossa lingua; mas essa opinião foi combatida posteriormente, quando, entre nós, se renovaram os estudos historicos pela introdução de novos metodos, por A. Ribeiro dos Santos, A. Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro, e, por ultimo, por D. Francisco de S. Luis.

Estes pensavam que o latim não se implantara na Peninsula; para êles o português seria uma das linguas faladas na Peninsula anteriormente ao dominio romano, apenas alterada e misturada com elementos trazidos pelas invasões de que a historia nos dá noticia. Mas Camões não errou: o português

---

1 [Contém este artigo parte de uma conferencia efectuada pelo autor na Sociedade de Geografia de Lisboa nas festas preliminares do Centenario de Camões. A conferencia constou de tres partes, como se diz no jornal d'onde o artigo se extrai, mas parece que só se publicou uma, que é a presente. — Creio que se presta homenagem á memoria do sabio Professor Adolfo Coelho, e se ministra a um ou outro estudioso materia instrutiva, reproduzindo um artigo, que, por ter aparecido no jornal, que pouca gente guarda, póde como que considerar-se inedito: o autor condensa aí algumas ideias que tinha dispersas por outras obras. — J. L. de V.]

como o hespanhol, o provençal, o francês, o italiano e outras linguas ainda, de menos importancia literaria, são o latim modificado no tempo e no espaço; não são filhas do latim, porque uma lingua não morre deixando descendentes; essa expressão figurada pode levar a uma erronea concepção dos factos: essas linguas são o proprio latim.

Mas o que era a lingua latina? Numa epoca que a cronologia não pode fixar, habitava na Asia Central, na bacia Turquestanica, um povo de raça branca que se achava num estado adeantado de civilização, tendo passado já da vida nomadica para a sedentaria, construindo casas, conhecendo os principais animais domesticos, tendo uma familia organizada sôbre bases morais, como o monogamismo, o respeito da mulher que já não era uma escrava, mas a senhora, etc.

Esse povo não formava uma grande nacionalidade unitaria, mas era constituido por grupos, tribus com chefes independentes, reconhecendo-se irmãos pelo tipo fisico, pelos costumes, crenças, tradições e principalmente pela lingua. Esta lingua era o mais belo instrumento que o homem tem creado para a expressão do seu pensamento; tinha oito casos, uma voz passiva, quatro modos, seis tempos nos verbos; as palavras formavam-se por derivação e composição, seguindo processos simples e regulares.

Uma invasão estrangeira, provavelmente cerca de 3.000 anos antes da nossa era, ao que se calcula, dividiu esse povo em dois ramos, um dos quais, tendo vivido na Asia, em unidade secundaria assás longo tempo, se subdividiu em dois ramos: um, que avançou até á India, onde se fixou, tendo conquistado e assimilado povos que ali achou estabelecidos; outro que achamos na historia com o nome de persas e de medos [1].

Da outra fracção sairam os povos, que, com o nome de helenos ou gregos, latinos, umbros, samnitas e outros compreendidos hoje sob o nome de italiotes, celtas, germanos e slavos se

---

[1] [A ideia de que o povo indo-europeu proveio da Asia Central está ao presente muito abalada, ou posta de parte. A ideia predominante agora nos especialistas é que a patria primitiva indo-europeia se deve buscar na Europa, ou na fronteira que fica entre a Europa e o SO da Asia. Vid. Brugmann, *Abrégé de gramm. comparée des langes indo-europ.*, Paris 1905, § 12. Por brevidade omito a menção de outros trabalhos. — Adolfo Coelho, que era espirito amigo da verdade e progressivo, não se exprimiria hoje como se exprimia em 1880; por isso não aceitem os leitores á letra o que ele disse das origens indo-europeias e da explicação que dá da ramificação asiatica do indo-europeu, embora esta seja exacta (lingua indiana, e lingua iraniana). — J. L. DE V.]

nos apresentam sucessivamente na historia da Europa onde êles se misturaram com outros que aqui os tinham precedido, impondo-lhes, quasi por toda a parte, a lingua e costumes.

Pela comparação [1] das linguas destes povos reconheceu-se que elas representavam o mesmo tipo primitivo,—a lingua que êles falavam antes de sua separação na Asia Central,—e que esse tipo se tinha diferenciado no tempo e no espaço, segundo leis, e não pelo capricho do acaso. O descobrimento e demonstração deste facto é uma das maiores conquistas da sciencia.

O latim como os dialectos umbro-sabelicos (os dialectos dos umbros, dos samnitas, dos marsos, dos volscos, etc.), representam uma lingua italica, unitaria, intermedia entre êles e a lingua primitiva comum. O latim não era a principio mais do que o dialecto do Lacio, essa pequena região de 272 quilometros quadrados destinada á conquista do mundo. Quando começou a conquista da Italia pelos romanos, muitas outras linguas eram faladas naquela peninsula: alem dos dialectos umbro-sabelicos, estreitamente aparentados ao latim, falava-se na extremidade sueste o messapio; falava-se o grego em importantes colonias do continente e da Sicilia; o etrusco, ainda hoje misterioso para a sciencia, era a lingua da Etruria; no vale do Pó falava-se o celtico; o ligure vivia ainda numa pequena zona entre o Pó e o golfo ligustico. A guerra social, ultimo esforço dos povos umbro-sabelicos para se organizarem numa tardia unidade, serve de data ao começo de estertor das linguas desses povos; é então tambem que Etruria e etruscos se convertem em simples designações geograficas pela ruina da literatura, da lingua, e perda das ultimas aspirações á independencia dessa outrora poderosa rival de Roma. No fim do primeiro seculo da nossa era, senão antes, a unificação linguistica da Italia pelo latim era completa. O dialecto ou dialectos celticos da Galia Cisalpina parece terem resistido bastante ao latim; mas já Vergilio, o mantuano, e Tito Livio, o patavino, o primeiro poeta e o primeiro historiador de Roma, são celtas.

As guerras punicas chamaram os romanos á conquista da Peninsula Hispanica. Da vinda de Publio Scipião no ano 211 antes da nossa era é que data o começo do dominio romano nesta região; mas só dois seculos depois, no tempo de Augusto, é que esse dominio devia ser completo.

---

[1] [Estava impresso *composição*].

A romanização e latinização da Peninsula encontrou resistencias, diferentes em grau; numas partes operou-se mais dificilmente que noutras; mas o latim chegou a fazer desaparecer, talvez ainda antes do segundo seculo da nossa era, todas as linguas faladas pelos povos hispanicos, excepto na região pirenaica, onde achamos o basco ou euscaro, evidentemente um representante dessas antigas linguas.

Os romanos encontraram na Peninsula, alem de colonias de origens diversas, dois povos principaes, distintos pelo tipo fisico, pelos costumes e pela lingua, num dos quais, a que deram o nome de iberos, viram os descendentes dos primitivos habitadores, noutro reconheceram irmãos dos celtas das Galias. A antiga etnologia peninsular, apesar de se ter escrito muito sobre tal assunto, ainda não foi estudada scientificamente nos seus diversos elementos; são numerosas as hipoteses, as invenções fantasticas, neste campo, mas faltam as demonstrações tiradas de um exame metodico, paciente, dos factos antropologicos, arqueologicos, historicos e linguisticos; ha assim muito encontradas teorias com relação á distribuição dos celtas e do povo chamado iberos, na Peninsula; nessas teorias demais não se atende em regra a um ponto essencial—as diferenças das epocas. Os nomes proprios de logares, os nomes de pessoas e divindades, tirados das inscrições latinas achadas nos territorios da Lusitania e da Terraconense que constituem o nosso Portugal, provam a existencia aqui de um elemento celtico preponderante (o que está de acordo com outros testemunhos), pelo menos para o periodo a que pertencem essas inscrições, periodo em que se operaram sem duvida translações nas populações peninsulares, mas em que o caracter essencial dessas populações resultava de condições anteriores.

Celtas e iberos demais não podem de modo algum ser considerados como representando tipos etnicos puros. Os iberos, predecessores dos celtas, tinham já absorvido camadas anteriores de população, que nos são reveladas pela arqueologia e antropologia pre-historica; os celtas, emigrantes da Galia, quando aqui chegaram, não podiam vir puros de misturas diversas; iberos e celtas assimilaram, pelo seu maior numero, pouco e pouco, os colonos gregos, fenicios, a gente de varias origens que a conquista romana trazia, etc.

O predominio, não a persistencia isolada de tal ou tal elemento, os diversos graus de suas combinações explicam as diferenças locais.

A latinização foi muito mais facil onde o latim encontrou um dialecto celtico. Os nomes proprios peninsulares de origem celtica mostram que o dialecto ou dialectos celticos aqui falados se achavam ainda num estado de consonantismo e vocalismo muito semelhante àquele em que então estava o latim, o que facilitou a vulgarização deste ultimo.

Pode-se asseverar *á priori* que o latim falado geralmente na Hispania, como nas outras partes onde os romanos propagaram a sua lingua, não era a lingua classica de Cicero e Vergilio: em toda a parte, ao lado da lingua literaria existe a linguagem popular, incorrecta, tendendo á transformação.

Pretendeu-se que esse latim vulgar, popular, a que os gramaticos antigos por vezes aludem, diferia consideravelmente, era uma lingua á parte da literatura, não tinha, por exemplo, casos, etc.

Essa opinião resulta de se confundirem as fases da historia da lingua latina e as relações diversas em que nessas fases se achou a lingua popular. O latim vulgar, a lingua falada, viva, do imperio do ocidente, e dos povos que surgiram nas suas ruinas só a poderemos conhecer directamente na sua fase actual: é o português, o hespanhol, o francês, o provençal, o italiano, etc., do nosso tempo; todas as fases anteriores só as conhecemos indirectamedte pela representação na escrita, sempre imperfeita. O latim classico existe ainda como lingua literaria.

Determinadas as diferenças nos sons ou foneticas, nas formas ou morfologicas, na sintaxe e no lexico, entre as linguas em que o latim se transformou e o latim classico, todo o problema linguistico está em saber como, quando, onde e porque se operaram essas diferenças.

Na prosodia a vitoria do acento sobre a quantidade, a persistencia do logar do acento, tiveram por consequencia a gravitação dos outros elementos da palavra para a silaba acentuada; d'aí as sincopes, as contracções que se observam na comparação das palavras portuguêsas com as latinas classicas. Nas consoantes a tendencia geral é passagem dos sons fortes para os sons fracos, e supressão dos sons fracos. Na morfologia a perda ou antes a redução das fórmas de declinação a dois tipos, um para o singular outro para o plural, é a diferença mais importante.

Esses factos de diferenciação não são o resultado do acaso, do capricho; vê-se nêles ao contrario a acção de leis. As excepções explicam-se tambem, pelo menos em grande parte. No antigo português, que podemos estudar como lingua escrita

desde o fim do seculo XII, observam-se já perfeitamente definidos os caracteristicos essenciais do português moderno com relação ao latim classico e ás outras linguas neo-latinas.

Desde essa epoca a lingua portuguêsa experimentou menos alterações que o hespanhol, como já reconheceram Delius e Diez, muito menos que o francês e outros dialectos da mesma origem.

As modificações mais consideraveis que desde então se deram em nossa lingua consistem na mudança das antigas desinencias em *-om* para *-am*, *-ão*, e da perda do *d* nas formas verbais como *amades*, *amaes;* essas modificações realizam-se no fim do século XIV e começo do XV; verifica-se aqui a lei de que *a marcha da transformação de uma lingua está em razão directa com o grau de actividade historica do povo que a fala, e em razão inversa com o grau de cultura literaria.*

O conferente combateu diversas teorias com relação ao logar e epoca em que se teria formado o português, o hespanhol, etc.; teorias entre as quais avultam a de que o português se destacara do fundo latino ou do castelhano com a nossa nacionalidade; e a de que êle seja um representante de dialecto dos godos das Asturias e a de que, como as outras linguas romanicas, se formasse ao choque das invasões germanicas.

Todas essas teorias estão já fora do campo da sciencia, como o conferente tem mostrado em diversos trabalhos e noutros que prepara.

A lingua portuguêsa, como dialecto distinto do castelhano, é um facto muito anterior á formação da nacionalidade portuguêsa.

Nos documentos em latim barbaro anteriores ao seculo XII e que nos foram conservados em grande numero a partir do seculo IX, mas que infelizmente decorrem só da região ao norte do Mondego, transparecem a cada passo formas da lingua falada com os caracteristicos de português.

Da região ao sul do Mondego podemos estudar os nomes proprios que remontam ao dominio arabe, ou lhe são ainda anteriores, que revelam a acção das tendencias foneticas caracteristicas do português, tendencias que do começo seguiram uma direcção determinada, distincta da do castelhano. O conferente mencionara já a proposito do lexico, o facto notavel de que nêle se acha um limitadissimo numero de fórmas puramente castelhanas, como *lhano* ao lado de *chão, frente* por *fruente*, ao lado de *fronte.* Afirmou ultimamente um mancebo de talento, o sr. Oliveira Martins, que Portugal era uma nação producto da

vontade, sem condições etnicas e geograficas de independencia. Essa opinião, puramente subjectiva, está em oposição com o que Hegel, Kohl e Réclus escreveram a este respeito. O conferente leu uma belissima passagem deste ultimo escritor, em que se mostra á evidencia como a região portuguêsa forma uma unidade perfeitamente distinta e oposta ao grande corpo da peninsula iberica. A lingua confirma completamente o que os filosofos e os geografos citados pensam. A sua notavel uniformidade, quasi completa, desde o Minho até ao Guadiana, uniformidade que se demonstrou existir na mais alta idade media, só se explica pela unidade de interesses, de costumes, de tradições, de industrias, de aspirações determinadas pelas condições geograficas; a oposição entre o português e o castelhano explica-se tambem por essas mesmas condições.

Observaremos que o conferente tratou apenas incidentemente e sob um ponto de vista meramente scientifico esta questão; por isso, sem duvida, e para evitar o terreno das questões politicas, é que talvez não mencionou que a Galiza, que tem comnosco de comum a lingua, e que é uma continuação natural da zona geografica portuguêsa, podia muito melhor formar com Portugal uma nação do que Portugal com Castela.

Segundo uma opinião firmada entre nós por um nome ilustre, as diferenças essenciais que existem entre o português e em geral entre as linguas romanicas e o latim classico, existiam já no latim vulgar, por exemplo a falta de casos da declinação, de certas formas verbais. É mister, como já disse, distinguir os tempos. Uma asserção que pode ser verdadeira para o latim do seculo V ou do seculo VI da nossa era pode ser falsa para uma epoca anterior. É mister tambem distinguir os lugares. Na França, por exemplo, conserva-se até ao seculo XIV uma declinação de dois casos para o singular e dois para o plural. Se no periodo em que a lingua latina passou a ser lingua escrita não existissem no falar popular todas as formas da declinação e da conjugação empregadas pelos escritores, onde iriam estes busca-las? Inventa-las-hiam? Mas a comparação de todas as formas de declinação que êles empregam com as das outras linguas indo-europeias, prova que a maior parte dessas formas, por exemplo, todas as de declinação, remontam ao periodo unitario asiatico ou á unidade italica, por exemplo os perfeitos com *-ui* e *vi;* os seus elementos, pelo menos, todos provêm do periodo asiatico.

Essas formas passaram, pois, todas da lingua popular para

a literaria, que na epoca classica as fixou, abandonando o que estava de todo morto na linguagem do povo, como o ablativo antigo em *d*, que os escritores do seculo de Augusto não foram desenterrar aos velhos monumentos da lingua, prova de que êles não queriam criar uma lingua incompreensivel ao povo. Como compreenderia este as obras que se lhe representavam nos teatros? Quem, senão um pequeno numero, poderia ler as inscrições correctas que se erigiam por toda a parte, se a nossa lingua diferisse em pontos essenciais da literaria? Desde a epoca a que remontam as mais antigas inscrições latinas achamos, porem, já manifestarem-se as causas das transformações ulteriores da lingua popular: o acento ganhou importancia sobre a quantidade, o equilibrio das diversas silabas das palavras tende por isso a perder-se; as sincopes das vogais são frequentes; os grupos consonanticos simplificam-se; os ditongos mudam-se ou tendem a mudar-se em vogais simples; as consoantes fortes mudam-se em brandas; as silabas finais e principalmente as consoantes finais obscurecem-se na pronuncia, deixando de ser frequentes vezes escritas, e portanto pronunciado o *s* e o *m* finais dos casos, o que dava a confusão de varios casos; o *d* caracteristico do ablativo desaparece totalmente.

Assim no latim arcaico manifestam-se já em germen os fenomenos mais importantes que separam o português e as outras linguas romanicas do latim classico.

Os escritores organizaram pouco e pouco uma lingua assás uniforme, por oposição á lingua vulgar, sincretica, de um lado arcaica, do outro inovadora. Pela extensa cultura literaria dos romanos a sua lingua escrita poude opôr assim uma barreira á marcha revolucionaria da lingua popular; a relaxação e perda final da unidade do imperio, a decadencia da cultura, para a qual contribuiram mais que qualquer outra cousa as invasões germanicas, tirou todas as peias a essa marcha, e do seio do latim vulgar foram evolvendo pouco e pouco dialectos determinados nos seus limites geograficos pelas condições naturais e sociais, pela maior ou menor comunidade ou oposição de interesses, caracterizados nas suas tendencias foneticas pelo meio, pelos habitos de pronuncia exagerados num ou noutro sentido, e por outros determinantes ainda não estudados, mas conservando quasi por igual os mesmos restos da antiga fase comum, o que prova que o latim vulgar no momento da queda do imperio era quasi uniforme por toda a parte. As linguas romanicas, fases modernas de um idioma cujas antigas fases literarias po-

demos estudar em numerosos monumentos, que têm exercido consideravel influencia sôbre o espirito moderno, de que nunca chegou a haver inteiro desconhecimento na idade media e que na sua forma antiga é a lingua da igreja, a lingua empregada num grande numero de escritos modernos, as linguas romanicas oferecem os productos de duas correntes diversas: a popular, pela qual lhes vieram os elementos latinos transmitidos pela tradição oral, submetidos ás leis de transformação espontanea, e a corrente erudita que enriquece o seu vocabulario com termos tirados directamente do lexico do latim classico ou forjados pelos tipos classicos, ou que modifica a sintaxe por uma imitação de sintaxe classica. Essa corrente erudita existiu sempre, mas é a partir do seculo XV, e principalmente no seculo XVI, que ela se manifesta com mais energia. D'ela resulta, por exemplo, que uma palavra latina se apresenta com duas formas: uma popular, alterada segundo as tendencias da lingua, outra literaria, apenas acomodada á pronuncia e desinencias da lingua moderna; é assim que temos *coalhar* ao lado de *coagular*, *frio* ao lado de *frigido*. Perdeu-se pelo mesmo motivo a forma antiga popular de muitas palavras; dizia-se antigamente *craro*, *pubrico*, *coonha*, *bautizado;* hoje dizemos, *claro*, *publico*, *calunia*, *baptizado* por imitação do latim classico. Sôb o ponto de vista da influencia exercida pela erudição sobre a lingua, a historia desta divide-se em dois periodos: o de sincretismo, caracterizado por uma certa liberdade no emprego de formas diversas para a mesma palavra (por exemplo *construes* e *constroes*); o segundo, pela fixação das formas.

O periodo de disciplina gramatical é inaugurado nominalmente na lingua portuguêsa pelas gramaticas de João de Barros e Fernão de Oliveira; mas em rigor a lingua portuguêsa ainda não saio do periodo da indisciplina. Camões encontrou uma lingua, que, apesar da cultura literaria, tinha em grande parte as feições dum dialecto popular; mas êle tinha recebido uma forte educação classica; a antiguidade, o latim viviam no seu espirito; entre o latim e o português não havia para êle distinção essencial; o português era latim com pouca corrupção. Que papel ia êle, homem de genio, representar na historia da nossa lingua?

Tornar-se-hia, como Vergilio, a autoridade de todos os gramaticos futuros. Daria a cada palavra, a cada fórma por êle empregada um tipo fixo, inabalavel, de modo que todas as disputas dos gramaticos se resolvessem com a citação de uma sua passagem?

Camões não pensou em nada disso. A erudição não abafara nêle a alma popular; o homem de genio deixava transparecer o soldado, o marinheiro. A linguagem era para êle um simples instrumento; empregou-o como o achou, adaptando-o ás necessidades da expressão das suas ideas e sentimentos, á melodia do verso. Tal expressão latina servia-lhe; fazia-a portuguêsa; assim, se o verso lhe recomendava como fórma mais cheia e alatinada *sirena*, êle deixava de parte a portuguêsa *sereia*.

Incorrecto, sincretico como o povo, ora escreve *rezão, dereito, polo*, ora *razão, direito, pelo;* altera os nomes proprios como o povo, escrevendo *Lianor, Costantino*, por *Leonor, Constantino.*

Os escritores modernos eliminaram essas particularidades dando-nos, tanto quanto possivel, um Camões correcto, academico na linguagem.

Do mesmo modo que as tradições nacionais foram fundidas por Camões com a tradição de antiguidade, assim êle uniu os elementos populares com os elementos eruditos da nossa lingua; pretender, por amor da regularidade, eliminar esses elementos populares, é alterar uma feição muito caracteristica do nosso poeta, e que não obsta a que as suas obras sejam o primeiro monumento da nossa lingua, como o são da nossa literatura.

(Do *Diario de Noticias* de 17, 18 e 19 de Maio de 1880).

F. Adolpho Coelho.

As Invasões Francesas na tradição oral e escrita

(SUBSÍDIOS)

Quando Junot entrou em Portugal, como é costume em tôdas as *viradeiras* [1], alguns o acolheram de braços abertos, desfazendo-se em louvores hiperbólicos [2]. Supunham-no ingénuos o mensageiro de uma nova era de liberdade...

O Sol declina, e a palavra Junot passa a empregar-se como insulto [3].

«Causava riso ouvir dizer que no meio de tudo isto (a der«rocada da primeira invasão) inda Junot proclamava: cer«cado por mar, e por terra d'inimigos que lhe desejavão «beber o sangue, proximo a verificar-se o pasquim, que na «sua entrada em Lisboa, lhe puzerão, que antes se deve «chamar Profecia, dizendo=*Junot, a entrada valeo hum «milhão, mas pela saida não te dou hum tostão*=e outro= «*Come e dança, que a tua cabeça não torna a França*=a «ponto de vêr realisado, o que agora no Porto lhe fizerão, «que era=*O Ducado d'Abrantes está a vagar por instantes «*=outro=*o Throno de Napoleão anda em leilão*=inda fa«zia esforços de moribundo...» [4].

Dando-nos conta do levantamento geral contra os Franceses, o mesmo *Compendio* [5], refere-se elogiosamente ao «valoroso

---

[1] O têrmo foi usado por Nicolau Tolentino contra aqueles que injuriavam o Marquês de Pombal ao vê-lo *no chão*, tendo-o na época de prosperidade enchido de lisonjas...

[2] As virtudes de Junot andavam cantadas, por exemplo, no folheto: *Memorias | Das | Primeiras Acções Militares | Do | Excellentissimo Senhor | General Junot, | Duque de Abrantes, | E Governador de Portugal, | Traduzidas | do Tomo IV. da Galaria Militar* (Lisboa, 1808).

[3] Vid. *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 276.

[4] *Compendio Historico | Dos Acontecimentos Mais Celebres, Motivados Pela Revolu- | ção de França, E Principalmente Desde A Entrada Dos Francezes em Portugal Até A Segunda Restauração | Desde a Gloriosa Acclamação do* Principe Regente *| o Serenissimo Senhor* D. João VI... *| por | Fr. Joaquim Soares | da Sagrada Ordem dos Pregadores.* T. I, pág. 47 (Coimbra, 1808).

Quanto aos ditos, é curioso comparar os modernos: *Sidónio Pais, se dormes, cais; Ou é da minha vista, ou estás a pedir Baptista*, etc.

[5] T. II, pág. 17.

e fiel Portuguez» Bento Alves da Silva Canedo, que incumbiu um homem afoito de ir à tôrre da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Faro) «para que começando *por badaladas annunciadoras d'huma mulher afflicta com as dores do parto* [1], que pede aos fieis lhe valhão com as suas orações, tocasse o sino a rebate para o Povo ir ás armas, e livrar a Patria da oppressão e cativeiro em que estava gemendo».

Narra-nos também as represálias dos Franceses contra Évora por motivo da Restauração: sacrilégios, roubos, estupros, destruìções, as maiores crueldades enfim [2].

Noutro folheto [3] há um ataque irónico aos *Partidistas*, acusando-os por terem «cooperado para a felicidade de que temos gozado com a forma de governo, e aos quaes a Patria, sempre agradecida aos verdadeiros filhos, talvez brevemente recompensará tão assignalados serviços».

E, continuando na ironia, diz um dos interlocutores (Bazílio):

«Em quanto ao saque, deve dizer aprehendêrão os bens «alheios para applicação de piedade, que só os Francezes «conhecem. Os desacatos aos Templos, isso ha de ser en-«gano. De sorte, que como a França pertende despir a Re-«ligião de todas as Superstições que a deshonrão, talvez «esses Templos tivessem alguns ornatos indecentes, algu-«mas Imagens velhas, ou desformes, e algumas cruzes, ou «corôas, que necessitassem de ser limpas, ou não teria a «sua prata, ou ouro os quilates de França; julgando elles «que o contrario disto era a maior superstição» [4].

Na mesma esteira segue uma sátira em verso — «*Protecção á Franceza*» [5], que começa:

«Que vem a ser ter entrado
Dias antes do Natal
Tropa estranha em Portugal
Mal calçada, e mal vestida,
Esfaimada, e intorpecida
De cançasso, ou de fraqueza?
He protecção á Franceza.

---

[1] Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XI, pág. 257, e a *Revista de Positivismo*, t. III, pág. 13 (artigo de Consiglieri Pedroso).

[2] Pág. 22.

[3] *Dialogos, | Entre | Hum Literario Honrado, | E | Hum Impostor Cabeleireiro, | Presenciados, e Escriptos | Por hum hospede do primeiro, assás | intelligente, e de credito* (Lisboa, 1809).

[4] Pág. 24.

[5] Lisboa (1808).

Que vierão cá fazer,
Sem lhes mandarmos recado?
Comerem-nos pão, e gado,
Pondo tudo em confuzão!
. . . .»

A pág. 23 vem a *Adivinhação*:

«De trovisco fui a cedro,
As raizes espalhei,
E a tudo, a que chegar pude,
Com meus ramos açoutei:
Como Lucifer com Deos
Eu contra Deos me atrevi,
Veio hum raio vingador,
Cortou-me os troncos, cahi:
Adivinhem, meus Senhores,
Que ella está feita com arte;
O consoante os ensina,
Vejão lá se he...».

Segue-se, a pág. 24 (a última), a gravura de uma nau; por baixo estão os versos:

«Nesta carreira dos tolos;
Tudo o que vai he Francez;
Agora os apaixonados,
Hão-de embarcar d'outra vez»[1].

Em 1811 publicou-se em Lisboa uma «*Carta e Resposta sobre o odio dos inimigos francezes, e sobre o ornato das mulheres,* occasionados por um sermão que se prègou na Igreja de S. Paulo... no primeiro de Janeiro de 1811, e publicadas por um íntimo amigo do Prègador, Fr. José de S. Cyrillo Carneiro...».

No sermão considerava-se como um castigo do céu a vinda dos franceses; reconhecia-se que êles tinham roubado, violado,

---

[1] As expressões vulgares — *Roupa de Franceses, à francesa, pregou-lhe a francesa, F. é um francês* — são muito anteriores às invasões. Vid. João Ribeiro, *Frazes Feitas*, 2.ª série, pág. 256.

A fama podia ter nascido dos ataques sofridos pelas nossas naus que voltavam da Índia e do Brasil, quando tinham o mau encontro dos corsários franceses (Vid. João de Meira, *O Concelho de Guimarães*, pág. 76 (Pôrto, 1907), e, na *Historia Tragico Maritima*, o caso de Jorge de Albuquerque Coelho.

Mas deve vir de mais longe. Recordem-se os crimes cometidos no *Caminho real francês* para Santiago de Compostela, a que se refere o provérbio: *Em caminho francês, vende-se gato por rês.* Vid. *Concioneiro da Ajuda*, edição crítica por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, t. II, pág. 807.

abusado, que tinham «morto infinita gente, profanado os Sagrados Templos, insultado a Jesus Christo nos Sacrarios»; que não podíamos contudo odiá-los, mas sim as suas iniquidades: era legítimo «matá-los em luta aberta, mas não friamente como fêz a paizanada e até sacerdotes».

*

São poucas as tradições que colhemos em Santo Tirso sôbre os Franceses: referências vagas a roubos [1] e a violências, indicação de pessoas que iam espreitar a mêdo os soldados franceses que passavam na estrada; a descrição do combate da ponte de Negrelos em que os pobres lavradores foram massacrados [2].

As lutas liberais, os levantamentos e revoluções constantes de 1820 para cá, concorreram naturalmente para apagar um tanto a impressão profunda gravada pelas invasões.

A freguesia de Areias, aquela que melhor temos estudado, conta pelo menos quatro combatentes que morreram por ocasião da entrada dos franceses em Braga (segunda invasão).

No livro do registo dos óbitos aparecem estes assentos:

F. 98 v. «Antonio Pereira casado com Catharina Maria Marques do lugar da Torre... Consta, que morrera no Carvalho Deste na intrada dos Franceses em Braga, e para constar fis este termo, que assigno hoje des de Agosto de mil e oitocentos e des declaro que fes testamento era ut supra O abb.^e^ Manuel Franc.^o^ da S.^a^».

Id. «Jose filho legitimo de Jose Gonçalves e de Maria Rosa do lugar de Fontella... consta, que morrera na intrada dos Franceses em Braga, e para constar...».

«Id. «Jose Luis de Oliveira casado com Maria Josefa do lugar do Barreiro... morreo na guerra na intrada dos Franceses em Braga, e por não ter aparecido athe o presente fis este assento...».

Id. «Alexandre da Silva casado com Maria Angelica do lu-

---

[1] No Rol dos ornamentos da Igreja da freguesia de Areias não há referências aos franceses. Inventariam-se uma «vestimenta de damasco verde com a sua stola, um veo de ombros, 4 mezas de corporaes, uma dalmatica, tres toalhas de altar, veo preto... » mas tudo «*rouvado pelos do Porto* (1828)». Liberais que iam em retirada?

[2] Vid. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 180.

gar de Sande desta freguesia de Sant-Iago de Areas faleceo na guerra na intrada dos Franceses em Braga, e por não ter aparecido athe o presente fis este assento... »[1].

— Numa autobiografia ms. de Fr. José Joaquim de Santa Rosa (*Livro da Razão | sobre alguas particularidades pertencente á Caza de Real e de Covas*... (1835)), vai-se filiar na invasão francesa um conflito grave entre frades:

«Acontecendo porem a invasão dos Franceses naquelle anno, e tendo sido dispersos dos seus Mosteiros nesta Provincia todos os Religiosos, alguns Collegiaes de Rendufe, que esquecidos das doutrinas que aprenderão no anno do Noviciado, e nas Casas de educação, e que se virão no seculo em plena liberdade, fizerão alguns excessos dignos de reprehensão pelas suas immodestias; e vendo-se depois obrigados a tornar a recolher-se no m.mo anno em Outubro de 1809 para o Mostr.o de Rendufe, o dito Abb.e Fr. Sebastião homem fogoso e de má indole protestou vingar nos Collegiaes taes excessos de rapaziada, e outras cousas concebidas, e exageradas por alguns falsos zelosos, e tendo-se reunido todos no mez de Outubro do dito anno, immediatam.te lhes fez hua perseguição cruel, e procedendo a hũa devassa ficarão logo culpados alguns Collegiaes, e o resto posto em tormentos...».

Chega de Pendurada Fr. José, para estudar Filosofia, e, conhecendo mal as rapaziadas dos condiscípulos, começou a defendê-los com calor. Metido para dentro da devassa, e considerado até como cabeça de motim, vê-se lançado numa masmorra com ferros aos pés. Dapois de sofrer bárbaros castigos, resolve-se a fugir do cárcere no dia do Patriarca S. Bento, descendo pela janela por meio de lençóis estendidos e amarrados uns aos outros...

Fr. José ficou odiando de morte os Franceses, e aproveita o texto da proclamação de Junot ao entrar em Lisboa (1807), para desabafar em italiano:

«Ladroni di Francia

---

[1] Vê-se que a entrada dos franceses de Soult em Braga não foi isenta de dificuldades, pois só da minha freguesia pereceram quatro homens.

Os habitantes de S. Martinho de Campo quiseram também opor-se à passagem dos franceses pela ponte sôbre o rio Vizela, mas, cercados, foram mortos doze. Vid. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 180.

Não salientam êsses factos nem muitos outros similhantes os nossos *historiadores romancistas*, que chegam a cobrir de ironias o povo, e se entreteem pcr vezes na tarefa de apresentar os invasores à nossa simpatia!

Fanatismos que denunciam uma singular aberração...

Il piu grandi di tutti li crimi sono le ruberia e la perfidia [1].

Fra Giuseppe»

Isto como comentário ao final da proclamação, que traduz do francês:

«...Va il mio Esercito ad entrar in vostra Citta: vengo a salvar dell'influenza d'Inguilterra il vostro porto, é'l vostro Principe...

Abitanti di Lisbona. Soggiornate pacifici, e da voi quieti non timete nulla del'mio Esercito, né di me: i nostri nemici, e li malvagi devono solamente timerei. Il grande Napoleone, mio Segnor, inviami per protegervoi, ed io vi proteggerieri. Abitanti di Lisbona. Il piu grande di tutti la sceleraggine e di tutti li crimi é la ribellione».

—Transcreve para o *Livro da Razão* as composições que exprimem revolta contra o domínio estrangeiro e uma ânsia de liberdade.

Sem qualquer indicação sôbre o nome do autor, aparece a F. 87 v. do manuscrito um

«Dialogo entre hum Cura e hum freguez

FREG. Que tem S.r P.e Cura
que assim seu peito magoa?
que aconteceo em Lisboa,
1.º Padre Nosso?

CUR. Se comparo o stado vosso
Co d'aquella triste gente,
Confesso ingenuamente
2.º que estaes nos Ceos.

FREG. Depois que desse Judeo
As tropas na Corte entrarão,
Nenhum lugar respeitarão
3.º Sanctificado.

---

1 Cfr.: «O patife do Junot
Vinha p'ra nos proteger!
Veio mas foi p'ra nos roubar,
E p'r'ás pratas recolher.

A. Thomaz Pires, *Cancioneiro Popular Politico*, pág. 2 (Elvas, 1906).

«Eu vos venho proteger
Haverão muitos Camões
Resgatai os vossos bens
Dai-me quarenta milhões».

Nota acêrca das Invasões dos Franceses em Port., Brito Aranha (Lisboa, 1909).

Com horror sempre escutado,
Ó impios crueis Francezes,
Maldiçoado mil vezes
4.º Seja o vosso nome.

CUR. Não, freg(uês), sentido tome;
O sagaz Napoleão
Nada quer de vós senão
5.º Venha a nós.

He este monstro feroz
que, em protector disfarçado,
Vos ha, o Luzos, roubado
6.º O Vosso Reino.

FREG. Desgraçado pobre Reino!
Mas por vós quero, meu Cura,
que desse bicho a pintura
7.º Seja feita.

CUR. Minha mão treme, e regeita
Hum tal quadro debuxar;
quero porem contentar
8.º A vossa vontade.

D'Ajacio na vil cidade
D'hum tigre a Mãy o pario;
Já mais hum monstro se vio
9.º Assim na terra.

(Seu vulto respira guerra,
Horroriza a sua voz;
Acazo ja visteis vos, (?)
10 Como no Ceo.

FREG. Basta, s.r, ponde hum veo
Sobre tão feia carranca,
De q.m das mãos nos arranca
11 O pão nosso.

CUR. Com magoa affirmar-vos posso
que os mansos Cultivadores
Perderão os seus suores
12.º De cada dia.

FREG. Ai, Snr.a d'Abbadia,
Melhorai a nossa sorte;
quando não subita morte
13 Nos dai hoje.

CUR. A paciencia lhe foge!
Lembre-se oh q̃ he Christão!
Diga a Deos do coração:
14 Perdoai-nos, Senhor!

Com crimes o seu furor
Contra nós cegos armamos;
Felizes se aqui pagamos
15 As nossas dividas,

Regue o pranto as faces lividas
Ninguem, digamos, ó Ceo,
De tantos crimes he reo
16 Assim como nós.

Mas dignai-vos, snr., vós
Perdoar aos Portuguezes
que nós aos Crueis Francezes
17 Perdoamos.

FREG. Como P.e? Perdoamos!
Nem por vida farei isto.

CUR. Perdoar nos manda Christo
18 Aos nossos devedores.

FREG. Mas estes salteadores
Será prohibido matar?
Dizei, Padre, a duvidar
19 Não nos deixeis,

que os Francezes, bem sabeis,
São os agentes dos infernos,
Empenhados em fazer-nos
20 Cahir em tentação.

CUR. Á vista dessa razão
Esses demonios matai;
A propria vida arriscai,
21 Mas livrai-nos do mal.

Seguro então Portugal
Cobrirá a antiga luz
Da Santa Religião
Comtigo, Augusto João,
22 Amen Jezus» [1].

---

[1] Conservamos fielmente a ortografia. Acrescentamos apenas a pontuação que faltava quási por completo.

No *Cancioneiro Popular Politico* de A. Tomás Pires, entre as trovas colhidas da tradição oral [1], há algumas alusivas à invasão dos Franceses.

Entre elas há «**Pelo Signal» do Junot** *(conversa entre duas comadres)* com uma referência, como não podia deixar de ser, aos roubos dos invasores:

«O tal peralvilho,
Fez dos nossos conventos praça,
Jesus, Paulistas e Graça,
E tambem do *Espirito Santo*» [2].

Padre Nosso Politico só se encontra no referido *Cancioneiro* um a pág. 40, mas muito diferente na forma, e todo referente a factos e figuras das lutas liberais.

Outro *Padre Nosso*, mas sátira apenas da vida religiosa, se pode ler a pág. 22 da *Demosophia* por Soeiro de Brito [3].

É interessante confrontar os nossos subsídios com a *Nota ácerca das Invasões Francezas* por Brito Aranha (Lisboa, 1909), págs. 27, 100, 103, 106, 107, 109 e 142, e com a *Musa das Revoluções* de Alberto Pimentel (Lisboa, 1885), pág. 102 e segs.

A F. 90 v. do manuscrito citado vem o «*Cantico dos Luzos em 1807 feito por Fr. Antonio de S.to Illydio Collegial em Rendufe, e hoje D.or e Lente de Mathematica*» [4]:

1.ª

Da Luza gente as preces maviozas
Sobre as azas se elevão d'amargura,
Escutai-as, Senhor, e com ternura
Os olhos lhes lançai.

1.º Recordare nobis [5] quid acciderit nobis
intuere et respice opprobrium nostrum.

---

[1] Não quer isto dizer que tôdas sejam populares.

[2] Nas *Cantigas Populares* coleccionadas por Francisco Xavier da Silva (Porto, 1871), há, a pág. 37, com algumas variantes, *O Signal da Cruz*, que começa: «*Conhecestes o Jinó?*». Termina:

Fez sem pejo o peralvilho
Dos nossos conventos praça,
Paulistas, Jesus e Graça
Findou no *Espirito Santo*.

[3] Collecção Silva Vieira (Espozende, 1890).

[4] Numa entrelinha, escritas por outra mão e com tinta diferente, leem-se as palavras: «Bispo eleito de Aveiro».

[5] Deve ter havido engano na transcrição feita por Fr. José: Em vez de *nobis* devia estar — *Domine*...

2.ª

Ao som de seus grilhoens Elisia bella
Sobre as quebradas quinas reclinada
Da liberdade chora magoada
A perda desditoza.

2.º Hereditas nostra versa est ad alienos:
domus nostra [1] ad extraneos.

3.ª

Dentre os braços os fados rigorozos
Da Patria o charo Pai nos arrancarão
E o Luzitano Povo condemnarão
Á mais triste orfandade.

3.º Pupilli facti sumus absque patre:
Matres nostrae quasi viduæ.

4.ª

Bebendo em taças d'ouro o Luzo sangue
Dos Gallos a ambição não se mitiga;
Mas cruel terrorismo nos obriga
A barbaro resgate.

4.º Aquam nostram pecunia bibimus
Ligna nostra pretio comparavimos.

5.ª

Quaes mansos cordeirinhos obedecem
Bravos Luzos ás leis da tirania,
Cada qual em segredo aos Ceos envia
Os ais filhos da dor.

5.º Cervicibus nostris minabamur
Lassis non dabatur requies.

6.ª

Amassado com lagrimas offerece
A seos filhos hum Pai grosseiro pão
Que lhes prestão na dura escravidão
Deshonrosos officios.

6.º Aegypto dedimus manum, et Assiriis.
ut saturaremur pane.

---

[1] Por — *nostrae?*

7.ª

De nossos Pais os crimes detestaveis
O furor do Eterno provocarão
E no pelago immenso nos lançarão
De males desastrosos.

7.º Patres nostri peccaverunt et non sunt
et nos iniquitates eorum portavimus.

8.ª

Com astucia os mais vis d'entre os mortaes
Se apoderarão do Solio Bragantino
E ás garras do seu furor ferino
Não ha quem nos arranque.

8.º Servi dominati sunt nostri:
non fuit qui redimeret de manu eorum.

9.ª

Fugirão com João os brandos rizos
Que em torno de Lizia volteavão,
Em luctuozo pranto se tornarão
Os cantos d'alegria.

9.º Defecit gaudium cordis nostri
Versus est in luctum chorus noster.

10.ª

Já murcharão as candidas boninas
Das Capellas que a frente nos ornavão,
Quando innocentes pastores festejavão
Luzas prosperidades.

10.º Cecidit corona capitis nostri
Væ nobis quia peccabimus.

11.ª

Da tristeza a noite pavorosa
Abafa o coração com negro manto
E os olhos á força do seu pranto
A luz perdida tem.

11.º Propterea mæstum fractum est cor nostrum
Ideo contenebrati sunt oculi nostri.

12.ª

Chegou enfim o termo derradeiro
Do destino feliz de Portugal
Tudo acabou, só tu, Deos immortal,
Hés ser (?) por natureza.

12.° Tu autem domine in æternum permanebis
Solium tuum in generationem et generationem.

13.ª

Mas crime ate quando, justos Ceos,
Deixareis sobre a terra triunfar
E padroens sobre os ais a levantar
Da triste humanidade.

13.° Quare in perpetuum oblivisceris nostri,
Derelinques nos in longitudine dierum?

14.ª

Oh possão, grande Deos, nossos gemidos
Desarmar tua dextra vingadora
Que á perfida nação uzurpadora
Os Luzos entregou (?).

14.° [1] Projitiens repulisti nos
iratus es contra nos vehementer.

15.ª

Dias de ferro (?) pela dor marcados
Succederão a dias venturosos,
Mudem-se as scenas, fujão pressurosos
Os dias d'amargura.

Converte nos (?) et convertemur
innova dies nostros sicut a principio.

Oratio Jeremiæ Prophetæ. Cap. v.

Não sabemos se êste cântico terá sido impresso.

Investigações que fizemos na Biblioteca Municipal do Pôrto e as que foram feitas a nosso pedido pelos Exc.mos Senhores Doutor Mendes dos Remédios e Raúl Proença, respectivamente na Biblioteca da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Nacional de Lisboa, não deram até hoje resultado.

Pôrto, 10 de Dezembro de 1920.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

---

[1] Falta a palavra — *Sed.*

MISCELANEA

Tres metateses da lingua popular

Na Beira Alta são correntes os seguintes termos populares, em que ha metatese ou transposição silabica:

1. *pòchana*, por *choupana*.
2. *pedive*, por *pevide*.
3. *Deluvina*, por *Ludovina*,—nome em que, alem de metatese, ha dissimilação (confronte-se este nome com outros em que se dá o ultimo fenomeno). Vogais u-u > e-u; *costume* > *questume; coturno* > *queturno*.

Silva Correia.

Ainda a «cantiga do Mirandum»

Aos materiais que reuni, ou a que aludi, na *Rev. Lusit.*, XIV, 296, e XVII, 203, junte-se o seguinte, que transcrevo da *Zeitschrift des Vereins f. Volksk.*, VI, 459, de um artigo de Ch. Merelle acêrca de *La Chanson populaire en Vendée* de Trébury:

«Entre autres variantes de chansons très connues, celle de Malbrough, musique et refrain, me paraît particulièrement intéressante pour ceux qui comme moi considèrent le Malbrough populaire du centre de la France, avec son *mirouton*, *tonton*, *miroutaine*, comme la dernière transformation et la parodie d'une romance chevaleresque et mélancolique du temps des croisades. Pour le ton et le refrain, la variante vendéenne est d'un caractère intermédiaire encore assez noble. En voici le premier couplet:

Malbrough s'en va-t-en guerre,
O gai! gai! vive la rose!
Ne sais quand reviendra,
Vive la rose et le lilas!

Au moment où j'écris ces dernières lignes on m'apporte un petit livre espagnol qui a paru l'année dernière: *Tradiciones populares de Asturias, Juegos y rimas infantiles*, recogidos por Braulio Vigón, Villaviciosa, 1895, in 12. A ma grande surprise,

j'y trouve la variante suivante qui rappelle celle de la Vendée et se rapproche probablement encore davantage de l'original chevaleresque inconnu:

Mambrú se fué á la guerra,
Sor, viva el amor!
No sé cuando vendrá,
Que viva la rosa en su rosal!».

J. L. DE V.

Etimologias

1-2. **Congeitaria, Congeito.**

Nomes de povoações nos distritos de Santarem e Evora.

Provavelmente *congeito*, como palavra comum, significa «montão (de pedras)», do lat. coniectus, -us «montão (entre outros sentidos); cfr. *conicere* (*conjicere*) *lapides* «arremessar pedras», *coniectus lapidum* «arremêsso de pedras». É costume nos campos formar um montão das pedras que se encontram ao cavar ou lavrar; vão-nas atirando para um mesmo sitio. Talvez *congeito* significasse este montão (ou outro). D'aí se originava facilmente um nome de sitio e de povoação.

Congeitaria: «aglomeração de *congeitos*».

3. **Congestas.**

Povoação ou sitio do Minho no sec. XIII: vid. *Inquisitiones*, pág. 585.

Plural de *congesta*, do lat. congestus, 3, no neutro ou feminino, por «congestus, -us «montão». Talvez no mesmo sentido que *congeito*.

4. **bonança.**

Meyer-Lübke, *REW*. tira do ital. *bonnacia*, o hesp. *bonanza*, e o port. *bonança*. Quanto ao hesp., já A. Castro in *Rev. de Filol. Esp.*, VI, 344, objecta que *bonança* não podia vir de *bonnacia*, mas veio directamente do lat. **bonacia* (por malacia; influencia de bonus como já Diez lembrou). Do hesp. veio o português *bonança*, que não ascende ao latim, por causa da manutenção do *-n-*. A nasal porém da segunda silaba do hesp. *bonanza* explica-se, quanto a mim, por influencia do *n* anterior; cfr. port. pop. *nõjo, nõte*. É fenomeno da mesma natureza que o que se observa no hesp *manzana*.

5. **Venade.**

Os primeiros Cristãos usavam ás vezes nomes que evocavam ideias de bom agouro ou de imortalidade, como *renatus* «renascido», *Benenatus* «bem nascido».

A ultima palavra, na fórma *Bennatus*, como aparece numa inscrição, está conservada em português em *Venade*, que é nome de dois lugares no Minho. A fórma medieval é *Benadi*, que representa directamente o genetivo *Bennati* numa expressão como *Bennati villa* «quinta de um individuo chamado *Bennatus*», isto é, *Benado* (aportuguesando).

6. **Dadim.**

Outro nome formado de modo semelhante a *Venade*, é *Dadim*, lugar tambem do Minho: vem de *Datini*, genitivo de *Datinus*, que aparece já documentado no seculo XI. *Datinus* é um deminuitivo de *Datus*, pois em todos os tempos os nomes proprios receberam fórmas de afecto, expressas por sufixos que denotam pequenez. A fórma *Datus*, «dado», não a começo em textos nossos, mas está representada pelo patronimico *Datiz* do mesmo seculo XI, o qual suponho se pronunciava com o accento no *a;* existia alem d'isso na epoca romana como cognome (com o feminino *Data*).

7. **Espassande.**

Diz Meyer-Lubke no fasc. 1.º do seu importante estudo sobre nomes portugueses medievais, pág. 76, que faltam nomes geograficos modernos que permitam decidir se na fórma medievica *Espasandus* ou *Spasandus* o *s* era sonoro ou surdo, isto é, se se pronunciava assim, ou *Espassandus*.

Ora temos na Beira varios lugares com o nome de *Espeçande*, que explico sem hesitação por *Espessande*, com mudança do *a* em *e* por dissimilação. O *ç* por *ss* é erroneo. O galego mantem a fórma primitiva *Espasande* com *a*. Tanto *Espessande* como *Espasande* representam o genetivo Espasandi, pela razão dada supra, § 5.

Tambem na nossa toponimia temos *Espessandes*, por *Espessandez*, que representa o patronimico de *Espessandus*, ou *Espessando*, se aportuguesarmos.

Aqui está um caso em que a pronúncia moderna ajuda a interpretar a grafia antiga. Felizmente que alguns toponimos se conservaram.

8. **silva.**

No REW de Meyer-Lübke, n.º 7920, diz o A. que o português *silva*, com *i*, a par de *selva*, causa estranheza. Americo Castro in *Rev. de Filolog. Esp.*, V, 41, objecta que o *i* é normal, e remete o leitor para Diego, *Gram. gallega*, pág. 68, § 7, onde se cita *sirgo, marisma, juiz, siso, bispo, isca, sino,* etc. Nem todos os exemplos são da mesma natureza, pois nuns ha *i* postonico, outros são fórmas eclesiasticas, outros precisam de maior estudo. Em *silva* não me parece de modo nenhum que *i* seja representante directo do *ĭ* originario: acho pois razão á estranheza de Meyer-Lübke. Pergunto se poderemos admitir *silvea, por exemplo em *spina *silvea;* cf. *ligneus, pineus.*

J. L. DE V.

«Qual do cavallo voa que não dece.

Os Lusiadas, VI, 64

Trata d'esta expressão o S.or Lindolpho Gomes na *Rev. de ling. portug.*, n.º 3, 1920, pág. 113, discordando da explicação que d'ela dera o meu venerando e chorado Mestre o S.or Epiphanio Dias na sua ed. d-*Os Lusiadas*. O Sr. Gomes opina que *que* não é causal, como o Sr. Epiphanio afirmára, mas copulativa, com o valor de «e».

Ora a mesma cousa diz o Snr. Epiphanio Dias na *Syntaxe Historica*, pág. 288. Tratando das conjunções causaes, estabelece que *porque* póde ser substituido por *que* em varios casos, e entre eles na ligação *não que*, e acrescenta: «Tambem parece ter valor causal a conjunção *que* (seguida de *não*) empregada nos contrastes com a significação apparente de *e*», em casos como: *maravilha | Feita de Deos, que não de humano braço,* dos *Lusiadas,* VIII, 24. Podia o Mestre ter junto o exemplo de *qual do cavallo voa, que não dece*, o que não fez, porque já o tinha explicado na ed. dos *Lusiadas*.

O Sr. Epiphanio tinha grande acume critico; dominava perfeitamente a sintaxe portuguesa e latina. Por isso, entre tantissimas provas que nos deixou do seu vasto saber gramatical, não lhe escapou a frase de que aqui me ocupo.

J. L. DE V.

As Janeiras

Pelo dia de Ano-Bom é costume pedir na Beira Alta as janeiras nestes termos:

I

Janeirinhas vão passando,
chegadinhos vem os Reis;
olhai lá por vossas casas
s'ha alguma coisa que nos deis:
ou da carne do fumeiro,
ou do pão do taboleiro,
ou do vinho do pichel,
do melhor que lá houver.

Senhora que tanto tarda
toucinho nos manda dar;
ou a moça é vagarosa,
ou a faca não quer cortar:
dá-se-lhe mais um fiinho
no bordo do alguidar.

Ora venha, se ha-de vir,
Sêmos de lonje q'remo-nos ir:
temos muito para caminhar
e pouco para arrecadar!

II

Levante-se a Senhora
debaixo do seu caniço,
venha nos dar as Janeiras
á honra de São Francisco.

Estas casas são bem altas,
forradinhas de papel:
viva quem nelas passeia
morra quem lhe mal quiser!

Estas casas são bem altas,
forradas de oiro mossiço:
viva quem nelas passeia
em graça de Jasu-Cristo!

Estas casas são bem altas,
são de grande cavalheiro:
tanto cresçam nos bens nelas,
como a baga no loureiro!

O fumeiro de Janeiro
é de grande merecimento:
por ser do primeiro dia
em que Deus passou tormento.

Trelinca martelo,
torna a trelincar:
são filhos da... pata,
não n'os querem dar.

Sarrão, sarrão,
estas casas vão ao chão!

Silva Correia.

Costumes do século XVIII

Na «*Description de la ville de Lisbonne*» (Paris, MDCCXXX) narram-se algumas curiosidades observadas pelo autor:

Pág. 21. «On expose dans plusieurs églises, particulierement «le jour de la fête de l'Ascention, des Sereins de Canarie, «dans des Cages très-proprement ornées de fleurs et de

«Rubans; de maniere que ces oiseaux animés par le chant «des Prêtres, ne discontinuënt pas leur ramage, et forment «un concert et un spectacle assez nouveau pour les Étran-«gers» [1].

Pág. 68. (O marido enganado pela mulher) «*se tem barbas*, «c'est-à-dire, s'il a de la barbe, il ne pourra se montrer «qu' après avoir tué le Ravisseur, ou tué et fait enfermer «pour toûjours sa femme».

A. C. Pires de Lima.

Um Trancosano ilustre

(Seculo XVI)

Orgulha-se Trancoso de contar entre os seus filhos alguns escritores notaveis, como para lembrar os mais famosos, o Padre João de Lucena, autor da *Vida de S. Francisco Xavier*, e Gonçalo Anes Bandarra, o das profecias. Em 1918 estive naquela vila, e várias pessoas, com quem tratei, me falaram de Bandarra, a quem se ergueu um tumulo ou cenotafio na igreja de S. Pedro, e tambem me falaram do lendario João Tição; todavia ninguem me falou de **Gonçalo Fernandes Trancoso**, d'aí natural, e que tinha por apelido, como se vê, o nome da patria. Ele foi paroquiano da igreja de S. Pedro, em Lisboa, e autor de uns apreciadissimos *Contos de proveito e exemplo*, impressos pela primeira vez em 1575. Já nos meus *Ensaios Ethnographicos*, I 112, II 275, e IV 387, reuni noticias bibliograficas a respeito de Fernandes Trancoso; agora acrescentarei que á lista das edições que possuo d'ele, dada nos *Ensaios*, IV 388, posso agregar mais um exemplar (truncado) da de 1633, que pertenceu ao bibliografo Fernandes Thomás, a cujos herdeiros o comprei.

O valor dos *Contos* está em eles conterem muitos temas tradicionais, e em representarem na nossa literatura a novelistica da epoca e a anterior, pois se relacionam com obras italianas (*Decameron*, etc.), e talvez hespanholas.

Em Portugal aquilataram o valor etnografico dos *Contos* os Professores Theophilo Braga [2], Adolpho Coelho [3], e Sousa Vi-

---

1 Temos assistido a essa cerimónia na Igreja do Carmo (Pôrto).

2 *Hist. da poesia popular*, Porto 1867, pág. 195 ss., *Contos tradicionaes*, Porto 1883, t. II, pág. 18 ss., 62 ss., e 230 ss.

3 *Contos pop. port.*, Lisboa 1879, pág. XVIII-XIX, e in *Rev. de Ethnologia*, Lisboa 1881, pág. 109 ss.

terbo [1], e em Hespanha o Professor Menéndez y Pelayo [2]. Este último tratou igualmente das fontes literarias. Ao estudo das mesmas fontes pertence o opusculo de Wannenmacher, *Die Griselissage auf der iberischen Halbinsel*, Estrasburgo 1894, onde se transcreve de Trancoso o *conto de Griselia*, que forma o 5.º da parte III [3].

Teophilo Braga, Adolpho Coelho e Menéndez y Pelayo especificaram na obra de Trancoso muitos contos a que se ligam outros da tradição oral, como o do justo juiz (desenvolvidamente estudado por Adolpho Coelho), o da rainha a quem as irmãs acusaram de parir monstros, o das perguntas enigmaticas que faz um rei, etc. Theophilo [4] e Sousa Viterbo [5] respigaram ao mesmo tempo no nosso autor uns tantos proverbios.

Não são todavia contos e proverbios os unicos elementos que o livro de Trancoso ministra aos etnografos: neles se encontram, aqui e alem, outras noticias curiosas do seculo XVI, tais como a respeito de trajos, de arreios, de indústrias & profissões,

---

[1] In *Revista Lusitana*, VII, 97 ss.

[2] *Origines de la novela*, t. II (Madrid 1907), pág. LXXXVII ss.

[3] Não deixa de ser curiosa a coincidencia que, embora só em alguns pontos, se observa entre uma *justa* em Inglaterra no conto 2.º da parte II (a fls. 84 v. da ed. de 1624, de que me sirvo) e a dos *doze* nos *Lusiadas*, VI, 58-59, ambas motivadas por damas. Como a 1.ª ed. d-*Os Lusiadas* (1572) é anterior á 1.ª dos *Contos* (1575), a coincidencia não será fortuita. Trancoso havia já redigido aquele conto antes de 1572, porque o 9.º, como no mesmo declara, estava sendo composto em 1569 («este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove, nesta peste»); tinha porém tempo de sobra para, até 1575, modificar a redacção.

Tambem, no que toca ao estilo, existem outras coincidencias entre o prosador e o poeta:

Lê-se nos *Contos*, parte I, conto 13.º (fls. 19 v.): «O' miseraveis de nós, *sapos da terra!*» Isto lembra os conhecidos versos camonianos:

Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceu sereno
Contra um *bicho da terra* tão pequeno?

nos *Lusiadas* I, 106, aos quaes Faria e Sousa tinha dado como fonte remota um passo dos *Salmos* (vid. a ed. do Sr. Epiphanio Dias, pág. 67).

Nos *Contos*, parte II, conto 2.º, diz Trancoso: «*medos* passados do mar», o que é comparavel a varios empregos d'esta palavra em Camões:

Por tantos *medos* o Indo vai buscando,

Lusiadas, II 47; ou:

Se tenho novos *medos* perigosos,

Lusiadas VI, 82, etc.: cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, pág. 54 ss.

[4] In *Rev. Lusitana*, VII, 97 ss.

[5] *Ibidem*, XVIII, 56-57.

e de costumes. *Os Contos* são juntamente de valor para o conhecimento do lexico (vocabulos e frases) [1].

Vem a proposito dizer que tanto Theophilo Braga como Adolpho Coelho foram injustos na apreciação literaria da obra de Gonçalo Fernandes. O primeiro, sempre perturbado nas suas criticas pela religião, que lhe paira diante dos olhos como um fantasma, diz que a *prosa é acanhada e de uma imaginação assombreada pelas macerações catholicas* (sic) [2], e que o *estylo* é *forçado* [3]. O segundo, não mais feliz, neste caso, do que Theophilo, chama a Trancoso *assaz miseravel narrador*, e acrescenta: «os seus fins moralisadores, obrigando-o a cada passo a commentarios moraes, fazem diminuir o interesse de seus contos» [4] Pelayo foi mais generoso e imparcial: «el tono de la coleccioncita portuguesa es constantemente grave y decoroso» [5]; «este libro.. no sólo por la calidad de sus materiales, sino, por su estilo fácil, expresivo y gracioso, es singular en la literatura portuguesa del siglo XVI, donde aparece sin precedentes ni imitadores» [6]; «la intención didáctica y moralizadora predomina en estos cuentos, y algunos pueden calificar-se de ejemplos piadosos.. outros enuncian sencillas lecciones de economia doméstica y de buenas costumbres, recomendando con especial encarecimiento la honestidad y recato de las doncellas y la fidelidad conyugal, lo cual no deja de contrastar con la ligereza de los *novellieri* italianos» [7].

Concordando plenamente com as palavras de Pelayo, notarei mais o seguinte, como objecção ás de Th. Braga e A. Coelho. Sem dúvida ha em Gonçalo Fernandes contos que são muito extensos, quer na parte narrativa, quer nos dialogos, e toda a colecção superabunda de moralidade: o autor não tinha porém outro intuito senão moralizar, e era esse o gôsto da epoca e das seguintes, como o prova o existirem muitas edições da obra, desde o seculo XVI até á segunda metade do XVIII; por outro

[1] Por exemplo (cito a ed. de 1624, mui rara como as outras d'esse seculo e do anterior): *almexia*, fls. 47 v.; *arremessão*, fls 34; *coimbrã* (estrada), fls. 36; *consôgro*, fls. 93 v.; *contentar-lhe*, fls. 119 v.; *desenquietados*, fls. 111; *desenquieto*, fls. 130; *espera* «esfera», fls. 57; *funda*, fls. 53; *interessal*, fls. 69 v.; *memoria*, fls. 64 e 64 v.; *pesar*, fls. 72; *refrão*, fls. 19 v. (a par de *rifão*, fls 31); *somentes*, fls. 65; *vergalta*, fls. 66 v.; *vente* (*fazer vente* «visivel»), fls. 74; *voar*, fls. 104.

[2] *Hist. da poes. pop.*, pág. 196.

[3] *Contos tradicionaes*, pág. 18.

[4] In *Rev. de Ethnologia*, pág. 110.

[5] *Orígines de la novela*, pág. XCII.

[6] *Ob. cit.* pág. XCVI.

[7] *Ob. cit.*, pág. XCI.

lado não é Trancoso tão mediocre narrador como assevera Coelho, pois que dá freqüentemente elegancia á narração, ajusta bem os dialogos, e tem arte de prender a atenção até o fim de cada conto. A longura dos dialogos e a falta de descritivo não devemos imputá-las a deficiencias do autor, porque nos romances só mais recentemente os discursos compridos se substituiram por frases simples e naturais, e as situações se emolduraram em quadros, para melhor se compreenderem, e atravessarem vivas a imaginação de quem lê.

Os *Contos de proveito e exemplo* esperam ainda por um benemerito, que, aproveitando os materiaes que ao presente existem, e adicionando outros, nos dê uma edição que satisfaça ás exigencias da Filologia moderna, e se acompanhe de uma introdução onde borbulhem todas as fontes populares e literarias de Gonçalo Fernandes Trancoso. Como numa edição feita agora a disposição tipografica, a divisão em paragrafos, a marcação material dos dialogos diferirão muito do que se usava d'antes, em que narração, discurso directo, periodos, tudo se punha a seguir, sem escolha, nem graça, talvez os criticos leiam então mais facilmente os *Contos*, e não lhes achem desprimores que a imperfeição da imprensa antiga levava sem razão a crer que existiam...[1].

J. L. DE V.

Um proverbio português [2]

Qui fugit patellam, cadit in prunas.

Ein Scholion zu Lucan II 687 hat uns disses Sprichwort aufbewahrt. Darauf gehen offenbar die folgenden romanischen zurück:

it. *cader* oder *cascar dalla padella nella brace* worauf Boccaccio Dec. II, I anspielt: *Noi abbiam costui tratto della padella, e gittatolo nel fuoco;*

port. **saltar da sartan e cair nas brasas;**

---

[1] Este artigo saiu primeiramente n*A Folha de Trancoso*, de 25-I-1920.

[2] [Transcrevo este artigo do *Archiv für lat. Lexikographie*, XIII, 113. Acrescentarei que ao lat. patella e ital. *padella* corresponde na lingua popular portuguesa *padela*, em sentido de «caçoila grande», palavra que em 1896 ouvi na Beira-Alta (Çâtão): vid. *O Arch. Port.*, XXIV, 222. Acêrca de Cornu vid. o presente vol., pág. 200.—**J. L. de V.**].

cast. *saltar de la sartén y dar en las brasas;*
cat. *fugir del foch, y caurer á les brases.*

Denn ein namhafter Teil der romanischen Sprichwörfter ist ererbtes Gut, und wenn die Uberlieferung nicht so lückenhaft wäre, könnten vielle auf die jeweilig lat. Quelle zurückgeführt werden.

Graz. J. CORNU.

Degas

Na *Revista de ling. port.*, n.º 3 do 1.º ano (1920), supõe o S.or Othoniel Motta, pág. 136, que a palavra *degas*, que significa «destemido, ferrabraz», e que entra em frases como «eu cá sou um *degas!*», está por *dega*, e provém de *de Egas*. O A. tem em mente a palavra *piegas*, que a S.ra D. Carolina Michaëlis explicou por *pius Egas*.

Já na *Rev. Lusit.*, XX, 320, mostrei que discordava da explicação da S.ra D. Carolina Michaëlis, apesar do grande nome que a subscrevia. Quanto á do S.or Motta, muito menos creio nela. O A. em nada se apoia.

Para tentar uma explicação, lembrarei que talvez *degas* esteja, como diz o S.or Motta, sim, por *dega:* cfr. um *côdeas*, um *bolas*, um *bigorrilhas*, um *fonas*, um *imbófias*. E *deja* póde ser a representação portuguesa (fonetica) do hesp. *deja*, em frases como: «*deja!* que yó te corrigiré! *deja!* que me las pagarás!», ou analoga, proferida no teatro por um ferrabrás de Hespanha ou seu modêlo.

J. L. DE V.

Sufixo *-um* na língua popular do Sul

No português do Sul ocorrem com freqùência formas em *-um* pouco conhecidas da língua culta, e muitas não registadas nos dicionários e vocabulários.

Estas formas que podem ser derivadas de adjectivos ou de substantivos são muito expressivas, e por isso esta derivação está muito generalizada e persiste na língua do povo.

Dos vocábulos *cheiro* e *gôsto* derivam-se pelo sufixo *-um* com sentido aumentativo ou depreciativo as formas *cheirum* e

gostum que significam *cheiro* ou *gôsto desagradável* ou *exagerado;* assim diz-se: «*que cheirum a vinagre!*» i. é: «*que cheiro exagerado a vinagre!*»; «*que cheirum a azêdo!*» quere dizer: «*que mau cheiro a azêdo*».

Citarei, além dos já indicados, como pertencentes a êste tipo de derivação as seguintes formas:

bafum > bafo
farum > faro
saibum > saibo

Todas estas formas são muito vulgares no falar do Alentejo e Algarve, excepto *farum* que nunca ouvi no Alentejo, mas que se usa na linguagem algarvia, onde *faro* designa *olfato humano.*

Mau cheiro diz-se também *fedor* (lê-se fedór), donde se forma *fedòrum* e do mesmo modo se ouve dizer: «*que fedorum a azêdo!*». Do vocábulo *fedor* muito usado derivam-se também *fedorete* e *fedorentina* (< fedorento), com o mesmo significado, e que alternam com aquela forma; *cheirum* alterna com *cheirete*, que tem a mesma significação.

Observarei que, para designar o sentido inverso, a língua usa o sufixo deminutivo *-inho:* v. g. *gostinho* e *cheirinho*, que significam *gôsto* ou *cheiro agradáveis* ou de deminuto grau: «*um gostinho a vinagre*», «*um cheirinho a fumo*».

Para exprimir a qualidade de *mau gôsto* ou *cheiro* aparecem novas formas; assim diz-se: «*gostum a amargo*» ou *gôsto a amargum*»; «*cheirum a azêdo*» ou «*cheiro a azedum*».

Citarei, dêste tipo de derivação, as formas:

amargum > amargo
azedum > azêdo
fartum > farto
fedum > fêdo (v. Morais, *Dic.*)
fritum > frito
vèlhum > velho

todas de uso corrente.

É muito curiosa a frase: *¡pfu que fedum!* que quere dizer: *¡ai que mau cheiro!*

Mas esta formação pode ainda fazer-se de substantivos por um processo análogo; por exemplo, diz-se: «*gostum a azeite*» ou «*gôsto a azeitum*».

Paralelas a esta citarei as seguintes formas colhidas nos falares correntes do Alentejo, principalmente de Évora:

azeitum > azeite
bodum > bode
cabrum > cabra
canzum > cão
cavalum > cavalo
ervum > erva
figum > figo
gadum > gado
gatum > gato
gordorum > gordura
latum > lata
mijum > mijo
pexum > peixe
rançum > ranço
ratum > rato
sardinhum > sardinha
sebum > sebo
tabacum > tabaco
vacum > vaca [1]
verdum > verde
vinagrum > vinagre
vinhum > vinho

Algumas estão já registadas nos Dicionários da língua [2].

Évora, Agosto de 1920.

BERNARDINO BARBOSA.

Camilo e os lexicologos

Á amabilidade do S.or Antonio Franco, que hoje reside em Lisboa, e viveu muito tempo na Covilhã, devo a permissão de publicar a seguinte carta que Camilo Castelo-Branco lhe dirigiu

---

[1] Esta forma nada tem com o termo de zootecnia *vacum*, empregado em *gado vacum* e hoje generalizado.
[2] V.: Gonçálvez Viana: Apostilas aos Dicionários Portugueses, Lisboa, tômo I, pág. 438; D. Carolina Michaëlis, in *Revista Lusitana*, III, pág. 165.

em resposta a uma pergunta acêrca de qual seria o melhor dicionario da lingua portuguesa:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or}

Em todas as linguas, o principal processo em adquiril-as é o estudo dos classicos, feito com critica, e sem o proposito de exhumar archaismos destoantes das formas modernas. Alem d'isso a consulta dos diccionaristas na interpretação do vocabulo menos trivial. Entre nós ha apenas um lexicologo que deve consultar-se: é o Moraes, na ultima edição. Os restantes diccionarios são copias d'aquelle, nem sempre leaes, acrescentados de termos technicos que faltam em Moraes e abundam no Constancio. O *Grd.^{e} Dicc.* de Fr. Dom.^{os} Vieira foi estragado pela collaboração de uns adventicios que escreviam a tanto por columna, e, p.^{a} encherem, até fizeram discursos republicanos.

De V. Ex.^{a}
cr.^{o} e v.^{or}
Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide 7/6/87».

O sobrescrito diz: «Ill.^{mo} Ex.^{mo} S.^{or} Antonio Franco, **Covilhan**».

O S.^{or} Franco julga que a carta jaz ainda inedita; mas, posto que estivesse já publicada, teria o mesmo cabimento a sua reprodução na *Revista Lusitana.*

Os lexicos a que Camilo alude são conhecidamente os seguintes:

Diccionario da lingua portugueza de Antonio de Moraes e Silva (1.^{a} ed., 1789: 2 volumes).

Novo Diccionario critico e etymologico da lingua portuguesa de Francisco Solano Constantino (1.^{a} ed., 1836: 1 volume);

Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da lingua portugueza do D.^{or} Fr. Domingos Vieira: inteiramente revisto e consideravelmente augmentado (1871-1874: 5 volumes).

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

Revista de Lingua Portuguesa, archivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigido por Laudelino Freire: n.º 1, Setembro de 1919.

É com a maior satisfação que a *Revista Lusitana* saúda a sua congénere de alem-mar, que vem nobremente concorrer para o arroteamento do mesmo vasto campo de estudos. Na impossibilidade de, por falta de tempo, especificar os artigos, circunscrever-me-hei em falar de um ou de outro.

Nas «Intenções», ou introdução, escreve o ilustre director: «A lingua portuguesa soffre o mal originario do insulamento. Não é falada, nem conhecida é, de outros povos cultos. Emergiu num canto peninsular para ser quasi afogada no regaço materno. O acaso, porém, quiz que ella resurgisse nos labios de outra gente, que elevando-se a vinte e seis milhões de habitantes, tem o dever de *fazê-la sua*, conservá-la, etc.». Tomo a liberdade de observar que depois de *fazê-la* devia o D^or^. Freire acrescentar *tambem* (creio ser essa a sua ideia, e não a de dizer que o Brasil quer só para si a lingua portuguesa). Dizer que a lingua portuguesa não é conhecida de outros povos cultos é exagerar, porque como o D^or^. Freire sabe, não só lá fóra tem havido cadeiras de português (por exemplo, em Londres, em Hamburgo, em Paris), mas existem muitissimas traduções de importantes obras nacionais em quasi todas as linguas cultas da Europa; e traduções pequenas have-las-ha em todas. Ao afirmar que a lingua portuguesa foi quasi afogada no regaço materno, contradiz-se, pois logo adiante acrescenta que no Brasil a falam vinte e seis milhões de pessoas. E não a levaram os nossos navegadores para tantas partes do mundo? Não a falaram os Judeus Portugueses na Holanda, na Inglaterra, na Italia, etc.? Na minha *Dialectologie Portugaise*, Paris-Lisboa, 1901, pág. 15 ss., indiquei eu vasta geografia da lingua portuguesa. Não foi quasi afogada no berço uma lingua que serve de orgão a tão extensa e por vezes tão rica literatura como a nossa, estendida do seculo XII ao XX, e prolongada alem-mar, onde tomou novos e brilhantes vôos, e onde conta poetas como Gonçalves Dias, prosadores como Ruy Barbosa. Em vez de declarar que a lingua portuguesa *resurgiu nos labios* dos Brasileiros, melhor seria dizer *continúa,* porque nunca a lingua portuguesa deixou de ser usada no Bra-

sil depois que nós o descobrimos e colonizámos. Referindo-se á nação portuguesa, chama-lhe o Dor. Freire *nação amiga:* amiga sim, e mais do que isso: amicissima, como mãe que estremece uma filha, posto que emancipada. A nação portuguesa honra-se de chamar filha á nação brasileira, porque esta no *contubernio internacional*, como o Dor. Freire noutro lugar se exprime, mantém gloriosamente o sangue português e a lingua de Portugal, e desenvolve com brilho a civilização que de cá recebeu. Folgo de transcrever aqui, por emanarem de autor insuspeitissimo, estas palavras do Dor. João Ribeiro, publicadas n-*O Imparcial* (Rio de Janeiro) de 7 de Junho de 1920: «A erudição portuguesa é-nos mais necessaria que a sua literatura de imaginação. D'aquella vivemos, e d'esta quasi prescindimos. Os Portugueses deixaram de ser os nossos modelos na poesia ou na prosa, mas são os nossos mestres da historia, da archeologia e da linguagem, em fim de todo o material das tradições. Não queremos com isso significar que tenhamos em pequena conta os seus poetas ou romancistas contemporaneos; mas o influxo das literaturas é já agora directo e immediato, sem escalas».

Entre outros artigos contém o n.º 1 os seguintes: *O poeta Fagundes Varella*, de R. Galvão; *Cronica gramatical*, de Mario Barreto; *Academia Brasileira*, de Alberto Faria; *Formas concorrentes*, de Laudelino Freire; *Nomes de terras e de povos*, de João Ribeiro; *Gallicismo*, de Laudelino Freire; *Ruy Barbosa* (biografia e bibliografia), de Laudelino Freire.

No artigo *Formas concorrentes*, em que estabelece que *levá-lo* e *leval-o* são fórmas auctorizadas, e que a última não póde condenar-se, dá-me o Dor. Freire a honra de me citar, e de pedir o meu voto. Este voto já o emiti algures, como o Dor. Freire amavelmente declara; e nada tenho de acrescentar senão que quem primeiro assentou a doutrina de que, por causa da pronúncia, deve escrever-se *levá-lo* (que gramaticalmente se silaba *le-vá-lo*, e não *le-val-o*) [1], foi o meu chorado e venerando Mestre o S.or Epiphanio Dias na *Grammatica Portuguesa elementar*, § 58, nota, e logo na 1.ª edição (1876). Observa além d'isso o sabio gramatico português que tambem escrevemos *lavamo-nos* (e não *lavamon-os*), facto perfeitamente paralelo.

J. L. de V.

---

[1] Digo gramaticalmente, porque em regra pronuncia-se, pelo menos, em muitas partes *le-val-lo;* mas isso acontece com todas as palavras que têm *-l* intervocalico (desenvolve-se em dois: um guturalizado, o primeiro, o outro puro).

Necrologia

Dr. Julio Cornu

«Informam-nos que em 27 de novembro faleceu, com setenta e um anos de idade, em Leoben (Estiria, Austria alemã), após longa e penosa enfermidade, o Doutor Julio Cornu, professor aposentado da Universidade de Gratz, membro de numerosas sociedades scientificas. Havia mais de meio século que o Dr. Julio Cornu se notabilizara por trabalhos, que fizeram sensação, referentes ao estudo das línguas românicas. Muito novo ainda, entrara na Universidade de Basilea e pouco depois, em 1876, como sucessor de Wendeling Foerster na Universidade alemã de Praga, onde exerceu com distinção o magistério durante vinte e cinco anos; nos dez seguintes regeu em Gratz a cadeira que Schuchardt tornara célebre. Em 1911 a morte de um filho estremecido, que fazia conceber as mais belas esperanças, desgostara-o por forma tal que pedira a aposentação. Tinha passado o verão último em casa de seu irmão, o sr. Feliz Cornu, em Riant-Port, em Corseaux, perto de Nevey (na Suiça, cantão de Vaud), regressando depois a Leoben. Julio Cornu prestou á sciência da linguagem serviços inapreciáveis pelas suas investigações atinentes quer aos idiomas e dialectos, quer á literatura popular suiça, quer ainda ás linguas espanhola e portuguesa. A sua reputação era universal».

Nos termos que acabo de transcrever se refere a *Gazette de Lausanne* de 8 de dezembro de 1919 ao passamento do professor distinto que á nossa lingua dedicou grande parte da sua actividade scientifica, legando-nos estudos que o tornaram crédor do nosso reconhecimento. Com efeito, a êle se deve o primeiro trabalho de fôlego em que ela é estudada á luz dos modernos ensinamentos da sciência, o qual, tendo aparecido pela primeira vez em 1888, na colecção dirigida por Gröber sob o titulo de *Grundriss der romanischen Philologie*, tornou a ser ali publicado em 1906, em segunda edição, corrigida e aumentada. Mas anteriormente á publicação da sua *Grammatik der portugiesischen Sprache*, em cujas 121 paginas o autor trata com bastante desenvolvimento da *Fonética* e menos extensamente da *Morfologia*, á qual ajuntou um apêndice sobre essa parte da gramática do actual galego, já o Dr. Julio Cornu havia publi-

cado na excelente revista francesa da especialidade, conhecida pelo nome de *Romania*, uma série de estudos muito dignos d'apreço sobre assuntos vários da mesma língua, como se pode ver na apreciação crítica que da *Gramática* faz o director da *Revista Lusitana* no volume II, pág. 359-364. Ainda no volume IV, a pág. 281, o mesmo faz sobresair os merecimentos de Julio Cornu, no parecer que a seu respeito deu, afim de que lhe fosse, como realmente foi, conferida a honra de sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa; essas justas apreciações dispensam-me quaisquer palavras de elogio ao distinto professor falecido, porém não podia a *Revista Lusitana* deixar de prantear agora a morte do venerando Mestre, e a filologia portuguesa de prestar o culto devido a quem tanto a honrou.

J. J. Nunes.

Cronica

Fundou-se no Porto uma **Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,** que tem por objectivo «estimular e cultivar em Portugal o estudo dos metodos antropologicos, da Antropologia zoologica, Antropologia etnica, Antropologia e Arqueologia prehistoricas, Psicologia experimental, Etnografia, e dos ramos scientificos seus derivados ou aplicados, como da Antropologia militar, pedagogica, clinica, criminal, judiciaria, etc.». Os *Estatutos* foram aprovados em assembleia geral de 26 de Dezembro de 1918, e constam de seis capitulos ou vinte e quatro artigos. O novo e auspicioso gremio scientifico, a que a *Revista Lusitana* deseja o melhor futuro, começou a publicar como seu orgão:

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia: vol. I, fasc. 1.º (1919), fasc. 2.º (1920).

*

O ensino de português tem tido ultimamente lá fóra certo desenvolvimento:

—Do *Diario de Noticias* de 16 de Março de 1919 consta que se inaugurou na Sorbona, em Paris, em 14, uma cadeira da nossa lingua e literatura, e que a fundação d'esta cadeira se deve principalmente ao D.or Bettencourt Rodrigues, nosso antigo Ministro em Paris. O Professor da cadeira, o Sr. Le Gentil, deu a primeira lição, tomando por assunto as relações intelectuais entre Portugal e França: o que foram, o que são, e o que prometem vir a ser com a criação da nova cadeira.

—Do mesmo jornal de 15 de Dezembro de 1919:

«Realizou-se no dia 10, no King's College da Universidade de Londres, a inauguração da Cadeira de Camões, tendo o professor Young feito uma conferencia sobre Gil Vicente e o nacionalismo português. Presidiu à sessão o encarregado de negocios de Portugal, que proferiu um discurso de abertura, alusivo ao acto. Entre a assistencia viam-se todos os funcionarios portugueses actualmente em Londres. A criação da Cadeira de Camões da Universidade de Londres vai contribuir certamente para o estreitamento de relações academicas entre os dois países, relações que a Inglaterra procura desenvolver com outros povos».

J. L. de V.

Indice do vol. XXIII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

NECROLOGIA:

CRONICA: